



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História Social da Cultura

MÁRCIO ANDRÉ MARTINS DE MORAES

***GARANHUNS SOB O SÍMBOLO DO SIGMA: o cotidiano dos integralistas
entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)***

Recife – 2012

MÁRCIO ANDRÉ MARTINS DE MORAES

***GARANHUNS SOB O SÍMBOLO DO SIGMA: o cotidiano dos integralistas
entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)***

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Giselda Brito Silva**

Recife – 2012

Ficha Catalográfica

M827g Moraes, Márcio André Martins de
Garanhuns sob o símbolo do sigma: o cotidiano dos
integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942) /
Márcio André Martins de Moraes. -- Recife, 2012.
215 f. : il.

Orientador (a): Giselda Brito Silva.
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
História, Recife, 2012.

Inclui referências e anexo.

I. Ação Integralista Brasileira 2. Garanhuns (PE) - Política
I. Silva, Giselda Brito, orientadora II. Título

CDD 981.34

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA
REGIONAL

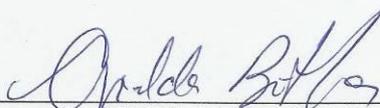
*GARANHUNS SOB O SÍMBOLO DO SIGMA: o cotidiano dos
integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)*

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

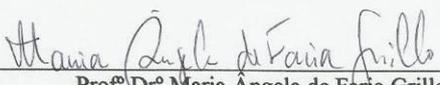
MÁRCIO ANDRÉ MARTINS DE MORAES

APROVADA EM 30 / 07 /2012

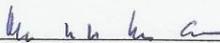
BANCA EXAMINADORA



Prof^o Dr^o Giselda Brito Silva
Orientador – Programa Pós-Graduação em História - UFRPE



Prof^o Dr^o Maria Ângela de Faria Grillo
Programa Pós-Graduação em História – UFRPE



Prof^o Dr^o Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro
Programa Pós-Graduação em História– UFF

Aos meus pais, Marcondes e Margarida, meu irmão
Marcilio e a minha esposa Elaine Moraes pelo apoio
e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos para a nossa dissertação, acaba nos levando a um sentimento um pouco contraditório, pois ao mesmo tempo em que a felicidade de ter concluído essa etapa de nossa caminhada acadêmica, sentimos a responsabilidade de dedicar algumas palavras a inúmeras pessoas que participaram de nosso percurso. No entanto, sabemos que acabaremos esquecendo de citar o nome de alguns amigos (as) ou professor (as). A esses que por ventura posso acabar não falando nos parágrafos seguintes, além de pedir desculpas, dedico minhas primeiras palavras de gratidão pelo apoio em meu percurso de estudos.

Agradecemos também a *Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco* (FACEPE) e ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnológico* (CNPq), pelo incentivo financeiro ao nosso trabalho desde a época da graduação até a conclusão de nosso mestrado. Igualmente, agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em *História Mestrado em História Social da Cultura pela Universidade Federal Rural de Pernambuco* (UFRPE), que nos possibilitou alcançar nossos objetivos.

Lembramos também nesse momentos dos moradores de Garanhuns, que sempre nos receberam de maneira gentil, contribuindo com informações relevantes sobre o passado da referida cidade. Dentre os moradores e ex-moradores da referida cidade, destacamos o nome de Ivaldo Rodrigues, filho de um dos integralistas mais atuantes da cidade; e a Almir Zaidan e aos seus filhos Marcos e Yêda Zaidan, pela contribuição na elucidação de algumas dúvidas a partir da entrevista concedida. Além de Maria Branco, atualmente moradora do *Abrigo São Vicente de Paulo*, no bairro de Heliópolis. Somando-se a esses, destaco também os funcionários da Biblioteca Pública de Garanhuns, todos muito gentis e solícitos.

Dentre as pessoas a quem devemos muitos agradecimentos, esta a professora Giselda Brito Silva, que desde o início da graduação, ainda em 2005, começou a nos acompanhar e orientar. Sempre, nesses anos de trabalho, esteve disposta a discutir e contribuir com orientações e conselhos sobre nossas práticas de pesquisa. Além disso, no decorrer do tempo, conseguimos construir uma sólida amizade, pautada no respeito e admiração. Por isso, escrevo esses agradecimentos sabendo que a dissertação que se segue foi possível graças a orientação e amizade da prof.^a Giselda.

Destacamos também a colaboração de todos os professores do curso do *Programa de Pós-Graduação em História Mestrado em História Social da Cultura* pela UFRPE, que muito nos ajudaram com indicação de leituras pertinentes ao nosso trabalho. Dentre esses, ressaltamos os nomes de Ângela Grillo, Vicentina Ramires, Thiago de Melo, Lucia Falcão e Giselda Brito, docentes que ministraram as disciplinas que cursei no mestrado. Além desses, destacamos os nomes dos professores Wellington Barbosa, Ana Nascimento, Suely Luna, Sueli Almeida, pelo apoio e amizade.

Somando a esses professores, citamos os nomes do Antônio Torres Montegro, que muito ajudou em nossa qualificação e da Márcia Carneiro pela leitura e imprescindíveis colaborações sobre o trabalho que se segue.

Agradecemos também aos funcionários dos Arquivos e Bibliotecas, públicas e privadas, que sempre nos atenderam de maneira cordial e eficiente. Ainda na época da graduação, tivemos a colaboração da prof.^a Marcilia Gama, que nos ajudou na localização das fontes relativas à Ação Integralista no acervo da DOPS-PE. Agora, no decorrer do mestrado, contamos com a ajuda e bom humor de Helisangela Ferreira, amiga pessoal e promissora pesquisadora.

Além desses, os membros do *GEINT: Integralismo e Outros Movimentos Nacionais*, formado por pesquisadores de todo o país, contribuíram muito com discussões sobre o tema, ou na concessão de fontes documentais. A todos os "geintianos" muito obrigado.

Agrademos também aos amigos que formaram a minha turma do mestrado, Marcelo, Welber, Leandro, Wiallams, Carlos e Alexandre (irmãos bittencourt), e principalmente Elizabet, com quem estudo desde a graduação, Esdras, com quem cursei todas as disciplinas e André, grande amigo e leitor perspicaz dos meus textos. Além desses, não posso deixar de falar de Thiago, amigo com quem estudei para passar na seleção do mestrado e também com quem sempre tive ótimas discussões de cunho teórico e metodológico.

Somando-se a esses, destaco também de alguns amigos/pesquisadores que dividiram comigo as ideias, sonhos e frustrações. Esses são: Nátalli, Iracilda, Wendell, Rodrigo, Josué, Elba, Emmanuelle, Bruno, Gustavo e Rogério, grandes companheiros que caminharam ao meu lado no campo da pesquisa, agradeço pelo companheirismo. E a Dirceu pela cooperação na localização de algumas fontes sobre a cidade de Garanhuns, que muito ajudaram na confecção desta dissertação. Agradeço também a Carlos André pela amizade sincera, observações no meus textos e indicações de leituras. Obrigado também a todos os meus

amigos do tempo da graduação, que no decorrer do mestrado sempre demonstraram seu apoio e carinho durante estes anos de estudos.

A Jaime, devo as leituras e observações sempre pertinentes de meus trabalhos e a Olga, além das leituras, a companhia nos dias áridos de pesquisas. Ambos, verdadeiros amigos/irmãos que vivenciaram junto comigo todas as felicidades e dificuldades destes anos de formação acadêmica, muito obrigado.

Ressalto aqui um espaço especial ao meu grande amigo Alberes Santos, exímio professor de português que sempre teve muita paciência nas leituras e correções de meus textos truncados.

Aproveito aqui para agradecer ao desenhista arquitetônico Paulo Cabral da Silva, que produziu o mapa da cidade de Garanhuns a partir dos dados encontrados por nós no decorrer do tempo de pesquisa. Paulo e sua cunhada Luciene, pais de minha esposa, foram também importantes no incentivo para que continuássemos em nosso percurso de estudos.

Gostaria de salientar o apoio, as contribuições, a paciência e o amor incondicional desempenhada por meus pais, Marcondes e Margarida, meu irmão Marcilio. Por fim, gostaria de agradecer e dedicar esse trabalho a minha amada esposa, principal leitora e crítica de meus trabalhos, Elaine Moraes. Obrigado minha querida, sem a sua paciência e dedicação não teria conseguido.

Novamente, peço desculpa aqueles que não foram citados, mas saibam que sou muito agradecido a todos vocês.

Muito obrigado a todos.

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

Graciliano Ramos.

Ao construir suas cidades, as sociedades fundam convivências, estabelecem ordens, concretizam utopias, tecem identidades, aproximam-se de novas linguagens e novos objetos da cultura. A história é essa busca de firmar projetos de dominação social e de dominação sobre a natureza.

Antônio Paulo de Morais Rezende

RESUMO

O *Manifesto de Outubro de 1932*, escrito por Plínio Salgado, marcou o início das atividades da Ação Integralista Brasileira (AIB) no cenário político e intelectual do país. Em Pernambuco, alguns estudantes da Faculdade de Direito do Recife (FDR) assumiram a liderança do movimento. No decorrer do ano de 1935, com o início das campanhas para as eleições municipais, começou também um processo de expansão da AIB-PE pelas cidades do interior, sendo implantado na ocasião um núcleo em Garanhuns, em 29 de junho. Depois de três meses de funcionamento da sede, os integralistas garanhuenses criaram um jornal chamado *A Razão*, principal veículo de divulgação do movimento entre os moradores do município. Por meio desse periódico, os militantes procuraram adequar o pensamento da AIB ao cotidiano político e social da referida cidade, principalmente no que concernia ao combate à suposta ameaça comunista. No entanto, com a implantação do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, o regime democrático deu lugar a um governo de tendências autoritárias. A partir desse momento, o integralismo entrou na ilegalidade, sendo as redações de seus jornais fechados e os seus membros perseguidos pelos agentes da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Essa mudança no cenário político nacional interferiu diretamente no cotidiano social dos integralistas de Garanhuns, que sofreram com a repressão policial e as ameaças de populares que também percebiam na AIB um perigo à ordem instituída pelo novo regime político do país.

Palavras-chave: Ação Integralista Brasileira, Garanhuns, política.

ABSTRACT

The October Manifesto of 1932, written by Plinio Salgado, marked the beginning of the activities of the Ação Integralista Brasileira (AIB) in the political and intellectual in the country. In Pernambuco, some students of the Faculdade de Direito do Recife (FDR) assumed leadership of the movement. During the year 1935 with the start of campaigning for local elections, also began a process of expansion of the AIB-PE by cities, being implemented at the time a core Garanhuns on June 29. After three months of operation of the headquarters, the fundamentalist's garanhuenses created a newspaper called The Reason, the main vehicle for dissemination of the movement among the inhabitants of the municipality. Through this journal, the militants tried to make the thought of AIB to the daily political and social of that city, especially as concerned to combat alleged communist threat. However, with the implementation of the Estado Novo in November 10, 1937, the regime gave way to a democratic government of authoritarian tendencies. Thereafter, the fundamentalist entered illegally, and the essays of their newspapers closed and its members persecuted by agents of the Bureau of Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). This change in the national political scene has directly interfered in the daily social fundamentalist's of Garanhuns, who suffered police repression and the threat of popular AIB also saw a danger in the order established by the new political regime in the country.

Keywords: Action Integralista Brazilian Garanhuns policy.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Av. Santo Antônio onde se realiza a feira de Garanhuns, a maior do Estado.....	36
Imagem 2: “Como era verde o meu vale”.....	51
Imagem 3: Antônio Tenório de Almeida, Vereador Integralista de Garanhuns em 1935.....	56
Imagem 4: Tiro de Guerra 45 – Outubro de 1930.....	63
Imagem 5: Foto de integralistas de Garanhuns.....	66
Imagem 6: Banda Marcial da Ação Integralista Brasileira de Garanhuns em frente à Estação Ferroviária.....	77
Imagem 7: Banda Marcial da Ação Integralista Brasileira de Garanhuns passando na Av. Santo Antônio.....	78
Imagem 8: Encerramento do desfile integralista pelas ruas de Garanhuns.....	78
Imagem 9: Cabeçalho do jornal A Razão expondo sua filiação ao consocio Sigma – Jornais Reunidos	90
Imagem 10: Capa do Manifesto-Programma integralista distribuído durante a campanha eleitoral de 1937.....	114
Imagem 11: Discurso de Plínio Salgado durante o desfile dos 50.000 integralistas no Rio de Janeiro.....	145
Imagem 12: A rebelião dos integralistas seria um verdadeiro massacre!.....	169
Imagem 13: Armas apreendidas pela DOPS.....	169
Imagem 14: O palhaço que é?.....	179
Imagem 15: Uma vela a Deus e outra a Hitler.....	180
Imagem 16: Nazionalistas.....	180

LISTA DE SIGLAS

AIB – Ação Integralista Brasileira

AIB-PE – Ação Integralista Brasileira em Pernambuco

AI – Aliança Libertadora

ANL – Aliança Libertadora Nacional

APEJE – Arquivo Público do Estado João Emerenciano

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social

DOPS-PE – Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco

EMG – Empresa de Melhoramento de Garanhuns

EUA – Estados Unidos da América

FDR- Faculdade de Direito do Recife

FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco

G.W. – Great Western

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LSN – Lei de Segurança Nacional

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PRP – Partido Republicano Paulista

SMCSE - Secretário Municipal de Corporações e Serviços Eleitorais

SMDE - Secretário Municipal de Doutrina e Estudos

SNAFP Secretária Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos

SNCSE - Secretaria Nacional das Corporações e Serviços Eleitorais

SNI – Secretaria Nacional de Imprensa

SNP - Secretaria Nacional de Propaganda

SSP-PE – Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco

TG-45 – Tiro de Guerra 45

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

TSJE - Tribunal Superior de Justiça Eleitoral

TSN – Tribunal de Segurança Nacional

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

Á guisa de Introdução	13
1. PRIMEIRO CAPÍTULO – A CAMISA VERDE EM GARANHUNS: quem a vestiu, contra o que lutaram e por onde andaram?.....	30
1.1 Garanhuns, onde o nordeste garoa: um breve olhar sobre o cenário político da cidade antes da implantação do núcleo integralista em 1935.....	32
1.1.1. Garanhuns entre oligarquias rurais e os correligionários de Getúlio Vargas.....	38
1.2. A criação da AIB e a sua receptividade em Pernambuco (1932-1935).....	45
1.3 - E a <i>Bandeira 07 de Outubro</i> chegou a Garanhuns.....	56
1.4 - O anticomunismo dos integralistas de Garanhuns.....	68
1.5 - Possíveis itinerários dos camisas-verdes em Garanhuns.....	75
2. SEGUNDO CAPÍTULO – A ESCRITA N'A RAZÃO: a prática jornalística dos integralistas de Garanhuns e a campanha presidencial de Plínio Salgado. (1935-1937).....	84
2.1. A imprensa do Sigma no Brasil: Um olhar sobre os jornais integralistas dos anos 1930.....	86
2.2. O jornal <i>A Razão</i> como instrumento de divulgação do pensamento integralista em Garanhuns-PE (1935-1937).....	90
2.3. A caminho das urnas: a campanha eleitoral dos integralistas em Garanhuns para uma eleição que não aconteceu.....	104
2.4. As disputas políticas nos últimos momentos da democracia brasileira em 1937.....	120
2.4.1. O combate ao integralismo pelos jornalistas do Diário de Garanhuns.....	121
2.4.2. O Mensageiro: o combate dos maçons contra os integralistas de Garanhuns em 1937.....	125
2.5. A festa de Independência do Brasil em 1937, como palco de batalha entre Integralistas versus Maçons em Garanhuns.....	132
3. TERCEIRO CAPÍTULO – DE ALIADO A INIMIGO: a situação da Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945).....	136

3.1. Os bastidores do Golpe, o papel de Plínio Salgado na viabilização do Estado Novo.....	138
3.2. De amigo a inimigo: a reformulação do lugar político da AIB com a instauração do Estado Novo em 1937.....	143
3.3. Uma revolução que não aconteceu: os integralistas de Garanhuns pegam em armas para derrubar o Estado Novo.....	150
3.4. Os golpes da AIB e a nova imagem política dos integralistas no início do Estado Novo.....	161
3.5. A resposta policial aos inimigos da pátria: repressão policial aos membros do integralismo no pós-1937.....	166
3.6. Repressão aos integralistas de Garanhuns, encontros às escondidas e as denúncias de moradores durante o Estado Novo.....	173
Considerações finais.....	185
Referências.....	190
Instituições pesquisadas e fontes.....	200
Anexos.....	202

Á GUIA DE INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, tratamos de alguns aspectos da história política de Garanhuns, particularmente, as atividades do núcleo da Ação Integralista Brasileira (AIB) na cidade entre os anos de 1935 a 1942. O integralismo foi um movimento político e ideológico fundado pelo intelectual paulista Plínio Salgado que, durante os anos 1930, ocupou um lugar de destaque no cenário político nacional. A AIB apresentava uma nova forma de organização, pautando suas atividades no lema: *Deus, Pátria e Família*. Respeitados por grupos tradicionais da sociedade brasileira, os integralistas apresentavam uma estrutura paramilitar, insígnias do Sigma (Σ)¹, saudações (Anauê)², fardamentos, desfiles e outros elementos que compunham o universo simbólico integralista e chamavam a atenção fascinando muitos brasileiros que entraram no movimento.³

Em Garanhuns dos anos 1930, os militantes integralistas aturam no cotidiano da cidade apresentando novos discursos e propostas políticas. A defesa da ordem social e dos preceitos tradicionais do cristianismo; o fim de uma postura política regionalista; somados ao combate ao comunismo, foram alguns dos temas presentes nos discursos dos *camisas-verdes*⁴ locais. A construção e compreensão do cenário político dessa cidade formaram-se a partir de uma caminhada de estudos e reflexões sobre o movimento integralista no estado de Pernambuco, especialmente, os militantes que exerceram suas atividades na referida cidade.

O nosso interesse pelo estudo sobre o integralismo teve início ainda nos primeiros períodos da Graduação em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco

¹ Símbolo que representa a somatória em matemática e que era utilizado pelos membros da AIB para evidenciar a união do povo brasileiro em torno do ideal integralista de implantação do Estado Integral, que estaria alicerçado no lema: *Deus, Pátria e Família*. Cf. BARROSO, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A., 1935.

² Significa em Tupi: “Você é meu irmão”. Ibid.

³ O historiador João Fábio Bertonha no artigo *A máquina simbólica do integralismo: Controle e Propaganda Política no Brasil dos anos 30* contribuiu para que entendessem melhor o significado das imagens e ritos cerimoniais que faziam parte do cotidiano dos militantes integralistas. Esse universo simbólico e de teatralização, segundo Bertonha, “colabora para os desígnios do Integralismo ao detonar emoções convenientes a este. O objetivo chave parece ser espalhar uma onda de emotividade, de forma a atingir facilmente o público presente nas cerimônias e procurando detonar respostas emotivas que significassem, politicamente, aceitação, satisfação, contentamento. Procurava-se anular, assim – pelo estímulo às reações passivas e não críticas – as possibilidades de divergência das militantes em relação ao movimento.” BERTONHA, João Fábio. *A máquina simbólica do integralismo: Controle e Propaganda Política no Brasil dos anos 30*. *História e Perspectiva*, Urbelândia, nº7, 87-110, Jul./Dez. 1992. p. 90

⁴ A farda integralista era verde oliva, e por causa disso os militantes da AIB eram chamados na época como camisas-verdes. Nessa dissertação, decidimos incorporar o jargão da época (camisa-verde) para denominar os integralistas.

(UFRPE), no ano de 2005. Começamos sob a orientação da professora Giselda Brito Silva, ao entrar em contato com a documentação produzida e apreendida pela Delegacia de Ordem Política e Social de Pernambuco (DOPS-PE), momento que conhecemos as atividades dos integralistas em solo pernambucano. A prática de mapeamento, leitura, seleção e interpretação das fontes documentais fez parte de nosso cotidiano de pesquisa dentro do referido arquivo.⁵

O pesquisador, ao desempenhar o seu ofício, necessita de sensibilidade e perspicácia para perceber as sutilezas dos enunciados encontrados no decorrer dos dias dentro dos arquivos, bibliotecas e em seus constantes isolamentos familiares e sociais, para aprofundar e refletir sobre os seus estudos. Concordando com o Marc Bloch, ao entrar nos arquivos e encontrar-se envolto por papéis antigos, “[...] o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.”⁶ Ao historiador cabe entender em que momento, de que maneira e para quem os discursos analisados nas fontes documentais foram confeccionados e guardados, intencionalmente ou não, para a posteridade. Uma observação foi que utilizamos a escrita da época nas citações de documentos. Além de manter os erros ortográficos encontrados nas fontes analisadas, indicando o nível educacional daqueles que produziram o documento.

O arquivo da DOPS-PE – espaço inicial de nossos estudos – foi produzido no decorrer das atividades policiais dos investigadores do referido órgão do governo de Getúlio Vargas. Este acervo da polícia política foi dividido entre os *prontuários individuais* e os *prontuários funcionais*, cada qual contendo características específicas. Os primeiros tinham como função reunir documentos pessoais e relatórios sobre um indivíduo considerado subversivo, ou potencialmente perigoso para a manutenção da ordem política e social. O acesso a esses prontuários individuais fica restrito ao prontuariado ou familiares, sendo o contato dos pesquisadores com esses documentos só é permitido mediante uma autorização por escrito do próprio indivíduo fichado ou de membros de sua família, caso o mesmo esteja morto.

Enquanto os prontuários funcionais possuíam como finalidade conter documentos relativos às organizações políticas, que poderiam ser, ou representar no futuro uma ameaça ao

⁵ Michel de Certeau em *A Escrita da História* é uma de nossas referências teórico-metodológica, com o qual aprendemos que o ofício do historiador realizado entre os vivos e mortos, que vem até nós por meio dos rastros deixados em substratos, que chamamos de fonte documentais. Nos arquivos, a estratégia de trabalho dos pesquisadores consiste em “separar, reunir, de transformar em ‘documento’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho”. CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 81.

⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 54

status quo instituído pelo governo Vargas.⁷ Nesses prontuários, os historiadores encontram cartas, laudas de cadernos com poemas e anotações pessoais, documentos internos dos grupos políticos vigiados, recortes de jornais, fotografias, relatórios policiais, telégrafos entre delegados, dentre outras fontes. A variedade de documentos arquivados nesses dossiês produzidos pela polícia política indica que qualquer vestígio material das atividades de grupos e/ou pessoas consideradas subversivas poderiam servir na legitimação de práticas coercitivas da DOPS. Além disso, como destacou a historiadora Marcília Gama da Silva os prontuários constituíam uma teia de informação que possibilitavam a polícia uma atuação mais eficaz contra os classificados como inimigos da nação.⁸

Em paralelo ao mapeamento e seleção de fontes relativas à AIB-PE dentro do acervo da DOPS-PE, empreendemos também leituras de obras acadêmicas consideradas clássicas sobre o assunto, no caso, os textos de Héglio Trindade, Gilberto Vasconcelos, Hélio Silva, José Chasin e Marilena Chauí.⁹ Estes autores estudaram o integralismo a partir de uma perspectiva macro-histórica, enfocando discussões relativas às possíveis influências do fascismo europeu na constituição da doutrina da AIB. Dessa maneira, abordaram o tema dos aspectos externos para os internos e deram ao movimento uma visão homogênea para todo o Brasil, não levando em consideração às especificidades do mesmo nas diversas regiões do país onde se estabeleceu. As leituras dessas obras colaboraram para uma compreensão do momento político no qual o Brasil estava inserido, abordando principalmente as relações mantidas com outros países. Mas tais pesquisadores deixaram muitas lacunas sobre os aspectos internos do funcionamento da AIB, que hoje são temas explorados em teses e dissertações de outros autores.¹⁰

⁷ No decorrer dos anos 1930 e 40 o integralismo, mesmo na fase de liberdade política (1932-1937), esteve sob o controle vigilante dos investigadores da DOPS. Isso se torna visível pelo grande número de prontuários funcionais produzidos pelos policiais tendo como tema a AIB.

⁸ Cf.: SILVA, Marcília Gama da. *O DOPS e o Estado Novo: os bastidores da repressão em Pernambuco (1935-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) UFPE/CFCH, 1996.

⁹ As obras destes autores são respectivamente: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro dos anos 30*. São Paulo: Difel, 1979; VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do discurso Integralista*. SP: Brasiliense, 1979; SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. RJ: Civilização Brasileira, 1971; CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. SP: Ciências Humanas, 1978 e CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In.: _____. & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/Paz e Terra, p. 19-49. 1978.

¹⁰ Faz alguns anos que o historiador João Fábio Bertonha empreendeu um levantamento do que se tinha produzido sobre o integralismo. Para isso, o pesquisador estabeleceu um recorte dos trabalhos elaborados entre os anos de 1932 (incluindo aqui a produção dos próprios integralistas) até 2007, pois caso não estabelecesse esse marco seu trabalho nunca teria fim. No final, publicando esse mapeamento no livro *Biografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*, Bertonha conseguiu um total de 808 títulos de obras, indicando assim um crescimento

Além desses autores, Giselda Brito Silva tornou-se uma das principais fontes, com sua dissertação: *Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937)*, de 1996, na qual encontramos um estudo da atuação da doutrina do Sigma (Σ) em Recife e nas cidades do interior. Nesse trabalho Silva abordou as peculiaridades de implantação e funcionamento dos núcleos nos diversos municípios pernambucanos.¹¹ Enquanto no trabalho de Fábio Lima Amorim, que recebeu o título: *Uma Cidade Germanófila em 30: O integralismo em Pesqueira (1934-1939)* mostrou-nos uma análise das atividades do integralismo no interior pernambucano, no caso, o núcleo localizado na cidade de Pesqueira. Esse historiador discutiu como as relações políticas e econômicas da época influenciaram o engajamento de clérigos e membros da elite local nas fileiras da AIB.¹²

Posteriormente, quando já estávamos no mestrado, as discussões travadas na dissertação de Carlos André Silva de Moura, intitulada: *Fé, saber e poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 -1937)*, possibilitou que entrássemos em contato com o cotidiano político e intelectual da capital pernambucana dos anos 1930, dando uma atenção especial aos membros da Faculdade de Direito do Recife (FDR) e suas tradições católicas. Com esse trabalho pudemos compreender a adesão de jovens acadêmicos na AIB-PE.¹³

Nesse momento inicial da investigação, ainda na época da graduação, começamos a trabalhar os conflitos entre integralistas e comunistas em solo pernambucano na década de 1930. A pesquisa recebeu o título de *O anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (AIB) e a reação Comunista em Pernambuco (1932-1937)*¹⁴, através da qual começamos a ampliar nossas leituras sobre o tema e aprofundar nosso conhecimento em relação às fontes da DOPS-

considerável dos estudos sobre o integralismo. O que se observa nessa obra foi que até a década de 1970 e 1980, não havia um interesse maior dos membros da academia, pois os trabalhos ficaram restritos às obras citadas anteriormente. Apenas nos anos 1990, que se percebe um interesse crescente com relação aos estudos do integralismo, chegando na atualidade a algumas centenas de trabalhos sobre o integralismo. Cf.: BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia Orientativa Sobre o Integralismo (1932-2007)*. Jaboicabal: Funep (Unesp), 2010.

¹¹ SILVA, Giselda Brito. *Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937)*. Recife: UFPE, 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH, Recife, 1996. Outros trabalhos dessa autora apareceram no decorrer desta dissertação.

¹² AMORIM, Fábio Lima. *Uma Cidade Germanófila em 30: O integralismo em Pesqueira (1934-1939)*. Recife: UFPE, 168 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH. Recife, 2002

¹³ MOURA, Carlos André Silva de. *Fé, saber e poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 -1937)*. Recife, UFRPE, 161 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura/ UFRPE. Recife, 2010.

¹⁴ Essa pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnológico (CNPq), que concedeu uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

PE, que nos possibilitou conhecer os embates entre os militantes da esquerda e da direita política em solo pernambucano.¹⁵

A partir da documentação policial pudemos perceber como se dava a vigilância dos investigadores da DOPS e como eles produziam provas materiais sobre os considerados subversivos, encontrando, assim, no “*poder de escrita*”,¹⁶ como disse Michel Foucault, a ferramenta de legitimação no combate à desordem social e na construção das imagens dos inimigos nacionais. Ao entrarmos em contato com os relatórios policiais, questionamos quais foram as estratégias de vigilâncias e as intenções em “fichar” certos aspectos do cotidiano dos investigados pela DOPS.

Nesse momento, dentro do arquivo da DOPS-PE, observamos a existência de um sentido negativo que o conceito comunista carregava nos anos 1930, como uma ameaça à propriedade privada, à liberdade de escolha política (imposição de um partido único) e aos ensinamentos éticos e morais pregados pelo cristianismo. No caso, todos aqueles que estivessem à margem dos preceitos pregados pela Igreja Católica, ou fizesse oposição à AIB, poderiam ser classificados como comunistas e amargariam a prisão e/ou o asco político e social.¹⁷

A compreensão, na época, sobre o indivíduo comunista era de que abarcava todos os males e falhas de caráter do ser humano, além de ser apontado como ateu. Essa acusação era muito grave para uma sociedade de maioria católica como a brasileira do início do século XX. Os comunistas aparecem nos discursos de seus adversários sempre como mentores de planos golpistas, que tinham como escopo gerar o caos e pôr um ponto final nos pilares cristãos que norteavam a sociedade brasileira.¹⁸

¹⁵ Durante as análises desenvolvidas nos capítulos desse trabalho o termo: *direita* vai estar relacionada ao integralismo, ou grupos políticos tradicionais. Enquanto *esquerda* foi utilizado como uma representação para o comunista. Mesmo sabendo a partir de leituras como a de Rodrigo Patto Sá Motta que a esquerda política englobaria diversas alas do pensamento comunista, socialista e anarquista. Ao compararmos a análise de Motta com o que encontramos em nossas fontes documentais, percebemos que os militantes integralistas de Garanhuns e/ou os investigadores da DOPS não estavam preocupados em estabelecer as subdivisões do pensamento de "esquerda", pois para os mesmos: comunista era comunista, sem maiores problemas em defini-los. Logo, "esquerda" política para os investigados nesse trabalho de história era o comunista, independente dele ser favorável ao pensamento de Marx, Lenin, Stalin, Trotsky, ou outro teórico. Cf.: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. 31ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006. p 157

¹⁷ A dissertação de Rodrigo Santos de Oliveira corroborava com essa nossa impressão de como a AIB percebia a política nacional, pois para esse pesquisador a construção de um cenário político nos discursos integralistas dava-se a partir de uma dicotomia entre as forças do bem e do mal, ou seja, os integralistas *versus* os comunistas. Cf.: OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *"Perante o Tribunal da História": o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Rio Grande do Sul: 2004. Dissertação (Mestrado em História) PUCRS/FFCH, 2004.

¹⁸ Como as estratégias discursivas relativas aos supostos complôs de grupos subjetivos, que tramavam às escondidas para tomar de assalto o poder, foram utilizadas para perpetuar certos lugares e grupos políticos no

O historiador Rodrigo Patto Sá Motta no livro: *Em guarda contra o perigo vermelho*, argumentou como a instauração do medo em torno de supostos complôs da esquerda política legitimou as práticas anticomunistas de grupos de extrema direita – como o integralismo ou alas políticas ligadas ao governo e/ou a Igreja Católica. Essa obra contribuiu com nossas análises a partir do momento que discutimos como a imagem do comunismo foi formada por estigmas variados, dependendo dos interesses dos opositores. Logo, poderíamos dizer que o inimigo nacional não era o comunismo, mas os comunismos no plural.¹⁹

No decorrer da pesquisa – ainda na época da graduação – sobre conflitos entre integralistas e comunistas, começamos a perceber e discutir a presença desses militantes da AIB nas cidades do interior pernambucano. Com a documentação da DOPS-PE, conseguimos elaborar um mapeamento das atividades dos núcleos da AIB-PE, com destaque para a cidade de Garanhuns. Nesse município houve forte atuação dos integralistas durante o Estado Novo (1937-1945), momento que o presidente Vargas tinha proibido as atividades dos mesmos. Os militantes da AIB local decidiram continuar suas funções políticas na clandestinidade, fato que levou a polícia a agir de maneira repressiva sobre eles.²⁰ Esta pesquisa recebeu o título: “*DISCURSOS POLICIAIS E IMAGENS POLÍTICAS: um estudo das práticas discursivas da polícia sobre os integralistas na cidade de Garanhuns nos anos de 1937-1942.*”²¹

Nessa nova etapa, chegamos ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o qual finalizamos nossa graduação. A partir da grande massa documental relativa às atividades integralistas na cidade de Garanhuns, localizada durante esta investigação, percebemos a capacidade de aprofundarmos estas questões sobre os integralistas neste município. Assim, seguimos para o mestrado dando continuidade aos estudos iniciados na graduação e ampliamos com o resultado das pesquisas e leituras dos novos documentos.

A proposta apresentada ao Mestrado de História da UFRPE tem como objetivo aprofundar as polêmicas sobre o núcleo da AIB na cidade de Garanhuns, mas agora ampliando o recorte temporal para 1935 a 1942 e redirecionando nossos interesses para as atuações cotidianas dos militantes no campo político local. Nesse caso, alguns pontos que não

poder, o livro *Mitos e Mitologias Políticas* de Raoul Girardet contribuiu ao oferecer ao leitor os principais elementos que se repetiam nos diversos relatos de golpe. Cf.: GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁹ Cf.: MOTTA, R. *Op. Cit.*

²⁰ Neste momento, a dissertação de Giselda Brito Silva, que tratou na instalação da AIB-PE nas cidades do interior, contribuiu para entendermos melhor a dinâmica de expansão do integralismo em solo pernambucano. Cf.: SILVA, G. 1996.

²¹ Com este tema sobre Garanhuns, em 2008, conseguimos nossa segunda bolsa, mas agora financiada pela *Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco* (FACEPE).

tínhamos percebidos anteriormente começaram a fazer parte de nossos interesses de pesquisa, dentre os quais destacamos: a importância das relações de poder locais entre oligarquias, comerciantes e integralistas; a ação dos grupos políticos que apoiaram ou se opuseram aos membros da AIB; além da análise da produção e reprodução dos discursos integralistas e a conquista de espaços de atuação na cidade de Garanhuns.

Nesse momento, no decorrer de 2009, começamos a participar do grupo de estudos *GEINT: Integralismo e Outros Movimentos Nacionais*, que mantêm discussões sobre a produção nacional e internacional a respeito dos grupos políticos de extrema direita, principalmente o integralismo.²² Os debates que ocorrem tanto de maneira virtual - internet -, como nos encontros acadêmicos, ajudaram-nos a conhecer o que estava sendo produzido sobre o tema, além das contribuições diretas de outros historiadores, com a concessão de fontes documentais e conversas acerca das abordagens de algum aspecto da pesquisa. Simultaneamente, empreendemos uma releitura das obras vistas no período de graduação e começamos a ler e refletir sobre novos trabalhos, como artigos, dissertações e teses que apareceram no decorrer desta preleção.

No processo de estudos, pudemos observar que, diferente de um cenário político dividido entre integralistas *versus* comunistas, como argumentou Robert M. Levine, o que encontramos em Garanhuns foi um palco de alianças e disputas por grupos políticos heterogêneos e que muitos dos indivíduos transitavam entre as coligações partidárias que disputavam o poder na cidade.²³ Nessa cidade não apenas integralistas e comunistas, mas também havia maçons, políticos liberais e famílias oligárquicas que procuravam reconquistar ou manter suas influências na região. A realidade política e intelectual garanhuense não foi abordada de maneira simplificada, precisou-se vê-la a partir das estratégias diárias de negociações e disputas políticas dos integralistas e os seus contemporâneos.

Outro assunto que perpassa a dissertação é a relação entre o político e o sentimental. Segundo o historiador Pierre Ansart, no artigo *História e memória dos ressentimentos*, não há como separar os interesses e escolhas políticas das paixões, ressentimentos, ódios e medos

²² Cf.: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00057051V4CLX6>

²³ Robert M. Levine em *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*, exerceu forte influência em nossos trabalhos na época de graduação. Esse autor tratou o cenário político nacional a partir da perspectiva de que "aqueles que tomaram posição política ativa na década de 1930 uniram-se a um dos dois movimentos que advogavam mudanças drásticas: a Ação Integralista Brasileira, AIB, e Aliança Nacional Libertadora, ANL, que era a Frente Popular." (LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p.45.) No entanto, a realidade cotidiana das disputas políticas indica que as disputas não ficavam restritas a esses dois grupos, mas que o campo político era bem mais complexo. Apresentando outros grupos, que poderiam no decorrer do tempo mudar de interesses e alianças.

dos envolvidos nas disputas por poder.²⁴ Esse autor contribuiu com nossas análises em relação às práticas doutrinárias do integralismo, pois esse movimento procurou nutrir, entre os seus membros, sentimentos variados envolvendo, desde o orgulho advindo da sensação de pertencer um movimento de caráter nacional até a sensação de acreditarem ser os defensores dos pressupostos religiosos. A propaganda da AIB incutia nos militantes a ideia de que eles eram soldados da pátria lutando contra os inimigos nacionais (judeus, maçons, liberais-democratas e comunistas). Em Garanhuns, os militantes fundaram um jornal chamado *A Razão*, por meio do qual os ensinamentos e determinações do movimento eram repassados, articulando suas propostas doutrinárias aliadas aos problemas do Brasil, atraindo, assim, os moradores da cidade. Percebemos que o ressentimento em relação ao comunismo serviu como um dos principais elementos na argumentação dos integralistas com os outros cidadãos garanhuenses.²⁵

A propaganda política dos integralistas ou do governo de Getúlio Vargas explorou o medo de que forças subversivas associadas ao comunismo tomassem o controle da nação e ameaçassem os preceitos morais e éticos constituídos tanto pelo sentimento nacionalista, quanto pela fé no cristianismo. Destacamos que o medo é um fenômeno histórico, formulando-se de acordo com o momento e interesses dos que o disseminam. Esse sentimento tanto pode inibir, como impulsionar ações contra aqueles que representam uma ameaça ao *status quo*. Na história da AIB em Garanhuns, o medo assumiu a função de um instrumento eficaz na divulgação e nas conquistas de novos militantes.²⁶

As constantes referências nas fontes documentais da DOPS-PE sobre o jornal *A Razão*, produzido pelos integralistas de Garanhuns, levou-nos a investir nesse periódico no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), localizado na Rua do Imperador D.

²⁴ Cf.: ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, p. 15-35. 2004.

²⁵ Mantendo em sua prática diálogos com outras áreas do saber, como observou Marieta de Moraes Ferreira, o historiador do político desenvolve seu trabalho utilizando-se da ciência política, antropologia, sociologia, analistas do discurso dentre outros. Com base nisso, utilizamos em nosso trabalho autores que nem sempre são historiadores, mas sociólogos, psicólogos e analistas do discurso. Cf.: FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha História": o retorno da História Política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, n.10, p.265-271, 1992, p.265. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1937> Acessado em 10.01.2012.

²⁶ Dentre as obras que tratam sobre a utilização do medo nas estratégias políticas, buscando em suas análises compreender esse sentimento como fenômeno histórico, destacamos: DIAS, Fernando Nogueira. *O Medo Social*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007; MONTENEGRO, Antônio Torres. *Labirintos do Medo: o Comunismo (1950 – 1964)*. In.: MONTENEGRO, A. 2010; e CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. *Construções do medo: a ameaça comunista em Garanhuns-PE (1958-1964)*. Recife, UFPE. 163 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH. Recife, 2009.

Pedro II, Recife. O jornal *A Razão* estava, na ocasião, perdido em meio a outros órgãos de imprensa e foi achado após muito tempo de procura, em que nós fomos à sua procura nas prateleiras do APEJE. Esse periódico foi fundamental no estudo de como a doutrina integralista foi defendida pelos intelectuais camisas-verdes de Garanhuns. Através dele conhecemos as representações desses militantes do cenário político local e como compreendiam o que estava se passando nas demais regiões do Brasil e no mundo a partir da propaganda integralista.

Nos prontuários funcionais da DOPS-PE, localizamos os relatos dos policiais sobre a AIB, enquanto no jornal *A Razão* os próprios integralistas registraram seus objetivos, dificuldades, enfrentamentos com as forças que acreditavam estarem se articulando e atuando contra a ordem e os bons costumes da sociedade brasileira e/ou Garanhuns. Utilizando-se do seu jornal, que circulou entre os anos de 1935 a 1937, os integralistas da cidade colocavam em pauta temas considerados relevantes para o pensamento da AIB, como o discurso anticomunista, a oposição à maçonaria e à política liberal-democrática exercida pelo governo Vargas.

Tendo em vista que nem todos os moradores do município entraram, ou foram simpáticos com o integralismo, percebemos a necessidade de analisar outras ideologias políticas existentes no município. Para isso, utilizamos outros jornais contemporâneos ao órgão de imprensa da AIB local. Assim, além do *A Razão*, examinamos o *Diário de Garanhuns*, *O Município*, *O Monitor*, *O Mensageiro* e o *Garanhuns-Diário*. Com posturas políticas distintas entre si, esses periódicos formaram espaços de atuação para os que apoiavam ou não concordavam com o pensamento integralista.

Ao trabalhar com a imprensa de Garanhuns, tivemos que adequar a nossa metodologia de trabalho às novas fontes consultadas. A historiadora Tania Regina de Luca, em *Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos* contribuiu em nosso trabalho com os periódicos anteriormente citados a partir do momento que apresentou algumas abordagens relevantes, como: estabelecer em qual momento histórico o jornal foi produzido; quem esteve envolvido em sua elaboração; público leitor; filiações políticas e recorrências de temas.²⁷

Ao mesmo tempo em que destacamos esses pontos na análise dos jornais que circulavam na cidade em questão, procuramos ver como as notícias eram discursadas e

²⁷ Cf.: LUCA, Tania Regina de. *Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSK, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Context. 111-153, 2008.

manipuladas no intuito de conquistar a opinião pública da sociedade garanhuense.²⁸ Ao analisar esses jornais, aplicamos, em alguns momentos, categorias analíticas encontradas na linguística, especificamente na Análise do Discurso (AD), buscando suporte teórico nos intelectuais que desenvolveram seus estudos influenciados pela corrente francesa.²⁹

Outro lugar de pesquisa foi o Museu da Cidade do Recife, onde localizamos um relatório dos prefeitos do estado de Pernambuco produzido em 1936 e que registrava a situação política, econômica e social de seus municípios, incluindo Garanhuns. Na internet, especificamente no site do Governo Federal: *Domínio Público*, encontramos a *Revista da Cidade* de 1928, que em uma de suas edições noticiou o crescimento da cidade de Garanhuns em começo do século XX. Essa revista ajudou no nosso entendimento dos dias que antecederam a presença dos integralistas em tal município, apresentando, também, os membros das oligarquias rurais que comandaram a política local antes de Vargas subir ao poder em 1930.³⁰

Em Garanhuns, entramos em contato com o acervo fotográfico do *Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti*, que contribuiu para visualizarmos como era a cidade no momento estudado aqui. A maior parte dessas imagens encontra-se nos anexos dessa dissertação. Outro espaço frequentado foi a *Biblioteca Pública de Garanhuns: Eurico Dourado*, onde conhecemos alguns livros de memórias de moradores da supracitada cidade. As obras consultadas foram: *Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os “players”, os poetas, e árvores genealógicas*;³¹ e

²⁸ Sobre a importância da opinião pública nas relações políticas, confira: BECKER, Jean-Jaques. A opinião Pública. In.: RÉMOND, René. (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 185-211. 2003.

²⁹ Durante o processo de análise em nosso texto, quando aprofundaremos essas categorias da AD, buscaremos tratar os discursos não apenas como um conjunto de frases organizadas, mas enquanto um ato desenvolvido em um determinado momento histórico, com os seus precedentes e sentidos a serem criados e/ou legitimados. Dentre os textos que contribuíram na nossa compreensão sobre a Análise do Discurso, destacamos inicialmente aqui as seguintes obras: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002; _____. *A ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 11ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004; MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997; _____ e CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008; e FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cadernos de Pesquisa, n.114, p.197-223, novembro, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf> acessado em 10 de janeiro de 2009.

³⁰ No site Domínio Pública há um grande número de edições da Revista da Cidade, que pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do>

³¹ RÉGO, Alberto da Silva. *Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os “players”, os poetas, e árvores genealógicas*. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1987.

Garanhuns do meu tempo: memória,³² escritos, respectivamente, por Alberto Rêgo e Alfredo Vieira. Esses livros foram usados para a construção do que poderíamos chamar de universo político, sentimental e intelectual dos garanhuenses das primeiras décadas dos séculos XX. No entanto, por não se tratar de obras de historiadores e possuírem um objeto de salvaguardar a memória de seus autores, tais livros foram utilizados como testemunhos históricos.

Somando-se a esses trabalhos, o estudo do cotidiano político de uma cidade do interior pernambucano nos anos 1930, utilizamo-nos de alguns testemunhos de moradores de Garanhuns que pudessem rememorar alguns destes fatos. A partir da leitura do ensaio: *Narradores Itinerantes*, de Antônio Torres Montenegro, percebemos que, nos trabalhos de muitos historiadores, as memórias pessoais são utilizadas muito mais para preencher lacunas que outros documentos não dão conta. Em nosso caso, procuramos nos utilizar das histórias de vida como um dos nossos documentos de análise e estudo, dando às mesmas seu lugar de importância na narrativa dos fatos em torno da história do integralismo em Garanhuns. Coletamos e consideramos suas informações, suas narrativas e, com isso, trazemos aqui não apenas discursos e práticas políticas, mas também trajetória de vidas. Entram como questões pertinentes alguns aspectos das subjetividades dos personagens em relação ao momento histórico e político da cidade, as vivências e experiências pessoais dos que simpatizaram, dos que combateram mais a importância que o próprio movimento tinha naquele momento, acrescidos do lugar de importância de alguns dos primeiros adeptos. O que garantia certo respeito sobre as ideias e posições político-ideológicas do integralismo.³³

Para isso, um dos lugares visitados foi o *Abrigo São Vicente de Paulo*, no bairro de Heliópolis, município de Garanhuns, onde colhemos depoimento da senhora Maria Alice Moreira Branco, que na década de 1930, ainda criança, morava com os pais no Recife e nas férias escolares ia visitar a família em Garanhuns, onde o seu pai criava gado e o avô plantava café. Mesmo não tendo participado da AIB, seu depoimento ajudou a conhecer certos aspectos da cidade e das relações entre os moradores da cidade. Além deste, os testemunhos de Almir Zaidan e Ivaldo Rodrigues forneceram indícios dos principais motivos de engajamento dos garanhuenses no quadro da AIB. Nas falas desses, conhecemos algumas das atividades dos integralistas no núcleo e nas ruas da cidade, seus ideais, dificuldades e o papel

³² VIEIRA, Alfredo. *Garanhuns do meu tempo: memória*. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1997.

³³ Cf.: MONTENEGRO, Antônio Torres. *Narradores Itinerantes*. In.: _____. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, p. 49-100. 2010.

importante que eles acreditavam ocupar, viam-se enquanto soldados da pátria que estavam prontos para lutar contra os inimigos da nação (comunistas).³⁴

A relação entre memória e história ainda gera muitos debates nos centros acadêmicos. Os testemunhos não foram tratados, aqui, como monumentos em que a fala daquele que reconstrói um passado a partir das lembranças pessoais aparecem como uma verdade indiscutível. Muito menos, os depoimentos assumiram uma função de complemento das fontes documentais encontradas e selecionadas nos arquivos. Procuramos, no decorrer de nossas análises, compreender as entrevistas dos moradores de Garanhuns, ou os livros de memórias como documentos históricos, que foram abordados em consonância com a leitura de autores que se dedicaram a analisar as viabilidades do uso da memória nos trabalhos de História.³⁵

O percurso dos estudos apresentado nessa introdução possibilitou a construção dessa dissertação sobre o integralismo em Garanhuns a partir de três capítulos que foram organizados da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado: *O cenário político de Garanhuns em 1935: recepção dos integralistas*, no qual confeccionamos um panorama político do município de Garanhuns, nas primeiras décadas do século XX. Uma cidade do interior pernambucano dividida entre grupos oligárquicos que perdiam espaço político para uma classe média de comerciantes e funcionários liberais. Logo depois, começamos a ver como os integralistas se introduziram e interferiram no cenário político local, conquistando espaços entre as oligarquias e varguistas. Ao mesmo tempo, buscamos traçar, aqui, as condições de recepção do pensamento integralista entre os moradores de Garanhuns, apresentando um perfil daqueles que aderiram às fileiras do movimento e quais os argumentos da doutrina da AIB tiveram uma maior receptividade entre os membros dessa sociedade.

O segundo capítulo *A ESCRITA N'A RAZÃO: a prática jornalística dos integralistas de Garanhuns e a campanha presidencial de Plínio Salgado (1935-1937)* foram dedicadas aos órgãos de imprensa local, dando uma atenção especial ao jornal integralista *A Razão*. Nesse momento, analisamos algumas características dos periódicos da AIB pelo Brasil e depois investigamos a organização e principais estratégias doutrinárias adotadas pelos integralistas de Garanhuns. Os jornais eram, também, os principais meios de divulgação de

³⁴ ZAIDAN, Almir. *Entrevista*. São Paulo, 01 de Abril de 2009; e RODRIGUES, Ivaldo. *Entrevista*. Recife, 03 de Setembro de 2001.

³⁵ No decorrer da dissertação apresentamos e discutimos alguns autores, que contribuíram com nossas interpretações.

pensamentos políticos, sendo um instrumento valioso nas épocas de eleições. Desse modo, buscamos ver nos jornais que circulavam na cidade as campanhas políticas para a presidência do país no ano de 1937, tendo como intenção discutir as práticas políticas dos grupos da cidade e seus argumentos a favor ou contra o candidato da AIB, Plínio Salgado.

No terceiro e último capítulo *DE ALIADO A INIMIGO: a situação da Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945)*, procuramos analisar o processo de transformação da imagem dos seguidores de Salgado, que saíram das condições de defensores do lema: *Deus, Pátria e Família*, para de inimigos da ordem social instituída pelo Estado Novo. Assim, buscamos averiguar como os moradores de Garanhuns, que durante dois anos (1935-1937) ostentaram os símbolos do Sigma e defenderam a doutrina integralista, tiveram suas vidas abaladas pela repressão empreendida pelo governo Vargas a partir da força policial no novo regime político do país.

1. PRIMEIRO CAPÍTULO.

A CAMISA VERDE EM GARANHUNS: *quem a vestiu, contra o que lutaram e por onde andaram?*

Na primeira metade do século XX, os moradores de Garanhuns vivenciaram um cotidiano permeado de embates políticos, especialmente nas ocasiões de pleitos eleitorais. Em 1935, momento mais visível de alguns destes embates políticos devido às eleições municipais, a cidade se encontrava sob a ação de integralistas, comunistas, maçons e os políticos representantes das oligarquias rurais da região. Os integralistas levavam algumas vantagens na propaganda política, pois os discursos de cunho anticomunista de membros da Igreja Católica e do governo de Getúlio Vargas se encarregavam de dar poder de recepção aos discursos dos camisas-verdes e ao modelo administrativo apresentado por esses. Com uma proposta pautada em uma defesa radical do nacionalismo e da fé cristã, os seguidores de Plínio Salgado acabaram criando grandes expectativas nos intelectuais e famílias importantes da cidade.

Os divulgadores do pensamento do Sigma (Σ), em Garanhuns, eram estudantes e intelectuais que, depois de receberem influência do Recife via Faculdade de Direito, através de leituras de jornais e outros meios de comunicação da época, levavam “a Boa Nova”³⁶ para

³⁶ O início do século XX foi marcado pela insegurança aos sistemas de governo liberal, principalmente com a quebra da Bolsa de Nova York, e com o avanço do comunismo pelo mundo. No Brasil, o integralismo surgia como uma terceira via ao liberalismo-democrático e a esquerda política, ambas apresentadas como expressões e práticas estrangeiras. Um Estado Forte ou Estado Integral alicerçado em um governo corporativo ao estilo autoritário era a proposta dos integralistas. A AIB apresentava uma doutrina política que em muitos momentos aproximava-se dos ensinamentos cristãos, principalmente de matriz Católica. Ao abordar a relação entre o político e o religioso no pensamento integralista, a historiadora Márcia Carneiro discursou o seguinte sobre o AIB e o catolicismo: “É importante assinalar essa ligação inspiradora do catolicismo com a AIB para entendermos a construção das bases filosófico-políticas de sua doutrina e as estratégias de sua propaganda. O alcance da AIB entre os católicos supera, e muito, a influência do integralismo entre outras religiões. Os próprios rituais dos quais necessitavam participar os militantes comprovam a relação integralismo-catolicismo. Os integralistas relacionavam os seus rituais aos da Igreja Católica, tais quais eram: batismo, casamento e enterros que eram feitos em templos religiosos, mas, concomitante e paralelamente, “sacralizados” pelos cerimoniais e gestos integralistas.” CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. 415f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2007. p. 104. Nesse caso, as relações entre o político e o religioso possibilitavam que em muitos momentos os discursos integralistas fossem apresentados como “Boas Novas” aos moldes dos evangelizadores da Bíblia. Em outros autores que tratam do integralismo, como o exemplo de TRINDADE, Hélgio. *Op. Cit.* CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo*. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999 e SILVA, Giselda Brito. 1996 E _____. *A Lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e policia na repressão aos integralistas em*

o seio da própria família dos jovens que, por sua vez, se encarregavam de espalhar e discutir a notícia para outras famílias locais que se agradavam dos temas centrais do pensamento de Plínio Salgado, ou seja, o momento era propício às propostas políticas oferecidas pela Ação Integralista Brasileira (AIB), as quais eram de uma nação alicerçada no tripé *Deus, Pátria e Família*. Esse líder se tornaria uma personagem comentada, esperada, ouvida nas esquinas das ruas de Garanhuns, nos cafés, praças, na Igreja e nas escolas.

Entretanto, apesar do momento ser receptivo aos discursos integralista, a cidade estudada aqui não recebeu passivamente a propaganda da AIB. Ocorreram embates com outros grupos políticos e ainda os jovens enfrentaram as desconfianças de algumas famílias locais. Por outro lado, a presença dos integralistas nas ruas de Garanhuns contribuiu para que a mesma se transformasse num palco de grandes agitações políticas, por ocasião das eleições municipais de 1935, onde os camisas-verdes apresentaram uma chapa com nove candidatos a vereadores. O integralismo criou um diferencial na disputa política das eleições daquele momento, aliando as suas propostas a elementos que remetiam uma suposta tradição da família brasileira e dos ensinamentos católicos. Concomitantemente, seus militantes mesclavam seus discursos de cunho nacional com as medidas administrativas de âmbito local.

Assim, Garanhuns se tornaria, entre 1935 a 1937, palco “de movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”³⁷, nos quais cada grupo (integralistas, comunistas, maçons, liberais, clérigos entre outros) ia elegendo a cidade como seu objeto de preocupação fora do controle do governo central, cuja ação se limitava às tentativas de vigilância e controle da polícia destes grupos em meio às suas alianças políticas com o poder local.

Com os integralistas, Garanhuns ganhou novas formas do agir político, tornando-se um espaço³⁸ aglutinador de novas ações políticas. Dessa forma, novos espaços foram se tecendo com os desfiles dos membros da AIB, e em alguns ambientes da cidade ganharam novas dinâmicas. Garanhuns se tornaria, com os integralistas e seus inimigos (comunistas ou não), um cenário em que ficou comum encontrar militantes fardados com camisa verde,

Pernambuco. Tese (Doutorado em História) UFPE/CFCH, 2002. a relação entre o religioso (catolicismo) e o político também constituem os alicerces de suas argumentações sobre as práticas da AIB nos anos 1930.

³⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.174.

³⁸ Para Michel de Certeau existe uma diferença entre o lugar e o espaço. O *lugar* estar relacionado à localização, posição e à estabilidade. Enquanto os *espaços* são construídos e reconstruídos a partir das relações sociais e políticas que se mantêm entre o sujeito e o *lugar*, dando assim ao *espaço* um caráter de mudança, movimentação e transitoriedade. Mas ambos, para o autor, são indissociáveis, pois “[...] o *espaço* é um *lugar* praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformado em espaço pelos pedestres.” Ibid. p. 184

fazendo gestos de saudação – levantando o braço direito, como no fascismo italiano, e falando Anauê – e pronunciando palavras de ordem do movimento.

1.1. Garanhuns, onde o nordeste garoa: um breve olhar sobre o cenário político da cidade antes da implantação do núcleo integralista em 1935.

Garanhuns, como outras cidades, apresenta, em seus traçados, possibilidades de trajetos variados, permitindo aos seus caminhantes construir cotidianamente uma cartografia singular, sendo essa criada a partir do itinerário percorrido pelos que vivem e andam em determinadas ruas, não em outras, que mantém negócios e relações políticas e/ou afetivas com certos espaços, ao invés de outros locais que constitui a mesma cidade.³⁹ No decorrer da dissertação, alguns desses espaços de passagem ou fixação, tornar-se-ão conhecidos e por causa dessa seleção produzida durante nossa argumentação, um novo mapa da cidade será discursivamente aqui formulado.

Situado no agreste de Pernambuco, a uma distância aproximada de 271 quilômetros do Recife,⁴⁰ o município de Garanhuns encontra-se incrustado no Planalto da Borborema, envolvido por serras que marcam seu clima ameno no verão e de baixas temperaturas no inverno, com média térmica entre 13 a 21°C. Conhecida também como a "Suíça Pernambucana" era o destino de muitos turistas que viajavam para essa cidade em busca do frio. Sobre Garanhuns e seus atrativos, Luiz Gonzaga em *Onde o nordeste garoa*, cantou:

Conheço uma cidade bem pernambucana/
Que todo mundo chama de Suíça
brasileira/
Água pura, clima frio na realidade/
Garanhuns é uma cidade linda e tão
brejeira.

Garanhuns, cidade serrana/
Garanhuns, cidade jardim/
Garanhuns, cidade das flores
de amores sem fim/
Garanhuns, terra de Simôa/
Garanhuns, que terrinha boa/
Garanhuns, onde o Nordeste garoa.⁴¹

O frio, a garoa fina, as flores, as praças arborizadas, a feira, os estabelecimentos comerciais e educacionais são algumas das nuances da paisagem de uma Garanhuns que aparece frequentemente nos discursos de seus moradores e visitantes. No entanto, além das

³⁹ Encontramos na leitura de Michel de Certeau subsídio teórico para desenvolvermos esse momento da pesquisa. Para esse autor há existência de barreiras, físicas e culturais, que determina ou delimita o percurso e as perspectivas de paisagens entre aqueles que passam, ou se fixam na cidade. Cf.: CERTEAU, M. 2009. p. 163-165.

⁴⁰ Ver mapa em Anexo 1.

⁴¹ GONZAGA, Luíz. *Onde o nordeste garoa*. 1978.

características naturais e urbanísticas, a história da cidade deve ser entendida "como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais," como nos ensinou a historiadora Sandra Jatahy Pesavento.⁴²

Por outro lado, Garanhuns não era uma cidade desconhecida, o que acontece é que ela ganharia mais visibilidade com as disputas políticas dos anos 1930, do que se tinha na década anterior enquanto cidade de clima agradável numa região em que predominava as secas e estiagens. A “Suíça Pernambucana” atraía certos olhares e interesses turísticos. Um exemplo disso se tem na *Revista da Cidade*, de 14 de janeiro de 1928, cuja edição de nº86 foi dedicada à cidade de Garanhuns. O motivo da escolha foi a realização do *Congresso do Café*, que nesse ano foi sediado na referida cidade. No decorrer das notícias e fotografias do periódico sobre o evento, essa urbe foi apresentada da seguinte forma:

SITUADO sobre um solo constituído por terreno silico-argiloso, com 800 metros de altitude, o Município, como a cidade de Garanhuns, possuem um quadro climato-botânico dos mais propícios a excellencia da vida e da saúde.

Integrando-se nelle, agita-se uma população bella, activa e, sobremodo, acolhedora. Deste modo, seria a Cidade de Garanhuns uma das melhores estações climaticas do Paiz, se, para isso, collaborassem as administrações Estadoaes e Municipaes, dotando-a dos melhoramentos materiaes de que ainda se resente - exgotos domiciliares e de aguas pluviaes calçamento, arborisação, regulamentação de canstrucções para residencia e instrua, edificação de bons hoteis, etc.

Ao lado disso, a formação de combinação ferro-viarias rapidas e confortaveis e de estradas para automoveis, que lhe desse acesso facil.

Garanhuns attrahiria, assim, como uma das melhores estações climaticas do Brasil, os enfraquecidos pelas doenças ou pela fadiga não só de Pernambuco, como de todo o Norte, reintegrando-os fortes e sadios, à economia nacional e ao trabalho, assegurando, destarte, uma renda magnifica a todo o esforço que o Estado e o Município consignassem em seu beneficio, como acontece em todos os Paizes e, entre nós mesmos, nos Estados do Rio, Minas e S. Paulo, onde as administrações empregam, em beneficio de suas estações climáticas, grandes capitaes.⁴³

Destacando alguns problemas estruturais do município proveniente, segundo o texto, da falta de investimento do estado de Pernambuco, Garanhuns foi apresentada como possuidora de um considerável potencial turístico, podendo ser uma alternativa para quem não podia ir ao Sul do Brasil, mas desejava aproveitar o frio e a garoa que caía sobre a cidade ao entardecer. A referida Revista era publicada no centro da cidade do Recife, possuindo como temas em outras edições as mudanças tecnológicas que mudavam as relações dos

⁴² PESAVENTO, Sandra. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 27, nº 53, 2007. p.15

⁴³ BARROS, Gouveia. *Revista da Cidade*. Recife: nº 86, 14 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001685.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2010. s/p. Destacamos aqui que a exemplo dessa citação, no decorrer do trabalho colocaremos os textos em sua escrita original, colocando a palavra *sic* apenas quando a ortografia da mesma estiver errada.

pernambucanos, principalmente na capital. Ao descrever Garanhuns, procurando apontar os problemas urbanísticos, como falta de sistemas de esgotos e calçamentos, a citação apresentada acima também indicava os indícios que os novos tempos - "tempos modernos" - também estavam chegando à cidade e que vinham, velozmente, pelos trilhos do trem.

O apito da *Maria-Fumaça* marcava esse novo momento, avisando aos moradores o ritmo veloz do progresso tecnológico que tinha na estação ferroviária da *Great Western* na Rua Dantas Barreto, o seu símbolo maior.⁴⁴ Com esse aviso sonoro, os garanhenses sabiam que nos vagões do trem da *G. W.*, além das mercadorias e jornais da capital, chegavam também visitantes e/ou consumidores para o comércio da cidade.⁴⁵ Segundo o poeta Anísio Galvão, o som e sensação da proximidade da locomotiva que chegava a Garanhuns era a seguinte:

Para chegar a Garanhuns, sobe-se num elevador de 866 metros./ Elevador puxado por uma locomotiva, que vai dizendo: "CHÁ COM PÃO, BOLACHA NÃO... CHÁ COM PÃO, BOLACHA NÃO..." Ao saltar na cidade, estamos coberto de poeira e com os braços cansados de dar e redar o bilhete ao condutor, que associado ao fiscal, o perfura vinte vezes. / Mas cinco minutos depois, o recém-chegado sente-se outro: o ar é tão bom, a gente se vê tão leve, que nem parece ter viajado um dia inteiro e almoçando no vagon-restaurante.⁴⁶

Ao chegar e sair, o trem trazia e levava em seus vagões as novidades da capital, ou transportava seus moradores para a cidade do Recife que iam à busca de trabalho, estudos ou por curiosidade em conhecer o "mundo moderno" da capital. As ideologias políticas chegavam a primeiro momento na estação ferroviária, pois, era o primeiro espaço de sociabilidade dos acadêmicos que regressavam do Recife para suas casas, iniciavam suas conversas com familiares e amigos sobre as suas descobertas ideológicas, podendo essas ser tanto integralistas como comunistas. Além disso, os jornais das capitais dos estados brasileiros chegavam aos garanhenses também nos vagões da *G. W.*

⁴⁴ Ver imagens da estação ferroviária e do trem de Garanhuns no Anexo 2.

⁴⁵ Empresa criada em 1835, na cidade de Londres, Inglaterra, a *Great Western Railway Company* veio para o Brasil em 1872, empreendendo na construção de ferrovias no país que crescia com a exportação de café. No ano seguinte a sua chegada no país, conseguiu uma concessão para atuar em Pernambuco. Construiu 1600 km de ferrovias entre os estados do Nordeste em 1945, onde boa parte delas passavam pelas cidades do interior. Cf.: CORDEIRO, M. de L. B.; ESPOSITO, D. F. *Estação ferroviária de Garanhuns: arquitetura inglesa no agreste pernambucano*. FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Disponível em: www.fundarpe.pe.gov.br. Acessado em 10 de janeiro de 2012.

⁴⁶ GALVÃO, Anísio. Para chegar a Garanhuns. *In.: Revista da Cidade*. Recife: nº 86, 14 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001685.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2010. s/p.

Naquele momento, a principal fonte de renda estava na criação de gado, nas plantações algodão e principalmente na produção de café que também eram escoados pelos vagões dos trens da *Great Western*. A importância desse meio de transporte marcou não só os assuntos políticos e econômicos da cidade, mas também as memórias dos moradores mais antigos da cidade que, ao falarem do trem da GW, o fizeram com saudosismo, associando o mesmo ao crescimento de Garanhuns. Em um depoimento sobre a cidade, a senhora Maria A. M. Branco, atualmente residente do *Abrigo São Vicente de Paulo*, falou o seguinte sobre a importância da estação: “[...] o trem levava muita mercadoria pra lá, meu pai tinha vacaria e então né a família dele tinha fazenda de gado aqui e mandava gado pelo trem para capital.” A mesma depoente, destacou também que o seu avô era cafeicultor e “[...] ele vendia a produção de café dele lá pra os Estados Unidos, era café fino.”⁴⁷

A senhora Branco narra uma Garanhuns próspera economicamente, na qual seus familiares aparecem como proprietários de terras. Ao confrontar as informações dessa depoente com os resultados do relatório *Municípios Pernambucanas* - documento produzido como o resultado do Congresso dos prefeitos, realizado no Recife entre os meses de setembro e outubro de 1936 - encontra-se uma predominância econômica do rural sobre o urbano.⁴⁸

Concomitantemente à riqueza que vinha das zonas rurais, o comércio do centro da cidade, principalmente na Av. Stº Antônio, crescia e atraía tanto os garanhenses como clientes vindos dos municípios vizinhos que possivelmente não tinham como se deslocarem em direção ao Recife para fazerem suas compras.⁴⁹ Um dos momentos de agitação do comércio garanhense ainda nos anos 1920, foi captada na seguinte imagem:

⁴⁷ BRANCO, Maria Alice Moreira. *Entrevista*. 12 de junho de 2010. Hoje moradora do *Abrigo São Vicente de Paulo*, a senhora Branco na época morava com os pais no Recife e nas férias escolares ia visitar a família em Garanhuns, onde o seu pai criava gado e o avô plantava café. Como analisado por Jacy Alves Seixas, os trabalhos de história que se utilizam das memórias como fontes na reconstrução de um passado, deixam em sua maioria uma discussão em segundo plano, "a dimensão afetiva e descontínua das experiências humanas, sociais e políticas [...]" Nesse caso, ao utilizarmos essa observação de Seixas para o caso da senhora Branco, podemos entender que a mesma ao reportar-se a cidade de Garanhuns de sua infância, percebia essa a partir das lembranças que nutria em relação aos seus familiares, associando assim os seus sentimentos a memória política e econômica da cidade. SEIXAS, Jacy Alves de. *Percursos de Memórias em terras de História: problemáticas atuais*. In.: BRESCIANI, S. *Op. Cit.* p. 44.

⁴⁸ MUNICIPALIDADES PERNAMBUCANAS: Notícia Econômica, Histórica e Geográfica dos Municípios de Pernambuco e do Congresso de Prefeitos realizado no Recife. Recife, 1936. - Museu da Cidade do Recife.

⁴⁹ Ver algumas imagens da Avenida Santo Antônio pode ser visto no Anexo 3.



A Av. Santo Antônio onde se realiza a feira de Garanhuns, a maior do Estado.⁵⁰

Observa-se na imagem acima uma movimentada feira, onde clientes transitavam em busca tanto de produtos que necessitavam, como provavelmente dos melhores preços. Ao mesmo tempo, feirantes com suas mercadorias expostas em tabuleiros, no chão, no lombo do burro, procuravam conquistar os possíveis fregueses que passavam por eles. Na legenda dessa fotografia, encontrada na *Revista da Cidade* de 1928, a Av. St^o. Antônio era descrita como o palco da maior feira ao ar livre do estado. Essa avenida é paralela com a Rua Dantas Barreto, onde se localizava a estação ferroviária, ambas ligadas pela rua na qual fica o Colégio Santo Sofia. As contradições presentes nesses dois espaços da cidade indicam a convivência entre o moderno e o tradicional, pois se o trem da GW era o símbolo dos novos tempos, o chão de barro batido da Av. St^o Antônio e os cavalos que aparecem na imagem, indicam a continuidade de nuances próprias das cidades do interior, isso na principal artéria comercial de Garanhuns.⁵¹

Boris Kossoy, no livro *Fotografia e História*, destacou que as fotografias apresentam quadros fragmentados de uma realidade como se a mesma representasse o todo, abarcado

⁵⁰ Os Benefícios do clima de Garanhuns. *Revista da Cidade*. Recife: n^o 86, 14 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001685.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2010. s/p.

⁵¹ Para facilitar a compreensão de espaço do leitor, em anexo colocamos uma planta da cidade, com destaque para essa Avenida e para a Rua da estação. Ver Anexo 1.

assim toda a complexidade de uma dada realidade. Segundo esse autor, a seleção do que é importante e deve ser captado pelas lentes das máquinas fotográficas, parte da sensibilidade e interesse político ou econômico dos fotógrafos.⁵² No caso da feira livre da Av. Stº Antônio, por ser uma imagem associada ao *Congresso do Café*, a intenção foi de mostrar uma cidade que crescia economicamente, tanto por causa do café como do próprio processo de urbanização advindo do crescente comércio local.

Em complemento a essa imagem dos espaços agitados da urbe, onde os negócios e provavelmente as alianças e disputas políticas ocorriam, o ritmo lento e as dificuldades com serviços básicos de um município do interior persistiam em outras áreas da cidade, como escreveu Adalberto Rêgo⁵³:

No começo do século XX, tais residências [da Rua do Recife, atual José Mariano] eram do tipo "meiágua". Na maioria pertencentes aos próprios moradores, composto, em grande parte, de fazendeiros e comerciantes; já na década de "10", à medida que iam melhorando de condições financeiras e "*pari passu*", a família crescendo, eles as derrubavam, substituindo-as por chalés ou outro tipo de moradia mais confortável. Os habitantes da rua do Recife gozavam de sossego até meados da década terceira e o que figurava defronte às meias-águas era o "lâmpião" a querosene ou álcool, para quebrar um pouco a escuridão das noites. Não havia poluição sonora. O "chiar" dos carros de bois, os gritos dos carreiros, durante o dia [...]⁵⁴

Mesmo tentando apresentar a cidade a partir da Rua do Recife, onde ele residiu durante a juventude nos anos 1930, Rêgo acaba apontando outra face da Garanhuns que não aparece nem na fotografia e nem na *Revista da Cidade*.⁵⁵ Na citação encontra-se a representação de um cotidiano social marcado pela simplicidade e a calma, diferenciando-se do centro da cidade. Além disso, o autor acaba indicando como principais moradores dessa rua membros da oligarquia rural e comerciantes locais. Outros espaços públicos e privados constituíam o cenário urbanístico da Garanhuns das primeiras décadas do século passado,

⁵² Cf.: KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo, Ática, 1989.

⁵³ Alberto da Silva Rêgo foi iniciado no jornalismo matuto, como o mesmo denomina em seu livro, pelo seu pai Dário Rêgo, Grão-Mestre da maçonaria e também proprietário do jornal *Diário de Garanhuns*, uma das principais tribunas para a intelectualidade local. O corpo editorial e os colaboradores desses periódicos desenvolveram uma acirrada campanha contra os integralistas. Cf.: RÊGO, Alberto da Silva. *Os aldeões de Garanhuns*, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os "players", os poetas, e árvores genealógicas. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1987.

⁵⁴ *Ibid.* p.19

⁵⁵ Ver imagem da Rua do Recife na década de 1930 no Anexo 4.

onde carros da *Ford* e os puxados a boi coexistiam e dividiam os espaços e produziam os sons do moderno e do tradicional, respectivamente.⁵⁶

Nessa cidade em que o moderno e o tradicional dividiam e disputavam espaços no cotidiano dos garanhuenses das primeiras décadas do século XX, quais eram os grupos que possuíam maior influência no cenário político local? E quais as experiências e relações políticas que antecederam a chegada dos integralistas? Essas perguntas serviram de guia na continuação de nosso texto, as quais serão respondidas no decorrer dele.

1.1.1. Garanhuns entre oligarquias rurais e os correligionários de Getúlio Vargas.

Nas primeiras décadas do século passado, havia uma predominância na política brasileira dos donos de terras, que tendiam repassar a administração de “suas cidades” para os seus parentes e/ou aliados quando eles mesmos não estavam no poder. Os líderes políticos dos municípios do interior eram chamados pelos moradores por respeito ou medo de “coronéis”. O coronelismo não foi uma singularidade de Garanhuns, mas um fenômeno presente em várias regiões do nordeste brasileiro. Sobre os coronéis e o mandonismo local, o professor Mário Márcio de A. Santos disse:

A posse dos bens de fortuna dava ao coronel o domínio dos meios de produção no campo, em especial o controle e o uso da terra. Quem necessariamente desta para o plantio ou o criatório dependia do chefe local, homem quase sempre prepotente, cujas arestas se arredondavam, por vezes, quando acionados certos mecanismos de compensação social, como a instituição do compadrio, que gerava vínculo de responsabilidade mútua e reforçava os laços de subordinação.⁵⁷

Esse autor traz no livro *Anatomia de uma tragédia: a Hecatombe de Garanhuns* a organização e os conflitos entre os grupos políticos-familiares de Garanhuns, principalmente as desavenças entre os membros da família Jardim que disputavam espaços com o “clã” dirigido pela família Brasileiro. Dentro dessa obra, Santos indica que, inicialmente, ainda nos primeiros anos da República do Brasil, no final do século XIX, havia uma predominância política em Garanhuns da primeira família citada, em que Luiz Afonso de Oliveira Jardim

⁵⁶ Nos livros de memórias que apareceram no decorrer dessa dissertação, encontra-se sempre referências aos primeiros carros da Ford que apareceram na cidade e reformulação do cenário e a velocidade da nascente urbe do agreste Pernambuco.

⁵⁷ SANTOS, Mário Márcio de A. *Anatomia de uma tragédia: a Hecatombe de Garanhuns*. Recife: CEPE, 1992. p.16

juntamente com o seu irmão e prefeito em 1895, Manoel Antônio de Oliveira Jardim, comandavam as questões administrativas locais.

Segundo Mário Santos, com a aplicação da *política dos governadores* criada pelo presidente Campos Sales (1898-1902), em que o governo Federal fazia concessões às oligarquias rurais em busca de apoio desses senhores de terras os quais dominavam os chamados “currais eleitorais”,⁵⁸ os coronéis começaram a ganhar mais força no cenário político nacional. Em Garanhuns, uma família do distrito de Brejão, na época pertencente ao município estudado, liderado pelo ex-deputado Júlio Brasileiro despontava na região. Nos momentos de eleição, os outros grupos oligárquicos e comerciantes da cidade alinhavam-se a uma dessas famílias (Jardim ou Brasileiro) e acabavam envolvendo-se em disputas muitas vezes violentas pelo poder.

Dentre as personalidades políticas da cidade no início do século passado, Antônio Souto Filho foi o principal nome. Ao escrever a biografia desse garanhense, Ildefonso Fonseca procurou narrar a história de vida do mesmo a partir da relevância política de sua família para o referido município e das alianças políticas que o mesmo teceu durante a sua vida. Dentre as relações políticas tratadas por esse biógrafo, estava o apadrinhamento político que Souto Filho tinha recebido do coronel Júlio Brasileiro. O autor aborda esse fato no intuito de esclarecer aos seus leitores que havia uma expectativa que Souto Filho tomasse partido da família Brasileiro e iniciasse uma resposta aos opositores políticos do coronel morto.⁵⁹ No entanto, não foi isso o que aconteceu. A viúva Ana Duperron, desejosa por vingança, segundo os autores Santos e Fonseca, não conseguiu o apoio dos antigos aliados de seu marido.

Mesmo assim, a esposa do coronel Brasileiro, juntamente com alguns aliados e familiares contrataram capangas e cangaceiros para matarem os opositores.⁶⁰ Com os boatos dessa empreitada circulando na cidade, os que estavam na "lista negra" procuraram refúgio na delegacia. Isso acabou facilitando o trabalho dos mercenários que encontraram muitos dos marcados para morrer em uma cela, os quais foram todos executados. No total, de acordo com

⁵⁸ O termo currais eleitorais está relacionado aos eleitores que deviam obediência aos coronéis, votando assim naqueles candidatos que lhe fossem indicados.

⁵⁹ Cf.: FONSECA, Ildefonso. Antônio Souto Filho: a essência do político no frasquinho de veneno. *In.*: PERFIL PARLAMENTAR SÉCULO XX – ANTÔNIO SOUTO FILHO. Cf.: site: <http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/parlamentares/01pdf/AntonioSoutoFilho.pdf>, acesso em 21/08/2011.

⁶⁰ Na leitura dessa biografia, como nos livros de memórias discutiremos no decorrer do texto, o que nos interessou mais do que os dados pessoais dos personagens tratados, foram as representações relativas aos que circulavam na cidade na época, procurando assim conhecer e problematizar sobre o cotidiano da cidade. Sobre o uso de biografias na história, cf.: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In.*: FERREIRA, Marieta de Moraes; e AMADO, Janaina. (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p. 183-192, 1996.

os autores citados sobre esse assunto, a resposta da viúva Duperron teve um saldo de 14 mortos.

Esse acontecimento contribuiu para a reformulação do cenário da política garanhuense nas décadas seguintes, sendo até hoje lembrado entre os moradores como um triste capítulo da história de Garanhuns. No final, as duas famílias (Jardim e Brasileiro) acabaram saindo com suas imagens desgastadas e perderam espaço nos anos seguintes para Antônio Souto Filho e sua família que começaram a liderar o universo político do município.⁶¹ De acordo com Alfredo Vieira, em seu livro de memórias, “[...] o Dr. Soutinho como lhe chamavam os mais íntimos, foi indiscutivelmente, por muito tempo, o ‘cacique mor’ da política de Garanhuns, e um dos seus mais legítimos representantes”.⁶²

No entanto, a hegemonia de Souto Filho na cidade durou até o ano de 1930. Este foi o momento em que o cenário político nacional passou por profundas mudanças. Nesse ano, o então presidente do país, Washington Luiz, escolheu outro paulista Júlio Prestes para sucedê-lo, interrompendo assim, a rotatividade não oficial entre políticos paulistas e mineiros na presidência do país. Em resposta, forças políticas de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba formam uma oposição concentrada no partido da Aliança Libertadora (AL) que escolheu o gaúcho Getúlio Vargas como candidato.

Em março de 1930, surgia na cidade o *Diário de Garanhuns*, jornal que no ano de sua fundação foi comprado pelo tabelião Mario Lira, defensor da candidatura de Getúlio Vargas a presidência do país. Nas primeiras edições, o jornal traçou as primeiras críticas à prefeitura, a qual era administrada pelo coronel Euclides Dourado, cunhado de Souto Filho. Dentre os assuntos que apareciam com maior frequência, estavam às relacionadas aos serviços prestados pela Empresa de Melhoramento de Garanhuns (EMG), descritos

"Ella", sempre ella...

Essa chamada Empresa de Melhoramento em Garanhuns, é, simplesmente, intolleravel de algum tempo para cá.

⁶¹ Ver imagens de Souto Filho, família e a comitiva do governador Estácio Coimbra no Anexo 5.

⁶² VIEIRA, Alfredo. *Garanhuns do meu tempo*: memória. Recife: FIAM. Centro de Estudos de História Municipal (Coleção Tempo Municipal, 18) 1997. p.133. No entanto, a observação desse memorialista parte de um lugar de apoio à família Souto, pois o seu pai, Alfredo da Silva Vieira, ocupava o cargo de Promotor Público e foi correligionário do deputado federal Antônio Souto Filho. Essa informação sobre a relação de amizade e política entre os Vieiras e os Soutos pode servir de exemplo da teia de relações que se construiu na cidade, que possibilitou durante algumas décadas a predominância dessas famílias no universo político local. Além disso, a ressalva de proximidade entre ambas indica também a intencionalidade do memorialista em abordar certos temas em detrimento de outros.

Com franqueza, aborrece fallarmos no seu desleixo e, o que é peor no seu descaso pelos interesses da população a que serve. Não fossem os nossos deveres de jornalistas, certo lançávamos o caso ao gesto de Pilatos.

A sua desorganização atual, parece um proposito. Ora é a falta dagua, ora é a luz, que se fazem sentir na cidade.

Santo Deus! Quando teremos o prazer de registrarmos uma noticiuzinha mais agradável?!⁶³

O Diário tornava-se então um espaço de atuação aos que se opunham aos políticos da situação, no caso da cidade, os membros e aliados da família Souto. Ao atacar uma empresa contratada pela prefeitura e apontar alguns dos problemas que faziam parte do cotidiano da sociedade garanhuense, as páginas desse jornal dava voz a uma crescente oposição liderada pelo tabelião da cidade Mario Lira. Um posicionamento favorável a Vargas nesse jornal ocorreu depois do assassinato do candidato a vice-presidente pela Aliança Liberal, o paraibano João Pessoa. Sobre a prática propagandística feita em torno de Vargas, já tínhamos analisado em nossa monografia em 2009:

Com o título: “*Era digno demais para continuar vivo*”⁶⁴, a morte de João Pessoa foi anunciada em Garanhuns pelo DG. A partir de então, notícias relacionadas ao assassinato deste político paraibano e a violência utilizada pelo governo sobre os opositores foram exaustivamente exploradas por este jornal. A recorrência dessas temáticas possibilitou, pelo menos entre os leitores e jornalistas desse periódico, a confecção de um lugar de produção e aceitação de enunciados direcionados a legitimar a modernização e principalmente a moralização da política brasileira. Política essa concebida como vítima dos interesses particulares dos mandonismos das velhas oligarquias.⁶⁵

Enquanto isso, Souto Filho encabeçava em Garanhuns uma ferrenha campanha contra Vargas e defendia o nome do candidato do Partido Republicano Paulista (PRP), Júlio Prestes. No final da eleição de 1930, o resultado das urnas foi favorável a J. Prestes. No entanto, o mesmo não chegou a ocupar o cargo de presidente, pois Vargas pautando-se em argumentos de fraude eleitoral, não aceitou a derrota e organizou um movimento golpista que se autodenominava de "revolucionários", sendo constituído por membros civis e militares.

Ao mesmo tempo em que Getúlio Vargas assumia o cargo de presidente e o usineiro Carlos de Lima Cavalcanti foi escolhido para ser o interventor de Pernambuco, o garanhuense Antônio Souto Filho teve seu mandato de deputado cassado e o seu cunhado, o coronel Euclides Dourado, entregou a administração da prefeitura de Garanhuns a Mário Lira, líder do

⁶³ "Ella", Sempre ella... *Diário de Garanhuns*. Garanhuns, 04 de maio de 1930. p.1 - APEJE

⁶⁴ “*Era digno demais para continuar vivo*”. *Diário de Garanhuns*. 30 de Julho de 1930. Recife, APEJE

⁶⁵ MORAES, Márcio A. M. *Discursos policiais e imagens políticas: um estudo das práticas discursivas da polícia sobre os integralistas na cidade de Garanhuns nos anos de 1937-1945*. Monografia. (Graduado em História) UFRPE/DLCH, 2009. p. 17

Tiro de Guerra 45 (TG-45).⁶⁶ O *Diário de Garanhuns* acompanhou o processo de golpe político de 1930, procurando destacar em seus artigos a importância dos soldados do TG-45, que teria enviado 88 jovens soldados, que formaram a “*coluna louca*”, apelido dado pela forma que entraram no estado das Alagoas. Esses soldados partiram de armas em punho para dar a Vargas a presidência do país.

A passagem da administração da cidade marcou um novo momento na política local, em que a oligarquia rural dava lugar aos membros de uma crescente classe média, constituída por comerciantes, profissionais liberais e pequenos proprietários de terras. Torna-se relevante adiantar que muitos desses, principalmente comerciantes, participavam da maçonaria, tornando-se, posteriormente, ferrenhos inimigos dos integralistas de Garanhuns no decorrer dos anos 1930.

Além disso, Souto teve de fechar a redação de seu periódico *O Sertão*, que no ano seguinte, ao golpe de Vargas, foi repassado a Diocese de Garanhuns, sendo rebatizado como *O Monitor*. Esse jornal, no decorrer dos anos 1930, foi mais um dos espaços de atuação política e social dos clérigos de Garanhuns no cotidiano da sociedade.

Enquanto os jornalistas do *Diário de Garanhuns*, sob a orientação do prefeito Mario Lira, começaram a popularizar nos primeiros anos da década de 1930, o que consideravam ser o novo momento da política brasileira. Uma das estratégias encontradas pelo corpo editorial desse periódico para defender o momento político brasileiro, foi a comparação entre as posturas administrativas dos “coronéis”, com suas políticas clientelistas *versus* uma classe média, que tinham contribuído com a vitória de Vargas através das armas, como no seguinte texto:

UMA PROVIDENCIA MORALISADORA

A Prefeitura Municipal vem concedendo, há annos, gratuitamente, no bairro de Heliópolis, terrenos para construcções mediante simples requerimento.

Os melhores terrenos foram adquiridos pelos mais protegidos ou affeioados à situação passada.

Era condição principal, para a aquisição de terrenos, que as construcções fossem iniciadas, dentro de seis mezes, si não nos enganamos.

Apezar disso, raríssimos foram os prédios construídos.

A avenida que, por escarneo talvez, foi chamada Estácio Coimbra, ce feita, em quase toda a sua totalida, de muros, porque as pessoas que adquiriram os terrenos ainda não quizeram construir.

E como atravessamos agora uma época de moralidade administrativa, o sr. prefeito está obrigado a intervir no caso, não só fazendo revisão das concessões, para ver

⁶⁶ O Tiro de Guerra 45, formado por 88 jovens soldados de Garanhuns, partiram de armas em punho para dar a Vargas a presidência do país. Cf.: *Ibid.* p. 18-21

quas foram as processadas irregularmente, como especialmente para obrigar os que obtiveram terrenos a construir dentro de um certo prazo. O assunto é importantíssimo e, por conseguinte, não pode ficar no esquecimento ou no indifferentismo.⁶⁷

Mesmo tratando de um caso específico de doação de terrenos, o artigo pretendia sinalizar aos clientes do referido jornal o fim de uma prática política de dependentes, em que os “escolhidos” receberiam os benefícios do poder público. Essa mudança pautava-se na moralização da política realizada no artigo acima a partir de um ato simbólico que era a (re)distribuição de terrenos no bairro de Heliópolis para todos que fizessem o requerimento à prefeitura e aqueles que tivessem recebido terras irregularmente seriam desapropriados. Entre janeiro de 1933 a dezembro de 1934, por motivos não declarados, o *Diário de Garanhuns* deixou de circular. Problemas econômicos ou interesses políticos surgem como possíveis caminhos para o fim do seu funcionamento.⁶⁸ No entanto, as atividades jornalísticas dos que apoiavam o governo Vargas não ficaram sem uma tribuna. Surgia na cidade o jornal *O Município*, pertencente ao secretário da prefeitura, o dentista Mario Matos. Diferente do periódico anterior que circula diariamente, o novo jornal saía apenas aos sábados, diminuindo consideravelmente os gastos com a produção de exemplares. Muitos dos artigos desse periódico recebiam a assinatura de jornalistas que anteriormente tinham trabalhado no diário do município, indicando uma continuidade na defesa dos feitos do governo Vargas representado na cidade pelo prefeito Mario Lira.

Na maior parte dos seus exemplares, o corpo editorial do *O Município* empreendeu uma campanha em torno do nome de Mario Lira para a Constituinte, desempenhando simultaneamente um acirrado combate às oligarquias locais que também tinham entrado na disputa por votos para eleger Antônio Souto Filho.⁶⁹ Mario Matos, que assumiu interinamente a prefeitura durante a disputa eleitoral, também coordenou a candidatura de Mario Lira em oposição a Souto em 1934. O envolvimento de Lira em uma disputa política pode ter sido apresentado como um possível motivo para a interferência na circulação do *Diário de*

⁶⁷ “Uma providencia moralizada”. *Diário de Garanhuns*. 23 de Novembro de 1930. Recife, APEJE.

⁶⁸ Ao analisar a interferência da mídia na formação de opinião pública, Jean-Noël Jeanneney discorre que abordar a situação financeira dos meios de comunicação torna-se um dever difícil de ser realizado já que os mesmos geralmente não os tornam público tais dificuldades. Cf.: JEANNENEY, Jean-Noël. Mídia. In.: R. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 213-230. 2003. p. 214

⁶⁹ Depois de um sangrento combate com o estado de São Paulo em 1932, que exigia do governo provisório de Getúlio Vargas uma Constituição, dois anos depois teve início a organização da mesma, começando pela escolha dos membros da Assembleia Constituinte, responsável pela redação do que seria a nova carta constitucional do país.

Garanhuns, levando-se em consideração que o seu dono estava envolvido em uma campanha e dessa forma, o seu periódico poderia perder a credibilidade que gozava desde sua fundação em 1930, ao torna-se um veículo de propaganda política do seu proprietário.

O posicionamento a favor da situação política, representada por Mario Lira, pode ser percebido no seguinte artigo:

Que exigentes!

É frase corriqueira e assaz conhecida a que diz: "o tempo tudo destrói".

Por mais vulgar, porém que ela pareça tem o seu quê de veracidade. Ora, lembremos do bom tempo em que dominavam os senhores *decaídos*; a *liberdade* que o povo tinha, os *direitos* que lhes assistiam. Os governos - todos sabemos-lo - usavam toda sorte de suplícios para com seus adversários, desde a *suave e aprausível geladeira*, até o ponto culminante - o fusilamento. É quando algum jornal atrevido ousava ao menos pedir clemência, era empastelado seus diretores presos e maltratados, o cacete entrava em função, como quem diz arrogantemente: "*o az é pau*." Isso para mostrar que governo fazia o *que bem queria*, há quatro anos passados. Hoje, que o novo regime de moralidade deu novo curso às coisas, vemos a grande, enormíssima diferença!⁷⁰

Os colaboradores do *O Município* procuravam então reformular em seus textos as imagens dos políticos ligados às oligarquias rurais descritos como desonestos e acostumados à manipulação dos resultados das eleições no antigo regime com a coerção existente sobre o voto aberto, que possibilitavam aos coronéis manterem o controle sobre os seus empregados e dependentes, o chamado voto de cabresto. Mesmo assim, no final, Antonio Souto Filho foi eleito para participar da constituinte. Com o fim da eleição o jornal, *O Município* deixou de ser publicado, contribuindo assim, com a hipótese anterior que o referido periódico teria surgido apenas como ferramenta de divulgação do candidato Mario Lira, pois, logo depois, o *Diário de Garanhuns* voltou a ser publicado, em 1935, enquanto Lira deixava a prefeitura e se tornava deputado estadual.

Ao analisar as edições do *Diário de Garanhuns*, depois que voltou a circular em 1934, percebe-se que paulatinamente a oposição às oligarquias rurais foi sendo substituída por um combate ao comunismo, estratégia assumida pelo governo Vargas e seus aliados para legitimar a permanência no poder. Ao mesmo tempo em que se opôs à esquerda, o periódico combateu também os membros do núcleo integralista local que se instalaram na cidade no decorrer do ano de 1935.

Enfim, a partir dessa exposição, observamos que a cidade de Garanhuns, antes da chegada dos integralistas em 29 de junho de 1935, vivenciava então, uma cultura política

⁷⁰ "Que exigentes!". *O Município*. 06 de Outubro de 1934. Recife, APEJE. p.4

tensionada entre os interesses de uma oligarquia rural-tradicionalista que tentava retomar o poder por meio do voto. Disputando cargos e fazendo frente política a esses “coronéis” e seus apadrinhados, encontrava-se uma classe média formada por trabalhadores liberais, pequenos proprietários e funcionários públicos. Muitos destes teriam se envolvido no processo golpista liderado por Vargas, tanto os que atuaram militarmente, como os que ficaram na cidade defendendo o movimento discursivamente no *Diário de Garanhuns*. Nesse ambiente de disputa política, a partir de 1935, os integralistas iniciaram suas atividades, também conquistaram espaços e legitimidades entre oligarcas e aliados de Vargas.

1.2. A criação da AIB e a sua receptividade em Pernambuco (1932-1935).

A Ação Integralista iniciou suas atividades oficialmente depois da leitura do *Manifesto de Outubro de 1932*, realizada no Teatro Municipal de São Paulo por Plínio Salgado, jornalista que se tornou Chefe Nacional da AIB, a autoridade máxima dentro da hierarquia do movimento. Este documento pautou-se em argumentos de cunho nacionalista e da proteção da moralidade cristã.⁷¹ A percepção do cenário político nacional e a função que o integralismo desempenharia nessa realidade, aparece no seguinte trecho do *Manifesto*:

5^a

NÓS, OS PARTIDOS POLÍTICOS E O GOVERNO.

Nós, brasileiros unidos, de todas as Províncias, propomos-nos criar uma cultura, uma civilização, um modo de vida genuinamente brasileiros. *Queremos criar um direito público nosso, de acordo com as nossas realidades e aspirações, um governo que garanta a unidade de todas as Províncias, a harmonia de todas as classes, as iniciativas de todos os indivíduos, supervisão do Estado, a construção nacional.* Por isso, o nosso ideal não nos permite entrar em combinação com partidos regionais, pois não reconhecemos esses partidos; reconhecem a Nação. [...]

A nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos governadores de Estados, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos. A nossa Pátria precisa de estar unida e forte, solidamente construída, de modo a escapar ao domínio estrangeiro, que a ameaça dia a dia, e salvar-se do comunismo internacionalista que está entrando no seu corpo, como um cancro.⁷²

Observa-se nesse fragmento a forma como o integralismo foi apresentado aos brasileiros. Escrito na primeira pessoa do plural, esse texto provavelmente criava entre os seus

⁷¹ Em 1982 a Editora Voz do Oeste, cinquenta anos após a fundação da AIB, reeditou o Manifesto de Outubro de 1932. Cf.: SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1982.

⁷² Ibid. p. 8

leitores a sensação de que esse movimento era a solução para as angústias políticas e sociais que se acreditava assolar o país. Uma resposta patriótica aos problemas nacionais deveria ser a percepção nutrida entre os militantes da AIB. A partir dessa compreensão, tentariam construir um lugar de legitimidade no cenário político nacional nos anos de 1930.

Nesse sentido, o integralismo se colocaria frente às incertezas da liberal-democracia que se encontrava desacreditada entre muitos intelectuais, principalmente depois da quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929, a qual desestabilizou a economia dos países ocidentais. Estas nações vivenciaram as consequências financeiras e sociais nos primeiros anos da década de 1930. Além disso, a democracia aos moldes liberais, segundo Salgado, proporcionava uma divisão do país a partir de critérios regionalistas e de interesses particulares, impedindo assim, que o Brasil despontasse como uma nação forte. Ao mesmo tempo, o comunismo aparecia como uma ameaça aos pilares morais e religiosos das sociedades democráticas na imprensa da época. Esse momento de incerteza, legitimado pelos intelectuais brasileiros, contribuiu para a criação de um ambiente propício para a atuação de um movimento como o integralista.

Ao mesmo tempo em que Salgado apresentava uma proposta de governo corporativo, em que as divisões políticas regionais seriam desfeitas, no mesmo *Manifesto* de criação da AIB, esse intelectual colocou o seguinte ponto:

Os municípios devem ser autônomos em tudo o que respeita a seus interesses peculiares, porque o município é uma reunião de moradores que aspiram ao bem-estar e ao progresso locais. A moralidade administrativa pode ser fiscalizada pelas próprias classes, pois o que determina a desmoralização das Câmaras Municipais, no sistema democrático, era a politicagem, o apoio com que contavam os chefes políticos locais, dos dirigentes da política estadual. [...] *Não haverá jeito algum de se fazerem perseguições políticas, por que o governo local estará livre de injunções de homens que, morando fora do município, se mantêm nos seus negócios, como tem sido comum. O município, portanto, sede das famílias e das classes, será autônomo e estará diretamente ligado aos desígnios nacionais.*⁷³

Contraditoriamente, ao confrontarmos as duas citações retiradas do *Manifesto*, encontramos duas posturas distintas: a primeira que pregava uma nação una o Estado *corporativo* em que a cooperação das classes (patrões e operários) tomaria o lugar dos discursos de lutas de classes pregadas pelos comunistas em torno de um ideal. Enquanto no segundo trecho, o que encontramos foi Salgado prometendo o fim dos currais eleitorais (prática comum na época e que tendia a preestabelecer os eleitores para os candidatos

⁷³ Ibid. p.16

escolhidos pelos coronéis) dando autonomia aos municípios. Provavelmente, Salgado percebeu que para o crescimento da AIB pelo país, ele precisaria do apoio dos poderes políticos locais. Assim, prometia certa autonomia a esses, esperando desta forma, conseguir as condições favoráveis para implantar núcleos da AIB.

Paulo Cavalcanti, ao escrever *O caso conto como o caso foi: da coluna Prestes à queda de Arraes*, no momento em que apresenta em seu texto a sua experiência pessoal como camisa-verde, destacou que o integralismo apresentava-se como um movimento disposto a resolver o que acreditava ser os males sociais brasileiros. No caso, a ineficiência administrativa e econômica do liberalismo, muito criticado depois da quebra da Bolsa de Nova York (1929); o comunismo, considerado não apenas como inimigo político, mas também enquanto uma negação aos preceitos morais e éticos do cristianismo; e podemos incluir o poder das elites políticas e financeiras, que dividiam o país de acordo com os interesses particulares e/ou dos grupos que representavam. Desse modo, segundo Cavalcanti, o integralismo agradava a muitos que não concordavam nem com os mandos e desmandos das oligarquias rurais, nem com as influências políticos-ideológicas que vinham de outros países, sendo essas de direito ou esquerda.⁷⁴

Pouco depois da criação do integralismo em São Paulo, o discurso do recém-criado movimento ressoou de maneira positiva entre um pequeno grupo de intelectuais pernambucanos, muito deles estudantes da Faculdade de Direito do Recife (FDR). Sobre as motivações para o engajamento desses, a historiadora Giselda Brito Silva destacou: “Desorientados e desiludidos [por causa do não cumprimento das promessas dos revolucionários de 1930], [...] passam a assimilar os discursos do Integralismo que surgia como uma opção entre a crise liberal e o medo comunista.”⁷⁵ De acordo com essa pesquisadora, além das propostas nacionalistas e espiritualistas de base cristã, a insatisfação com o não cumprimento das promessas modernizadoras e moralizadoras feitas por aqueles que deram um golpe em 1930, teria servido também de motivador para o engajamento de pernambucanos na AIB.

Alguns dos estudantes da FDR lançaram no mês seguinte à fundação da AIB um manifesto de apoio a Plínio Salgado. No dia 24 de novembro de 1932, o *Diário de*

⁷⁴ Paulo Cavalcanti construiu um percurso político dentro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), mas em sua juventude chegou a fazer parte do integralismo. Cf.: CAVALCANTI, Paulo. *O caso conto como o caso foi: da coluna Prestes à queda de Arraes*. V. I. Recife: CEPE, 2008. p. 117

⁷⁵ SILVA, G. 1996. p. 32

Pernambuco publicou o *Manifesto do Núcleo da Faculdade de Direito do Recife* ou como ficou conhecido, o *Manifesto do Recife*, assinado por Otto Guerra, Andrade Lima Filho, Américo de Oliveira Costa, João Roma, Álvaro Lins e José Carlos Dias da Silva.⁷⁶ No decorrer do texto, os autores escreveram:

Nunca uma geração brasileira teve tantas responsabilidades como esta, que já tem, por mais de uma vez, escutado o tamborilar trágico das metralhadoras. Mas talvez como nunca uma geração esteja tão capaz de desempenhar a sua vocação histórica. Pois nada como o sangue, o sofrimento para retemperar o homem. Despertar energias cabeceantes. Transformar a vida social. Renová-la.

Além disso, ela não pode mais ter certas ilusões que envenenaram as gerações passadas. Não tem mais o direito de aspirar a cocaína liberal. Salvo si quizer andar em atrazo com a experiencia dos fatos, com a doutrina, com a própria vida. Não tem, por outro lado, o direito de embebedar-se com o ópio comunista. [...] ⁷⁷

A renovação social que fora exigida no *Manifesto do Recife*, encontraria na adesão à AIB uma confirmação não só política, mas também moral do militante. Essa resposta, geralmente, vinha acompanhada da argumentação de enfrentar as ameaças vindas do estrangeiro (o liberalismo ou comunismo ateu) que, segundo eles espreitavam a política e a vida social do país. O integralista seria um intrépido defensor da pátria e dos bons costumes como evidencia a escrita dos estudantes do Recife que responderam a Plínio Salgado positivamente. Ainda sobre o *Manifesto* desses bacharéis em Direito, destacamos também o seguinte trecho:

A mocidade nordestina de modo algum poderia ficar indiferente. E muito menos alunos da Faculdade de Direito do Recife. Esta Escola, que certa vez ouviu proclamar a morte da metafísica [...] precisa torna-se uma célula vivíssima desse grande movimento de renovação política, social e espiritual. [...]

Os velhos políticos rirão sem duvida dos nossos propósitos. Os comodistas recusar-se-ão a colaboração conosco. Que se fiquem. Mas esse movimento de mocidade já é hoje incoercível. Porque é a própria verdade nacional, a própria realidade mundial. São forças post-revolucionárias, forças jovens, cheias de fé, nacionalistas no bom sentido, humanas. ⁷⁸

No dia seguinte à publicação de apoio à AIB desses estudantes no *Diário de Pernambuco*, Andrade Lima Filho, um dos responsáveis pela escrita do *Manifesto do Recife* e primeiro chefe provincial da AIB-PE, apresentou o seguinte depoimento ao *Jornal Pequeno*:

⁷⁶ O Manifesto do Núcleo da Faculdade de Direito do Recife pode ser consultado no Anexo 7.

⁷⁷ Manifesto do Núcleo da Faculdade de Direito do Recife. O *Diário de Pernambuco*. Recife, 24 de outubro de 1932 – FUNDAJ.

⁷⁸ Ibid.

[...] nós precisamos é de um governo forte [...] o Brasil se verá livre das erupções subversivas. Temos vivido até hoje num clima revolucionário[...] esse appello à revolução e no dizer de Hélio Vianna uma fatalidade dos povos sem educação social e política. No Brasil a grande geratriz das luctas armadas tem sido inegavelmente a política tortuosa dos partidos. O nosso problema é retomar as nossas tradições[...] precisamos de uma orientação nacionalista[...]⁷⁹

Ao confrontar o trecho citado do *Manifesto do Recife* com a fala de Lima Filho, percebe-se que ao mesmo tempo em que os membros da AIB discursavam sobre a criação de um espaço para a juventude brasileira promover uma “renovação política, social e espiritual”, essas mudanças ocorreriam a partir de um norte nacionalista dedicado a indicar uma volta às tradições brasileiras.⁸⁰ O moderno e o tradicional apareciam não como elementos antagônicos nos discursos integralistas, mas enquanto complementares. Conciliando assim, em sua doutrina, tanto o argumento da necessidade de uma mudança no modo de gestão do país, com uma política de tendências autoritárias, como também a valorização dos símbolos nacionais e de introdução nas relações políticas dos preceitos espirituais, no caso, uma ética e moral cristã.

A relação entre o político e o religioso tornou-se uma das estratégias mais eficazes na doutrinação e convencimento da legitimidade do movimento no estado, como pode ser percebido no seguinte trecho de um panfleto da AIB-PE.

PROFISSÃO DE FÉ INTEGRALISTA
Creio no Integralismo pela elevação de seus princípios, pela justiça de seus processos e pela grandeza de seus fins.
Creio no Integralismo pelo patriotismo de seus propugnadores, pela competência de seus chefes e pela sinceridade de seus adeptos.
Creio no Integralismo pela oportunidade de sua intervenção, pela necessidade de sua ação e pela urgência de sua implantação.
[...]Creio no Integralismo porque creio em Deus.⁸¹

Em comparação com a oração do *Credo* da Igreja Católica, que diz: "Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso Criador do Céu e da Terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. / Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos

⁷⁹ Depoimento de Andrade Lima Filho. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de novembro de 1932. *Apud.* SILVA, G.1996. p.33

⁸⁰ Segundo o Dicionário Crítico do Pensamento da Direita, o conceito tradição é entendido enquanto a perpetuação do grupo conservador no poder, consecutivamente a imposição de seus costumes e valores conservadores, além da manutenção de uma hierarquia social e política. Cf.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et al. (Org). *Dicionário Crítico do Pensamento da Direita: Idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2000. p. 437

⁸¹ "Profissão de fé Integralista". *Prontuário Funcional nº 1066 - DOPS-PE/APEJE*

os séculos [...]”⁸², observa-se a tentativa dos doutrinadores do integralismo em entrelaçar a imagem da AIB com os símbolos religiosos do cristianismo católico. Ao criar um credo político, como uma oração religiosa que resumia os preceitos de uma determinada fé espiritual, os intelectuais da AIB criavam uma imagem do movimento a partir de uma relação entre o político e o religioso. Como destacou o historiador Rogério Souza Silva, a imagem e suposta missão do integralismo e do seu líder, Plínio Salgado, confundiam-se nos ensinamentos do movimento com a missão da própria Igreja Católica e de Jesus Cristo.⁸³

Os líderes do integralismo procuravam também confeccionar e divulgar a imagem de um movimento pautado na organização de jovens ávidos por mudanças políticas, que teriam escolhido o caminho dos elos de amizade, da disciplina e do respeito aos ensinamentos da ética e moral cristã para criarem uma nação forte.⁸⁴ A divulgação desse tipo de representação do integralismo possuía o intuito de atrair novos militantes, utilizando como estratégia a construção de um quadro de “notáveis” personalidades, composto de religiosos, intelectuais e políticos que teriam aderido à AIB, sendo essas inscrições nas fileiras integralistas utilizadas na propaganda política do movimento. No caso de Pernambuco, os primeiros camisas-verdes tinham organizado um grupo intitulado: “*Como era verde o meu vale*”, que aparece na seguinte foto:

⁸² Oração do Credo. In.: *Eu Creio*: pequeno Catecismo Católico. São Paulo, 1999. p. 141

⁸³ Cf.: SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê! Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 61-95 – 2005.

⁸⁴ Em artigo publicado recentemente no livro: *Histórias do Recife: entre narrativas do passado e interpretações do presente*, Giselda Brito Silva discute a questão da amizade nas relações e atividades políticas dos intelectuais pernambucanos dos anos 1930. Nesse texto, a autora chama a atenção para *ética da amizade política*, como promotora da divulgação e adesão do ideário integralista como código de amizade, levando muitos a aceitarem as ideias com intuito de não desrespeitar e/ou decepcionar seus amigos e companheiros de ideologia. Cf.: SILVA, Giselda Brito. O Recife entre a amizade e a política: a geração tradicionalista de 1930 no Perfil Parlamentar Pernambucano. In.: _____ ; e SCHURSTER, Karl. *História do Recife: entre narrativas do passado e interpretações do presente*. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, p. 225-254. 2001.



*Na fila do alto a partir do segundo: Aurino Sá Cavalcanti, Luiz Guimarães, Álvaro Lins, Mauro Mota, João Roma, José Queiroz de Andrade e Waldemar Romeiro. Na primeira fila: Antonio Parisi, Gilberto Osório de Andrade, Airton Costa Carvalho, José Guimarães de Araújo, Fernando Mota, César de Barros Barreto, Andrade Lima Filho, Lucilo Costa Pinto, Luiz Sant'Agostini, Belizio Córdula, Bolívar Mousinho e Pitágoras de Souza Dantas.*⁸⁵

A historiadora Tatiana da Silva Bulhões, na dissertação: *"Evidências esmagadoras dos seus atos": fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*, destacou que o integralismo tinha feito grande investimento na divulgação da imagem do movimento por meio de fotografias que eram vendidas para a arrecadação de verbas revertidas para a manutenção das atividades integralista.⁸⁶ Desse modo, a imagem acima, ao apresentar um grupo de jovens que, ao ostentarem o sigma (Σ) preso em seus uniformes verdes, pousando para uma fotografia como se aquele ato representasse a força, a unidade e a seriedade do movimento integralista que ganhava espaço entre a elite intelectual do estado, serviria também como material de propaganda política.⁸⁷

⁸⁵ "Como era verde o meu vale". *Prontuário Funcional nº 29.078*. DOPS-PE/APEJE.

⁸⁶ Cf.: BULHÕES, Tatiana da Silva. *Evidências esmagadoras dos seus atos: fotografia e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Niterói, Dissertação de Mestrado em História, UFF, 2007.

⁸⁷ No anexo do 2ª volume do livro de Nilo Pereira sobre a Faculdade de Direito do Recife, pode se encontrar algumas relações de nomes dos formandos dessa instituição, evidenciando assim o ano em que se tornam

Talvez essa imagem dos primeiros integralistas de Pernambuco tenha sido produzida antes do encontro da AIB escrito na lateral da fotografia, com o intuito de venda ou distribuição entre os militantes. Essa suposição se origina no fato de que o *I Congresso Integralista em Pernambuco* seria inicialmente sediado em Garanhuns, mas não foi bem isso que aconteceu. Representantes da Secretária de Segurança Pública (SSP) tentaram impedir a realização dessa reunião no estado alegando, para isso, motivos de segurança pública. Os agentes da SSP moveram então, um processo no Tribunal Regional Eleitoral (TER), pois nesse momento a AIB já era um partido político,⁸⁸ os integralistas conseguiram uma permissão para a realização do congresso, mas não em Garanhuns como sinaliza a fotografia, a cidade escolhida foi Pesqueira.⁸⁹

Os estudantes de Direito ocuparam cargos de liderança dentro da AIB-PE. Estes jovens foram alguns dos mais importantes reprodutores dos discursos integralistas em solo pernambucano, levando a doutrina do Sigma para vários municípios desse estado. O historiador Carlos A. Moura ao analisar as origens familiares dos intelectuais os quais conviviam na Faculdade de Direito das primeiras décadas do século XX, indicou que a maioria deles pertencia às famílias tradicionais e influentes da capital e do interior, não apenas de Pernambuco, como de outros estados do nordeste.⁹⁰

Sobre o engajamento de alguns desses estudantes e a expansão da AIB no estado, Moura destacou: “Ajudaram a organizar os núcleos das regiões, proferindo conferências e reuniões para o doutrinamento dos novos filiados no movimento. O poder local e a base cristã defendida pela Ação Integralista foram fundamentais para a adesão de muitos cidadãos na região.”⁹¹ Essa expansão do integralismo em Pernambuco ocorreu, em grande parte, com a organização de caravanas chamadas pelos integralistas de *Bandeiras*.⁹² Ao sintetizar as

bacharéis em direito. Cf.: PEREIRA, Nilo. *A Faculdade de Direito do Recife (1927 – 1977): ensaio biográfico*. Vol. 2. Recife: Editora Universitária, 1977.

⁸⁸ A Ação Integralista foi criada enquanto um movimento cívico voltado a estudar e formular soluções para os problemas políticos e sociais brasileiros. No entanto, em 1935 a AIB passou por uma transformação, tornando-se partido político e, assim, podendo lançar nomes para preitos eleitorais, em âmbito municipal e nacional.

⁸⁹ Com relação ao I Congresso Integralista de Pernambuco, que contou com a presença de Plínio Salgado, Cf.: AMORIM, F. *Op. Cit.*

⁹⁰ Cf.: MOURA, C. *Op. Cit.*

⁹¹ *Ibid.* p. 95

⁹² A utilização do termo *Bandeira* se deu em alusão aos paulistas do período colonial que adentraram o Sertão brasileiro em busca de riquezas minerais e mão-de-obra escrava e que aos poucos expandiram o território nacional. No entanto, os *bandeirantes* integralistas entrariam pelo país levando a AIB aos locais mais distantes das capitais.

solenidades que marcavam a criação de um núcleo da AIB nos municípios pernambucanos, Giselda Brito Silva descreveu:

Tanto nas áreas rurais quanto na urbana, as solenidades de abertura destes núcleos integralistas foram organizados de modo a garantir a imagem de um movimento sério e organizado para atrair novos adeptos para a AIB-PE. Nesta solenidade de abertura nuclear, os discursos eram cuidadosamente preparados. Através deles alertavam o povo para o perigo comunista e declaravam a falência da Liberal-democracia, especialmente chamado a atenção dos eleitores para as fraudes políticas dos Partidos e para a desordem pública. A seguir, apresentavam a proposta integralista como a única capaz de resolver estes problemas, pela força que esta possuía para lidar como "inimigos" da Pátria.⁹³

Em visitas às cidades interioranas, os membros do movimento integralista organizavam palestras, desfiles e inscrições dos que desejassem entrar nas fileiras da AIB. Ressaltemos que se tratava de estudantes de Direito da capital, bacharéis, “homens estudados” e “com leitura” - como ainda hoje se fala no interior - que levavam propostas políticas coerentes, com os ensinamentos religiosos para uma sociedade marcada pela presença atuante na vida social e política de clérigos da Igreja Católica. Uma das *Bandeiras* organizadas em Pernambuco foi a *07 de Outubro*, nome escolhido em homenagem à data de criação da própria AIB e de seu *Manifesto*. No ano de 1935, essa *Bandeira* levou o integralismo para vários municípios do interior pernambucano, incluindo Garanhuns.

A proximidade com o pensamento religioso (cristão), a postura anticomunista, as críticas a liberal-democracia e a insatisfação com o governo dito revolucionário de 1930, são algumas das bases dos argumentos de pesquisadores que trabalharam o tema no estado de Pernambuco. Em outras regiões do país, a questão operária, antissemitismo e o fascínio em participar de um movimento próximo ao fascismo europeu acabaram sendo mais utilizado nos discursos dos líderes locais.⁹⁴ Em relação a Pernambuco, pesquisadores como no caso de Giselda Brito Silva, Carlos Moura e Fábio Lima Amorim,⁹⁵ discutiram como a base cristã da

⁹³ SILVA, G. 1996. p. 65

⁹⁴ Com relação as propostas operárias do integralismo, pautado em um sindicato corporativo, que discursava a conciliação entre as classes sociais opostas, como os trabalhadores e seus patrões. As distinções com o comunismo estava em evitar as *lutas de classes*. O sistema político pautado em um corporativismo, pregado pela AIB, tinha na Itália fascista de Mussolini um exemplo a ser seguido. Esse tipo discurso integralista teve uma maior aceitação no sul e sudeste do país, provavelmente por causa da concentração industrial na região. Cf.: BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Anauê Paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo. (1932-1943)*. Dissertação. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004; RIBEIRO, Ivair Augusto. *O integralismo no sertão de São Paulo: um “fascio de intelectuais”*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Franca-SP, 2004 e BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, Nazismo, Integralismo*. São Paulo: Ática, 2000.

⁹⁵ Respectivamente: SILVA, G. 1996; MOURA, C. 2010; AMORIM, F. 1996.

sociedade pernambucana acabou construindo um ambiente propício para o pensamento integralista no estado, favorecendo assim a expansão da AIB pelo interior.

Somando-se a esses, poderíamos indicar também a criação e considerável expansão da Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento de esquerda que empreendeu uma "rípida" campanha anti-integralista no decorrer de 1935, pode ser compreendido como mais um dos fatores para essa expansão no estado.⁹⁶ No entanto, pelo menos no caso da implantação e inscrições de alguns moradores a AIB em Garanhuns, percebemos que entre a legitimidade que os discursos doutrinários causavam entre esses pernambucanos, havia também os interesses políticos advindos com a proximidade das eleições municipais. Nos primeiros números do jornal *A Razão* publicados pelos integralistas de Garanhuns, percebemos que a chegada da *Bandeira 07 de Outubro*, em 29 de junho de 1935, possibilitou uma reorganização dos grupos e interesses políticos na cidade que perceberam no integralismo uma oportunidade de conseguirem por meio do voto cargos públicos tanto no executivo como no legislativo, renovando, assim, o cenário político local.

Lembremo-nos da Constituição promulgada em 1934 que marcou para o ano de 1935 as eleições municipais. Esta serviu de ensaio para as disputas pela presidência as quais deveriam ocorrer em 1938. A possibilidade de alcançar o poder por meio do voto democrático, levou Salgado a redefinir a estrutura administrativa da AIB, pois a nova *Carta Magna* estabelecia como pré-requisito para a disputa, que os candidatos estivessem inscritos em partidos políticos reconhecidos pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (TSJE).

O problema era que o integralismo tinha sido criado enquanto um movimento cívico de estudos dos problemas nacionais não se enquadrando na categoria de partido político legalizado dentro do sistema democrático. Para se adaptar e poder concorrer às eleições municipais, em 07 de março depois do II Congresso Integralista em Petrópolis, a AIB deixava de ser um movimento cívico para se tornar um partido político, adequando-se ao sistema democrático. Quando fundaram o núcleo em Garanhuns, o integralismo já era um partido e deixou claro o seu interesse em disputar o pleito municipal:

BRASILEIROS!

⁹⁶ Sobre os conflitos em todo o país entre a AIB e a ANL, Cf.: LEVINE, R. *Op. Cit.* Além desse autor, João Ricardo de Castro Caldeira ao estudar o integralismo no estado do Maranhão, argumentou que um dos principais fatores que levaram a aceitação e intensificação da AIB no estado foi a presença da ANL. O anticomunismo também acabou assumindo um papel importante na história do integralismo maranhense. Cf.: Cf.: CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

Garanhuenses Honrados!

Na hora presente, quando a confusão dos partidos toldam os horizontes nacionais, pretendendo desagregar a família Brasileira, quando a noite que vem do Oriente ameaça nos envolver nas suas trevas, nos ditando a doutrina exótica e cheia de ódios de um povo que perdeu a noção de deus, o sentimento de patriotismo e o sagrado amor de sua família, todos os brasileiros que desejam a felicidade e grandeza da sua pátria devem emprestar o seu apoio a esse grande movimento nacional que é o Integralismo votando nos candidatos apresentados na chapa abaixo:

Antonio Tenório de Almeida – Professor.
Maria do Carmo Dourado Rodrigues – Doméstica.
Manoel Vicente da Cruz Gouveta – Comerciante.
Milton Correia Rezende Junior – Agricultor.
Jose Cordeiro Junior – Auxiliar do Comercio.
Manoel Caetano Ferreira – Operário.
Linduarte Leitão de Albuquerque – Motorista.
José da Rocha Barreto – Comerciante.
Manoel Alves Cordeiro – Operário.

(a) Eurico Lyra Chefe Municipal ⁹⁷

Esse texto foi escrito pelo médico Eurico Lira que assumiu, inicialmente, o cargo de Chefe Municipal da AIB. O autor retoma em sua escrita o tema do nacionalismo e da tradição cristã como bases do partido integralista o qual participava das eleições em Garanhuns com uma chapa de nove candidatos. Dentre os candidatos, estava a senhora Maria do Carmo Dourado Rodrigues – esposa de José Rodrigues da Silva (José Batatinha) um dos principais nomes da AIB de Garanhuns, como veremos no decorrer deste trabalho – indicando assim o interesse dos camisas-verdes no voto feminino da cidade. Nesse momento, estando em vigor a Constituição de 1934, foi concedido as mulheres o direito de participarem como eleitoras e candidatas nas disputas políticas do Brasil, que voltava a ser uma democracia após o golpe dado por Getúlio Vargas em 1930. Conseguindo nessa empreitada eleger um candidato a Câmara de Vereadores, Antônio Tenório de Almeida, bacharel em Direito, formado em 1936 e professor do Colégio Diocesano. O jovem vereador integralista aparece na seguinte foto apreendida pelos investigadores da DOPS-PE.

⁹⁷ LIRA, Eurico. BRASILEIROS! Garanhuenses Honrados!. *A Razão*. Garanhuns, 05 de outubro de 1935



*Antônio Tenório de Almeida, Vereador Integralista de Garanhuns em 1935*⁹⁸

Mesmo expondo o pensamento integralista, principalmente a oposição ao comunismo e ao liberalismo, observa-se o interesse de conseguir núcleos eleitorais para o partido da AIB por meio das caravanas através da recorrência de artigos como o citado acima. A conquista de votos de homens e mulheres deveria repercutir não apenas nas disputas municipais, mas deveria continuar formando um eleitorado "fiel" para as eleições presidenciais que já estavam marcadas para o início de 1938. No entanto, para dar continuidade da atuação da AIB, na referida cidade, questionamos quais foram os grupos sociais que se sentiram atraídos pelos discursos integralistas em Garanhuns? E quais as relações políticas que esses indivíduos mantiveram com os outros grupos presentes na cidade, principalmente a oligarquia rural e os correligionários do governo Vargas?

1.3. E a *Bandeira 07 de Outubro* chegou a Garanhuns

A interiorização da AIB-PE se deu, em grande parte, com a organização das *caravanas*, nas quais os militantes integralistas iam às cidades distantes da capital, com

⁹⁸ Foto de Antônio Tenório de Almeida, Vereador Integralista de Garanhuns em 1935 apreendida pelos investigadores do DOPS-PE. *Prontuário Funcional n° 29.078*. DOPS-PE/APEJE. (Grifo nosso)

intuito de conseguir apoio das oligarquias locais para implantação de novos núcleos. A cultura política dos municípios do interior nordestino, em um panorama geral, esteve marcada nas primeiras décadas do século XX, pela interferência das famílias oligárquicas, as quais opinavam e geriam as questões econômicas e políticas das cidades onde moravam.

Uma das caravanas da AIB-PE foi a *Bandeira 07 de Outubro* que estabeleceu, no ano de 1935, algumas sedes no interior de Pernambuco, chegando até às Alagoas. Expandindo o raio de ação da AIB-PE. Antes de partirem para o interior do estado, os membros dessa bandeira integralista foram a Rádio Clube discursar sobre a ideologia integralista e os inimigos nacionais aos quais estavam dispostos a combater. A repercussão pelo menos em Recife foi positiva, onde muitos se reuniram nas praças para ouvir os oradores da AIB falar.

As Palestras Integralistas de Ontem No Radio Clube

Pelo Microfone de PRA8 Os Membros da Bandeira Integralista Falaram Ao Povo Pernambucano E do Brasil.

Segundo estará anunciado realizou-se, ontem, de 21 às 23 horas, na “broadcasting” do Radio Clube, a irradiação das palestras integralista pronunciadas pelos membros da Bandeira Sigma presentemente em Recife.

Inicialmente o Chefe Provincial Dr. Abgar Soriano, dirigiu ao microfone algumas palavras apresentando os oradores integralistas.

Usou da palavra em seguida o universitário Almeida Sales que se dirigiu á mocidade das Escolas Superiores do norte do país, fiscalizando interessante teses doutrinarias do movimento.

Falou depois Mayrinck abordando a questão trabalhistas em face do integralismo.

Em seguida o Dr. Antonio Gallotti, economista e sociólogo, fez uma critica cerrada ao liberalismo e ao comunismo e uma erudita explanação doutrinaria do Sigma.

Falou por ultimo o jornalista Euripedes Cardoso de Menezes, nosso confrade da imprensa carioca, que abordou ainda outros temas da concepção integralista.

Como o povo Pernambucano assistiu as palestras de hontem.

Afim de que tivessem a maior divulgação possível as palestras ontem pronunciadas no Radio Clube, a “Ação Integralista Brasileira” fez instalar aparelhos de radio em vários pontos da cidade.

Assim, na Praça Maciel Pinheiro, na Praça da Independência, na rua Barão em vários outros pontos da cidade, o povo se aglomerava ouvindo a palavra dos oradores integralistas.⁹⁹

Nessa citação, os militantes que se encontravam no Recife, deram palestras a partir dos microfones da Rádio Clube sobre o posicionamento da AIB em relação a alguns assuntos e grupos políticos que ganhavam espaço no cotidiano político e social brasileiro. Depois, os jovens que formavam essa bandeira entraram pelo interior do estado implantando núcleos integralistas. As atuações desses foram noticiadas de maneira comemorativa pela revista

⁹⁹ As Palestras Integralistas de Ontem No Radio Clube. *Prontuário Funcional* nº 5997. Recife, DOPS-PE/APEJE (Grifo nosso)

Anauê, que destacou o heroísmo desses camisas-verdes e a aceitação de suas idéias entre os moradores das cidades interioranas de Pernambuco.

A referida *Bandeira* foi comandada pelo Chefe Ordival Gomes e com o apoio de Euripedes Cardoso de Menezes, Almeida Salles e Mayrink levaram às palavras do Sigma aos municípios do interior pernambucano.¹⁰⁰ Esses quatro jovens dividiram-se em três frentes, ficando sob a responsabilidade de Salles a parte norte do estado, englobando assim: Queimados, Surubim, Limoeiro, Pau d'Alho, Macapá (Macaparana), Timbauba, Floresta dos Leões (Carpina), Vicência e Nazaré da Mata. Menezes ficou com a região central, chegando até o alto Sertão, enquanto o Mayrinck, com a bandeira do Sul, estabeleceu núcleos em Bom Conselho, Catende, Canhotinho, Quipapá, Maraial, Palmares, Barreiros e Garanhuns. Enquanto Ordival Gomes coordenaria as atividades dos seus companheiros de farda. Sobre o suposto resultado dessa empreitada, a revista integralista *Anauê* registrou:

Quasi um mez ficaram no interior as bandeiras de penetração, conquistando cidades inteiras, ateando o incêndio verde no coração de milhares de patrícios nossos. Operários, lavradores, bacharéis, matutos, brasileiros de todas as origens e de todas as categorias sociaes vibraram ao ouvir a palavra sincera e entusiasta dos pregoeiros do Sigma! Pode-se assegurar sem o mínimo receio de contestação que morreu o comunismo no interior de Pernambuco.¹⁰¹

A presença desses integralistas nos municípios do interior do estado foi utilizada pelo corpo editorial da *Anauê* para discursar sobre o início do que seria o processo de desarticulação dos planos comunistas nessas localidades. Como em outros espaços, as atividades dos camisas-verdes de Garanhuns se davam a partir de um envolvimento no combate aos comunistas, apontados como a negação aos direitos de propriedade privada e, também, aos preceitos pregados e vivenciados por todos aqueles que comungavam do credo católico. Essa influência pode ser percebida na campanha para as eleições municipais, como na seguinte chamada do jornal *A Razão*: "BRASILEIROS DE GARANHUNS! Si amas a tua pátria, si prezas a dignidade de tua família, a ameaçada pelo comunismo, sufraga sem hesitação a chapa Integralista".¹⁰²

No artigo da revista *Anauê*, observa-se que os trabalhos e resultados individuais de cada bandeirante foram propagados para estimular outros, a exemplo de Mayrink em Garanhuns que depois de suas atividades havia deixado na cidade, segundo essa revista, a

¹⁰⁰ A foto destes integralistas podem ser vistos no Anexo 7.

¹⁰¹ Bandeira 07 de Outubro. *Revista Anauê de 1935*. Apud. *Prontuário Funcional n° 29108*. Recife, DOPS-PE/APEJE. (grifo nosso)

¹⁰² Brasileiros de Garanhuns!. *A Razão*, Garanhuns, 05 de outubro de 1935. p. 1 - APEJE

“semente plantada”, pois, no município “ficaram mais de 300 camisas-verdes! ‘Ninguém poderia ter feito melhor trabalho do que o que fez o nosso grande Mayrink’, – declarou-nos o companheiro Eurípides.”¹⁰³

A informação relativa ao tamanho do núcleo ou dos inscritos na AIB deste município entre os anos de 1935 a 1937, esbarra no fato que Mario Matos, Chefe Municipal, destruiu o fichário de inscrição dos militantes garanhuenses no decorrer do Estado Novo (1937-1945), com intuito de proteger os integralistas da repressão policial da DOPS.¹⁰⁴ Em contrapartida, mesmo sem o fichário do núcleo, os principais participantes da AIB local eram membros de relevância na sociedade garanhuense, não sendo difícil para os investigadores da DOPS-PE elaborarem suas próprias listas. Essas relações de nomes e endereços residenciais foram feitas pela polícia política no pós-1937 recebendo colaboração de alguns moradores do município que não simpatizavam com a AIB.

A estrutura de vigilância policial, mesmo no momento anterior ao Estado Novo, procurou construir um sistema de informações que pudesse dinamizar e legitimar a ação desses agentes da lei contra grupos e/ou indivíduos considerados subversivos. Em muitos momentos, as atividades da polícia política ocorriam no sigilo com a introdução de espiões em grupos políticos ou de supostos veranistas que passavam pelas cidades.¹⁰⁵ Como disse Michel Foucault: “[...] o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção[...].”¹⁰⁶ A prática de vigilância policial resultava na produção de relatórios chamados no jargão dos agentes da lei como parte policial.

Nesses documentos, os investigadores descreviam a rotina e os principais acontecimentos que envolvessem o grupo vigiado (integralistas ou comunistas). Num desses casos, o investigador nº77, policial que trabalhava anonimamente e estava ligado a DOPS-PE, tinha como missão mapear o crescimento da AIB-PE pelos municípios do interior. Em seu relatório, escreveu o seguinte sobre o integralismo em Garanhuns:

¹⁰³ Bandeira 07 de Outubro. *Revista Anauê* de 1935. *Apud. Prontuário Funcional nº 29108*. DOPS-PE/APEJE.

¹⁰⁴ O relatório policial que narra a destruição do fichário de controle dos militantes integralistas, pelo Chefe Municipal Mario Matos encontra-se no *Prontuário Funcional nº 1026*. DOPS-PE/APEJE.

¹⁰⁵ A construção de uma teia de informações pela DOPS entre as décadas de 1930 e 1940 foi objeto de estudos de Marcília Gama da Silva. Cf.: SILVA, M. 1996.

¹⁰⁶ FOUCAULT, M. 2006. p. 176.

No dia 11 [de agosto de 1937] dirigi-me, conforme vossas determinações para a cidade de Garanhuns, afim de fazer sindicancias em torno do movimento integralista naquela cidade, enquanto o investigador 90 ficava em Catende colhendo informações a respeito da ação policia do delegado local, Sgt. Louro. Passo a relatar o que foi apurado por mim e pelo investigador de numero acima referido:

Em Garanhuns a propaganda integralista não tem se disseminado tanto como em outras cidade do interior, Catende e Palmares, por exemplo. O núcleo dalli conta apenas com tresentos e cincoenta adeptos, não tendo talvez 100 simpatizantes isto é pessoas que, sem serem filiadas, gostem da idéia (...) Entre as pessoas filiadas destacam-se as seguintes que, embora ocupando posição de relevo na sociedade, não tem expressão política.¹⁰⁷

De acordo com esse relatório, cerca de 350 integralistas circulavam oficialmente pelas ruas da cidade de Garanhuns em agosto 1937. Confrontando esse número, fruto do olhar de um policial, com o censo organizado pelo governo em 1940, em que o referido município apareceu com 95. 632 habitantes, sendo que 29. 845 destes residiam no centro da cidade, onde ficava o núcleo central da AIB, percebe-se pouca “fecundidade” do integralismo na comunidade local.¹⁰⁸ Comparando o número de habitantes da cidade com os trezentos e cinquenta camisas-verdes somados aos cem simpatizantes, a leitura desse representante do governo, o investigador nº77, era de que os integralistas da cidade representavam um grupo restrito e de pouco poder político.

Muitos dos integralistas de Garanhuns contribuía com textos para o jornal *A Razão* indicando que boa parte dos militantes sabia ler e escrever. Lembrando que esse saber era um dos critérios para se tornar eleitor de acordo com a Constituição de 1934. Mesmo que em comparação com número de habitantes do município pareça que o integralismo teve pouca expressão política na região, na década de 1930, neste município, o índice de eleitores era muito baixo. Esses dados eram percebidos na organização para as disputas presidências, que pouco mais de 5.000 foram credenciados para exercer o direito ao voto. Não encontramos dados relativos às eleições municipais de 1935 nas fontes documentais, mas, a partir do número dos eleitores garanhenses aptos a votar em 1937, podemos supor que poucos moradores sabiam ler e escrever ou acabavam se envolvendo nas disputas políticas.

A força do integralismo na cidade pode ser percebida no fato que em pouco mais de três meses de presença em Garanhuns – a sede foi implantada em 29 de junho e as eleições ocorreram em 08 de outubro – o núcleo local conseguiu eleger um vereador, o bacharel em

¹⁰⁷ Relatório do investigador nº77. *Prontuário Funcional nº 1027*. Recife, DOPS-PE/APEJE. (grifo nosso)

¹⁰⁸ Cf.: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico: População e Habitação* – quadros de totais referentes ao estado e de distribuídas segundo os municípios. Série Regional Parte IX – Pernambuco – Tomo 1. 1940. Encontrado em: [http:// biblioteca.ibge.gov.br/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XI_t1_PE.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XI_t1_PE.pdf). Acessado em 06.09.2010.

Direito, Antônio Tenório de Almeida. Provavelmente, a aceitação do integralismo, entre os eleitores de 1935, em Garanhuns, se deu porque o partido de Plínio Salgado já gozava de um *status* positivo em todo o estado. Além de Almeida ser uma personalidade conhecida na cidade, jovem bacharel em Direito, professor do Colégio Diocesano e importante representante da intelectualidade leiga do município.¹⁰⁹

Mesmo que os membros da AIB desempenhassem suas atividades propagandísticas a partir de uma necessidade de combater o comunismo, buscando construir uma legitimidade alicerçada em um medo social de uma força política perniciosa, os principais opositores dos camisas-verdes na cidade eram liberais. Encontramos nos grupos que tinham ascendido ao poder político na cidade com a vitória de Vargas em 1930, o principal foco de resistência aos integralistas.

Nesse momento, o prefeito da cidade era Mario Lira o qual, paralelamente atuava como diretor do *Diário de Garanhuns* e servia como porta voz dos políticos da situação. No corpo editorial desse periódico, encontrava-se também Dário Rêgo, Grão-Mestre da loja maçônica os *Mensageiros do Bem*. Estando o referido jornal sob a orientação desses dois garanhuneses, além das contribuições de outros moradores da cidade que se colocavam como anti-integralistas, frequentemente publicavam artigos que tentavam deslegitimar a AIB, como o seguinte:

Respingos...

Diz o senador Costa Rêgo, no seu artigo: "Escola e Violência" publicado no "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro e transcrito aqui pelo Núcleo Integralista local, em boletim e no seu órgão oficial "A Razão".

- "O Integralismo condena os partidos. O Comunismo sustenta-se por um partido."

É esta uma afirmação do senador alagoano que contradiz a própria realidade dos fatos conhecidos e sabidos de todo o mundo, e até proclamados pelos integralistas mesmo.

Na verdade o Integralismo é um partido político, como os demais partidos políticos que atuam atualmente no Brasil. [...]

Ainda como demonstração de que o Integralismo é um partido político, temos aqui mesmo em Garanhuns um seu representante eleito para a Câmara de Vereadores do Município.

Como poderia o Integralismo, sem a condição *sine qua non* de partido político *ex lege*, concorrer as eleições de 8 de outubro próximo passado? [...]

Eu comparo a atitude do Integralismo perante a Democracia Brasileira com o criminoso punido pelo art. 267 do Código Penal e a do Comunismo com o delinquente punido pelo art. 268 do mesmo Código.

O primeiro quer vencer pelo engano.

O segundo pela violência.

Léo do Vale¹¹⁰

¹⁰⁹ Cf.: RÊGO, A. *Op. Cit.* e VIEIRA, A. *Op. Cit.*

¹¹⁰ Respingo... VI. *Diário de Garanhuns*. Garanhuns, 19 de janeiro de 1936. p.3 - APEJE

Vale ressaltar que, mesmo se tornando um partido e disputando as eleições, os líderes e intelectuais ligados a AIB procuravam distinguir o integralismo dos outros partidos políticos aos moldes liberais. Enquanto o integralismo pensava na união de todo o país em torno do ideal do Sigma, os liberais eram discursados como "retalhadores" do Brasil, diminuindo assim o potencial do país. Desse modo, ao apresentar o integralismo aos leitores do *Diário de Garanhuns*, na situação de um partido político como os outros que disputavam as eleições, Leo do Vale (pseudônimo de Morse Lira irmão do Prefeito Mario Lira), procurava deslegitimar os militantes da AIB colocando-os como mentirosos. Além disso, o jornalista colocou os integralistas no mesmo patamar de periculosidade dos comunistas, diferenciando apenas os métodos destes.

Dentro de pouco tempo de atuação na cidade, os integralistas começaram a modificar as relações e a produzir novas tensões políticas no cenário local. Não mais os oligarcas aliados à família Souto, ou qualquer outra família oligárquica, disputavam espaço entre a sociedade garanhuense com os correligionários de Vargas, mas jovens integralistas que vestidos com a farda verde da AIB transitavam pela cidade declarando-se inimigos dos comunistas ateus e dos liberais-democratas, ambos discursados pelos camisas-verdes como posturas ideológicas exóticas ao povo brasileiro. A partir desse momento, os discursos religiosos e de defesa da ordem social, foram introduzidos no cotidiano político de Garanhuns. Desse modo, os debates e propostas políticas expostos nas páginas do jornal *A Razão*, intercalavam os problemas e disputas locais com o que acontecia no resto do país.

Os líderes do integralismo na cidade de Garanhuns foram homens que exerceram atividades profissionais como médicos, dentistas, farmacêuticos, advogados, professores, funcionários públicos, comerciantes, estudantes e pequenos proprietários de terras. Contudo, ao investigarmos os laços familiares desses *camisas-verdes* garanhuenses, partindo das informações dadas por Alberto da Silva Rêgo e Alfredo Vieira, percebemos a existência de relações de sangue e, às vezes, política entre esses integralistas e grupos oligárquicos, ou com os colaboradores do governo Vargas.¹¹¹ Envolvendo assim os camisas-verdes locais em uma complexa rede de relações sociais, políticas e, por vezes, sentimentais com indivíduos e/ou grupos considerados a partir da doutrina da AIB como inimigos.

¹¹¹ Cf.: RÊGO, A. *Op. Cit.* e VIEIRA, A. *Op. Cit.*

Mesmo tendo de deixar de fora alguns exemplos de alianças e conflitos entre os camisas-verdes locais com outras coligações políticas, decidimos apresentar três casos de integralistas de Garanhuns: Eurico Pontes Lira, Mario Matos e José Rodrigues (José Batatinha).

O primeiro, Eurico Lira, era médico, filho de Zacarias Lira, proprietário da fazenda Valparaizo, em Serra Grande, Alagoas.¹¹² Os Liras eram uma família de usineiros que possuíam grande influência em Pernambuco do início do século XX, tendo entre os seus laços matrimônios ligados a família do governador do estado, Carlos de Lima Cavalcanti.¹¹³ Eurico Lira mudou-se para Garanhuns em 1930, ano em que entrando no Tiro de Guerra 45 (TG-45), conseguiu o posto de Tenente do Exército e lutou ao lado de membros de sua família, como Mario Lira que, posteriormente, foi escolhido pelo interventor Lima Cavalcanti para ocupar o cargo de prefeito revolucionário e depois, nas eleições de 1935, foi eleito deputado estadual. Os soldados do TG-45 aparecem na seguinte foto:



*Tiro de Guerra 45 – Outubro de 1930 – No Parque Euclides Dourado. Primeiro plano: Mário Lira, José Gaspar, Dr. Ivo Júnio, Tenente Amâncio Nunes. No segundo plano: Dr. Eurico P. Lira e Josafá Pereira.*¹¹⁴

¹¹² Comum encontrar nos documentos e fontes bibliográficas consultadas o nome dessa família com a ortografia Lira, ou Lyra. Adotaremos em nossa escrita essa última grafia com a letra i.

¹¹³ Cf.: CARLI, Gileno Dé. Açúcar no Brasil – Personalidades XVI – Salvador Pereira de Lyra. In.: *História de uma fotografia*. Recife, 1985. Disponível em: http://www.cbg.org.br/baixar/acucar_no_brasil_16.pdf. Acessado em 10 de janeiro de 2011.

¹¹⁴ RÉGO, A. *Op.Cit.* s/p

O dr. Eurico Lira, que nessa foto é o primeiro do segundo plano, dividia o seu tempo entre o consultório médico, as aulas de História ministradas no Ginásio Diocesano e as atividades no integralismo, isso no pós-1935. O jovem médico foi escolhido como o primeiro Chefe Municipal da AIB, sendo posteriormente promovido para o posto de Governador da 9ª Região da AIB-PE, correspondente aos municípios de Bom Conselho, Correntes, São Bento do Una, Jupi, Canhotinho, Cachoeirinha e Garanhuns. Ao entrar no integralismo, provavelmente, teve que enfrentar a oposição de alguns familiares como do próprio Mario e Morse Lira. Essa observação sobre desentendimentos entre os membros da família Lira alicerça-se na seguinte informação: Mario Lira, político importante do município nos anos 1930, teve de enfrentar um processo judicial por causa de uma denúncia dos integralistas locais de ter sido conivente com comunistas de Garanhuns durante a Intentona Comunista de novembro de 1935, quando alguns grupos de apoio a Luis Carlos Prestes tentaram dar um golpe de Estado no país.¹¹⁵ Enquanto Morse, advogado e jornalista do *Diário de Garanhuns*, o qual assinava Léo do Vale como pseudônimo, foi autor de vários textos de caráter anti-integralistas.

Outro integralista foi Mario Matos, dentista e professor do Ginásio Diocesano e Academia Santa Sofia, dava aula de História Natural, também se envolveu com o movimento armado que deu o poder a Vargas, em 1930. Durante a administração do prefeito Mario Lira, Mario foi secretário do mesmo e lançou o jornal *O Município* no ano de 1934, que serviu de voz para o grupo de situação política do município. O memorialista Alberto Rêgo ao escrever sobre Matos destacou: “No meio social não tinha inimigos, pois a todos tratava com lhanza, quer professassem a sua religião, o seu credo político-revolucionário constitucionalista e depois integralista.”¹¹⁶ Mesmo não pertencendo a uma família oligárquica, Matos foi um homem de classe média que alcançou certo prestígio político no município nos primeiros anos de governo Vargas e ao entrar na AIB ocupou o posto de Chefe Municipal, sucedendo Eurico Lira nos idos de 1935.

¹¹⁵ Essa acusação pautava-se no fato que na ocasião da intentona comunista, um grupo de camisas-verdes tomou às vezes de policiais e formaram uma barricada na saída da cidade, prendendo elementos considerados por eles como subversivos. No entanto, Mario Lira então prefeito, colocou os suspeitos posteriormente em liberdade. Motivando assim aos boatos de ser amigo de comunista, acarretando em um processo que se estendeu durante o ano de 1936. No final, Mario Lira acabou inocentado.

¹¹⁶ RÊGO. *Op.Cit.* p. 181

O terceiro, José Rodrigues da Silva era mais conhecido por José Batatinha, pequeno proprietário rural e comerciante, filho de Pedro Rodrigues da Silva que durante muito tempo foi Delegado de Garanhuns, mas deixou o cargo depois da saída de Estácio Coimbra do governo de Pernambuco por ação de Vargas em 1930.¹¹⁷ Batatinha casou com Maria do Carmo Dourado Rodrigues, filha de Ernesto da Costa Dourado, Conselheiro Municipal no fim da República Velha. A família Dourado era aliada de Antonio Souto Filho, principal político do município até o golpe de Vargas em 1930. Com o início da “Era Vargas” (1930-1945), a família Souto e muitos dos seus aliados perderam progressivamente o controle do poder político, pelo menos tiveram que lidar com uma oposição mais forte.

De acordo com a entrevista concedida pelo seu filho Ivaldo Rodrigues,¹¹⁸ Batatinha tinha estudado apenas um ano no colégio do professor Arthur Maia, no caso, Escola Raul Pompéia localizada na Rua do Recife (atual Dr. José Mariano), funcionando na residência do docente.¹¹⁹ Mesmo assim, o filho de Batatinha durante a entrevista fez questão de apresentar o pai como um homem culto que, indo à cidade de Garanhuns a qual ficava aproximadamente dois quilômetros do seu sítio, entrou em contato com panfletos integralistas e achou que deveria filiar-se ao movimento e, assim, chegaria a ocupar o posto de Secretário de Educação e Cultura Física da AIB.

Com esses três exemplos, queremos indicar a possibilidade que o integralismo, em Garanhuns, mais do que comportar membros de uma classe média, como a maior parte dos trabalhos sobre a AIB destaca, acabou ocupando, na cidade, um espaço para a atuação dos filhos de representantes de uma oligarquia "decaída" e também para os que estavam descontentes com os resultados do governo Vargas. Desse modo, mesmo que inicialmente o julgamento poderia ser de que os camisas-verdes locais, por exercerem em sua maioria atividades profissionais nas áreas do comércio e na prestação de serviços, esses mantinham fortes laços com grupos tradicionais da política local. Essas ligações tornaram-se mais claras durante o Estado Novo, quando os integralistas locais tiveram o apoio de oligarcas para manterem suas atividades na clandestinidade na cidade, como veremos no terceiro capítulo.

¹¹⁷ Alfredo Vieira no seu livro *Garanhuns do meu tempo*, dedicou um capítulo ao pai de José Batatinha, o delegado Pedro Rodrigues da Silva, descrito como um homem sério e defensor do governador do Estado Estácio Coimbra (1926-1930). Quando Vargas chega ao poder por meio do golpe de 1930 e escolheu o usineiro Carlos de Lima Cavalcanti para a interventoria do Estado, exilando o ex-governador Coimbra, o senhor Pedro pediu demissão em sinal de fidelidade. Cf.: VIEIRA, A. *Op. Cit.* p. 123-129

¹¹⁸ RODRIGUES, Ivaldo. *Entrevista*. Recife, 03 de Setembro de 2001.

¹¹⁹ Dr. Ivaldo Rodrigues tinha falado que o seu pai passou um ano no colégio de Artur Maia, depois procuramos entre as biografias escritas por Alberto Rêgo e descobrimos o nome da escola e a sua localidade. Cf.: RÊGO, A. *Op. Cit.* p. 110 – 113.

Além dessas relações entre os integralistas e grupos políticos tradicionais, o que encontramos nas fontes foi um movimento composto em sua maioria de jovens estudantes ou homens que tinham começado, há pouco tempo, suas carreiras profissionais e políticas. Em um dos prontuários da DOPS-PE, encontram-se fotos apreendidas de integralistas em congressos, passeatas, ou simplesmente pousando para saírem bem no retrato. Dentre essas, encontra-se a seguinte:



*Foto de integralistas de Garanhuns.*¹²⁰

Mesmo não possuindo nenhum tipo de informação sobre as pessoas que compunham essa imagem, no prontuário da DOPS-PE onde a encontramos, conseguimos reconhecer o primeiro integralista (no lado esquerdo da foto), Antônio Tenório de Almeida, bacharel em Direito da turma de 1936, estudando na classe de Luiz Guimarães Ribeiro, que aparece na foto anterior do grupo “*Como era verde o meu vale*”. A identificação desse integralista partiu, inicialmente, da entrevista com Ivaldo Rodrigues, quando foi mostrada a ele a foto e o mesmo reconheceu o “Professor Almeida”, o segundo homem era também um docente na área de agronomia, Joaquim Moreira.¹²¹ Lembramo-nos da análise de Giselda B. Silva em relação aos

¹²⁰ Foto de integralista de Garanhuns. *Prontuário Funcional nº 29.078*. DOPS-PE/APEJE (grifo nosso)

¹²¹ RODRIGUES, I *Entrevista*. Recife, 03 de Setembro de 2001.

laços de amizade entre os intelectuais que estudaram na Faculdade de Direito do Recife, encontrando entre esses um terreno fértil para o comprometimento com as ideias de cunho nacionalistas.¹²²

Observa-se em todas as fotos dos membros integralistas expostas nesse trabalho, incluindo as do anexo, a presença de homens e mulheres jovens, muitos estudantes ou recém-formados. Outra característica desses militantes é que, muitos deles ou por causa da contribuição no jornal integralista, ou pelo exercício profissional, figuravam na sociedade garanhunense como uma elite intelectual, mesmo os que não possuíssem títulos acadêmicos, desenvolveram intensa atividade doutrinária no município.

A intelectualidade, como compreendemos em nosso trabalho, acaba então abrangendo indivíduos pertencentes as mais diversas classes sociais e econômicas, estando interligados a partir do investimento em certo capital de conhecimento, na produção e legitimação de verdades. Constituindo não uma classe social, mas uma categoria social, como expôs Michael Löwy. Assim, advogados, professores, médicos, comerciantes, fazendeiros, funcionários públicos, barbeiros, desempregados, estudantes, podem ser classificados enquanto intelectuais, dependendo de sua atuação ideológica, ou da aquisição de saber de cada um.¹²³

O caráter jovial dos integrantes e o potencial intelectual foram utilizados na propaganda do movimento, colocando esses como agentes de uma mudança que os velhos políticos do liberalismo não teriam condições de efetuar. Como no seguinte artigo que saiu no jornal *A Razão*:

Os partidos liberais congregam em geral, homens velhos, ineficientes, para uma luta, e os poucos jovens que neles se alistaram tem a sua capacidade de ação diminuída pelo otimismo burguês e displicência da liberal democracia. Resta, como força eficiente, mobilizável em caso de sedições comunistas ou de guerra civil, a juventude integralista, que hoje constitui a guarda de cada cidade, em defesa dos lares e dos templos, sempre pronta a cooperar com as autoridades na sustentação dos princípios cristãos da sociedade brasileira.¹²⁴

O perfil dos membros da AIB em Garanhuns, formado por jovens estudantes, ou recém-formados, juntamente com homens públicos, aponta para o fato que esses começaram a associar o cenário político local aos temas nacionalistas, anticomunistas e a defesa de preceitos religiosos. Desse modo, o integralismo surgia como um movimento formado por

¹²² SILVA, G. 2011.

¹²³ LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*, a evolução política de Lucács (1909-1929). Coleção Histórica e Política. São Paulo: Lech Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. p.1

¹²⁴ Jovens integralistas *versus* velhos liberais. *A Razão*. Garanhuns, 05 de outubro de 1935. p.3 – APEJE.

uma mocidade com vontade de empreender as mudanças, que os mesmos, acreditavam necessárias ao país. Diferente dos políticos liberais, vistos por esses camisas-verdes como velhos inaptos e acuados pelas ameaças estrangeiras. Talvez essa oposição entre os jovens integralistas *versus* os velhos liberais, juntamente com as propostas que formavam a doutrina do sigma (Σ), tenham contribuído para a formação de um grupo de camisas-verdes mais eclético, em Garanhuns, colocando em campos opostos membros de uma mesma família, ou ex-colegas de partido políticos.¹²⁵

1.4. O anticomunismo dos integralistas de Garanhuns

A inscrição de alguns membros da sociedade garanhuense dos anos 1930, nas fileiras integralistas, possibilitou a construção de espaços de atuações e adaptações dos ensinamentos do Sigma na região. Mas, dentre as propostas doutrinárias presentes nos ensinamentos da AIB, quais foram os que tiveram maior receptividade e estiveram nas propagandas políticas do referido partido na cidade? Vamos adentrar nas memórias e tentar conhecer algumas razões que atraíram moradores da cidade ao movimento criado e liderado por Plínio Salgado.

O ato de narrar histórias está ligado a experiências de vidas tanto de pessoas simples como daquelas que assumiram posições de destaques no campo político, intelectual, econômico e religioso. Nesse caso, utilizamos os depoimentos de dois partidários do integralismo de Garanhuns como indícios de uma cultura política que se criou em torno do núcleo da AIB local. Nessa empreitada, lembramo-nos dos ensinamentos de Henri Bergson em *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, que

[...] a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas[...]¹²⁶

¹²⁵ No levantamento efetuado no jornal A Razão e na documentação da DOPS-PE, localizamos sobrenomes como Brasileiro, Souto, Jardim, Vieira, Lira dentre outros, que indica como os jovens das famílias tradicionais de Garanhuns tinham percebido na AIB uma oportunidade de construir uma carreira política ou intelectual.

¹²⁶ BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 31

Com esse autor que trabalha tanto com o fisiológico (cérebro) como com o subjetivo (memória), entendemos que a percepção em relação às imagens e as relações sociais, partem de lugares singulares, formulados a partir de experiências passadas que particularizam aquilo que é vivenciado não só por ele, mas por uma coletividade. No caso, os depoimentos dos garanhenses que participaram da AIB não foram entendidos como verdades sobre um passado político da cidade, mas como fragmentos subjetivos relativo a um tempo e à relações que não podem ser compreendidos de uma maneira total e/ou homogênea.

Dentro do quadro de militantes da AIB, de uma maneira geral, existiam os *camisas-verdes*, formado por homens e jovens que assumiam a administração e o papel de doutrinador do movimento, enquanto as mulheres eram chamadas de *blusas-verdes*, responsáveis pela instrução dos infantis e serviços assistencialistas. Além desses, havia também os *plinianos*, nome dado às crianças que introduzidas pelos pais, recebiam educação e formação doutrinária do integralismo.

Essas crianças que também possuíam suas fardas, acompanhadas das calças curtas, símbolo da menoridade, viam os seus pais, tios e os amigos da família desfilando em comícios da AIB, ou simplesmente ostentando os signos do movimento em seus afazeres profissionais ou políticos pela cidade. Uma das entrevistas concedidas foi de um ex-pliniano, o médico Ivaldo Rodrigues. Introduzido na AIB pelo seu pai, José Rodrigues (José Batatinha), um dos mais atuantes integralistas de Garanhuns, em seu depoimento, o dr. Rodrigues voltou-se a falar de suas lembranças sobre o seu pai, que em certo momento disse:

Plínio Salgado representava naquela época o sentimento de pátria e o movimento marxista internacional; meu pai adorava a pátria dele e com esses conhecimentos que adquirindo no partido integralista, ele achou que devia desenvolver ainda mais esta trilogia integralista: Deus, Pátria e Família, porque o marxismo, o comunismo naquela época era agnóstico, era ateu, ele era um homem que aos trinta anos acedeu e sentiu a necessidade de Deus na vida dele ele que era meio agnóstico, tornou-se um deísta um católico e extremou-se no seu catolicismo, dedicou-se ao catolicismo como era dedicado a família e ao despertar para a pátria através destes movimentos partidários que existiam no passado e que não satisfaziam a ele de maneira alguma, agora o partido integralista satisfazia porque ele como autodidata que começou a ler, a entender o integralismo e sempre se propunha a lutar contra o comunismo porque ele via no comunismo uma negação de Deus, e essas internacionalização não o agradava não [...]¹²⁷

Antônio Torres Montenegro diz em *História, metodologia e memória* que a memória é formulada a partir de seleções, cujas lembranças e esquecimentos são articulados na

¹²⁷ RODRIGUES, Ivaldo. *Entrevista*. 03 de Setembro de 2001.

reconstrução de um tempo que passou.¹²⁸ Essa observação de Montenegro contribui na análise da citação do ex-pliniano, que ao falar sobre o seu pai – já falecido no momento da entrevista – observa-se as supervalorizações e reformulações de alguns acontecimentos, indicando o sentimento de um filho que se orgulha da imagem do seu pai. Ou pelo menos da figura elaborada por ele a partir de uma percepção afetiva que construiu em relação a este. Os sentidos discursivos pretendidos por Ivaldo Rodrigues, ao descrever a participação do seu pai na AIB, procura direcionar a compreensão em relação a personalidade do seu genitor alicerçando-a nos elementos que constituía o lema: *Deus, Pátria e Família*.

Os sentimentos religiosos, patrióticos e o medo de uma doutrina estrangeira, aparecem como elementos que justificavam a participação de seu pai na AIB. Enquanto Plínio Salgado e o partido político criado por ele representavam uma resposta patriótica e espiritualista aos que ousassem levantar-se contra a nação. Com essa abordagem, o depoente sinaliza uma das formas como Salgado era percebido como um brasileiro cristão e preocupado com a nação.¹²⁹ Diferenciando-se das abordagens de alguns trabalhos acadêmicos em que Salgado e o integralismo foram percebidos como mimetismos dos líderes e movimentos de extrema direita europeu. Não queremos com essa análise descartar, ou negar as influências doutrinárias entre o integralismo e o fascismo, nazismo, salazarismo, etc., mas desejamos indicar que essa não é a imagem que os militantes, pelo menos esses de Garanhuns, tinham com relação ao Chefe Nacional e seu movimento ideológico.¹³⁰

Somando ao depoimento de Ivaldo Rodrigues, destacamos o que o ex-integralista Almir Zaidan, membro de uma família de comerciantes da cidade e ex-redator-chefe do jornal *A Razão*, comentou sobre suas experiências no movimento em Garanhuns. Esse falou: “Era

¹²⁸ Cf.: MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

¹²⁹ Evidente que esse olhar não chega a ser uma inovação, pois Giselda Brito Silva, em seus trabalhos de pesquisas sobre o integralismo no Estado de Pernambuco, já tinha percebido e escrito sobre o assunto. No entanto, a fala desse depoente serve para entendermos como as percepções nacionalistas e religiosas foram construídas e ainda são critérios importantes na forma de ver e vivência o mundo. Sobre a construção de percepções sobre a realidade a partir de imagens advindas da memória individual que reformulam seus valores de acordo com as suas subjetividades. Cf.: BERGSON, H. *Op. Cit.*

¹³⁰ As acusações feitas na época que o integralismo não passava de uma imitação dos movimentos de extrema direita europeu, levou os líderes e intelectuais associados à AIB a tentarem construir discursos doutrinários em que o aporte teórico fosse autores brasileiros. Dentre esses, os mais citados eram Alberto Torres, Farias Brito e Euclides da Cunha. Percebendo essa necessidade de legitimação do integralismo enquanto movimento nacionalista, o historiador Alexandre Blankl Batista em *Mentores da Nacionalidade*, escreveu: "Apesar de apreciar os clássicos estrangeiros da literatura, insistia [Plínio Salgado] que a intelectualidade brasileira deveria se voltar para os autores nacionais. Esse apreço por pensadores brasileiros pode ser incluído como um elemento fundamental de seu nacionalismo." BATISTA, Alexandre Blankl. *"Mentores da Nacionalidade": a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. p43

um partido que vinha combater o comunismo e Garanhuns estava cheio de comunistas e tem a trilogia: Deus, Pátria e Família.”¹³¹ A partir das falas desses dois garanhuneses, podemos perceber que alguns temas se repetem, indicando assim quais eram as preocupações deles e de outros militantes na cidade. Além disso, confrontando esses depoimentos com outras fontes documentais e trabalhos acadêmicos, observamos como os integralistas de Garanhuns entendiam o cenário político local, nacional e internacional.

A leitura da obra *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs foi imprescindível, principalmente no que concernem as formulações das memórias pessoais, – momento em que o depoente olha para o seu passado e a partir daí reconstrói caminhos, desejos e experiências – processo esse que não se dá de maneira isolada. Mesmo que o depoente se volte a acontecimentos de sua vida particular, esse não estava só, pelo contrário, o testemunho dado por ele encontraria apenas um sentido a partir do momento que se articulasse com uma memória coletiva, com tempos, lugares e acontecimentos que fossem também comuns a outros.¹³² Sobre a memória coletiva e suas especificidades, a psicóloga Ecléa Bosi disse: “Há, portanto, uma memória coletiva (no caso, a produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão), a qual se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade e permanência àquela classe.”¹³³

Ao rememorar o seu passado enquanto militantes integralistas, Ivaldo Rodrigues e Almir Zaidan indicam que a AIB representara, naquele momento, uma oportunidade de enfrentar os comunistas em uma cidade que se acreditava, ou pelo menos se discursava estar repleta deles. Zaidan, ao ser perguntado sobre presença de membros da esquerda no município, falou: “[havia] muitos, muitos mesmo, bastante, tinha jornais, tinha sede, tinha tudo.”¹³⁴ Nesse momento, percebe-se a intenção do depoente de intensificar a ameaça que ele acreditava, ou acredita que a cidade de Garanhuns vivia nos anos 1930, pois os comunistas eram considerados inimigos de tudo que os integralistas acreditavam proteger.

Dessa forma, possuir a estrutura física e política tida pelos comunistas na cidade, segundo Zaidan causava certa preocupação entre os camisas-verdes locais. A presença desses, também “alimentava” o medo com relação ao futuro da cidade, consecutivamente da nação, caso nada impedisse a expansão deles.

¹³¹ ZAINDA, Almir. Entrevista. São Paulo, 01 de Abril de 2009.

¹³² Cf.: HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca. Vertice, 1990.

¹³³ BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.22

¹³⁴ Z Aidan, A. Entrevista. São Paulo, 01 de Abril de 2009.

Enquanto fenômeno histórico, o medo recebe contornos adequados ao cotidiano ao qual foi urdido, fazendo sentido para aqueles homens que o sentem e divulgam essa sensação em determinados momentos históricos.¹³⁵ Esse sentimento pode gerar respostas distintas nas pessoas, ou grupos sociais. Alguns ficam “congelados”, retraídos em frente ao que desestabiliza o seu ser e desconstrói o seu mundo. Enquanto outros, paradoxalmente, encontram no medo de algo e/ou alguém o impulso para agir, tentando isolar ou destruir aquilo que teme. Esse complexo e instável sentimento surge na propaganda política. Nas primeiras décadas do século XX no Brasil, como um elemento de conquista, de sedução daqueles que desejavam proteger os pilares que sustentavam o seu mundo. Dessa forma, ao apresentar o ressentimento em relação ao comunismo por parte dos integralistas, torna-se relevante entrelaçar a memória individual de Almir Zaidan e/ou Ivaldo Rodrigues sobre o seu pai, com o momento histórico rememorado por eles.

Destarte, incluindo os exemplos destes ex-integralistas de Garanhuns, no momento histórico correspondente às décadas de 1930 e 1940 no Brasil, encontramos um lugar em que a imagem comunista foi confeccionada a partir de um lugar de “inimigo”, tanto dos símbolos e valores nacionais, como do direito a propriedade privada e da religião cristã. Rodrigo Patto Sá Motta na obra *Em guarda contra o perigo vermelho*, trouxe algumas questões, relevantes ao nosso trabalho. Inicialmente, esse autor argumentou que a imagem, ou as imagens anticomunistas possuem matrizes distintas que, entrelaçadas ou não, moldavam e reformulavam o entendimento do que seria a ameaça “vermelha”. Dentre essas matrizes, Patto apontou como principais o catolicismo e/ou religioso, nacionalismo e liberalismo.¹³⁶ No caso de nossa investigação, as estratégias discursivas partiram em grande parte de uma perspectiva religiosa e nacionalista que serviram de bases para a confecção do anticomunismo a partir do integralismo.

A exemplo disso,

[...] nossa Pátria corre o perigo de ser aniquilada pelo comunismo materialista e pagão; a onda vermelha de Moscou ameaça deshonrar a família brasileira, quebrar nossos altares menosprezar o que nos é sagrado, substituir a cruz pela foice e pelo martello bolchevista, profanar os nossos templos, etc... Os crentes evangélicos desejam mais ainda? Ainda ficarão indiferentes? Dizendo ser um movimento clericalista?! Horror! Falta de consciência! Muito mais intolerantes do que os

¹³⁵ Dentre as obras que tratam sobre a utilização do medo nas estratégias políticas, buscando em suas análises compreender esse sentimento como fenômeno histórico, destacamos: DIAS, F. *Op. Cit.*; MONTENEGRO, A. 2010; e CAVALCANTI, E. *Op. Cit.*

¹³⁶ Cf.: MOTTA, R. *Op. Cit.*

católicos. Há poucos dias um padre me disse: “estamos dispostos a nos unir em “frente única” – Padres e Pastores protestantes, católicos e crentes evangélicos, afim de que unidos, formemos uma força, de ideal e ação, e combatermos o inimigo comum de todas as religiões”. Bem dita “frente única” se fosse formada! Se houvesse a mesma preocupação de brasilidade do outro lado.

Puzessem acima da animosidade contra os Padres, o amor da Pátria. Quizessem ler os nossos livros com os olhos marejados de lagrimas em pensar o que não seria esta Pátria se triunfasse o comunismo da “Aliança libertadora”. Abri os vossos corações. oh! crentes evangélicos! Sede mais brasileiros do que sequitaristas! Vêde, os norteamericanos estão em mofando do vosso patriotismo! Dizendo: Essa gente é inferior”!

Pensaes ser exagero meu. Não. Tenho fatos que comprovam as minhas palavras. Um dia eles virão à luz.¹³⁷

Essa citação foi retirada de um dos artigos do jornal integralista de Garanhuns, na qual ameaça aos alicerces nacionais e ao cristianismo que era representada pelo comunismo, aparecem de maneira explicita. Uma observação em relação a esse artigo foi que os integralistas da cidade referida tentaram, nos primeiros meses de funcionamento, atrair os protestantes da cidade para participarem da AIB e o argumento, como se percebe, foi a de que todos os cristãos deveriam unir forças contra o inimigo da fé, o comunismo.

No entanto, entre os discursos dos intelectuais integralistas, percebe-se uma falta de consenso entre os limites conceituais sobre o que seria o inimigo nacional, podendo esse ser caracterizado como comunista, judeu, maçom e liberal-democrata, ou uma mescla de mais de um desses elementos. Isso pode ser encontrado ao confrontar as produções intelectuais dos integralistas Gustavo Barroso e Plínio Salgado.¹³⁸ O primeiro entendia que a verdadeira ameaça estava nos judeus, acusados de tentarem dominar o mundo a partir de uma teia de dependências financeiras; enquanto Salgado dedicou boa parte de suas discussões ao embate entre as forças materiais (representados tanto pelos capitalistas como pelos comunistas) *versus* espirituais (os integralistas). Essa batalha, como foi desenvolvida no livro *O que é o Integralismo*, ganha na escrita de Salgado ares místicos e *ahistórica*, como um fenômeno que

¹³⁷ Pontinhos... . *A Razão*. Garanhuns, 30 de novembro de 1935. p. 2 - APEJE

¹³⁸ As distinções entre as maneiras de perceber o inimigo da AIB, logo do país, entre Salgado e Barroso, levou a boatos de desentendimentos e rachas internos no movimento. Procurando manter a imagem de unidade ideológica entre os militantes, Barroso foi a público desmentir os rumores de querelas integralistas. Essa declaração foi publicado no jornal *A Razão*, pertencente ao núcleo integralista de Garanhuns: “O escritor Gustavo Barroso membro do Supremo Conselho Integralista e líder de destacada atuação no movimento dos camisas-verdes, aqui chegado desde sábado, foi ouvido pelos jornaes, fazendo as seguintes declarações: Não houve, não há, nem haverá jamais crises na Ação Integralista Brasileira. Plínio Salgado sempre foi, é e continuará a ser o chefe único do nosso movimento. Um dia terá fim a imaginação dos Reporters que vivem sonhando desavenças impossíveis entre minha pessoa e o Chefe Nacional. É tudo o que tinha a dizer a respeito.” Gustavo Barroso Desmente os Inimigos do Sigma. *A Razão*, Garanhuns 19 de julho de 1936. p.4. *Apud. A Cidade*. São Paulo, 13 de julho de 1936.

sempre existiu e que tinha encontrado no integralismo o legítimo representante dos preceitos espirituais.¹³⁹

Nesse sentido, comunistas e liberais, mesmo antagônicos ideologicamente, apareciam como efeitos distintos de um mesmo mal, o materialismo.¹⁴⁰ Sobre essa questão, o historiador Rodrigo Santos de Oliveira escreveu:

Mas o termo materialismo utilizado pelo integralismo não apresenta uma definição restrita, varia de acordo com o sentido do contexto em que é empregado. Assim materialismo, poderia ser “império do indivíduo”, o capitalismo, o comunismo, ou o liberalismo, poderia ser a reunião de todas essas concepções. Poderia subordinar um ao outro, colocando o comunismo como um “filho” do liberalismo, ou o capitalismo ao comunismo. Poderia ser uma dominação política, moral e de costumes ou apenas econômico. Poderia surgir com o pensamento humanista dos séculos XVIII e XIX ou estar sempre presente na história do homem.¹⁴¹

Em Garanhuns, como em outras partes do país, a imagem do comunismo foi construída e reproduzida pelos integralistas associada ao caráter *antinacional* e à questão do *ateísmo* religioso. Dessa forma, a construção discursiva sobre o suposto inimigo nacional passava por associações entre vários elementos, percebidas como incompatíveis a realidade política e social do país. Como no artigo *Coluna da Juventude*, do jornal *A Razão*, em que certo momento apareceu:

Este movimento intelectual e moral que não tardará a ser o regime governante do Brasil.
Abandonado por certos filhos desonestos, sem caracter, sem pudor e enfim um aniquilador do bem estar social.
Estes são os que se dizem – “Comunistas” mas, na realidade não são, porque todos Brasileiros são honestos.
E assim sendo, não admite esta idéia torpe.
E escravizado pelo Judeu que querem açambarcar o mundo. Mas o Brasil elles não o dominarão.
Porque, para impedir que isso acontecesse foi que nasceu da terra banderante, a figura sincera de Plínio Salgado, enviado por Deus, para rescontituir e livrar a nossa Patria do abismo que ia sendo encaminhada pelo cerebro corrompido dos burguezes insuflados pelos judeus.¹⁴²

Comunistas, judeus e burgueses (liberais) foram representados como inimigos nacionais, enquanto Plínio Salgado figurava como um escolhido por Deus para proteger o país

¹³⁹ SALGADO, Plínio. *O que é Integralismo*. 4ª edição. Rio de Janeiro: SCHMIDT-EDITOR, 1937.

¹⁴⁰ Torna-se relevante destacar que o materialismo citado por Salgado possuía o sentido da preocupação com as coisas terrenas, longe do ideal espiritual pregado por ele no integralismo. Distanciando-se das teorias relativas ao Materialismo Econômico de Karl Marx e seus seguidores.

¹⁴¹ OLIVEIRA, R. 2004. p.76

¹⁴² Coluna da Juventude. *A Razão*. Garanhuns, 01 de novembro de 1935. p. 3 - APEJE

das forças perniciosas. Porém, a partir de 1937, o comunismo começou a ser associado com maior frequência, nesse município, com a maçonaria. Essa reformulação, ou inclusão de outros elementos na imagem de inimigo nacional, teve como motivação o envolvimento de alguns comerciantes de Garanhuns, associados à loja maçônica *Os Mensageiros do Bem*, em uma campanha anti-integralista, atacando diretamente o nome do então candidato à presidência da República, Plínio Salgado.

Essa mudança na imagem do inimigo serve para observarmos como o conceito de anticomunismo que teve grande peso na produção intelectual da AIB, em Garanhuns, possuía então uma definição flexível, reformulando-se de acordo com os interesses dos que reproduziam os discursos. A prática política na cidade e a vivência da doutrina integralista serão objetivo de análise do segundo capítulo.

1.5. Possíveis itinerários dos camisas-verdes em Garanhuns

Ao desfilarem, ou simplesmente passarem em direção ao trabalho na Av. Stº Antonio ou ao núcleo da AIB na Rua Dantas Barreto, os integralistas de Garanhuns construíam um mapa da cidade, onde os símbolos, discursos e saudações (Anauê) integralistas poderiam ser presenciados pelos moradores da cidade. Ao pensar na história da cidade de Garanhuns sob atuação dos camisas-verdes, lembramo-nos de uma observação da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, na qual

[...] a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo.¹⁴³

Esses elementos que dão “vida” à cidade, ou como falou Pesavento, dando às cidades um “pulsar de vida”¹⁴⁴ aos espaços dessa, vai ser nosso escopo nesse momento. No entanto, como sujeitos históricos, temos os integralistas de Garanhuns nos anos 1930. Em relação às prováveis cartográficas elaboradas pelos passos dos integralistas em Garanhuns, selecionamos

¹⁴³ PESAVENTO, S. *Op. Cit.* p. 14

¹⁴⁴ *Ibid.*

aqui as que envolviam a maior concentração residencial e lugares onde trabalhavam os seguidores de Salgado.

Essa seleção utilizou como critério os espaços citados nos jornais locais e/ou nas fontes produzidas pelos investigadores da DOPS-PE e de memorialistas. A concentração das moradias dos integralistas ficava nas ruas Dantas Barreto, Dr. José Mariano (Rua do Recife), Dr. Severino Peixoto, Melo Peixoto e nas avenidas Dr. Jardim e Santo Antônio. Sendo que todas as ruas, citadas aqui, davam acesso a esta última avenida - principal artéria comercial da cidade -. Como discursou Certeau: “Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares”,¹⁴⁵ nesse caso, o centro da cidade de Garanhuns foi o principal palco em que os integralistas atuaram, não impedindo evidentemente a presença dos mesmos em outras áreas do município.

O fascínio construído em torno do universo simbólico e doutrinário da AIB deveria ser vivenciado não apenas nas dependências da sede, mas nos vários espaços do município. Ao ser perguntado sobre a presença e a frequência de encontros no núcleo e a importância desse espaço, Almir Zaidan, ex-integralista de Garanhuns, falou: “Era reunião somente semanal para tratar de assuntos de adesão, de criar medidas que se deveria se tomar, que deveria se fazer.”¹⁴⁶As reuniões no núcleo serviam para estabelecer os métodos de organização e dinamização das atividades da AIB nas ruas, com interesse de conseguir novos adeptos para as fileiras integralistas. A sede da AIB em Garanhuns ficava na Rua Dantas Barreto, onde também se localizava a estação ferroviária, um dos símbolos da modernização da cidade, que pode ser vista na seguinte imagem:

¹⁴⁵ Ibid. p. 163

¹⁴⁶ ZAIDAN, Almir. *Entrevista*. São Paulo, 01 de Abril de 2009



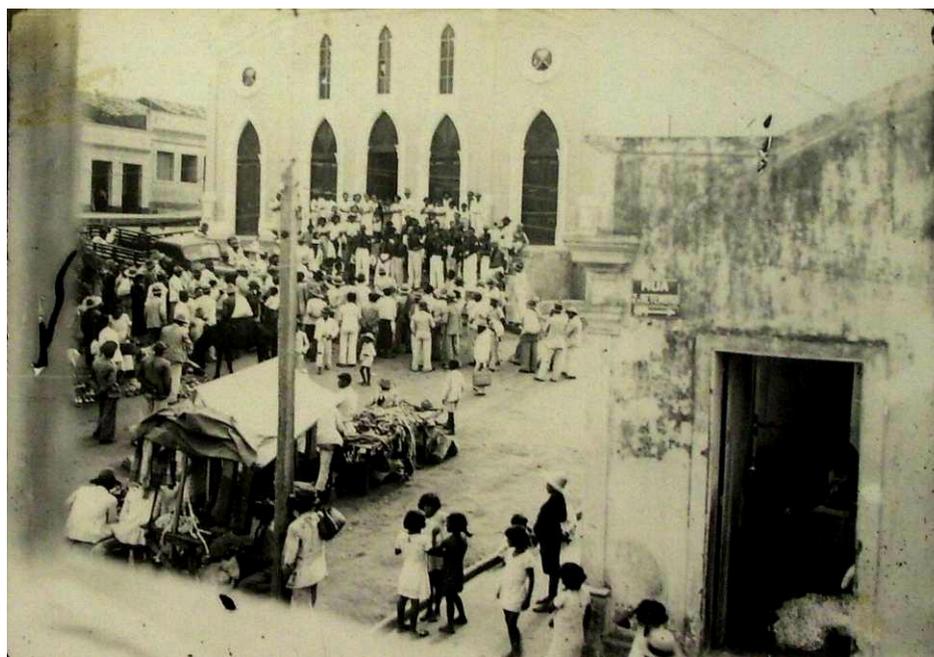
*Banda Marcial da Ação Integralista Brasileira de Garanhuns em frente à Estação Ferroviária do referido município.*¹⁴⁷

Nessa fotografia, a banda da AIB abria o caminho para uma passeata de camisas-verdes pela Rua Dantas Barreto. Como pano de fundo da foto, a estação ferroviária, local movimentado pelas chegadas e saídas de visitantes e dos próprios integralistas que iam e vinham de trem da capital do estado, ou de cidades vizinhas. Paralela a essa rua, fica a Av. Stº. Antônio, centro comercial, por onde esses passaram e terminaram seu desfile em frente à Catedral de Santo Antonio, como se pode ver nas imagens abaixo:

¹⁴⁷ Foto da banda integralista em frente à estação ferroviária de Garanhuns. *Prontuário Funcional n° 29.078*. DOPS-PE/APEJE (Grifo nosso)



*Banda Marcial da Ação Integralista Brasileira de Garanhuns passando na Av. Santo Antônio.*¹⁴⁸



*Encerramento do desfile integralista pelas ruas de Garanhuns.*¹⁴⁹

Ao apresentar a imagem como uma seleção de símbolos estáticos na representação de uma perspectiva de realidade, lembramo-nos da análise de Boris Kossoy, quando disse: "Toda fotografia é um testemunho um filtro cultural, ao mesmo tempo [em] que é uma criação a

¹⁴⁸ Foto da banda integralista em frente à estação ferroviária de Garanhuns. *Prontuário Funcional n° 29.078.* DOPS-PE/APEJE (Grifo nosso)

¹⁴⁹ Foto da banda integralista em frente à estação ferroviária de Garanhuns. *Prontuário Funcional n° 29.078.* DOPS-PE/APEJE (Grifo nosso)

partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho".¹⁵⁰ No caso dessas fotografias dos integralistas em Garanhuns, mesmo não sabendo se a sua finalidade seria de vendê-la ou distribuí-la (encontramos dois exemplares no arquivo da DOPS-PE), percebe-se, na imagem, que, além da representação da organização, nota-se também a estratégia do fotógrafo em colocar a passeata dos integralistas em perspectiva, partindo de um ponto de fundo estabelecido no horizonte, criando uma perspectiva de profundidade, deu à fotografia uma impressão de grandiosidade dos que desfilavam pelas ruas da cidade.

A agitação em torno da estação ferroviária, lugar aonde as notícias da capital chegavam primeiro, pelos comentários dos passageiros ou nas páginas dos jornais e revistas dos grandes centros do país, atualizando assim os leitores do município do que se passava no resto do país e do mundo.¹⁵¹ Nas proximidades, como já foi exposto, ficava a sede da AIB, espaço frequentado pelos integralistas que, ao saírem das reuniões, poderiam descer pela Rua do Colégio Santa Sofia e da Catedral de Santo Antônio até chegar à avenida com o mesmo nome desse santo, onde muitos tinham negócios, trabalhavam no comércio ou iam apenas fazer um lanche no Café Glória, ou Central. O caminho inverso também poderia ser feito, pois ao término de um dia de trabalho, o destino de muitos integralistas seria o núcleo, para reuniões e atividades internas. Levando em consideração que as reuniões de doutrinação para os adultos ocorriam durante a noite, como pode ser visto no aviso da sede feito no jornal *A Razão*: “Terça-feira – A’s 16 horas – Departamento da Juventude – Quarta-feira – A’s 20, 30 – Para homens – Assuntos Doutrinários – Aos Domingos – A’s 10, 30 – De Todos Os Departamentos – As Reuniões São Franqueadas Ao Publico.”¹⁵²

Ao se pensar no núcleo como o principal local de encontro dos integralistas, observa-se que as reuniões de doutrinação nesse espaço eram de apenas três vezes por semana, com dias e horários específicos para cada faixa etária, sendo que um desses dias era comum para todos os militantes e simpatizantes. Os encontros aos domingos estavam agendados em um horário provavelmente posterior à missa da manhã, na Catedral de St.º Antônio, possibilitando assim, aos militantes cumprirem com as suas obrigações religiosas. No entanto, isso não quer dizer que a presença e circulação desses ficassem restritos a esses dias, pois lembremos que

¹⁵⁰ KOSSOY, Boris. *Op. Cit.* p.50

¹⁵¹ A malha ferroviária de Garanhuns, ligando esse município a capital do estado, pode ser visto no mapa no Anexo 1.

¹⁵² Reuniões integralistas em Garanhuns. *A Razão*. Garanhuns, 29 de fevereiro de 1936. p. 2 – APEJE. (Grifo nosso)

na rua da sede havia também estabelecimentos comerciais, como o consultório dentário de Mario Matos, Chefe Municipal da AIB, além da movimentada estação ferroviária.

O crescimento e presença do integralismo nos espaços públicos e privados da cidade refletiam nas páginas do periódico *A Razão* que noticiava sobre as atividades dos militantes em Garanhuns, além de apresentar os principais lugares de convivências, confrontos ideológicos e de trocas de experiências. Dentre esses, destacamos a Casa Zaidan, Farmácia Osvaldo Cruz, Padaria Royal e o Café Gloria. Os integralistas buscavam os espaços mais movimentados, como as feiras, mercados, lojas, cafés, bares e consultórios, lugares estes, frequentados pelos os que iam às compras ou trabalhar. Logo, esses espaços eram *locus* de relações políticas e sociais, pois cotidianamente, os proprietários de estabelecimentos e integralistas, em sua maioria, ou simpatizantes apareciam nas páginas do jornal defendendo e financiando o ideário do Sigma. Em contrapartida, esses estabelecimentos comerciais eram indicados como adequados a serem frequentados pelos militantes e admiradores do integralismo, como aparece na seguinte nota: "Nas vossas compras preferi as casas que anunciam na 'A RAZÃO' "¹⁵³

Por outro lado, os integralistas de Garanhuns, pelo menos os que aparecem com constância nos documentos escritos e apreendidos pela DOPS-PE e no próprio jornal do núcleo, desempenharam atividades intelectuais, possuindo ou não títulos acadêmicos, ao escreverem para a imprensa local, ou ensinarem no núcleo e nas escolas do município.¹⁵⁴ Os integralistas chegaram a fundar escolas primárias em Garanhuns que receberam os nomes, tais como: Escola Jaime Guimarães e Escola Juvenal Falcão e a escola técnica: Escola Técnica Profissional Carlos de Lira. O prédio da sede servia então como o espaço para o funcionamento, em horários diferentes, para essas escolas. Os horários de funcionamento apareceram na seguinte nota do jornal *A Razão*:

PELA INSTRUÇÃO
ESCOLAS:

A "Ação Integralista Brasileira" pelo seu núcleo municipal de Garanhuns mantém nesta cidade, em regular funcionamento, quatro escolas sendo três de alfabetização e uma profissional:

¹⁵³ Anunciantes do *A Razão*. *A Razão*. Garanhuns, 05 de outubro de 1935, p.1 - APEJE (Grifo nosso)

¹⁵⁴ De acordo com o Norberto Bobbio, o conceito de intelectual não se formula apenas a partir de títulos acadêmicos, mas pela atuação daqueles que se voltam a refletir e discutir sobre a realidade que o cerca. Em certo momento de sua obra, esse autor argumentou: "O que caracteriza o intelectual não é tanto o tipo de trabalho, mas a função: um operário que também desenvolva obra de propaganda sindical ou política pode ser considerada um intelectual..." BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 114

- a) Escola diurna “Jaime Guimarães”, Dantas Barreto 70 (sede do núcleo Integralista). Funciona no segundo turno de 13 às 15 horas de todos os dias úteis.
- b) Escola diurna “Juvenal Falcão” Dantas Barreto 70 (entrada pelo beco da fábrica de sabão do sr. Joaquim Leal). Funciona nos dois turnos, em todos os dias úteis de 7 às 11 e de 13 às 15 horas.
- c) Escola profissional “Carlos Lira”, Dantas Barreto 70 (Entrada pelo beco da fábrica de sabão do sr. Joaquim Leal). Funciona regularmente durante todos os dias úteis.
- d) Escola noturna Jaime Guimaraes, Dantas Barreto 70, sede do núcleo integralista. Funciona de 18/2 às 20/2 horas dos dias úteis.¹⁵⁵

Através da educação primária, os integralistas acabavam atuando durante toda a semana na Rua Dantas Barreto. Além das aulas, nesse espaço, alguns professores ligados à AIB lecionavam em escolas que não pertenciam ao núcleo local, mas que poderiam ter suas salas de aula, corredores e pátios transformados em espaços de doutrinação, como no caso do Ginásio Diocesano de Garanhuns, Colégio 15 de Novembro e Academia Santa Sofia.

O integralismo encontrou entre os professores um grande apoio. A polícia política de Vargas, em suas práticas de vigilância preventiva contra supostas ameaças de desordem dos remanescentes da AIB depois de 1937, confeccionaram um mapeamento com os nomes, profissões e endereços dos ex-integralistas, “prováveis desordeiros da cidade”. Em uma dessas listas, encontra-se uma relação dos principais membros do integralismo local, sendo alguns desses professores dessas três últimas escolas.

BAL. JOÃO DOMINGOS DE FONSÊCA: (prof. Do Colégio 15 de novembro) Residência Avenida Santo Antonio-187.
 BAL. ANTONIO TENORIO DE ALMEIDA :(prof. do Ginásio Diocesano de Garanhuns) Residência rua D. José-347.
 DENTISTA-MÁRIO MATOS: (PROF. do Ginásio Diocesano e da Academia Sta. Sofia) Residência e Consultório-rua Dantas Barreto-107.
 [...] Padre Adelmar Valença, director do Ginásio Diocesano de Garanhuns.
 Padre Pedro Magno de Godoi, lente de portuguez na 4º e 5º série do Ginásio de Garanhuns.¹⁵⁶

Ao se pensar na prática docente enquanto construtora de sentidos de *verdades*, levando em consideração o lugar de autoridade que se associa aos profissionais da educação,¹⁵⁷ os

¹⁵⁵ Escolas integralistas em Garanhuns. *A Razão*. Garanhuns, 18 de outubro de 1936 p.3 - APEJE.

¹⁵⁶ Atividades suspeitas de elementos integralistas de Garanhuns. 20 de outubro de 1940. *Prontuário Funcional nº 1027* – DOPS-PE/APEJE

¹⁵⁷ Nesse momento da análise, lembramos que Michel Foucault no livro: *A ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France*, fez algumas observações pertinentes sobre as relações de poder que algumas pessoas exercem sobre o grupo. Em nosso caso, a relação professor-aluno. Em sua obra, Foucault chamou a atenção para o fato de que a autoridade em produzir e/ou reproduzir discursos com sentido de verdade, encontra-se nos que

professores que aderiram à AIB poderiam ter apresentado aos seus alunos um caminho viável para a doutrinação e disciplinarização do corpo e dos hábitos dos jovens, de acordo com suas ideias e pensamentos políticos da época. A presença de padres sendo fichados como professores integralistas, pelo menos nesse relatório policial, indicam que na visão da polícia local havia uma aceitação da doutrina Sigma entre alguns religiosos da Igreja Católica, grupo de grande poder de influência na cidade, pois esses indicavam quais caminhos se deveriam seguir na "terra para se alcançar o céu".

A propaganda integralista procurava criar uma sensação de fascinação, não só entre os militantes, como entre os populares que ficavam, segundo o jornal do movimento, deslumbrados com a imagem de união e disciplina que as hostes da AIB representavam.

O integralismo nos campos: em Cachoeirinha fundou-se, domingo último o primeiro Núcleo Distrital.

Domingo último, dando cumprimento a uma determinação da chefia municipal, seguir desta cidade para a Fazenda Cachoeirinha, uma bandeira Integralista, que, fundou ali um sub-núcleo com a adesão de 59 pessoas que se inscreveram como estagiários.

Dando início a sessão, de acordo com o ritual integralista, foi cantada a canção "anauê", e em seguida o chefe, deu a Palavra ao acadêmico Antônio Viana, que em breves, porém, claras e sinceras palavras concitou os presentes a virem formar com os soldados do sigma, neste movimento de regeneração nacional, que estando cheio de Deus, como diz o chefe nacional, quer salvar a Pátria do comunismo e dos Partidos políticos que dividem e enfraquecem a nação. Em seguida ainda usaram da palavra os integralistas Agenor Marques, Manoel Virgínio, secretário de Propaganda, o bel. Antonio Tenório, secretário de Doutrina e Estudos, dr. Carneiro Leão, a senhorita Carlinda Santos, que em nome das Blusas-verdes de Garanhuns saudou a mulher de cachoeirinha, concitando-as, ao mesmo tempo, a vir cooperar com a mulher integralista nesta obra patriótica e generosa de salvação do Brasil, livrando-o das garras aduncas do comunismo imperialista de Moscou.¹⁵⁸

As figuras de militantes fardados e organizados em caravanas que além de marcharem pelas ruas de sua própria cidade, demonstravam o engajamento de personalidades importantes no cotidiano local, saíam de suas residências em direção a outras cidades para implantarem novos núcleos. Os integralistas de Garanhuns desenvolveram atividades não só no centro da cidade, mas se dirigiram para as zonas rurais desse município. O jornal integralista *A Razão*, com frequência noticiava sobre o crescimento da AIB no município, principalmente os eventos que marcavam a criação de núcleos distritais. Como no caso da fundação do sub-

vão receber e aceitar a legitimidade daquele que pronuncia. A autoridade no falar então não é intrínseca a pessoa que discursa, mas depende que as outras pessoas acreditem que ele possui as virtudes e o saber necessário para ocupar o lugar de enunciador. Cf.: FOUCAULT, M. 2004.

¹⁵⁸ Cf.: O Integralismo Nos Campos. *A Razão*. Garanhuns, 18 de outubro de 1936. p.1 – APEJE.

núcleo em Cachoeirinha, onde camisas-verdes registraram em seu periódico a inscrição de 59 pessoas.

A passagem e/ou permanência de muitos desses integralistas em certos locais do município ocorreu, em grande parte, com a articulação das atividades jornalísticas de alguns desses membros que se dedicaram tanto na divulgação dos ensinamentos da AIB, como na propaganda em torno da candidatura de Plínio Salgado, líder da AIB, para a sua candidatura à presidência da República que deveria ocorrer em 1938. Dessa forma, os integralistas construíram cotidianamente espaços de legitimidade para a doutrina da AIB em Garanhuns.

2. SEGUNDO CAPÍTULO.

A ESCRITA N'A RAZÃO: a prática jornalística dos integralistas de Garanhuns e a campanha presidencial de Plínio Salgado. (1935-1937)

As atividades políticas e intelectuais dos integralistas em Garanhuns não se limitavam às palestras e debates no núcleo da AIB da Rua Dantas Barreto, nem aos desfiles e aos discursos nos espaços públicos e privados da cidade. As práticas jornalísticas possibilitaram, também, a construção de espaços de atuação onde os militantes da AIB poderiam divulgar e defender os ensinamentos do Sigma entre os leitores de seu periódico, além de poder combater e revidar as acusações dos adversários locais.¹⁵⁹

Em função dos integralistas em Garanhuns, o campo político da cidade vivenciou momentos de mudanças nas estratégias propagandísticas e na prática discursiva¹⁶⁰ dos envolvidos nas disputas políticas e/ou ideológicas. Esse novo período da política local refletia nos artigos publicados nos principais jornais da cidade. Antes do governo Vargas, as rivalidades políticas resumiam-se em grande parte as querelas entre os grupos oligárquicos. Naquele momento, os discursos políticos estavam então associados às lealdades individuais e as propostas pensadas em âmbito municipal e/ou interesse pessoal.

Com o integralismo na cidade, os discursos políticos receberam novos contornos, abordando temas que antes não entravam na "pauta do dia",¹⁶¹ como a defesa da ordem social,

¹⁵⁹ Com relação às atividades jornalísticas, a historiadora Laís Ferreira, ao tratar do integralismo na Bahia, destacou que o resultado final, no caso o jornal impresso, é, na realidade, o resultado do esforço de todos que compõem e acreditam naquilo que produzem nas redações. Em certo momento, essa autora destacou: [...] o jornalismo se configura como espaço de disputa simbólica entre os segmentos sociais. Esse conflito se inicia na própria redação das empresas jornalísticas, pois o discurso jornalístico produzido reflete os interesses e a subjetividade do jornalista, mais precisamente de todos os profissionais envolvidos no seu processo de elaboração. FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.41

¹⁶⁰ O analista do discurso Dominique Maingueneau a partir de suas interpretações sobre a produção de alguns intelectuais sobre o campo da Análise do Discurso buscou em Michel Foucault respaldo para discutir sobre o conceito de *prática discursiva*. Segundo Maingueneau “esta reversivelmente essencial entre as duas faces, social e textual, do discurso.” MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997. p.56. Nesse caso o autor chama a atenção para a relação entre o momento histórico e grupos que reproduzem certos discursos e conseguem entre os seus pares, que formam segundo este autor uma *comunidade discursiva*, grupo que reproduz e organiza os elementos argumentativos que dão aos discursos aceitos um sentido de verdade.

¹⁶¹ Ao analisarmos o periódico Diário de Garanhuns e outras fontes relativas ao município estudado antes da presença dos militantes da AIB, percebemos que os discursos políticos eram regidos por questões locais e de resolução imediata. Não havendo preocupação em empenharem campanhas políticas que envolvessem

o patriotismo, o espiritualismo cristão e o combate ao comunismo e outros grupos considerados inimigos dos interesses nacionais. Como aparece na seguinte chamada do jornal integralista *A Razão*:

A "Razão", nesta hora de desorientação e perigo, pede a Deus que esclareça os dirigentes do Brasil e concita os brasileiros dignos a formarem, ao calor do empolgante ideal de elevação da pátria comum, um bloco invulnerável às arremetidas selvagens dos assalariados de Moscou, inimigos de Deus, Pátria e da Família.¹⁶²

O cenário político de Garanhuns presente nas páginas no jornal da AIB começou a ser escrito não de maneira a pensar no local, mas como a cidade se colocaria a frente do que acontecia em outras regiões do Brasil e dos outros países. Assim aumentava o campo de debates entre os grupos políticos de Garanhuns, que começavam a articular em seus discursos os acontecimentos e perspectivas políticas locais com os temas e problemas que se apresentavam como de abrangência nacional. Nesse sentido, ao lado das seções de notícias e críticas a administração da prefeitura, ou dos serviços de água e energia prestados pela Empresa de Melhoramento de Garanhuns (EMG), encontrava-se também artigos que discutiam a suposta crise econômica e moral da liberal-democracia, o avanço do comunismo e os complôs judaicos e maçônicos para dominar o mundo por meio dos empréstimos bancários.¹⁶³ Estes foram temas que eram articulados com o que acontecia na cidade.

Assim, Garanhuns tornava-se um grande espelho que refletia as angústias e escolhas políticas d'aquela momento histórico, através da escrita dos integralistas enquanto jornalistas, bem como, enquanto cidadãos garanhuenses. As condições de produção e aceitação dos discursos integralistas serão o nosso norte no entendimento de como esses militantes da AIB atuaram na política da cidade nos anos 1930. Ao mesmo tempo, essa imprensa foi utilizada como "cabo eleitoral" na campanha presidencial de Plínio Salgado e, consecutivamente, tornou-se instrumento dedicado a deslegitimação dos adversários políticos.

discussões relativas á questões como ordem social, religião e assuntos de âmbito nacional e/ou internacional. Com o integralismo, como se vê, esses temas ganham espaço no cotidiano político de Garanhuns.

¹⁶² A "Razão". *A Razão*. Garanhuns, 26 de Setembro de 1937. p. 1. - APEJE

¹⁶³ O antissemitismo apareceu de maneira esporádica no jornal integralista de Garanhuns, apresentado os judeus como pessoas gananciosas e de pouca credibilidade, pois não nutriam nenhum sentimentos pelas pátrias que os recebiam. No entanto, o que percebemos na análise dos dois anos de circulação do *A Razão*, foi que a perseguição aos judeus não representou um problema tão grave como a questão do comunismo e posteriormente, em 1937, a maçonaria.

2.1. A imprensa do Sigma no Brasil: Um olhar sobre os jornais integralistas dos anos 1930.

Ao criarem núcleos para a articulação de suas atividades em várias partes do país, a liderança da Ação Integralista encontrou na imprensa um meio de divulgação e popularização de suas propostas doutrinárias. Desta forma, através das páginas dos jornais e revistas, os intelectuais que se engajaram no projeto de nação da AIB acreditavam poder disseminar e normatizar o universo simbólico e ritualístico do movimento entre os militantes de todos os cantos do Brasil.¹⁶⁴

Enquanto os livros publicados pelos intelectuais integralistas tinham como principais consumidores outros intelectuais ligados ao movimento, contendo assim discussões teóricas relativas à doutrina da AIB, os jornais eram direcionados aos outros membros do integralismo e abordavam temas do cotidiano político e social brasileiro. Os artigos de jornais cumpriam segundo Rosa Maria F. Cavalari: “[...] a função de atualização e popularização do ‘corpus teórico’ integralista junto aos militantes”.¹⁶⁵ Os periódicos assumiam a função de simplificar o pensamento de Salgado para os chamados militantes de base.¹⁶⁶ Em muitos momentos, os jornais ligados aos integralistas traziam, em suas colunas, transcrições de partes dos livros de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale e outros, nos quais popularizavam os debates travados pelos principais teóricos do Sigma. Outro historiador que se dedicou a estudar as práticas jornalistas dos integralistas foi Rodrigo Santos de Oliveira que, em artigo recente, apresentou a seguinte informação:

Outro dado interessante é o fato de que em todos os Estados sobre os quais tivemos acesso aos jornais das secretarias provinciais, a fundação do primeiro periódico nunca ultrapassou quarenta dias após a organização do primeiro núcleo de comando regional, elemento que nos leva a crer que uma das primeiras ações de cada chefia provincial é a fundação de um periódico para difundir a ideologia dos camisas-verdes.¹⁶⁷

¹⁶⁴ A importância dos periódicos para o desenvolvimento das práticas doutrinárias e políticas dos integralistas serviu de incentivo para alguns pesquisadores do tema a construírem o livro *Tipos e recortes*, formado por uma coletânea de artigos que apresenta as várias faces da imprensa da AIB no país. Cf.: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida. 2011.

¹⁶⁵ CAVALARI, Rosa M. F. *Op. Cit.* p. 79.

¹⁶⁶ Os militantes de base eram os integralistas de origem pobre que geralmente não possuíam cursos acadêmicos, ou nem mesmo sabiam ler e escrever.

¹⁶⁷ OLIVEIRA, Rodrigo Santos. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. *In.*: GONÇALVES, L. SIMÕES, R. 2011. p.25.

Esse autor fez um levantamento dos jornais da AIB que circulavam no país na década de 1930, dentre os resultados de sua investigação, destacou que o integralismo possuía dois jornais de âmbito nacional, trinta estaduais e cento e seis produzidos pelos núcleos municipais. Desse modo, a partir de números relativos à "imprensa verde", Oliveira tenta apresentar como os jornais tinham a função de divulgar o projeto de Estado Forte defendido pelo movimento, além do culto à imagem de Salgado, prática que se repetia em todos os periódicos ligados a AIB.

Os periódicos da AIB como *O Monitor Integralista* e o *A Offensiva* chegavam às mãos dos integralistas de todo país, pelo menos dos chefes estaduais e municipais que ficavam incumbidos de repassarem as determinações vindas da liderança nacional aos militantes locais. Respectivamente, o primeiro jornal possuía a função de: normatizar e disciplinar os militantes; apresentar o que e como os integralistas deveriam agir nas reuniões do movimento; valorizar a importância dos símbolos (sigma - Σ , a bandeira e a farda) utilizados pelos camisas-verdes; divulgar datas de encontros e decretos relativos ao funcionamento burocrático do movimento. Enquanto o segundo foi utilizado como meio de doutrinação, o qual estava sob a orientação direta de Plínio Salgado. Os artigos destes dois periódicos eram reproduzidos por outros jornais da AIB e deveriam ter também a função de divulgar o pensamento do Chefe Nacional da Ação Integralista.

Com esses dois instrumentos de divulgação do pensamento integralista, a liderança da AIB acreditava poder normatizar as práticas doutrinárias em todo o país. A disponibilidade desse material nos núcleos integralistas somava-se às estratégias assumidas pelos mesmos em divulgarem as determinações do seu líder. Ao abordar as práticas de doutrinação desenvolvidas a partir desses jornais, o historiador Pedro Ernesto Fagundes, destacou:

Assim, quase todos os militantes alfabetizados podiam ter acesso aos pilares elementares da AIB. Outra estratégia utilizada para ampliar o público leitor de *A Offensiva* era a realização de leituras coletivas dos artigos dos dirigentes nacionais durante as sessões semanais em todos os núcleos. Essa instrução era efetivamente passada pelas próprias páginas do periódico, essa dinâmica possibilitava que até mesmo os “camisas-verdes” que não eram leitores (crianças em processo de letramento e analfabetos) tivessem a oportunidade de pelo menos serem “ouvidos” da leitura do jornal.¹⁶⁸

¹⁶⁸ FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. In.: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida. p. 241-256, 2011. p.247

Com relação a Garanhuns, sabemos que esses jornais ficavam disponíveis no núcleo da AIB, pois no decorrer do Estado Novo, quando os investigadores da DOPS-PE efetuaram incursões na sede integralista da Rua Dantas Barreto, encontraram além de livros, material de propaganda da candidatura de Salgado, grande número de jornais, como descreveu Delegado Regional de Garanhuns, o Cap. José Miranda: “Grande número de exemplares de jornaes Integralistas, Boletins, Hymnos, Manifestos e Prospectos de propaganda etc...”¹⁶⁹ Como o núcleo servia tanto para a doutrinação como de escola para os militantes da cidade, possivelmente esses periódicos serviram como material pedagógico.

Simultaneamente a essa imprensa de âmbito nacional, havia também jornais de circulação estadual e local. Diferente das pretensões de uniformidade na vivência dos ensinamentos da AIB, as publicações dos núcleos adaptaram-se, ou deram um espaço maior a determinados aspectos do discurso integralista, procurando responder às expectativas e angústias culturais, econômicas e políticas das regiões onde foram (re)produzidas.

O aumento de publicações dos periódicos integralistas em todo o Brasil no decorrer dos anos 1930, indicava o crescimento do movimento. Quanto mais sedes da AIB fundadas nos municípios brasileiros, mais jornais eram criados pelos camisas-verdes. Ao mesmo tempo em que os núcleos divulgavam por meio de suas atividades jornalísticas a doutrina do Sigma, popularizando e conseguindo novos adeptos para o integralismo, havia uma preocupação por parte da liderança nacional com relação à unidade do pensamento integralista. O receio era de que as realidades políticas, econômicas e sociais regionais redirecionassem os sentidos dos ensinamentos de Plínio Salgado e outros intelectuais camisas-verdes.¹⁷⁰ Lembremos que o objetivo da “imprensa verde” era de homogeneizar as práticas e discursos teóricos da Ação Integralista em toda a nação. Por causa disso, Salgado decidiu normatizar a atuação jornalística entre os seguidores, tomando o seguinte cuidado:

RESOLUÇÃO N.191

CONVOCA O 1º CONGRESSO NACIONAL INTEGRALISTA DE IMPRENSA.

O Chefe Nacional da AIB, usando dos poderes que lhe foram conferidos e proclamados pelo 1º Congresso Integralista Brasileiro de Victoria e reafirmados ao 2º de Petrópolis e nas Côrtes do Sigma.

Considerando que 6 jornaes e 72 semanarios, publicados em todo o paíz obedecem à orientação política e doutrinária da AIB.

Considerando que a coordenação desses jornaes traz dificuldades que devem ser resolvidas de tempos em tempos, com o encontro dos seus representantes;

¹⁶⁹ Relação de livros, objetos, documentos, fotografias e materiaes de expediente e propaganda, apprehendidos em domicílios de integralistas desta cidade. *Prontuário Funcional nº 1026*. DOPS-PE/APEJE

¹⁷⁰ Os principais nomes da AIB eram Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale.

Considerando que há providências de ordem administrativa inadiáveis, expostas pelo Secretário Nacional de Imprensa, e impondo a reunião dos Secretários Provincias de Imprensa e dos directores de jornaes integralistas.¹⁷¹

O receio de Salgado era de perder o controle sobre o conteúdo e a maneira de se abordar os ensinamentos integralistas. No decorrer do *Primeiro Congresso Integralista de Imprensa*, o líder da AIB aproveitou o momento para lançar o *Código de Ética*, estabelecendo, nesse caso, os princípios norteadores para uma prática jornalística pautada em: "Fazer do jornal um órgão de educação e criação, e jamais um órgão passivo, escravizado às massas."¹⁷² A partir dessa perspectiva, Salgado acreditava que o século XX era o momento da escrita comprometida por parte dos intelectuais que tomaram a frente na realização do projeto de Nação forte e independente das potências estrangeiras.

Em 1936, foi criado também a Secretaria Nacional de Imprensa (SNI) com o objetivo de coordenar e dinamizar a produção de jornais integralistas e a candidatura à presidência de Plínio Salgado, amplamente divulgada nesses periódicos. Como estratégia de funcionamento coerente e controle sobre o que era escrito pelos intelectuais da AIB, os exemplares desses periódicos tinham de ser enviados tanto ao referido órgão, quanto ao Chefe Nacional da AIB, que faziam a triagem do que era adequando ou não ao ideal integralista.¹⁷³

A SNI ainda era responsável pelo consórcio jornalístico *Sigma – Jornais Reunidos*, formando o maior grupo jornalístico da América do Sul na época, com o número de 88 jornais coligados. Dentre esses, estava o jornal *A Razão*¹⁷⁴ de Garanhuns que apresenta, no cabeçalho do jornal de 27 de outubro, quase um mês depois de sua primeira edição, referência de que estava coligado a esse bloco jornalístico integralista. Como pode ser visto logo abaixo:

¹⁷¹ Resolução Nº 191 - Convoca o 1º Congresso Nacional Integralista de Imprensa. *Monitor Integralista*. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1936 - DOPS-PE/APEJE

¹⁷² Código de Ética Jornalística. *Monitor Integralista*, ano V, n. 17, p. 14, 20 fev. 1937. *Apud.* SIMÕES, Renata Duarte. *Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal A Offensiva*. In.: SIMÕES, *Op. Cit.* p.56

¹⁷³ Posteriormente, os jornais que foram enviados a Plínio Salgado compuseram o seu acervo pessoal. O historiador João Fábio Bertonha em artigo intitulado *A construção da memória através de um acervo pessoal: O Caso do Fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP)* discutiu os interesses que envolveram a construção do Fundo Plínio Salgado, que começou com o próprio chefe da AIB, desejoso de manter sua memória para o futuro, e depois teve a contribuição de familiares e admiradores. Em sua análise, Bertonha procurou argumentar como a elaboração de um arquivo não é neutra, mas possui interesses daqueles que o formam e/ou financiam. Cf.: BERTONHA, João Fábio. *A construção da memória através de um acervo pessoal: O Caso do Fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP)*. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007.

¹⁷⁴ A escolha desse nome para o jornal integralista de Garanhuns se deu em homenagem ao jornal paulista no qual Plínio Salgado, em 1931, trabalhou e de onde começou a lançar o germe que daria na Ação Integralista Brasileira. Outros periódicos integralistas acabaram escolhendo o mesmo nome.



*Cabeçalho do jornal A Razão expondo sua filiação ao consocio Sigma – Jornais Reunidos.*¹⁷⁵

Ao expor abaixo do nome do jornal a indicação de que estava associado ao *Sigma - Jornais - Reunidos* os membros do jornal *A Razão* tinham a intenção de criar entre o seus leitores um sentimento de que estavam ligados a uma mesma doutrina política de âmbito nacional. Acreditar que participavam ativamente na construção e viabilização de um projeto político para o futuro do país, foi um dos motivos para o engajamento de garanhenses que dividiram seu tempo entre as atividades profissionais, familiares e sociais com o trabalho na redação do jornal *A Razão*. Esse sentimento marcava a atuação dos integralistas de Garanhuns, pois a cidade começava a vivenciar um momento político em que, frequentemente, as questões locais eram percebidas e discursadas como reflexos dos acontecimentos a nível nacional.

2.2. O jornal *A Razão* como instrumento de divulgação do pensamento integralista em Garanhuns-PE (1935-1937).

O primeiro número do *A Razão*, órgão oficial foi publicado no dia 23 de setembro de 1935, quase três meses após a fundação do núcleo integralista de Garanhuns. No período de circulação do jornal no município entre os anos de 1935 a 1937, pode-se constatar que este foi um espaço propício para a divulgação das atividades dos intelectuais integralistas garanhenses.¹⁷⁶ Mesmo se encontrando longe da cúpula do movimento a nível nacional, os

¹⁷⁵ Cabeçalho do jornal *A Razão*. *A Razão*. Garanhuns, 27 de outubro de 1935. p.1 – APEJE.

¹⁷⁶ A Secretaria Nacional de Imprensa (SNI) ainda era responsável pela administração do consórcio jornalístico *Sigma – Jornais Reunidos*, formando o maior grupo jornalístico da América do Sul na época, com o número de

camisas-verdes de Garanhuns ansiavam por participar e apresentar publicamente o seu engajamento e a relevância de suas observações nas questões sociais. O jornal *A Razão* teria essa função de divulgar o nome e as atividades daqueles que se filiaram a AIB.¹⁷⁷

Composto por quatro laudas, com variações de tamanho entre algumas edições e pouquíssimas fotografias, esse jornal poderia ser enquadrado no que conhecemos hoje por *tablóide*.¹⁷⁸ O prédio de sua redação localizava-se na Rua Severino Peixoto nº107, uma das ‘artérias’ da Av. Stº. Antônio que era o centro comercial e local onde também funcionava a Livraria e Tipografia Escolar, a qual era a empresa responsável pelas tiragens desse periódico e que pertencia na época ao integralista Manoel Gouveia, Secretário Municipal de Cultura Artística da AIB. Desse modo, o processo de escrita dos integralistas/jornalistas estava inserido no cotidiano político e social do centro da cidade o qual era o espaço onde a maior parte das atividades doutrinárias e conflitos políticos com os seus adversários, noticiados nesse mesmo jornal, ocorreram.

O historiador Rodrigo Santos de Oliveira, ao procurar tecer um panorama da imprensa integralista em todo o país, ressaltou a inexistência de auxílios financeiros por parte da liderança nacional da AIB, levando muitos dos jornais de circulação local a procurarem ajuda entre os seus militantes.¹⁷⁹ Essa prática de buscar subsídio econômico nos militantes integralistas, que tinham uma melhor condição financeira, acabava interferindo em muitos momentos nas abordagens de certos aspectos doutrinários da AIB nesses jornais, respondendo

88 órgãos coligados. Dentre esses jornais, estava *A Razão* de Garanhuns que aparece no número de 27 de outubro de 1935, quase um mês depois de sua fundação, com uma referência de que estava coligado a esse bloco jornalístico. Sobre a organização dos periódicos integralista, confira: CAVALARI, *Op. Cit.* 1999.

¹⁷⁷ Daniel Pécaut ao estudar os intelectuais do início do século passado, destacou que esses acreditavam possuir uma responsabilidade moral, com a reflexão e aplicação de projetos de futuro para o país, por isso muitos acadêmicos, jornalistas e literários não se restringiram as discussões subjetivas e engajaram-se em grupos políticos. Essa abordagem é coerente com o que nos deparamos no decorrer da pesquisa. Os bacharéis, ou homens que sabiam ler e escrever, tendo passado por escolas, ou foram autodidatas, que viveram na Garanhuns dos anos 1930 e 1940, deixavam, passar em seus textos, o dever que acreditavam ter de escolher e defender um posicionamento político, independente das consequências advindas das suas decisões. Cf.: PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil – entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

¹⁷⁸ As distinções entre jornais que podem ser classificados, mesmo que anacronicamente, como tablóide e standard foi apresentado pela historiadora Rosa M. F. Cavalari em seu livro sobre o integralismo. O primeiro conceito pode ser utilizado nos jornais pequenos, geralmente com 4 páginas. Enquanto o segundo é mais amplo, variando o número de páginas entre 6 e 10. Cf.: CAVALARI, R. *Op. Cit.* p. 89. Em Luiz Nascimento, que analisou os periódicos pernambucanos, destaca que inicialmente esse jornal integralista tinha o formato 32X23, passando no nº 07 para 36X26 e depois no nº 18 chegou a uma estatura de 47 centímetros. Cf.: NASCIMENTO, Luís do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Reconstituição dos originais por Geraldo Cavalcanti. Recife: Ed. Universidade da UFPE, 1986-1994. p.169

¹⁷⁹ OLIVEIRA, R. 2011. p.37

assim, aos interesses dos que contribuía com eles. Dessa forma, a homogeneidade desejada por Salgado acabava esbarrando e adaptando-se às instâncias locais.

Ao analisarmos a realidade econômica do periódico *A Razão*, percebemos que os indícios apontavam como a principal fonte de renda do jornal as contribuições decorrentes dos estabelecimentos comerciais pertencentes aos integralistas e simpatizantes, que anunciavam seus produtos e serviços na seção dedicada aos patrocinadores. Somando-se a esses, não devemos esquecer o lucro advindo da sua própria vendagem com “*Assinatura: anual – 10\$000; semestral – 6\$000. Número avulso – 0\$200.*”¹⁸⁰

Entretanto, como ressaltou o historiador Jefferson Rodrigues Barbosa em *Sob a sombra do Eixo*, os objetivos dos jornais integralistas não era a lucratividade, mas a manutenção e expansão do movimento em todo país, tornando, assim, os ensinamentos integralistas conhecidos por todos os brasileiros.¹⁸¹ Esse tipo de sentimento de participação em um projeto maior levava os intelectuais locais a dividirem seu tempo de trabalho e lazer com as atividades nas redações dos jornais. Em Garanhuns, percebemos que os integralistas/jornalistas também não tinham no jornal *A Razão* a fonte de renda com o qual se sustentavam, pois esses jovens militantes desempenhavam paralelamente as atividades jornalísticas funções profissionais em outras áreas.

Ao tratar dos intelectuais brasileiros do início do século passado e das condições e dificuldades de trabalho dos mesmos, Sérgio Miceli destacou que as redações dos jornais serviram de refúgios para aqueles que não conseguiam espaços no universo editorial de livros, visto que esse era restrito a pequenos grupos e letrados. Em sua obra, Miceli apresentou como objeto de análise as atividades da elite acadêmica e literária do país, no entanto, ele acabou abordando, na maioria das vezes, os casos dos letrados que transitavam no estado de São Paulo. Dessa forma, o autor deixou de abordar os fatores políticos, sociais e econômicos das outras regiões brasileiras.¹⁸²

Ao voltarmos nosso olhar para o cotidiano jornalístico e/ou intelectual pernambucano e conferirmos especial atenção ao caso de Garanhuns, encontramos grupos que, longe de conseguirem publicar algo nas grandes editoras, tinham que dividir o seu tempo entre as redações dos jornais e o exercício em outras atividades profissionais para poderem sobreviver.

¹⁸⁰ NASCIMENTO, L. *Op. Cit.* p.169

¹⁸¹ Cf.: BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Sob a sombra do Eixo: Camisas verdes e o jornal integralista Acção (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual Paulista, 2007.

¹⁸² Cf.: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Dessa forma, os integralistas que escreviam para o periódico *A Razão*, ou para outros jornais de Garanhuns, eram conhecidos no município não apenas como jornalistas, mas também por seus serviços como médicos, dentistas, comerciantes, professores e etc.

No decorrer da análise do jornal *A Razão*, perceber-se a tentativa de criar entre os seus leitores uma sensação de unidade e de estarem vivenciando um processo de construção de um futuro pautado nos pressupostos do lema: *Deus, Pátria e Família*. Esse sentimento de pertencimento formado pelos laços construídos por discursos nacionalistas e de cunho religioso, juntamente com o ressentimento das tentativas de ataques comunistas, serviu como motivadores para os membros que escreviam para esse jornal integralista. Os militantes percebiam e discursavam a AIB a partir das seguintes imagens: "O integralismo quer acabar, de uma vez para sempre, com as guerras civis, as mashorcas, as conspirações, os ódios, os despeitos e unir todos os brasileiros, no alto propósito de realizarem uma Nação capaz de impor-se ao respeito no Exterior."¹⁸³

O historiador Pierre Ansart no artigo: *História e memória dos ressentimentos* trouxe para a discussão a relevância dos fatores sentimentais para as escolhas e atos políticos. As paixões ideológicas, o ódio pelo adversário, o medo de um inimigo inescrupuloso, dentre tantas sensações interferem nas relações e práticas políticas, levando grupos e/ou indivíduos a escolherem seus “caminhos” no cenário político.¹⁸⁴ Sobre a criação de ambientes sociais e políticos marcados pelo medo e insegurança, Ansart escreveu: "[...] ouvir a propaganda oficial instigar vigorosamente o ódio contra inimigos reais ou supostos, transformando, assim, muitos jornalistas e manipuladores de opinião em militantes das causas governamentais contra novos bodes expiatórios."¹⁸⁵

A partir das observações desse autor, podemos dizer que o integralismo, enquanto um movimento de extrema direita, diferenciando-se dos partidos democráticos, não tinha a intenção em pacificar e/ou domesticar os sentimentos, mas desejava instigar as paixões políticas entre os seus militantes e simpatizantes. Em Garanhuns também os discursos dos integralistas voltavam a criar um clima de insegurança a partir de uma suposta ameaça comunista. Em contrapartida, os camisas-verdes colocavam-se como os defensores da ordem social ameaçada pelos inimigos da nação. Entretanto, como já tínhamos comentado no

¹⁸³ O objetivo do Integralismo. *A Razão*. Garanhuns, 30 de novembro de 1935. p.1. - APEJE (Grifo nosso)

¹⁸⁴ Cf.: ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp. p. 15-35. 2004.

¹⁸⁵ Ibid. p.34

capítulo anterior, o que observamos foi que a oposição aos integralistas locais partia, principalmente, de grupos políticos que poderíamos classificar, aqui, como liberais formados por membros que tinham ascendido ao poder político local com Vargas, sendo alguns desses adeptos da maçonaria.

Nesse momento, lembramo-nos de uma observação feita por Michel Foucault, que disse: “[...] suponho que em toda sociedade a produção discursiva é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]”¹⁸⁶ Desse modo, a escolha do que dizer e para quem e como se produzir um discurso, chamou nossa atenção, pois a escolha do inimigo social (o comunista) para os militantes da AIB em Garanhuns deu-se provavelmente porque o perigo comunista possuía um impacto maior entre os leitores do jornal do que as disputas com grupos políticos tradicionais da cidade.

Ao publicarem o jornal *A Razão*, os integralistas/jornalistas de Garanhuns possuíam tanto o intuito de alcançar aqueles que ainda não tinham entrado na AIB, como fortificar a crença daqueles que tinham vestidos a camisa-verde. Os membros que formavam o corpo editorial desse periódico utilizaram de várias táticas para alcançarem as metas pré-estabelecidas pela liderança núcleo da cidade. Um dos caminhos trilhados por esses intelectuais, a exemplo do que aconteceu em outros núcleos integralistas, foi a de construir discursivamente um cenário político a partir de uma batalha entre as forças do bem (o integralismo) *versus* do mal (o comunismo), sendo o "nós" camisas-verdes os íntegros e morais e os "outros" malvados e inescrupulosos.¹⁸⁷ Como pode se ver no seguinte artigo:

CHEFE!... Integralista!...

O Brasil vive na hora presente um trágico período de angústia e desolações, de confusão, de incertezas e agitações. É uma verdadeira desintegração social que se avassala gigantescamente por todos os rincões da Pátria Brasileira.

Na Política, observamos, desolados, o País retalhado em 22 republiquetas, verdadeiros enquistamentos, onde partidos políticos sem nenhuma finalidade extraçalam-se em busca de posições políticas; onde os homens públicos, os políticoídes de profissão, ao invés de se unirem, lançaram-se uns contra os outros,

¹⁸⁶ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 11ª edição. São Paulo: Loyola, 2004. p 8-9

¹⁸⁷ O sociólogo polonês Zygmunt Bauman em *Modernidade e Ambivalência*, ao tratar dos discursos de grupos de extrema direita, analisando o caso da Alemanha Nazista, o autor destacou que a construção de identidades por esses grupos parte da construção de uma compreensão dos que são nossos amigos e companheiros ideológicos e de batalha, caso seja necessário, o que o autor chamou de "nós" e os inimigos, os estranhos aos interesses do grupo dominante, sendo o estranho compreendido e tratado enquanto o "outro". BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

quaes lobos famintos, esquecendo-se que sobre a Nacionalidade pesa os perigos emmanentes de uma nova mashorca comunista.

Nos Costumes, é toda uma mocidade que se entrega aos prazeres, os mais deprimentes e nojentos, olvidando que della a Nação espera o cumprimento dos seus deveres em defeza das tradições moraes, intellectuaes e cívicas do Brasil contra a onda vermelha de Moscow, Novos Athilas do Seculo XX.¹⁸⁸

O clima de medo advindo dos boatos de planos golpistas de inimigos políticos do Brasil (os comunistas) tornava-se o principal tema dos integralistas/jornalistas de Garanhuns. Mas isso não era uma característica apenas desse espaço onde se passa nossa investigação, sendo comum em todo o Brasil e em outros países. O historiador Raoul Girardet em *Mitos e Mitologias Políticas*, ao tratar dos mecanismos discursivos e simbólicos utilizados na elaboração de sensações de instabilidades sociais, argumentou que geralmente essas ameaças estavam alicerçadas em supostos planos secretos de grupos considerados subversivos. Ao confrontar em seu livro os documentos relativos a supostos complôs judeus, maçons e jesuíticos, o autor percebeu que alguns elementos são recorrentes em todos. Dentre eles, as denúncias de existência de agentes internos estarem submissos a interesses internacionais. No caso de nossa pesquisa, comumente encontram-se acusações que ligavam os ditos comunistas brasileiros aos planos de Moscou/Rússia (país e capital confundem-se nos discursos dos seus adversários).¹⁸⁹ Essa associação das forças subversivas internas com uma externa, como destacou Girardet, pode ser percebida na abordagem dos camisas-verdes de Garanhuns.

Os assuntos distribuídos nas colunas desse jornal foram, geralmente, organizados a partir de uma lógica, que intercalava a situação política internacional e nacional, com as questões relativas ao cotidiano do município. Essa estratégia tendia a proporcionar uma sensação entre seus leitores de que os mesmos participavam ativamente do combate aos inimigos da nação e da construção de um projeto político para o país, no caso, o Estado Integral. Nesse sentido, a prática de escrita anticomunista desses integralistas do interior pernambucano se dava em consonância com o que acontecia no mundo, procurando, assim, comprovar a presença dos comunistas no município e da periculosidade que esses representavam para a sociedade brasileira e para a religião cristã.

Nas páginas do jornal *A Razão*, as narrativas sobre as supostas ações comunistas colocavam esses na situação de opressores dos trabalhadores e inimigos da fé cristã. O fator

¹⁸⁸ Discurso pronunciado na sessão integralista de Domingo ultimo pelo Universitário Luiz Lira. *A Razão*. Garanhuns, 19 de julho de 1936. p. 4 - APEJE

¹⁸⁹ Cf.: GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

religioso possuía grande peso na sociedade garanhuense dos anos 1930, onde mais de 98% da população se declarou católica e 1,2% protestantes no censo organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1940.¹⁹⁰ Assim, aproveitando esse ambiente propício a receber discursos de cunho religioso, os integralistas desenvolveram uma campanha política que tendia a criar um clima de "cruzada Santa contra os inimigos da fé", os comunistas e, no decorrer de 1937, os maçons. O apelo aos sentimentos de defesa, aos ensinamentos cristãos servia como estratégia argumentativa tanto na conquista de novos militantes, como na legitimidade da AIB, como se ver a seguir:

Isto significa que a mentira, a delação, a traição, o assassinio, e tudo quanto possa haver de mais abominável, são virtudes, aos olhos dos communistas, tão só sirvam para atingirem o fim que tenham em vista. Estas theorias abominaveis, hediondas infernaes, estão fartamente exemplificadas na Rússia, cujo povo, ao presente, é o mais escravizado e infeliz da terra. Como é, pois, que um crente pode ser partidário de tão abominável credo político que é o mais perfeito opposto do que ensina o Evangelho de Jesus Christo? Quanto ao Integralismo, a coisa muda bastante de figura. Elle propugna por tudo ou quasi, tudo pelo que nos propugnamos, synthetizado no lema "Deus, Pátria e Família".¹⁹¹

Com o título: "*Graças a Deus...*", este artigo de um integralista de Garanhuns, procurava convencer os protestantes da cidade, no caso específico os ligados a Igreja Batista, que o cenário político nacional e internacional estava dividido entre as forças do mau (comunismo) que negavam os preceitos religiosos *versus* os representantes do bem (integralistas) defensores dos ensinamentos cristãos. Nesse momento, os integralistas garanhuenses tiveram o cuidado em não tornar o partido da AIB em uma continuidade da Igreja Católica, mas trataram o integralismo como um movimento cristão contra os inimigos da fé, o comunismo.¹⁹² Como aparece nesse outro artigo:

¹⁹⁰ Cf.: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Op. Cit.*

¹⁹¹ *Graças a Deus...* . *A Razão*. Garanhuns, 01 de novembro de 1935. p.3 - APEJE

¹⁹² Em Pernambuco, como se percebe na dissertação de Giselda Brito Silva e em nossa própria argumentação, enquanto tratamos das fontes documentais relativas ao cotidiano político dos integralistas em Garanhuns, percebe-se que o catolicismo teve sim grande importância na aceitação do integralismo no estado. (SILVA, G. 1996) Ao apresentar-se em certo momento como um movimento cristão, procurando não se limitar aos crentes do catolicismo, os integralistas possuíam a interesse de conquistar novos adeptos. No entanto, essa estratégia parece ter sido utilizada com maior frequência no Sul e Sudeste do país, onde havia uma concentração de imigrantes e descendentes de europeus. A preocupação de colocar o integralismo como um movimento espiritualista e não unicamente católica, aparece no depoimento do ex-integralista gaúcho Emílio Otto Kaminski, vindo de uma tradicional família Alemã. Kaminski concedeu uma entrevista Carla Luciana Silva e Gilberto Grassi Calil, sendo sua fala reproduzida no livro: *Velhos Integralistas: a memória de militantes do Sigma*. Em certo momento, o depoente disse: "[...] tinha gente que achava que o integralismo devia ser católico, que era a maior... a religião professada pela maior parte do povo, então ele deveria ser católico. Ora, nós, que não éramos católicos, nos opúnhamos a isso. Mas com a razão de que Plínio Salgado nunca disse o contrário, sem disse: 'não, nós somos um movimento espiritualista, mas não de determinada religião cristã especificamente.'" KAMINSKI, Emílio

Lutar sim, pois diz: como cristão, não posso deixar de ser integralista, e como integralista sou obrigado a executar as ordens do Chefe Nacional, [...] e mais nossa Pátria corre o perigo de ser aniquilada pelo comunismo materialista e pagão; a onda vermelha de Moscou ameaça deshonrar a família brasileira, quebrar nossos altares menosprezar o que nos é sagrado, substituir a cruz pela foice e martelo bolchevista, profanar os nossos templos, etc... os crentes evangélicos desçam mais ainda? Ainda ficarão indiferentes? Dizendo ser um movimento clericalista?! Horror! Falta de Consciência!¹⁹³

Nas duas últimas citações, em oposição aos valores cristãos, encontramos referências à Rússia e/ou Moscou enquanto espaços que em negação aos preceitos religiosos teria levado a infelicidade ao seu povo. Assim, os soviéticos assumiam para os membros da AIB a função de exemplos que deveriam ser evitados pelos brasileiros. A seleção de textos que procurassem construir quadros desfavoráveis sobre o cotidiano de um Estado comunista/soviético tinha a finalidade de comprovar e popularizar a concepção de que os preceitos políticos, econômicos e sociais acalentados pela esquerda política não eram adequados à sociedade brasileira.¹⁹⁴

A partir de 1936, com a guerra civil na Espanha, os jornais começaram a noticiar, em grande parte, esse conflito como uma interferência da Rússia na política de outros países. Essa suposição, segundo João H. B. Negão em *Selvagens e Incendiários*: “[...] acabou sendo fixado no inconsciente do leitor foi que a República Espanhola tinha se transformado em um governo comunista que massacrava o povo e os defensores da democracia.”¹⁹⁵ Esse país tornava-se, na escrita de alguns jornalistas brasileiros, um exemplo a ser evitado. Em Garanhuns, os resultados dos conflitos na Espanha foram apresentados assim pelos camisas-verdes:

Pobre Hespanha

A Hespanha escravizada a Moscou assistiu de fins de Fevereiro aos nossos dias, as seguintes e lamentáveis cenas de vandalismo; sacrificadas quase 30.000 vidas e feridas muito mais de mil.

Deram-se 219 assaltos e 160 igrejas foram destruídas pelas chamas, enquanto 251 ficaram consideravelmente danificadas.

Otto. *Entrevista*. 18 e 29 de outubro de 1996. *Apud*. SILVA, Carla Luciana. e CALIL, Gilberto Grassi. *Velhos Integralistas: a memória de militantes do Sigma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p.36

¹⁹³ “Pontinhos...” . *A Razão*. Garanhuns, 30 de novembro de 1935. p. 3 - APEJE

¹⁹⁴ Carla Luciana Silva ao analisar a construção discursiva do “ser comunista”, pelos seus adversários, ressaltou que esses foram apontados como portadores de ideológicas incompatíveis com um suposto “espírito nacional”. Esse espírito seria então formulado, de acordo com a documentação analisada por essa historiadora, a partir de elementos vinculados a uma tradição democrática e cristã. Essa historiadora trabalhou com a contrapropaganda comunista, utilizando para isso fontes produzidas por grupos políticos ligados a Igreja Católica, religiosos e leigos, juntamente de grupos políticos de extrema direita, no caso, o integralismo. Cf.: SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

¹⁹⁵ NEGRÃO, João Henrique Botteri. *Selvagens e Incendiários: o discurso anticomunista do governo Vargas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005. p. 84

Verificaram-se 138 assaltos a mão armada e 23 tentativas de roubo.
Ainda foram destruídos 69 estabelecimento políticos e particulares.
Realisaram-se 43 greves geraes e 228 greves parciais. Foram destruídos 10 diários e 33 ficaram em parte danificados.
Explodiram 146 bombas, declara o sr. Gil Robles, “líder” nacionalista em discurso pronunciado na Camara Hespanhola.
Eis ai a obra do comunismo. Destruir, queimar assaltar!
Era isso que eles pretendiam fazer em nosso caro Brasil.
Nas terras livres de Santa Cruz. [...] ¹⁹⁶

Marilena Chauí ao analisar as estratégias discursivas da AIB, observou: “O discurso integralista tem a peculiaridade de operar com imagens em lugar de trabalhar com conceitos. Essa operação dá aos textos, mesmo quando têm pretensões teóricas, um tom bombástico [...]”¹⁹⁷ Dessa forma, a utilização de números alarmantes sobre a Espanha tomada pelos comunistas, apresentava um país envolvido pelo caos social e desrespeito aos símbolos sagrados que, na visão integralista, estava representado no universo simbólico ligado ao cristianismo. Essas imagens foram amplamente disseminadas em outros números desse mesmo periódico integralista para comprovarem o mal que o comunismo poderia causar ao controlar um país. Esse tipo de notícia, do perigo "vermelho", ganhou maior credibilidade por causa da tentativa frustrada da Intentona Comunista de 1935.

Convencer o leitor de que o perigo comunista era real e fazia também parte do dia a dia do município, foi um dos objetivos do periódico *A Razão*. Dessa maneira, paralelamente aos relatos da ação comunista em outros países, esses integralistas procuravam apresentar essa ameaça no país e, consecutivamente, em Garanhuns. A exemplo disso, alguns dias depois da escolha dos representantes políticos municipais, o integralista garanhuense Antonio Viana, bacharel em direito, escreveu o seguinte artigo para o jornal *A Razão*.

E Então, Brasileiros

Venha cá, indiferente. Ponha-se aqui, junto de mim, comodista. Você também, discrente. Você burguez despreocupado, pai de família, responsável pelo decoro e pela compostura do seu lar.

Ponham-se todos aqui ao meu lado. Vamos falar um pouco dos vexames por que está passando nossa terra nestas horas difíceis de tremendas indecisões.

Digam-me uma cousa. Vocês todos não eram da opinião que em Garanhuns não havia comunismo? Vocês não diziam que na nossa gleba querida não havia também os tais frangos vermelhos, aceclas de Koba ou seja o famigerado judeu Stalin?... Não acreditavam que em Garanhuns também não vegetassem os destruidores de templos, os vendilhões da pátria às sinagogas de alem mar, os prostituidores das suas filhas, os desmoralisadores dos seus lares, os desdenhadores das suas esposas?...

¹⁹⁶ Pobre Hespanha. *A Razão*. Garanhuns, 26 de julho de 1936. p. 4 – APEJE.

¹⁹⁷ CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In CHAUÍ, Marilena & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/Paz e Terra, p. 19–149, 1978. p.40

Então, meus amigos brasileiros, responsáveis por tudo isto. Vocês continuam a berrar que em Garanhuns não há comunismo? Ainda proclama que esta historia de agitadores vermelhos, é conversa do Integralismo?

Agora por certo que não. Aquela demonstração do dia 8 do mês passado, durante o pleito municipal, foi uma prova provada de que, infelizmente, em nosso meio honesto e bom, ainda há patrícios maus, sem dignidade sem caracter, e sem amor às nossas gloriosas tradições de civismo e honradez, que trabalham por entregar o Brasil à materialização bestial dos batrachios imundos de infeliz Rússia Soviética.

198

O integralista/jornalista noticiou, neste artigo, o caos gerado no centro da cidade pelas forças comunistas durante as eleições municipais em 1935, comprovando o argumento do núcleo local da AIB de que Garanhuns também tinha a presença destes “vermelhos”¹⁹⁹. Ao mesmo tempo em que se voltou para os habitantes desta cidade do interior pernambucano, Viana não deixou de citar o nome da Rússia Soviética na construção discursiva de um ambiente de desordem na cidade. A Rússia mais que um lugar geográfico, político e econômico, servia como uma espécie de gatilho, que levava aos leitores a compreender esse país e sua administração soviética como uma negação aos preceitos morais e éticos pregados pelo cristianismo. Sobre a construção de sentidos a partir da utilização e repetição de certas imagens, Antoine Prost destacou: “A frequência dos termos, das expressões, das opiniões ou dos julgamentos parece ser um indicador seguro de sua importância objetiva. [...] poderíamos sustentar que há termos tão carregados de sentido que bastaria empregá-los uma vez para colorir todo um texto[...]”²⁰⁰ E a Rússia e/ou Moscou foram utilizadas nos discursos integralistas com essa função de “colorir”, trazendo junto aos nomes desses lugares um conjunto de estigmas negativos associados a eles pelos seus opositores.

Alguns meses antes da escrita desse artigo por Antônio Viana em Garanhuns, especificamente no mês de março de 1935, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) surgia no cenário político nacional.²⁰¹ Gregório Bezerra, militante comunista em Pernambuco ao

¹⁹⁸ E Então, Brasileiros. *A Razão*. Garanhuns, 01 de novembro de 1935. p.3 - APEJE

¹⁹⁹ O termo vermelho era utilizado como um sinônimo para comunista. Cf.: MOTTA, R. *Op. Cit.* e SILVA, C. *L. Op. Cit.*

²⁰⁰ PROST, Antoine. *As Palavras*. In.: RÉMOND, R. *Op. Cit.* p. 299

²⁰¹ O historiador Renato Alencar Dotta em sua dissertação intitulada *O integralismo e os Trabalhadores*, analisou como os jornalistas do *Acção*, periódico dos camisas-verdes da capital paulista, orientados por um dos principais nomes da AIB, Miguel Reale, desempenham entre os anos de 1936 a 1938 uma prática propagandística defendendo uma postura sindical corporativa, em detrimento das propostas de lutas de classes dos aliancistas e comunistas do PCB. No trabalho desse pesquisador, que se passa na região mais rica do país já nos anos 1930, apresentando um nível de industrialização que ainda não tinha chegado a Pernambuco, os conflitos entre integralistas e aliancistas/comunistas tinham nas fabricas os espaços onde cada grupo tentava conquistar os trabalhadores. Ao olharmos os conflitos em Pernambuco, dando um olhar especial ao cotidiano político de Garanhuns, percebemos que os enfrentamentos entre esses dois grupos antagonicos davam-se a partir

escrever suas memórias, apresentou os aliancistas da seguinte forma: “Era uma ampla organização de massas, da qual faziam parte homens e mulheres de todos os partidos, de todas as camadas sociais de todos os credos religiosos, inclusive militares das três armas.”²⁰² Constituir um movimento de massas formado por representantes de todos os grupos sociais, esse era o objetivo dos idealizadores da ANL.²⁰³

Os aliancistas tinham como objetivo fazer frente ao integralismo. Os combates entre esses dois grupos políticos tornaram-se comuns em todo o país no decorrer de 1935. Segundo Robert M. Levine, o Brasil nesse momento, estava dividido politicamente entre a direita (AIB) *versus* esquerda (ANL).²⁰⁴ No estado de Pernambuco, esse clima de animosidade entre camisas-verdes e os membros da ANL pode ser observado em um relatório policial vindo de Catende para a sede da DOPS-PE, no Recife. Nesse documento encontra-se o seguinte:

DELEGACIA DE POLICIA DO MUNICIPIO DE CATENDE
Catende, 10 de Junho de 1935
Nº04
Illmo. Snr. Dr. 2º Delegado Auxiliar – Recife

Communico a V.S. que hontem as 11 horas, quando passava a trem de passageiros que se destinava a Garanhuns seguia no mesmo, uma caravana Integralista, com posta de mais de 100 homens, ao parar o trem – nesta cidade, o partido da Alliança Libertadora Nacional, foi para a estação, destruindo boletins e dando morras ao Integralismo, tendo nesta ocasião sido por mim repellidos, pelo modo brusco e de anarchia com que queriam implantar perante os Integralistas, não se dando um conflito devido a energia que impuz perante os mesmo. A Alliança Libertadora, é representada neste município pelo senhor Napoleão Portella e Moraes, presidente, José Barbosa de Oliveira, secretario geral, Joaquim Pessoa de Siqueira 1º Secretario, Fernando Samico de Mello, Thesoureiro e mais 17 homens que fazem parte da comissão de organização. Quanto ao Pessoal da caravana Integralista, a meu pedido se portaram todos muito bem.
Saúde e Fraternidade
Moises dos Reis Sobrinho
Delegado de Policia²⁰⁵

de outros discursos, procurando os integralistas na religião e na questão de manutenção da ordem social os pilares argumentativos. Cf.: DOTTA, Renato Alencar. *O Integralismo e os trabalhadores – A AIB, os Sindicatos e os Trabalhadores nas páginas do Acção* (1936-1938). 2003. 118 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

²⁰² BEZERRA, Gregório. *Memórias: primeira parte – 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.p.233

²⁰³ Matheus de Mesquita e Pontes a partir de obras literárias e biografias de Luis Carlos Prestes e sua esposa e companheira de lutas Olga Benario, traçou em torno das imagens desses dois personagens histórico o perfil e atividades dos movimentos políticos de esquerda brasileiro das primeiras décadas do século XX. Cf.: PONTES, Matheus de Mesquita e. *Luiz Carlos Prestes e Olga Benario: construções identitárias através da história e da literatura*. Uberlândia, UFU. 168f. Dissertação (Mestrado em História). UFU/PPHS. Uberlândia, 2008.

²⁰⁴ LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p.45

²⁰⁵ Parte policial relativo a confrontos entre aliancistas e integralistas. *Prontuário Funcional nº28617*. DOPS-PE/APEJE

Levando em consideração a data dessa parte policial, acreditamos que o grupo de integralista do qual o Delegado de Polícia de Catende, Moises dos Reis Sobrinho, fala em seu relatório foram os militantes da *Bandeira 07 de Outubro*, que provavelmente estavam indo a Garanhuns para organizar a criação do núcleo da referida cidade, o qual aconteceu dezoito dias depois deste fato. Além da rivalidade entre integralistas e aliancistas, expressada nesse documento policial, observa-se como o referido delegado representou os dois grupos políticos em sua escrita. Os seguidores de Salgado foram descritos como ordeiros enquanto os membros da ANL causaram desordem na estação de trem, não acontecendo problemas maiores por causa da interferência policial.

No entanto, a expressiva aceitação e/ou simpatia pela ANL entre alguns grupos sociais, principalmente trabalhadores da classe média, este não passou despercebido pelo governo federal, que implantou no mês seguinte a criação desse movimento a Lei nº 38 ou Lei de Segurança Nacional (LSN), também conhecida na época como “lei monstro”. Essa possuía a função de manter sobre controle as associações e partidos políticos que pudessem representar uma ameaça à ordem política e social instituída.

Desrespeitando o que tinha sido estabelecido pela “lei monstro”, os aliancistas lançaram, no dia 05 de julho, o Manifesto de Luís Carlos Prestes, escrito em homenagem aos militares do movimento tenentista dos anos 1920 e a Coluna Prestes, mas que terminava exigindo a entrega de todo poder político à ANL. Após a divulgação desse texto, os membros desse movimento de esquerda foram considerados agitadores, pelo governo, e colocados na ilegalidade política e muitos dos seus partidários perseguidos e presos por subversão por força da referida lei. Aproveitando-se do clima de insatisfação, a liderança do Partido Comunista Brasileiro (PCB) organizou um golpe que deveria envolver todo o país.

O jornal *A Razão* noticiou o malfadado levante comunista que, segundo os integralistas, tinha conturbado e ferido a honra familiar, religiosa e a ordem social dos moradores do Rio de Janeiro, Natal e Recife. Nesse periódico, ainda foi abordado que, por pouco, a cidade de Garanhuns não tinha entrado na lista do que chamaram de “Mashorcada Comunista”.

Aqui também houve uma experienciuzinha. A polícia tomando algumas armas de pessoas suspeitas, achou por bem dete-las, por algumas horas. Isso bastou para que os exploradores dos operários fossem consita-los em motim, motivando providencias, mais enérgicas da polícia, efetuando varias prisões. Pobre operário brasileiro que está sendo vítima dos emissários da mal voz dos “macacão”.

Operários de Garanhuns, refleti um instante. As vossas mães, esposas, filhos estão aflitos por seu destino nesse caminho torpe lado de vítimas da sanha comunista!²⁰⁶

A Intentona Comunista de 1935 marcou um processo de intensificação das práticas anticomunistas no país,²⁰⁷ pois o fato comprovava as intenções golpistas dos membros do Partido Comunista Brasileiro e dos aliancistas. O integralista/jornalista de Garanhuns, ao abordar esse levante a partir do que tinha acontecido na cidade, chamou esse movimento em Garanhuns de “experienciuzinha” no intuito de diminuir sua importância, mas isso sem deixar de corroborar com o perigo que aquele evento representou. De acordo com o texto desse camisa-verde, o trabalhador brasileiro envolvido na tentativa de golpe foi mais uma “vítima dos emissários da mal voz dos ‘macacão’,” ou seja, estava sendo iludido pelos enviados da Rússia. O termo “macacão” referia-se a vestimenta dos operários, remetendo assim aos trabalhadores soviéticos e ao processo de disseminação das ideias desses pelo mundo. Ao incluir Garanhuns na rota desse levante, novamente o jornal *A Razão* apresentava que a ameaça estava no próprio município. O jornal indicava a presença comunista em três níveis distintos: a internacional (Rússia e seus emissários do mal), nacional (a Intentona Comunista ocorreu em várias partes do país) e local (o engajamento de trabalhadores do município no levante).

Depois desse evento, a repressão policial intensificou-se, e uma verdadeira teia de informação, formada pelos prontuários funcionais e individuais, possibilitavam aos investigadores uma maior eficiência na vigilância e prisão de membros, ou suspeitos de serem comunistas. Como destacou a historiadora Marcília Gama da Silva:

[...] a segurança passa a ser encarada como uma questão espinhal. Num cenário onde o crime comum passa dividir a cena com uma nova modalidade de delito – o chamado crime político – fez-se necessário aparelhar a tradicional polícia para atender às demandas dessa incomoda modalidade de crime, apontada como o principal fator da desordem, bem como dos desmandos vivenciados na estrutura política do país, por atentarem contra a segurança do Estado.²⁰⁸

A procura em manter um controle policial sobre os grupos e indivíduos considerados como inimigos da ordem social tornou-se um dos sustentáculos dos governos Vargas no pós-1935, sobretudo durante o Estado Novo (1937-1945). Imediatamente, a Intentona Comunista, os

²⁰⁶ Mashorcada Comunista... *A Razão*. Garanhuns, 30 de novembro de 1935.p.4 – APEJE.

²⁰⁷ Cf.: MOTTA, R. *Op. Cit.*

²⁰⁸ SILVA, Marcília Gama da. DOPS: a estrutura do serviço de informação em Pernambuco (1930-1990). *In.*: ALMEIDA, Suely C. C. e SILVA, Giselda B. (orgs) *Ordem e política: controle político-social e as formas de resistência em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX*. p.159-185, 2007. p. 160

membros e simpatizantes de esquerda tornaram-se os principais grupos a serem vigiados, fichados e prontuários²⁰⁹ pela polícia política. Mas, no acervo da DOPS-PE nota-se que não só os comunistas foram observados e reprimidos, bem como os integralistas também aparecem na escrita dos investigadores desse órgão do governo como suspeitos e/ou prováveis causadores de problemas para a ordem política e social no país.

No entanto, ao mesmo tempo em que os comunistas eram reprimidos pela polícia, os integralistas vivenciavam um período de crescimento considerável, como observou a historiadora Márcia R.S. Carneiro: “O ano seguinte à tentativa de golpe comunista, 1936, foi considerado, para a AIB o ‘ano verde’. Como mostra Chauí²¹⁰, o número de filiados ultrapassaria a casa do milhão, o que se pode aferir, também, como consequência da opção pela reação.”²¹¹ Os discursos de cunho anticomunista associado ao medo causado pelo frustrado golpe dos membros da esquerda contribuíram para esse crescimento da AIB.

Durante os anos de 1936 e 1937, os integralistas intensificaram a sua propaganda, pois as eleições a nível federal e estadual se aproximavam, e Plínio Salgado estava de olho no lugar ocupado por Vargas na presidência do país. Nesse momento, a necessidade de apresentar a AIB como uma força política organizada e reconhecida por autoridades políticas e policiais levou o jornal *A Razão* a incluir, em seu cabeçalho, pronunciamentos de Getúlio Vargas e do chefe da DOPS, Felinto Müller. Respectivamente: “Nenhuma prova teve o meu governo de ter o Integralismo pregado métodos violentos, insuflado greves, preparado sedições, incitado o ódio e entre classes, tentado contra os poderes constituídos”²¹² Do lado direito do jornal, colocaram o seguinte texto atribuído a Müller: “A Ação integralista é perfeitamente legal, quer como sociedade civil, quer como partido político. Deseja conquistar o poder por meio da evolução da educação das massas e pela criação da consciência nacional Integralista.”²¹³

²⁰⁹ Nesse momento a prática de vigilância dos investigadores da DOPS levou a formação de um acervo de informação. Os membros da polícia política no intuito de manter o controle sobre os considerados inimigos da ordem social começaram a construir dossiês sobre esses indivíduos e suas atividades políticas. Essa reunião de documentos era chamada prontuários e os que eram vítimas do controle policial eram chamados de prontuários. Ibid.

²¹⁰ CHAUÍ, *Op. Cit.*

²¹¹ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. 415f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. p.140

²¹² Cabeçalho do Jornal *A Razão*. *A Razão*. 09 de maio de 1937. p.1 – APEJE

²¹³ Ibid.

Mesmo não havendo um apoio mais efetivo por parte de Vargas e Müller , o fato de ambos terem apresentado a Ação Integralista a partir de uma imagem ordeira e de legalidade política, foi utilizado pelos camisas-verdes para tentar legitimar a atuação e crescimento de suas fileiras, isso num momento estratégico, em que os candidatos se preparavam para disputar a presidência do país. Então, integralismo lançou Plínio Salgado como candidato à presidência, aproveitando-se dos jornais para a divulgação de seu nome entre os futuros eleitores.

No município estudado aqui, a imagem do inimigo nacional ganhava novos contornos, associando o comunismo à maçonaria. A loja maçônica da cidade, chamada de *O Mensageiro do Bem*, fundou um jornal no ano de 1937, chamado *O Mensageiro*, além do Dario Rêgo, diretor e proprietário do *Diário de Garanhuns*, ser também o Grão-Mestre da maçonaria. Esses periódicos que formaram a oposição local à candidatura de Salgado em Garanhuns defenderam o nome de José Américo de Almeida para presidente do país. Almeida aparecia, na contrapropaganda dos integralistas enquanto conivente com os grupos da esquerda política, levantando, também, suspeitas de ter sua campanha financiada por elementos comunistas. Dessa forma, a prática discursiva anticomunista no periódico integralista, em Garanhuns, continuou sendo utilizado no decorrer da campanha pela presidência de Plínio Salgado, como veremos a partir de agora.

2.3. A caminho das urnas: a campanha eleitoral dos integralistas em Garanhuns para uma eleição que não aconteceu.

O fervilhar e o agito das eleições marcavam as páginas dos jornais do município de Garanhuns, indicando, assim, que os grupos políticos locais estavam envolvidos na organização da campanha presidencial e, por causa disso, cada vez mais palavras "ásperas" eram direcionadas aos seus adversários a partir do jornal *A Razão*. Os integralistas da cidade procuraram divulgar e convencer seus conterrâneos de que Plínio Salgado era o melhor nome para comandar o país por meio de palestras ministradas no núcleo ou em outros espaços da cidade, além da distribuição de panfletos e na prática de escrita do seu jornal.

Nesse momento, a Constituição Brasileira de 1934 escrita após os levantes de cunho constitucionalistas no estado de São Paulo, no ano de 1932, marcava o fim da primeira experiência administrativa de tendências ditatórias de Getúlio Vargas, que desde o golpe de 1930 governava a partir de decretos e sem a interferência do poder legislativo e de partidos oposicionistas. Mesmo dando um passo em direção à caminhada da democratização do país, por meio de votação indireta, Vargas continuou como líder do poder executivo do país. Mas essa situação deveria, pelo menos na teoria, mudar em janeiro de 1938, quando um novo presidente seria escolhido pelo voto popular.

O início do processo de redemocratização do país foi marcado pela experiência das eleições municipais de 1935 que inovava com o voto secreto, dificultando a prática do voto de cabresto, além da inclusão do voto feminino.²¹⁴ Esse “ensaio democrático” deveria contribuir na formação de uma atmosfera favorável para a escolha política a nível estadual e federal, marcadas para 03 de janeiro de 1938. Ao mesmo tempo em que o povo tinha readquirido o direito de votar em seus candidatos, uma das normas estabelecidas pelo novo código eleitoral foi à obrigatoriedade dos eleitores serem alfabetizados. Essa exigência impossibilitava, nessa circunstância, que um número considerável de moradores de Garanhuns participasse das escolhas de seus representantes políticos, pois o censo do IBGE de 1940 apontava que apenas 17% desses sabiam ler e escrever.²¹⁵ Mas, desse percentual de letrados que correspondia a 15.503 de habitantes garanhunense, de acordo com o *Diário de Garanhuns* de 10 de novembro de 1937, apenas 5.193 alistaram-se para votar nas eleições presidenciais.²¹⁶

Mesmo que a imprensa da época tentasse apresentar que as disputas políticas gozavam de plena liberdade, o governo Vargas procurou construir mecanismos de controle sobre os grupos políticos que pudessem ser considerados desordeiros e hostis ao *status quo*. Era o chamado *Estado de Sítio*. O antagonismo entre o Estado democrático e um crescente poder de

²¹⁴ No decorrer da chamada República velha, iniciada com o marechal Deodoro da Fonseca, em 15 de novembro de 1889, chegando até 1930, no governo de Washington Luiz, o voto era aberto, possibilitando assim um controle das oligarquias rurais sobre os seus dependentes economicamente. Com a Constituição de 1934, esse voto tornou-se teoricamente secreto, pois o eleitor ainda tinha que marcar a escolha do seu candidato frente aos membros que compunham a mesa de fiscais. No entanto, a partir desse momento, os “coronéis” tiveram uma maior dificuldade em manter seus trabalhadores sob o conhecido voto de cabresto.

²¹⁵ Mesmo que a pesquisa desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística tenha sido feita três anos após o fim das atividades do integralismo, partimos do pressuposto que esses números não eram muitos diferentes entre 1935 e 1937, anos de legalidade política da AIB. No levantamento feito pelo IBGE foram apresentados números relativos ao total de habitantes, opções religiosas, nível de escolaridade dentre outros temas. Nesse sentido, selecionamos o total de moradores de Garanhuns e Recife e confrontamos com os outros dados, calculando as percentagens que contribuiriam numa melhor compreensão do assunto. Cf.: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Op. Cit.*

²¹⁶ O Eleitorado deste Município. *Diário de Garanhuns*, Garanhuns. 10 de novembro de 1937. p. 3 - APEJE

vigilância e intervencionismo do executivo, procurava se alicerçar no argumento de que essa coexistência de posturas políticas contrárias se dava a partir da necessidade de proteger o país de novos ataques como o ocorrido em novembro de 1935 com a Intentona Comunista.

Os estudos sobre as eleições, como bem dissertou René Rémond, possibilitam importantes discussões relativas às estratégias de formação da opinião pública em torno de um candidato, ou das ideias que esse representa. Nesse caso, a repercussão em volta dos que disputam o poder por meio do voto depende da aceitação e identificação popular com o nome e propostas do candidato. Além da maneira como a campanha foi gerenciada pelos membros do partido e, ao mesmo tempo, pelo descrédito que conseguiu associar aos seus opositores. Desse modo, de acordo com Rémond:

“A campanha é parte integrante de uma eleição, é seu primeiro ato. Não é apenas a manifestação das preocupações dos eleitores ou a explicação dos programas dos candidatos e dos temas dos partidos, é a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos dos políticos e os movimentos de opinião.”²¹⁷

Esse autor destaca, em seu texto, a importância das eleições para a História Política, pois a partir desses eventos democráticos, os pesquisadores poderiam travar discussões relativas à opinião pública e na formação e/ou substituição de grupos que assumem o poder. No entanto, como a eleição abordada nesse momento não chegou a se concretizar, pois Getúlio Vargas ministrou um novo golpe político e implantou o Estado Novo (1937-1945), nossa escrita se voltara para as estratégias utilizadas nas propagandas desenvolvidas pelos garanhuenses, principalmente os integralistas, em torno do nome dos candidatos a presidência.

A necessidade de adaptarem-se às exigências do sistema democrático vigente no país no pós-1934, com a nova Constituição, levou a liderança da Ação Integralista a iniciar um processo de reformulação institucional do então movimento de caráter cívico que se transformara a partir de 1935 em partido político aos moldes liberais. Nesse novo momento de atuação política, os intelectuais ligados à AIB começaram a divulgar discursos que apontavam outro caminho para se chegar ao poder: o voto popular. Com relação à reformulação da estrutura política do integralismo, Giselda Brito Silva comentou:

No novo momento da AIB, Plínio Salgado produziu novos discursos que justificavam a necessidade de transformar o movimento em partido político,

²¹⁷ RÉMOND, René. *As Eleições. In.: RÉMOND, R. Op. Cit.* p. 49

afirmando ser essa uma nova proposta integralista que, atrelada a proposta doutrinária anterior, transformaria o integralismo num movimento revolucionário no campo político e religioso.²¹⁸

Com essa observação, a autora destaca o fato de que mesmo o integralismo tendo se transformado em um partido ao estilo liberal-democrata, havia a necessidade de se destacar uma continuidade na proposta doutrinária da AIB enquanto movimento cívico. Dessa forma, mesmo que alcançando os objetivos políticos por meios democráticos, os discursos sobre os projetos de poder integralista aproximavam-se do apresentado ainda no *Manifesto de Outubro de 1932*. O plano de implantação de um Estado integralista, ou Estado Integral, alicerçava-se em um sistema político de tendências autoritárias, sustentado por um único partido de bases nas corporações de ofício e em uma rígida hierarquia liderada por Plínio Salgado.

Em 1935, o apelo ao ressentimento contra os membros comunistas que tinham tentado um golpe de Estado, conquistou a simpatia de outros grupos sociais, que não eram necessariamente filiados ao integralismo. Em Garanhuns, o corpo editorial do jornal *O Monitor* pertencente à Diocese do município, começou a noticiar o desenrolar das disputas entre os candidatos, dando certo destaque a obra política de Plínio Salgado contra o comunismo no Brasil. No início do século XX, a Igreja Católica foi uma das instituições que percebia no comunismo uma ameaça aos ensinamentos cristãos, associando o pensamento político da esquerda ao demônio e a negação aos ensinamentos do próprio Cristo.²¹⁹ Em outros momentos, mesmo não tocando no nome da AIB, os jornalistas desse periódico apresentavam argumentos aos leitores que procuravam criar um posicionamento de aversão ao comunismo/socialismo. *O Monitor* repassado para os padres diocesanos, depois do golpe de 1930, que deu o poder a Vargas, pertencia anteriormente a Antônio Souto Filho, político garanhuense que manteve certa distância do integralismo.

Os jornalistas desse periódico da Diocese, muitos deles padres, mesmo não sendo oficialmente aliados dos integralistas, sabiam que muitos dos seus leitores e fies da Igreja simpatizavam com o nome de Salgado que defendendo o lema: *Deus, Pátria e Família*, tornava-se o candidato que mais se aproximava dos eleitores católicos. Desse modo, cientes da predileção de alguns de seus consumidores, os membros do referido órgão começaram a divulgar com frequência o pensamento da AIB, como o pronunciamento do deputado integralista Costa Rego: “Não obstante não apoiarmos todos os argumentos do referido artigo,

²¹⁸ SILVA, G. 2002. p.46

²¹⁹ MOTTA, R. *Op. Cit.* p. 18-29.

o editamos para gáudio de muitos de nossos leitores [...]»²²⁰. O objetivo de agradar aos leitores entrelaçava-se com a proximidade entre o pensamento dos integralistas com alguns líderes religiosos, que também ansiavam em destruir a influência comunista no país.

Mesmo não pertencendo mais a Antônio Souto Filho, *O Monitor* continuou com forte ligação pessoal com esse político e sua família. No entanto, mesmo não encontrando algum tipo de proibição por parte desse político ao órgão de imprensa católico de apoiar o nome de Salgado, percebe-se uma mudança do corpo editorial desse periódico a partir de 19 de julho de 1937, data da morte de Souto Filho. Depois desse momento, esse jornal começou a noticiar, com maior frequência, as disputas eleitorais e apresentar um posicionamento mais definido sobre o candidato que apoiaria. Como aparece no artigo:

Duas cousas... três cousas...

O paiz soffre a muito justa agitação política preparatória das eleições presidenciaes de janeiro proximo. Três candidatos, os partidos e os governos, delimitam os campos e accendem o facho da luta e da campanha, tudo muito bem: democracia, reivindicações, frentes populares, uniões democráticas, partidos, scisões no s partidos...

Há, porém, de inicio, três cousas que devem ser consideradas pelos brasileiros de todos os partidos.

Primeira: O Sr. Mangabeira, proclama-se homem das esquerdas e diz que o Sr. José Américo é pelo espirito e pelo coração da esquerda, o que é falso, mas não deixa de patentear, aos mais ingênuos, que este esquerdista ou communista Mangabeira, assume papel saliente na campanha e terá mais tarde, optima situação para ajudar a próxima investigação vermelha.

Segundo: O Sr. Plínio Salgado lançou ao Brasil o grito de alarma, demonstrando com uma superioridade que edifica e uma documentação que assombra, a obra satânica dos vermelhos, seu fortalecimento e sua tática e campanha ativamente realizadas e em marca de cabal realização.

Terceira: Os vermelhos provocam uma chacina Barbara, em Campos, e em jornaes a serviço de propaganda de uma candidatura, torcem os factos e buscam a responsabilidade de uma organização que tem seu candidato à presidência da Republica, sem tocar, na façanha communista.

São três cousas que dão muito lógica e seguramente, a seguinte conclusão! O comunismo está de vento em popa no Brasil e a questão presidencial com a terrível fome de solidariedade e de votos, está cegando candidatos e enfraquecendo governos, executando o plano soviético.

Si é verdade que nossos políticos e nosso povo, não querem entregar o Brasil a URSS à dictadura dimolidora de Moscou, precisarão energia vigilância com os pescadores de águas turvas, com os escravos negregados da Russia; precisarão repelir corajosa e abnegadamente a perversa e insidio se infiltação de elementos suspeitos e principalmente de confessos servidores do communismo.²²¹

No entanto, a situação política da AIB era ambígua, pois, simultaneamente, a tentativa de se enquadrar em um cenário político democrático, os integralistas continuavam se

²²⁰ Integralismo e Democracia. *O Monitor*. Garanhuns, 15 de maio de 1937. p. 4 - APEJE

²²¹ Duas cousas... três cousas... *O Monitor*. Garanhuns, 29 de agosto de 1937. p. 4 – APEJE.

colocando como inimigos desse sistema. A falibilidade da democracia, segundo Salgado e seus militantes, encontrava-se no fato que o seu principal instrumento, o voto popular, possibilitaria os meios para se chegar ao fim da mesma. Essa relação dúbia com a democracia foi usada com frequência pelos opositores do integralismo, que questionavam a legitimidade dos camisas-verdes em concorrerem às eleições, pois os integralistas não escondiam sua aversão ao regime democrático.

Em 1937, em resposta às acusações de serem antidemocráticos, os integralistas lançaram um plebiscito para a escolha do seu candidato, dando, assim, a oportunidade dos militantes de escolherem o candidato integralista que disputaria a eleição pela presidência do país. Dessa forma, os camisas-verdes de todo o país, em idade de votar, deveriam participar da escolha do nome do representante à presidência pela AIB. Os núcleos então começaram se organizar para o processo de escolha, convocando todos os inscritos a votarem, como aconteceu em Garanhuns.

GABINETE DA CHEFIA MUNICIPAL

O Chefe Municipal de Garanhuns no uso das suas atribuições e em obediência às determinações da Chefia Nacional, resolve:

- a) Ficam convocados todos os Integralistas deste Município para a sessão de 23 do corrente, na qual terá lugar o plebiscito para a escolha do candidato da AIB à Presidência da República;
- b) Sendo obrigatório o comparecimento de todos os Integralistas à referida sessão, comunica esta Chefia que serão punidos com suspensão todos aqueles que faltarem sem causa justificada.²²²

Desse modo, os integralistas antes acusados de antidemocratas, começaram a questionar a postura dos outros partidos que se diziam democratas, mas não davam o direito aos seus partidários de escolherem os seus candidatos. Ao mesmo tempo em que tentavam passar uma imagem de democratas, práticas autoritárias permaneciam nos discursos integralistas. Isso pode ser percebido na convocação feita aos integralistas de Garanhuns para escolher o candidato à presidência da AIB, pois os militantes que não obedecessem às determinações de seus superiores seriam "punidos com suspensão", ou seja, estariam afastados da realização do projeto político defendido pela AIB.

Ao analisarmos essa prática normatizadora do chefe municipal da AIB, lembramos-nos da observação de Michel Foucault, quando escreveu: “O castigo disciplinar tem a função

²²² Gabinete da Chefia Municipal. *A Razão*. Garanhuns, 09 de maio de 1937.p.4 - APEJE

de reduzir os desvios. Deve portanto ser essencialmente *corretivo*.²²³ Faltar a escolha do candidato a presidência pela AIB seria uma falta aos propósitos e juramentos ao qual os militantes integralistas estavam presos por uma questão de honra. Desse modo, estabelecer uma punição aos que ferissem suas obrigações, possuía a função de que todos cumprissem com o seu dever e desestimular as irregularidades.

Como resultado do plebiscito da AIB, Plínio Salgado saiu como vencedor com uma votação esmagadora e sem causar nenhuma surpresa entre os militantes e os brasileiros que acompanharam esse processo. Com a escolha de Salgado, a organização da campanha integralista ficou sob o comando da *Secretaria Nacional de Propaganda* (SNP) que atuou a partir de uma articulação com a *Secretaria Nacional das Corporações e Serviços Eleitorais* (SNCSE), responsável direta pela coordenação com os militantes de base, ou com os simpatizantes. Essas duas secretarias nacionais e as suas versões estaduais, municipais e distritais seriam encarregadas pela divulgação e defesa do candidato da AIB, além de terem de conquistar novos eleitores para este.

O vereador integralista de Garanhuns, Antonio Tenório de Almeida, assumiu a função de *Secretário Municipal de Corporações e Serviços Eleitorais* (SMCSE), o qual recebia ordens diretas da SNCSE. Dessa forma, o partido procurava construir uma homogeneidade na campanha presidencial em todo o país. Uma das circulares enviadas a esse camisa-verde garanhuense foi apreendida por investigadores da DOPS-PE e arquivada em um dos prontuários funcionais. Nesse documento vindo da SNCSE, mandava o referido militante a divulgar uma palestra dada por Plínio Salgado aos microfones a Rádio Mayrink Veiga, no Rio de Janeiro em 02 de agosto de 1937.

CIRCULAR Nº2

DO DIRECTOR NACIONAL DOS SERVIÇOS ELEITORAES E POLITICOS
AOS COMPANHEIROS Antônio Tenório de Almeida.

Estando os bolchevistas em franca e activa preparação do golpe com que pretendem investir contra as instituições, e escravizar a Patria, conforme o aviso dado à Nação pelo CHEFE NACIONAL em 2 do corrente pelo Radio Mayrink Veiga e conformevem demonstrado os últimos factos do conhecimento público, mais do que nunca se torna necessário conclamar todos os brasileiros dignos para o combate a Moscou.

Por isso, afim de alertar a Nação Brasileira, julgamos ser da maior necessidade que o referido discurso do CHEFE NACIONAL seja lido, se já o não foi, na Câmara de que o Companheiro faz parte e requerida a sua inserção nos annaes. [...]

Certos estamos de que o Companheiro compreenderá os relevantes serviços que poderá prestar dessa forma ao Brasil, neste momento angustioso de sua vida.

Pelo Bem do Brasil,

²²³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. 31ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 150

Provavelmente, outros núcleos receberam o mesmo informe e utilizaram dos meios que possuíam para divulgar o discurso do candidato da AIB. O apelo ao sentimento patriótico marcava a correspondência dos militantes que acreditavam estar envolvidos em uma batalha em defesa do Brasil e da religião cristã. Lembremos que Antônio Tenório além de ocupar o cargo de SMCSE era também vereador em Garanhuns e, por esse motivo, foi escolhido para ler o conteúdo da palestra de Salgado aos outros políticos da cidade.

Na referida entrevista, Salgado dedicou-se não a expor o plano político da AIB, nem como seria o Brasil caso ele fosse eleito. Mas voltou-se a desferir ataques contra o comunismo e tentar relacionar a imagem dos seus opositores a essa corrente ideológica e política, associado dos adversários aos interesses da Rússia Soviética e ao materialismo sem Deus. A mesma circular enviada ao bacharel Antonio Tenório de Almeida, indicava a leitura dos jornais *A Offensiva* e o *Correio da Manhã*, nos quais estavam transcrito, na íntegra, a palestra do Chefe Nacional da AIB.

O jornal *A Offensiva*, sob a orientação do próprio Plínio Salgado, dedicou a primeira e quarta página a transcrição da fala do candidato integralista que, em certo momento, teria discursado:

Os camisas-verdes não podiam tomar posição em uma das duas correntes que apóiam os candidatos majoritário e minoritário, porque tinha conhecimento de directivas da Internacional Comunista, a qual determinou que o bolchevistas e as suas chamadas forças de vanguarda se dividissem, infiltrando-se nos dois campos, afim de gozarem as franquias inherentes ao exercício de direitos eleitoraes e a protecção de personalidades influentes nos governos estaduaes e federal. Tínhamos, pois, para estar vigilantes em vosso beneficio, brasileiros de todas as correntes e de todas as classes, de nos conservarmos sozinhos. O contrario seria desarticular todo um serviço pacientemente organizado por nós, de vigilância contra o communismo, e seria enfraquecer a cohesão das forças civis e militares mais activas e informadas do paíz, promptas para oppôr tenaz resistênciã contra a insurreiçãõ vermelha ou o golpe technico. Isolados, estamos organizados: mantemos o mesmo estado de animo, de insomne vigilância, de combatividade e, notadamente, de informação constante sobre os passos dos bolchevistas. Estaes vendo, pois, meus patrícios, que não é a ambição, nem a vaidade, nem a egolatria, nem o interesse regional, nem a política de grupos que me levam a comparecer às urnas; o que eu objetivo é, em torno da candidatura Integralista, arregimentar forças invulneráveis ao vírus soviético e que talvez mais cedo do que pensaes, terão de salvar as instituições, oppondo uma barreira [...] à investida de Moscou.²²⁵

²²⁴ Circular nº 2. De Director Nacional dos Serviços Eleitoraes e Políticos aos companhaeiros. *Prontuário Funcional nº 4938*. DOPS-PE/APEJE

²²⁵ O comunismo contra o Brasil. *A Offensiva*. Rio Janeiro, 04 de agosto de 1937. p.1

Na leitura desse trecho da fala de Salgado, observa-se que retomando um tema presente não só na campanha presidencial, mas no próprio percurso político e intelectual da AIB, o pedido feito ao integralista de Garanhuns que divulgasse essa palestra, em seu município, apontava para a tentativa de instigar o ressentimento em relação aos grupos políticos de esquerda. Novamente recorrendo à fórmula dicotômica que dividia o cenário político entre o bem e o mal, o líder integralista, a exemplo do que seus seguidores também procuravam fazer, argumentava que a ameaça “vermelha” não era apenas fruto de brasileiros insatisfeitos com o governo. Na realidade, esses seriam manipulados por planos de dominação que vinham de outro país, a Rússia.

Outro departamento que se envolveu nessa empreitada foi a *Secretária Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos* (SNAFP). Constituída por mulheres, as *Blusas-verdes*, a SNAFP decorreu da campanha pela presidência, teve seus lugares de atuações políticas e sociais redefinidas. Em 1935, antes das atividades propagandísticas em torno do nome de Salgado para a presidência, o espaço relegado as mulheres na sociedade era a de donas de casa e mães afetuosas, como aparece a seguir:

Compreenda-se que é no lar o papel da mulher, que é na educação dos seus filhos que ela concorre para a formação de uma sociedade sã e benéfica onde se desenvolverá o seu caráter assegurando-lhe a felicidade futura. É nesse lar que se cultivarão as virtudes de seus filhinhos aos quais elas ensinarão a ser homens de bem.²²⁶

Esse trecho do artigo intitulado *O papel da mulher na sociedade*, de autoria de Enovi – não descobrimos a quem pertencia esse pseudônimo – concluía um argumento em que a mulher aparecia como um ser corrompido pelo mundo moderno, influenciado pelo materialismo comunista e pela ação do judaísmo. Esse foi um dos poucos momentos que o sentimento anti-semita aparece no jornal *A Razão*, pois o principal inimigo o comunismo começou a ser associado com maior recorrência nesse periódico a maçonaria e não ao judeus. Voltando a questão das mulheres integralistas, essas senhoras e senhoritas puderam sair de dentro do lar, espaço em que os discursos integralistas as colocavam como responsáveis por cuidar do bem estar do seu marido e da educação dos filhos, e começaram a desempenhar funções em espaços públicos. Estas passaram a atuar diretamente na conquista de novos

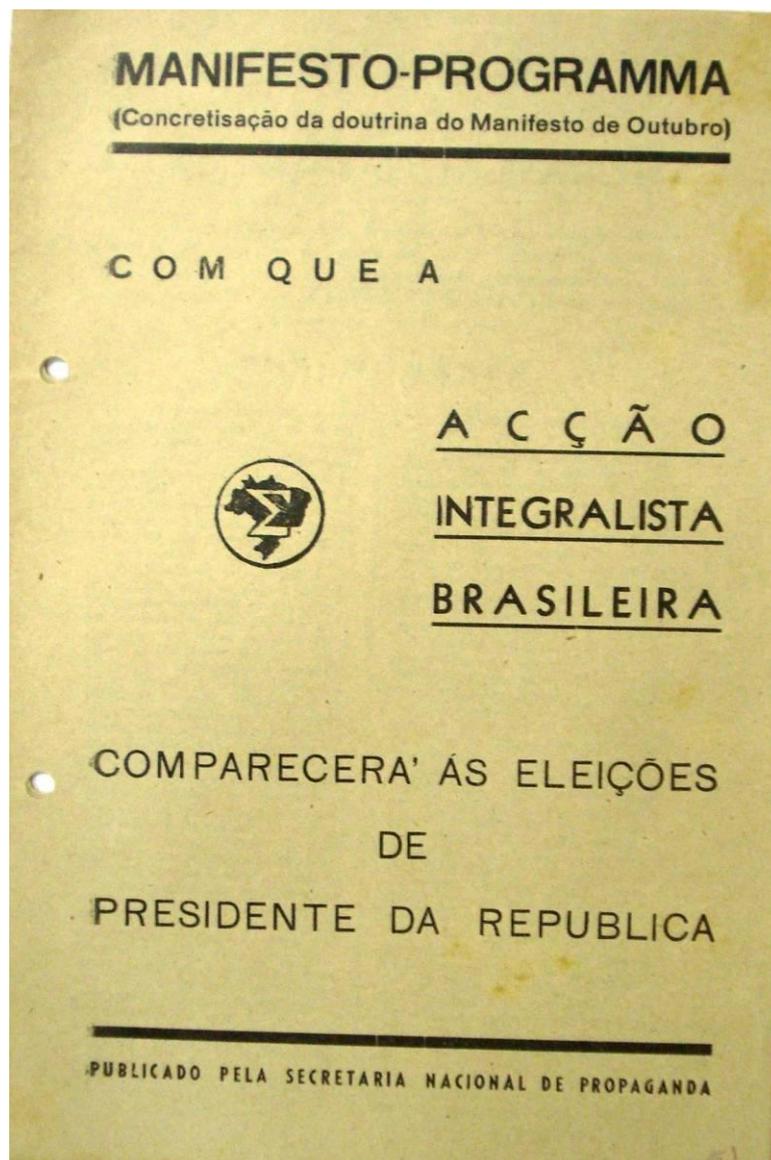
²²⁶ O papel da mulher na sociedade. *A Razão*. Garanhuns, 01 de novembro de 1935. p.4 - APEJE

eleitores para Salgado, isso a partir de suas práticas assistencialistas ou da alfabetização ministrada por elas.²²⁷

Antes mesmo de ser escolhido pelo plebiscito como o candidato integralista, Plínio Salgado já tinha lançado, em 1936, em um conclave para as altas patentes do AIB, o projeto de governo intitulado de *Manifesto-Programma*.²²⁸ Esse programa eleitoral foi apresentado por ele enquanto um amadurecimento e aprofundamento das propostas feitas anteriormente no *Manifesto de Outubro*, texto que marcou o início das atividades integralistas em 1932. A ligação entre esses dois documentos aparecia na capa do documento abaixo:

²²⁷ Além de CAVALARI, R. *Op. Cit.* p. 41-75, que no decorrer do seu livro abordar a presença da mulher na vida política da AIB, localizando as atividades destas nas atividades educacionais ou na saúde como enfermeiras. Em trabalhos recentes que também encontram na participação das Blusas-verdes o escopo de suas discussões, percebemos a construção de outros problemas como a questão do corpo e da função dessas militantes dentro e fora de casa. Cf.: BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografia, gênero e autoritarismo: representações de feminino pela Ação Integralista Brasileira. *In.*: SILVA, G. B. (org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 219-236. 2007. SILVA, Giselda Brito. A política cultural das mulheres integralistas entre as mulheres pobres e trabalhadoras do Estado de Pernambuco. *CLIO- Série Histórica* (2005): 1-20; e FERREIRA, Helisangela Maria Andrade, e SILVA, Giselda Brito. A casa é das mulheres e a rua é dos homens: a educação feminina na AIB na cidade do Recife (1932-1937). *In.*: III Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais. 2011. Anais. Universidade Federal da Paraíba. Somando-se a essas pesquisas acadêmicas, indicamos o conto de Graciliano Ramos chamado *A prisão de J. Carmos Gomes*, onde o escritor tentou traçar um perfil psicológico de uma militante integralista, irmã de um comunista, logo após a tentativa frustrada de golpe de Estado integralista em maio de 1938. Nessa ocasião, o autor contrasta o sentimento de orgulho e felicidade por ter participado de um movimento patriótico que tinha se disposto em eliminar o comunismo, com o medo e a insegurança que o novo momento político oferecia aos antigos seguidores de Plínio Salgado. Nesse momento, o integralismo aparecia nas memórias da personagem de uma maneira “desbotada”, não parecendo mais ser tão grande e forte como ela sentia antes da implantação do Estado Novo em 1937. Cf.: RAMOS, Graciliano. *A prisão de J. Carmo Gomes*. *In.*: _____. *Insônia*. Rio de Janeiro, 69-88. 2003.

²²⁸ Mantendo a escrita da época.



Capa do Manifesto-Programma integralista distribuído durante a campanha eleitoral de 1937.²²⁹

A divulgação das propostas desse *Manifesto-Programma* foi feita de maneira incessante pelos meios de comunicação ligados à AIB, como estudou Rodrigo dos Santos de Oliveira.²³⁰ Ao tratar dos periódicos desse movimento, esse autor destacou a importante função dos órgãos de imprensa nesse processo de convencimento da opinião pública em torno da candidatura de Salgado. Ao direcionarmos nossa atenção para o município de Garanhuns, além dos exemplares desse programa eleitoral terem provavelmente circulado por lá, pelo menos nas mãos daqueles que frequentavam o núcleo, o jornal *A Razão* também começou a

²²⁹ Manifesto-Programma. *Prontuário Funcional n°1066*. Recife, DOPS-PE/APEJE. (grifo nosso)

²³⁰ Cf.: OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Tese (doutoramento em História). PUC-RS, 2009.

colocar trechos do referido texto nas edições de 1937, para que seus leitores, aos poucos, entrassem em contato com as propostas dos partidários do Sigma para o Brasil pós-eleição.²³¹

As colunas de notícias e os anúncios que formavam esse jornal abordavam, em muitos casos, o processo eleitoral de maneira a enaltecer a imagem de Salgado em detrimento dos oponentes Armando Sales de Oliveira e José Américo de Almeida. Nessa ocasião, intelectuais conhecidos nacionalmente, ou personalidades locais que tinham vestido a camisa-verde da AIB, ou simpatizavam com as propostas integralistas, ganharam espaços nesse e em outros periódicos que viam em Plínio Salgado um representante da nacionalidade brasileira e defensor do credo cristão.

No decorrer do percurso trilhado em uma propaganda política, a exemplo da integralista na década de 1930, foram expostos a partir dos meios de comunicação tanto as figuras dos candidatos, como as dos seus partidos e correligionários, além da própria criação e reafirmação das alianças partidárias. Peter Burke, ao escrever: *A fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*, mesmo tratando de um momento histórico e espaço geográfico distinto do aqui abordado, indicou como uma imagem pública pode ser criada a partir de um processo de divulgação e legitimação popular de estereótipos.²³²

Confrontando os procedimentos na construção e legitimação da imagem política de Luis XIV com os políticos do início do século XX, como também poderíamos ver com os atuais homens públicos, percebe-se que os meios de comunicação e as produções intelectuais e artísticas foram imprescindíveis na propaganda política. O processo de confecção de uma personagem conhecida e reconhecida enquanto uma autoridade – muitas vezes fruto de uma caminhada lenta e reformulada, com o passar do tempo, ou construída de maneira repentina pelos propagandistas, baseados em um passado “pessoal” que beira muitas vezes ao místico – teria chamado a atenção de Burke pelo seguinte fato: “Em termos modernos, o que me interessa é ‘a venda de Luíz XIV’, o pacote do monarca, com ideologia, propaganda e a

²³¹ A suposição de que os militantes integralistas de Garanhuns entraram em contato com o Manifesto-programa alicerça-se no fato que no decorrer do Estado Novo, em uma das diligências da polícia política de Vargas, além dos livros já citados nesse trabalho, os agentes da lei apreenderam também o seguinte: “Grande numero de exemplares de jornaes Integralistas, Boletins, Hymnos, Manifestos e Prospectos de propaganda etc...”. Logo, dentre o material recolhida pela DOPS-PE continha também o referido documento para as eleições de 1938, que não chegaram a se realizar. Cf.: Relação de livros, objetos, documentos, photographias e materiaes de expediente e propaganda, apprehendidos em domicílios de integralistas desta cidade. *Prontuário Funcional nº 1026*. DOPS-PE/APEJE

²³² Cf.: BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

manipulação da opinião pública”.²³³ Esses três pontos abordados por esse autor fazem também parte de uma campanha política, como a desenvolvida pelos integralistas e opositores no decorrer da década de 1930.

O desenvolvimento das tecnologias, no início do século XX, interferiu diretamente nesse processo propagandístico, possibilitando uma abrangência do raio de atuação dos envolvidos. Como no caso do rádio que foi utilizado para alcançar aqueles prováveis eleitores que não tinham o costume de ler jornais, ou não se envolveram ativamente em algum partido ou agremiação de cunho político. Nas primeiras décadas do século XX, o rádio foi o meio de comunicação que juntou muitos ouvintes em todo o país que atentamente escutavam seus programas e os pronunciamentos de intelectuais e políticos. Em 1936, Lourival Fontes, que comandou Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) a partir de 1939, já dizia: “Basta dizer que o rádio chega até onde não chegam às escolas e a imprensa, isto é: aos pontos mais longínquos do país e, até, à compreensão do analfabeto.”²³⁴ Sobre a relevância do rádio nas campanhas políticas realizadas no decorrer de 1936 e 1937, destacamos o trecho de um artigo do *A Razão*:

Estamos na fase aguda da sucessão presidencial. A imprensa, o rádio e o cinema vêm sendo usados no endeusamento dos candidatos liberais e na propagação das suas promessas ao bom povo brasileiro.

Mas o rádio é o veículo por excelência: Oradores e mais oradores ocupam todos os dias os microfones das estações do país.²³⁵

Os rádios/as vitrolas eram então mais uma atração nas casas e nos espaços de relações sociais, como os cafés, onde os clientes e transeuntes reuniam-se para ouvir musicais, informativos e os programas de locutores, que muitas vezes recebiam além de personalidades artísticas, importantes políticos. Como fizeram os outros candidatos em suas campanhas, Plínio Salgado também se utilizou desse meio de comunicação para levar seus discursos além dos que frequentavam os núcleos da AIB, ou liam as obras e periódicos dos integralistas. Em dois momentos diferentes, no início de novembro de 1937, em que os militantes de Garanhuns ouviam a voz de seu Chefe Nacional em um rádio colocado no núcleo local, faltou energia elétrica na cidade. Mesmo com esse incidente, ou suposto boicote segundo os jornalistas da

²³³ Ibid. p.15-16

²³⁴ SAROLDI, L. C. ; MOREIRA, S. V. *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte / Martins Fontes, 1988. p. 13. *Apud*. CIACCIA, Fábio; MANHANELLI, Carlos. A história do rádio na política brasileira. In: VI Politicom, 2007, Sta. Barbara do Oeste. Propaganda política e audiovisuais. Sta. Bárbara D'Oeste : Faculades Anahnguera, 2007. v. 01. p.4

²³⁵ A proposito. *A Razão*. Garanhuns, 29 de agosto de 1937. p.12 – APEJE.

AIB local, a presença dessas notícias no periódico do núcleo indica uma prática dos integralistas de se reunirem para ouvirem no rádio as determinações vindas da liderança a nível nacional.

Voltando ao jornal *A Razão*, no decorrer de 1937, quando as disputas eleitorais se acirraram, foi criada uma coluna intitulada: *A propósito*, assinado por Matoso, provavelmente o pseudônimo do então Chefe Municipal da AIB, o dentista Mario Matos. Esse integralista procurou articular sua concepção sobre as questões do cotidiano político do município com o que acontecia no resto do país. Os seus textos eram norteados por uma prática anticomunista, característica comum a outros jornalistas do movimento, que em muitos momentos associava à imagem dos comunistas aos judeus e, principalmente, aos maçons.

Os textos de Matoso procuraram ambientar os debates e choques entre os integralistas *versus* opositores nas feiras e em pontos de encontros populares da cidade. Em um desses artigos, o Café Central, localizado na Av. Stº. Antônio, foi o cenário onde, em torno de uma camisa de cor verde, simbolizando a farda dos militantes da AIB, um opositor atacou Salgado e seus seguidores. Nessa ocasião, segundo o seu artigo, os clientes foram testemunhas de uma das “mais odientas manifestações de uma cólera incontida”.²³⁶ Na qual “A tal camisa, simplesmente por ser de cor verde, fora rasgada, estraçalhada, babada de ódio e expostos os seus pedaços à risadaria dos apaniguados defensores das ‘liberdades democráticas’”.²³⁷ A descrição da sequência de atos desrespeitosos em relação a um símbolo da AIB (a camisa-verde), demonstrava a fúria e barbárie dos adversários locais contra o integralismo. Ao mesmo tempo, queria dizer que o integralismo crescia e começa a incomodar àqueles que estavam no páreo pela presidência do país.

Em outro momento, apropriando-se da figura de populares, como a representação do matuto indignado com os que falavam mal da AIB, Matoso apontava para uma suposta aceitação que os camisas-verdes, entre os mais simples brasileiros, procurava vencer as barreiras que colocavam o integralismo como um grupo de jovens intelectuais.

O Integralismo conquista, empolga as elites e fascina todos os governantes de boa vontade e que de fato desejam ver o Brasil unido, forte e respeitado.
O integralismo conquista o povo brasileiro.
Eu, outro dia, ouvi um matuto dizer em certa roda de inimigos do Sigma e que certamente “tosavam”:

²³⁶ Registrando. *A Razão*. Garanhuns, 25 de julho de 1937. p. 4 – APEJE.

²³⁷ Idem.

“Seu moço, eu não adoto, mas à morá é boa” – Era um pequeno agricultor de Garanhuns quem assim dizia. Eu ouvi.²³⁸

A imagem da AIB e de seus militantes era associada, popularmente, à defesa da ordem, da moral, dos preceitos positivos que formavam a sociedade brasileira e, simultaneamente, opondo-se àqueles que desejavam macular a “pureza” da pátria, com pensamentos exóticos (comunistas e liberalistas). Nesse mesmo jornal, no qual os artigos desse jornalista foram publicados, Salgado aparecia em sua campanha como o legítimo representante dos preceitos nacionalistas, sendo esse seu lugar reconhecido tanto entre os intelectuais como por populares, como o matuto citado anteriormente por Matoso. Enquanto os seus adversários eram descritos pelos discursos integralistas, não apenas como oponentes políticos, mas como inimigos da pátria e muitas vezes da própria fé cristã, como acontecia com os considerados comunistas.

Com intenção de construir discursivamente uma paisagem política a partir de uma premente ameaça das forças estrangeiras, os intelectuais integralistas apresentavam-se como única força nacionalista capaz de governar o país, alicerçando-se em bases da tradição cristã. Almejando uma suposta vitória pelas urnas, a liderança da AIB desejava dar início à implantação do Estado Integral entendido como um Estado Forte e com base na administração corporativa. Como observou Giselda Brito Silva: “Essa proposta trazia como idéia central um projeto de ‘Organização Corporativa do Estado Forte’ que não escondia a intenção intervencionista sob o discurso de defesa dos princípios morais e tradicionais[...]”²³⁹

No artigo “*Candidato...*”, publicado no *A Razão*, as imagens dos candidatos Armando Sales Oliveira, José Américo de Almeida e do próprio Plínio Salgado foram descritas a partir de estereótipos comuns ao repertório de discursos integralista. Como pode ser visto logo abaixo:

CANDIDATOS...

O povo brasileiro já conhece os candidatos à presidência da Republica nas próximas eleições.

Um é indicado pelas chamadas “*forças majoritárias*” do paiz; outro, pelas chamadas “*forças de oposição*” ao Catete e um terceiro é o indicado pelo único Partido Político de âmbito nacional.

Do primeiro se aguarda a palavra sobre o seu programa; do segundo, já se conhecem alguns discursos; e do terceiro, há quase dois anos, já se sabe qual será a sua diretriz,

²³⁸ A proposito. *A Razão*. Garanhuns, 25 de abril de 1937. p. 4 – APEJE.

²³⁹ SILVA, G. 2002. p. 48

já se conhecem as linhas mestras do seu programa, já se sabe enfim como vae governar, o que quer fazer e como fará aquilo que quer.

O primeiro, como candidato das “forças majoritárias”, terá de fazer o seu programa de acordo com elas. E são da liberal-democracia... E elas são de homens cheios de erros que a “outubrada” procurou combater, mas que, no dizer do senador Costa Rego, os aumentou cada vez mais...

O segundo é um candidato dos “sindicatos estrangeiros”, é um candidato judeu e casado, ao que se diz, com uma judia...

É também um candidato simpático à Maçonaria...

É um candidato que a sua propaganda com rios de dinheiro... É um candidato do celeberrimo Assis Chateaubriand e da sua insidiosa, venenosa “cadeia” de jornaes...

O terceiro vem de um grande movimento de uma nova doutrina, é um candidato, do Brasil e do seu povo.²⁴⁰

A descrição feita do primeiro candidato era voltada para Armando Sales de Oliveira, preferido do então presidente Getúlio Vargas. O segundo era o paraibano José Américo de Almeida, acusado de ser conivente com os grupos da esquerda. Enquanto o terceiro candidato seria Plínio Salgado. O fato é que, para os integralistas, nenhum dos dois primeiros candidatos dos partidos liberais tinha condições de administrar o país e, principalmente, protegê-lo das empreitadas dos inimigos políticos do país. Ao passo que o terceiro candidato, Salgado, pertencia a “[...] um grande movimento de uma nova doutrina, é um candidato, do Brasil e do seu povo.”²⁴¹

Ao mesmo tempo em que os integralistas tentavam conquistar novos adeptos ou simpatizantes para votarem em seu candidato, tiveram também de enfrentar opositores aos seus planos políticos. As relações conflituosas com esses, em muitos momentos, foram “apimentadas” pelas acusações contra a moral e sobre as verdadeiras intenções dos oponentes. Desse modo, mesmo Garanhuns ser constituído, na época, por uma população que em sua maioria se apresentava como católica, as atividades propagandísticas dos integralistas não ocorreram de maneira tranquila, tendo esses militantes que enfrentarem indivíduos e/ou grupos hostis a ideia de um Brasil integralista.

Assim, veremos como os integralistas de Garanhuns e os partidários dos outros candidatos disputaram os votos dos eleitores da cidade, procurando nesse percurso discutir as políticas e os embates pessoais dos que se envolveram nas campanhas no município dos três candidatos à presidência do país.

²⁴⁰ “Candidatos...”. *A Razão*. Garanhuns, 30 de maio de 1937. p.1 – APEJE.

²⁴¹ *Ibid.*

2.4. As disputas políticas nos últimos momentos da democracia brasileira em 1937

O ambiente de disputas por votos na cidade intensificou os embates entre os grupos políticos locais, levando os integralistas, os maçons e os liberais a se mostrarem como representante do povo ao apresentarem suas propostas nas propagandas política. Nesse momento, além dos camisas-verdes que se envolveram na propaganda do seu Chefe Nacional, os correligionários de Armando Sales de Oliveira, ou os de José Américo de Almeida, procuraram defender o caráter democrático e a aptidão de seus preferidos em detrimento dos outros envolvidos na corrida pelo principal cargo público do país.

Concomitantemente aos integralistas garanhuenses que trabalhavam em torno do nome de Salgado apresentando-o como um intelectual cristão apto para resolver os problemas sociais; os que defenderam os candidatos de tendências liberais (tanto Oliveira como Almeida) atacavam o integralismo e seu líder e ainda os apresentavam como uma negação aos preceitos que sustentavam a República Democrática. Uma das características que observamos na análise da propaganda eleitoral para as eleições que deveriam ocorrer em 1938, foi que tão importante quanto à defesa das propostas de um determinado candidato, estava também o ataque à honra dos adversários. Deslegitimar politicamente o oponente surtia o efeito de legitimar aquele que o combatia.

O cenário de disputas na cidade pode ser percebido em uma carta do Chefe Municipal, Mario Matos para o líder da AIB em Rio Branco (atual Arcoverde) Antônio Napoleão.

Garanhuns, 30 de julho de 1937
Caro companheiro Antonio Napoleão
Anauê
Como vamos por ahi?

Aqui a cousa vae bôa. Os jornaes da terra, que são em número de três liberaes, assestaram as baterias contra nós e ha quasi um meio tem sido forte o troteio. Atiram, porem, com canhões de pouco alcance e com maus atiradores. As balas geralmente, fazendo voar pelos ares as suas próprias fortificações. A nossa "a razão" continua na vanguarda. É nosso propósito tornal-a diária, ou pelo menos circulando a escrita nesse sentido, o que muito nos tem custado e muita raiva irá fazer aos nossos adversários se conseguirmos pol-a em dia. [...] ²⁴²

²⁴² Carta do Chefe Municipal de Garanhuns Mario Matos para Antônio Napoleão, Chefe Municipal de Rio Branco. *Prontuário funcional nº4626*. DOPS-PE/APEJE. (Grifo nosso)

Apreendida pelos investigadores da DOPS-PE, provavelmente durante as incursões nos núcleos da AIB-PE durante o Estado Novo, a referida carta apresenta um cenário de disputas, no qual os inimigos liberais atacavam os integralistas que pretendiam responder intensificando a propaganda a favor de Salgado, candidato integralista, no decorrer de 1937.²⁴³ O clima de animosidade apresentado por essa carta refletia o momento de disputas políticas vivenciada pelos garanhuenses que se utilizavam dos jornais para fazerem campanhas em prol de seus candidatos e para atacar os adversários.

Dentre os periódicos que circulavam nas mãos dos leitores de Garanhuns e que optaram em fazer oposição à candidatura de Salgado a presidência, selecionamos dois: O primeiro foi o *Diário de Garanhuns*, que manteve uma acirrada campanha contra os integralistas locais. O outro jornal escolhido aqui foi *O Mensageiro*, pertencente à loja maçônica *O Mensageiro do Bem*.²⁴⁴ Com uma circulação quinzenal, desempenhou concomitantemente à propaganda a favor do candidato José Américo de Almeida, um combate ao integralismo, que se fez presente em todas as edições desse jornal mantido pela maçonaria garanhuense.

2.4.1. O combate ao integralismo pelos jornalistas do Diário de Garanhuns.

Nos momentos que antecederam a instauração do Estado Novo em 10 de novembro de 1937, o clima político no país se acirrou em torno dos candidatos e correligionários envolvidos na corrida presidencial. Em Garanhuns não foi diferente, como aparece na carta de Mario Matos citada anteriormente, o cenário político da cidade foi descrito como um campo de batalha, onde os inimigos “disparavam” acusações contra eles, e estes respondiam a partir do jornal do núcleo.

²⁴³ A historiadora Marcília Gama destacou que construção de um acervo documental, formado por relatórios policiais e material apreendido pelos agentes da DOPS-PE, possibilitou a elaboração de uma teia de informação. Essas informações dava uma maior eficiência no trabalho policial, que poderia localizar nos prontuários os nomes e crimes dos considerados subversivos. Cf.: SILVA, Marcília Gama da. *O DOPS e o Estado Novo: os bastidores da repressão em Pernambuco (1935-1945)*. Recife, UFPE. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) UFPE/CFCH, 1996.

²⁴⁴ A escolha desses periódicos deram-se pela recorrência de artigos relativos as disputas eleitorais entre os anos de 1936 a 1937.

No entanto, se os integralistas que trabalhavam no jornal *A Razão* sabiam quem deveriam apoiar, o mesmo não se repetia na redação do *Diário de Garanhuns*. O que se percebe nos artigos produzidos no decorrer do ano de 1936 era que os jornalistas deste periódico pareciam vivenciar entre eles um clima de tensão ocasionado por um racha entre os que apoiavam o candidato Amando Sales de Oliveira e os que preferiam José Américo de Almeida.

No decorrer do ano de 1936, mesmo sem um candidato oficial, as discussões sobre a política se fizeram presente nesse diário, principalmente nas colunas “*Assuntando...*” e “*Respingo...*”, escritos, respectivamente, por João Domingos e Morse Lira, que assinavam com os pseudônimos de Zeno Cova e Léo do Vale. O primeiro jornalista dedicou-se às questões sobre a política nacional, voltando-se a discutir os interesses e às disputas locais, enquanto que o segundo encabeçou uma áspera campanha anti-integralista. Vale lembrar que o bacharel em direito Morse Lira era da família do primeiro Chefe Municipal da AIB, Eurico Lira, que nesse período das disputas eleitorais, encontrava-se no cargo de Governador da 9ª Região Integralista em Pernambuco, correspondente a Bom Conselho, Correntes, São Bento do Una, Jupí, Canhotinho, Cachoeirinha e Garanhuns.

Na análise dos textos de Morse Lira (Léo do Vale), encontra-se uma recorrência de comparações entre os integralistas e os comunistas que, mesmo incompatíveis ideologicamente, foram colocadas por esse jornalista em patamares idênticos em relação ao perigo representado por ambos a integridade da democracia brasileira, sendo os dois constantemente adjetivados como extremistas. Em um de seus textos, escreveu:

Respingo...

"Não ha outro extremismo além do comunismo. Ou torna-se claro, desassombradamente, que a lei é contra o comunismo, ou tornamos mais grave a vituarção do país..."

Conversa fiada.

Tanto o comunismo como o fascismo, de que o integralismo é a modalidade pliniana, são extremismos.

Um da esquerda - o comunismo.

O outro da direita - o integralismo.

Ambos se diferenciam nos processos, métodos e sistemas *mutatis mutandis*, mas todos dois se confundem na mesma finalidade.

A destruição da democracia liberal.

Por consequência:

Ambos são extremistas por ambos trabalham pela subversão da ordem jurídica dominante e pela destruição do edificio constitucional vigente.²⁴⁵

²⁴⁵ Respingos... *Diário de Garanhuns*. Garanhuns, 04 de janeiro de 1936. p.1 – APEJE.

Assim, independente do caminho ideológico tomado por esses grupos, seguindo tanto pela direita como pela esquerda política, Morse Lira apontava que o resultado seria o mesmo: a morte da democracia e de todos os direitos concernentes à liberdade de escolha que esse sistema político defendia, implantando-se ditaduras que se diferenciariam apenas nas cores de camisas, umas seriam verdes e outras vermelhas. Esse tipo de associação ao ligar o integralismo a um grupo político pensado e discursado, na época como inimigos da pátria e da fé cristã, procurava construir novos sentidos interpretativos em relação ao integralismo, que deixariam de ser percebida a partir do lema Deus, Pátria e Família e começaria a ostentar os estigmas negativos da subversão.²⁴⁶

Simultaneamente à produção de críticas aos integralistas e ao projeto de governo desses, as tensões aumentavam entre os jornalistas do *Diário de Garanhuns* por causa da indefinição de quem deveriam apoiar para a presidência. O clima de indecisão veio a público na edição do dia 02 de junho de 1937 quando J. Coelho Rodrigues e Morse Lira publicaram dois artigos na primeira página com os respectivos títulos: *O Candidato Nacional* e o *Regionalismo Criminoso*. O primeiro artigo apresentou o candidato paraibano José Américo de Almeida, na época ex-ministro da Viação e Obras Públicas, como um homem capaz de gerir a pátria, além de olhar com carinho para os nordestinos, pois também era um desses. O segundo voltou-se a discursar Amando Sales de Oliveira como um candidato nacional e não local. É relevante destacar que, além do combate a Salgado, esses dois candidatos também mantiveram campanhas de combate ente si, em que “acusavam-se mutuamente de comunistas, no afã de livra-se de qualquer suspeita de ligação com a ‘doutrina maldita’.”²⁴⁷ Observa-se que a prática anticomunista que procuramos ver aqui a partir da atuação da AIB, não era um monopólio propagandístico destes, mas usado por outros grupos. A regra parecia ser acusar antes de ser acusado.

No artigo *Regionalismo Criminoso*, Morse Lira procurou deslegitimar a política regionalista dos correligionários de José Américo de Almeida que, segundo ele pregava a divisão entre os brasileiros, regionalizando os interesses que deveriam ser percebidos em uma

²⁴⁶ A construção de discursos a partir de uma memória discursiva, entrelaçando temas e textos recentes aos já conhecidos e legitimados, como destaca Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*, cria entre o receptor, ouvinte ou leitor, um sentido de verdade. Cf.: FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2010. p. 21-79. No caso de nossa argumentação dos textos de Morse Lira, construir uma ponte entre integralismo-comunismo, possuía também a intenção de entrelaçar as imagens de ambos, mas utilizando para isso apenas os signos negativos que constituía a compreensão do que era o comunismo nos anos 1930.

²⁴⁷ MOTTA, R. *Op. Cit.* p. 163.

expectativa nacional. No decorrer de seu texto, esse jornalista comentou sobre um determinado intelectual local, provavelmente J. Coelho Rodrigues, que tentava coagir os outros com a seguinte frase: “– Quero ver qual é o nortista com dignidade – diz esse cavalheiro – que tem coragem de votar contra o candidato do Norte.”²⁴⁸ Nesse sentido, a reprodução dessa fala contra o ex-governador de São Paulo, Amando Sales de Oliveira, dava-se a partir de mentiras criadas em torno de sua candidatura, que tendiam a apresentá-lo como um homem avesso aos nortistas.

Dois dias após a publicação desse número que confrontava as propostas dos candidatos dos partidos liberais acima citados, Morse Lira, responsável pela maior parte dos artigos contra o integralismo, saiu do *Diário de Garanhuns* e J. Coelho Rodrigues assumiu o cargo de Redator-Chefe pertencente a Lira.²⁴⁹ A partir desse momento, José Américo de Almeida foi escolhido como candidato oficial do *Diário de Garanhuns*. Com a mudança na coordenação do diário, o novo diretor-chefe conduziu as notícias sobre as disputas eleitorais como uma competição democrática entre Almeida e Oliveira, sendo, então, a candidatura de Plínio Salgado silenciada nas páginas desse jornal.

Negligenciar a presença de um terceiro candidato não dando espaço aos discursos de Plínio Salgado foi a estratégia escolhida pela nova direção do *Diário de Garanhuns*. Nesse caso, o silêncio em relação à campanha e propostas do candidato integralista nesse periódico garanhunense acaba "falando-nos" sobre a tentativa de deslegitimá-lo enquanto uma força política que representasse algum perigo aos políticos liberais, principalmente José Américo. Mesmo assim, os integralistas locais continuaram ocupando, vez por outra, espaços nas colunas desse jornal, aparecendo como criadores de problemas, principalmente a partir das atividades jornalísticas no *A Razão*, no qual faziam recorrentes acusações sobre os adversários de estarem arquitetando confabulações de golpes contra a pátria. Nesse periódico, os integralistas de Garanhuns eram percebidos da seguinte forma:

Ora, essa é de amargar.

Nós envenenadores, mistificadores, intrigadores, bolchevizantes e por cima de tudo isso recebendo colaborações de esquerdistas!..

Isso não é de estranhar, porque, si não somos verdes, si não pertencemos ao integralismo, si defendemos a candidatura do Ministro José Américo de Almeida, temos que ser por força, tudo isso que a “Razão” nos chama e mais alguma cousa que teve e tem vontade de chamar...

²⁴⁸ Regionalismo Criminoso. *Diário de Garanhuns*. Garanhuns, 02 de junho de 1937. p.1 - APEJE

²⁴⁹ Cf.: NASCIMENTO, L. *Op. Cit.* 130-131.

Envenenadores, mistificadores, intrigantes e bolchevizantes não somos nós que não carecemos disso, mas quem vive em grupinhos, a confabular as escondidas alta noite, em casas particulares e até fora da cidade, concertando naturalmente planos de subversão da ordem e do revimen.

Essas são vós srs. integralistas, que vivem a ilaquear a boa fé dos incautos, com promessas de salvação da Pátria, da família etc. como se o Brasil estivesse perdido ou si, para ser bom brasileiro, se precise vestir uma camisa verde e fazer promessas, para ganhar posições...

Nós aqui não fazemos campanha contra o integralismo e o comunismo ou seja aos extremismos para voar nas posições. Fazemo-la porque achamos o nosso regimen o melhor do mundo e nele queremos continuar.

Vós outros talvez não possam dizer a mesma cousa.

E por isso, desejosos de subir, sem olhar os meios vêm em cada um cidadão que não veste uma camisa verde um comunista, não tendo sido esta a primeira vez que nos chamam assim e nem será de certo, a última. Mas, podem crer, podem estar seguros disso, essa história terá fim.

É questão de tempo.²⁵⁰

Nessa passagem, os integralistas de Garanhuns aparecem como homens que, mentirosamente, implantavam o medo e o terror de uma ameaça comunista que não existia de fato. Somando-se a isso, os jornalistas do *Diário de Garanhuns* também ressaltaram o costume dos camisas-verdes de apontarem os que não vestiam o uniforme do Sigma como prováveis simpatizantes do comunismo. Os militantes da AIB foram tratados, nesse artigo, como indivíduos perigosos que desejavam galgar postos dentro da hierarquia do próprio partido e desempenhavam uma política pautada na disseminação do medo, no qual eles apareciam como única resposta a salvação nacional. As acusações mútuas entre integralistas e seus opositores eram um reflexo do clima político em que esses grupos conviveram. Como resultado, os embates políticos, muitas vezes, saíram do campo dos discursos e ganharam as ruas e praças. Além dos textos de combate ao integralismo publicados no *Diário de Garanhuns*, nesse mesmo ano de 1937, começou a ser confeccionado no município o jornal *O Mensageiro*, que desenvolveu uma ferrenha campanha contra os integralistas e as suas propostas de um Estado Integral.

2.4.2. *O Mensageiro*: o combate dos maçons contra os integralistas de Garanhuns em 1937.

A prática jornalística dos integralistas de Garanhuns desenvolvida no periódico *A Razão*, pautou-se entre os anos de 1935 a 1937 em desempenhar um combate ao inimigo

²⁵⁰ Comentários... *Diário de Garanhuns*. Garanhuns, 01 de outubro de 1937. p.1 - APEJE

nacional, representado com frequência na imagem do comunista ateu. No segundo semestre de 1937, os comunistas começaram a ser descritos, nesse jornal da AIB em Garanhuns, como dependentes financeiramente da maçonaria. Essa percepção se deu, provavelmente, por causa da intensificação das atividades políticas dos membros da loja maçônica da cidade, *O Mensageiro do Bem*, na campanha favorável a José Américo de Almeida e no combate às atividades do núcleo integralista local.

Ao colocar novos elementos na constituição da imagem discursiva do seu adversário, os jornalistas/integralistas de Garanhuns utilizaram-se do cotidiano de disputas locais, como reflexo da situação da política nacional. Esses camisas-verdes começaram a noticiar boatos de que os comunistas estavam sendo financiados pelos maçons, mas sua intenção era a de atacar os opositores da cidade, dos quais muitos deles eram membros da loja maçônica. Na edição comemorativa de dois anos do jornal *A Razão*, o artigo de Hidalgo Cesar, “*Planos Sinistros...*”, traçou o campo de batalha em que os integralistas na defesa da fé e dos bons costumes teriam que enfrentar para combater as forças conjuntas dos maçons e comunistas.

De braços-dados, Maçonaria e Comunismo, com seus martelos destruidores de nacionalidades e igrejas, procuraram destruir estas pedras solidas em que Plínio Salgado assentou os fundamentos de uma pátria nova que jamais se venderá a Moscou e se vilipendiará nos antros tétricos e sinistros da Maçonaria. O Integralismo está aí[...] ele não teme o punhal, a mazorca, a calúnia a traição, porque com ele, com o seu chefe, na defesa da nossa Pátria e no bem estar da família, está com sua dextra de proteção Aquele a Quem os Judeus Maçons renegam, os Comunistas ridicularizam, Supremo Arbitro das Pátria: DEUS.²⁵¹

Nesse artigo, o integralismo liderado por Plínio Salgado enfrentaria sem medo, para defender o Brasil, um inimigo que passa na argumentação de Hidalgo Cesar pelas imagens dos maçons, judeus e comunistas.²⁵² Nos textos dos integralistas de Garanhuns, percebe-se essa lógica discursiva em que os elementos que formavam o lema: *Deus, pátria e família*, apareciam como ameaçados por forças estranhas aos brasileiros cristãos. No caso, Moscou aparecia não como um espaço geográfico, mas como exemplo da materialização da opressão comunista sobre um povo que supostamente teria virado as costas para Deus.

Concomitantemente às atividades dos integralistas/jornalistas de Garanhuns, que começavam a redefinir a imagem do inimigo nacional, associando o comunismo à maçonaria, os maçons da cidade responderam a partir do jornal *O Mensageiro*. Esse periódico circulou

²⁵¹ “Planos Sinistros...”. *A Razão*, Garanhuns, 29 de setembro de 1937. p.6 – APEJE

²⁵² Lembrando a argumentação de Raoul Girardet em *Mitos e Mitologias Políticas*, os pilares nacionais estariam ameaçados por forças opositoras internas e externas. Cf.: GIRARDET, R. *Op. Cit.*

entre os meses de maio e outubro de 1937, sendo publicado em apenas 12 edições. No decorrer da leitura dos artigos desse órgão de imprensa, encontram-se alguns pontos que se repetiam na argumentação dos que contribuía com o mesmo. Dentre as principais características, podemos destacar: a) a tentativa de criação de uma imagem positiva ao grupo de maçons, procurando desconstruir o perfil apresentado pelos integralistas em sua propaganda política; b) a associação do integralismo às forças estrangeiras, principalmente a Alemanha Nazista e a Itália Fascista, buscando, assim, minar o caráter nacionalista presente na propaganda da AIB; c) a apresentação de uma alternativa política, com bases no liberalismo, ao projeto de Estado Integral da AIB.

O *Vigilante*, pseudônimo de um dos jornalistas maçônicos, procurava responder as acusações dos integralistas locais que atacavam a maçonaria. No referido texto, o autor apresentou a maçonaria como uma organização de atuação mundial, mas distante das forças ditatoriais, como pode ser lido nesse trecho:

Na França, Suíça, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos e outros países onde o progresso se requintou, a maçonaria é respeitada e os maçons, com justiça, são tidos como cidadãos úteis à pátria e necessários à ordem pública. Um fato, porém, nos chama a atenção, nos conturbados dias em que vivemos, Queremos nos referir ao fechamento das lojas maçônicas na Rússia, Itália, Alemanha e Portugal. Quer dizer, nos países onde predominam governos ditatoriais. Reparou o leitor como “todo o caminho dá na venda?” As ditaduras são sempre iguais. Sejam brancas, azuis, verdes, pretas ou vermelhas. Ninguém, sem um exame químico completo, distingue o cogumelo venenoso do não venenoso. Ambos nascem nas esterqueiras. Não há, na essência, nos processos e nos fins, nenhuma diferença entre Berlim e Moscou. [...] ²⁵³

Nessa mesma edição, o corpo editorial publicou também o seguinte:

O FACISMO, O NAZISMO E O INTEGRALISMO

Na emergência de desequilíbrio que atravessamos, quando os laços morais da sociedade se desentrelaçam, em que a miséria sobe tão alto que ofende com o seu clamor a consciência dos ricos e poderosos, aparece, no cenário da história, o vulto da reação, sacudindo sobre a estatua da liberdade a culpa do desajustamento.

O programa do FACISMO, NAZISMO E, PORTANTO, INTEGRALISMO, é a ditadura. A força é o seu programa.

São partidos anti-democráticos que procuram usar de uma liberdade da qual não deviam usar, porque são inimigos da liberdade, erguem-se dentro da terra bradando contra nós, contra nosso programa belo de ação.

Nada mais anti-cristão do que facismo e suas congêneres.

A filosofia da força contra a meiguice das palavras humanitárias de Cristo. Enquanto Jesus pregou o AMOR AO PROXIMO COMO A VÓS MESMO, - grita o facismo, de Cia dos canhões, que “mais vale ser leão um dia do que ovelha um ano”. O

²⁵³ Para pensar... *O Mensageiro*. Garanhuns, 15 de maio de 1937. p.1 - APEJE

nazismo, com a sua palavra de terror, vem levantando uma campanha terrível e injustificável contra a Religião Católica.

O integralismo, entre nós, se dizendo espiritualista, ostentando uma falsa religiosidade, aproxima-se da Igreja Católica, num país essencialmente Católico, para obter por seu intermédio, o apoio e simpatia do povo.

Os integralistas carragando os andores das procissões, os integralistas mandando celebrar Missas em ações de graças por terem sido soltos seus camaradas extremistas.

Porém, queira conhecer de perto a maioria das cabeças integralistas saberá julgar a sua religiosidade.²⁵⁴

Na confrontação entre esses dois artigos, encontra-se uma tentativa de inversão dos sentidos dos discursos pronunciados pelos integralistas. Os jornalistas maçons de Garanhuns colocavam-se membros de uma instituição que coexistiu durante séculos em vários países, mas sempre se colocando do lado da liberdade e da democracia. O argumento presente na citação acima, pautou-se em discursar que os maçons eram perseguidor em todos os países com sistemas ditatoriais, independente se esquerda ou direita, como nos casos da Rússia, Alemanha, Itália e Portugal. Com essa observação, os membros da loja *Mensageiros do Bem*, procuravam colocar-se ao lado da democracia brasileira.

Na segunda citação, o autor colocou lado a lado os fascistas, nazistas e integralistas. Por meio dessa comparação, os maçons de Garanhuns procuravam atacar o que os camisas-verdes consideravam ser seus pilares doutrinários, no caso, seu caráter nacionalista e espiritualista. Lembrando que o segundo semestre de 1937, as disputas eleitorais se intensificavam, ao comparar o integralismo aos movimentos de extrema direita europeia tinha a intenção não apenas de chamar a AIB de uma imitação, mas como uma ameaça ao sistema democrático que o Brasil vivencia naquele momento. O poder exercido por esses políticos aos moldes fascistas foi descrito a partir da supressão da liberdade democrática e da imposição da força que iria de encontro aos preceitos de fraternidade defendidos pelo cristianismo. Mesmo que os partidos do velho mundo ficassem seu posicionamento frente à religião Católica, os integralistas ainda tentavam utilizar-se dessa instituição para alcançar os brasileiros que, em sua maioria, comungavam desse credo. No entanto, o jornalista maçom chamava a atenção para o fato de que depois de conhecer pessoalmente os militantes da AIB, as máscaras caíam por chão e o fervor religioso não passaria de demagogia.

Para uma compreensão da importância política, intelectual e econômica dos maçons no município de Garanhuns, retomamos o livro de Alberto Rêgo, no qual elaborou um

²⁵⁴ O facismo, o nazismo e o integralismo. O Mensageiro. Garanhuns, 15 de maio de 1937. p. 3-4 - APEJE

mapeamento dos garanhuenses com quem conviveu nas primeiras décadas do século XX. Esse autor destacou que tanto o seu pai, Dario Rêgo que nos idos de 1930 tornou-se proprietário do *Diário de Garanhuns*, como os outros maçons da cidade eram homens respeitados e com estreitos laços de amizade com os religiosos da Diocese de Garanhuns e com famílias tradicionais da região. Sendo os maçons apresentados por esse autor como católicos fieis aos ensinamentos da Igreja Católica. Ao expor isso em suas memórias, Rêgo pretendia indicar a importância da construção e manutenção de relações com grupos de influência espiritual, pois citou essas relações como forma de legitimidade e aceitação tanto de seu pai, como dos outros maçons por uma população que era predominantemente católica.²⁵⁵

Sabendo da importância de serem associados ao cristianismo, principalmente em uma cidade marcada pelo catolicismo como Garanhuns, os membros do corpo editorial procuraram associar suas imagens aos ensinamentos da igreja Católica, como se percebe no seguinte trecho de um de seus artigos do *O Mensageiro*.

Porque não temos dinheiro

A despeito da pujança da Maçonaria em todo o globo terráqueo, sem embargo da solidariedade que une os seus membros a todas as questões de limites territoriais, de raça e de línguas, a instituição da Maçonaria vive pobremente, dentro do exemplo eloquente do Divino Mestre, tão postergado por quanto lhe querem imitar os exemplos e pregar as suas palavras. [...]

É que todo o nosso dinheiro ainda é pouco para distribuímos aos que, necessitados, morrem sem remédio, sem pão e sem conforto. [...]

O nosso intuito é dar pão a quem tem fome e dar água a quem tem sede, sem que quem coma ou beba não sinta a humilhação da publicidade.²⁵⁶

A pretensão de criar uma imagem baseada na compaixão e na caridade foi uma constante entre os membros desse jornal. Nessa citação, somando-se aos valores cristãos percebe-se também um interdiscurso²⁵⁷ com o evangelho de *Mateus*, quando o mesmo narra um dos discursos de Jesus, onde esse teria dito: "dar o pão a quem tem fome, a água a quem

²⁵⁵ RÊGO, A. *Op.Cit.* p. 211-212

²⁵⁶ Porque não temos dinheiro. *O Monitor*, Garanhuns 13 de junho de 1937. p. 1 - APEJE

²⁵⁷ Para os analistas do discurso Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau o interdiscurso pode ser entendido como: "[...] chama-se também de "interdiscurso" o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita e explícita. Esse interdiscurso pode dizer respeito a unidades discursivas de dimensões muito variáveis: uma definição de dicionário, uma estrofe de um poema, um romance... CHARAUDEAU, Patrick. & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008. p.286

tem sede, acolher o estrangeiro, vestir o nu, visitar o doente e o preso"²⁵⁸. Esse tipo de relação criada entre dois discursos de origens distintas, em que o enunciado atual busca no anterior os alicerces de sua autoridade, criando sentidos e legitimidade entre os ouvintes e/ou leitores desses jornais, pois os argumentos estavam coerentes com um *já-dito*.²⁵⁹

As condições favoráveis à recepção de discursos que transitavam entre o político e o religioso levavam grupos antagônicos, como integralistas e maçons, a utilizarem-se de estratégias discursivas semelhantes, procurando aproximar os ensinamentos comuns ao universo cristão na autenticação de grupos e práticas políticas.

Entre os meses de julho e agosto de 1937, Heli Leitão escreveu quatro artigos com o título: *Notas em torno do “manifesto-programa”* para o jornal *O Mensageiro*, nos quais procurou deslegitimar o programa integralista para a presidência do país. Na análise desse documento, esse jornalista descreveu que os planos da AIB de uma democracia corporativa, que em sua interpretação não passaria de estado ditatorial. Na segunda publicação dessa coluna, Leitão escreveu:

Aliás, os que discordam do integralismo não o fazem por acharem *más* as realizações que pretende. Seria necedade ou mesmo injustiça grosseira negar que o integralismo realiza uma campanha disciplinada tanto ou quanto interessada em tornar o Brasil uma potencia entre as nações do Continente e do Mundo. Mas o espírito, a essência do integralismo, cheira à fascismo, embora essa verdade claríssima seja negada por todos os adeptos do sr. Plínio Salgado. Adotar no Brasil um governo totalitário, centralista; enquadrar toda a engrenagem moral e social nessa bitola de compressão nessa estrutura de *forma*, é que ano entra nas cabeças de mais de quarenta milhões de brasileiros.²⁶⁰

Durante a corrida pela presidência do país, os jornalistas do *O Mensageiro*, a exemplo do *Diário de Garanhuns*, escolheram para apoiar a candidatura de José Américo de Almeida, organizando comícios pelas ruas de Garanhuns, como o ocorrido em 26 de julho de 1937. Em

²⁵⁸ Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução por João Ferreira de Almeida. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 1408 p. Mateus 25: 31-46

²⁵⁹ O termo *já-dito* aparece na obra *Arqueologia do Saber* de Michel Foucault em um momento em que o autor desenvolve uma discussão que continua em outra obra dele, chamada *O que é um autor?* No caso, Foucault começou a analisar como as produções textuais de livros formam-se a partir de diálogos sutis com outros textos produzidos anteriormente, mantendo assim um interdiscurso. O *já-dito* seria então um deslocamento de sentido de discursos pretéritos a um momento posterior que busca na aceitação de verdade dos que o precedeu um lugar de produção e legitimidade. Nesse caso, não deixa de destacar que um discurso não surge do nada, mas precisa das condições necessárias para serem reproduzidas e aceitas. “A esse se liga um outro, segundo o qual todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um *já-dito*; e que este *já-dito* não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um ‘*já-mais-dito*’, um discurso se corpo, uma voz tão silenciosa quanto o sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro.” FOUCAULT, M. 2010.p. 28. Veja também: _____, *O que é um autor?* Lisboa: 2009. p. 29-87.

²⁶⁰ *Notas em torno do “Manifesto-Programa” II. O Mensageiro*. Garanhuns, 25 de julho de 1937. p.1 – APEJE.

paralelo a campanha do nome desse candidato para a presidência, ambos os jornais procuraram deslegitimar a argumentação de que o comunismo estava a espreita para voltar ao cenário político com as eleições, que esse tipo de discurso foi utilizado pelos integralistas apenas para incutir o medo entre os brasileiros. Como aparece no seguinte artigo:

QUE FORÇA DE EXPRESSÃO!...

O sr. Plínio Salgado manda seus adeptos praticar arruaças, e, depois, porque não surtiu o efeito desejado, ocupa o microfone de um rádio e com voz fanhosa insulta todos os brasileiros que não acompanham na grande comédia verde. Para ele e todos os seus obsecados seguidores o Brasil transformou-se em uma grande arena comunista; Armando de Sales, José Américo, Deputados Senadores, Ministros, Intelectuais, Industriais, Comerciantes, Empregados, o povo e até Juizes são comunistas. E porque não vestem uma camisa verde, não escaparam nem os simpatizantes que estão de braços cruzados, na posição dos que pescam, esperando que o peixe seja iscado. Assim se expressou o grande “chefe” e “salvador”: “*Serão implacavelmente castigados aqueles que não participarem da revolução verde e, ao contrario ficarem de braços cruzados*”. Que grande nacionalidade!? Que extraordinário pacifista!? É muita força de expressão não há duvida mas esses podem provocar histérico em alguns mocinhos que, com um geitão todo deles, envergam a camisa verde, porém nunca aos brasileiros dignos deste nome. Fiquem certos todos os sigmaticos, que em nossa Pátria nem facismo nem comunismo conseguirão implantar o regime do nó da peia. O Brasil conseguiu ser. É e será sempre dos brasileiros.²⁶¹

O sentimento de medo construído em torno da imagem do comunismo tornou-se uma das principais estratégias discursivas dos integralistas, nesse sentido, se os adversários quisessem frear o crescimento da AIB e deslegitimar seus discursos tinha de desconstruir esse clima de tensão causado pelo temor de um golpe “vermelho”. Em um “tomo jocoso” o jornalista d’*O Mensageiro* procurou questionar as propostas e postura do líder da AIB e seus seguidores, colocando nesses a culpa em organizar desordens sociais e depois criar histórias que culpavam os comunistas. Estes inimigos “vermelhos” no discurso integralista, segundo esse jornalista maçom e outros que contribuía para o referido jornal da cidade, não passavam de bodes expiatórios para os atos de vandalismo dos próprios camisas-verdes.

No entanto, a tensão entre os maçons e integralistas de Garanhuns chegou ao enfrentamento em espaço público durante as festividades de 07 de Setembro, quando a loja maçônica financiou um almoço e jogos para comemorar a Independência do Brasil. A partir desse momento, intelectuais, políticos e autoridades policiais começaram a figurar nas páginas dos jornais do município, principalmente no *A Razão*, os envolvidos na confusão que marcou

²⁶¹ Que força de expressão!... *O Mensageiro*. Garanhuns, 25 de julho de 1937. p.1 - APEJE

a referida festa cívica. O clima de perseguição e vigilância policial marcou então os momentos que anteciparam a implantação do Estado Novo no município.

2.5. A festa de Independência do Brasil em 1937, como palco de batalha entre Integralistas versus Maçons em Garanhuns.

Como os integralistas apresentavam-se no lugar social de defensores da nacionalidade brasileira, as festas cívicas eram momentos em que esses procuravam atuar e mostrar o seu amor e respeito aos que consideravam heróis da pátria e símbolos nacionais. Nesse caso, as comemorações em torno do dia 07 de Setembro em 1937, festa que comemora a Independência do Brasil em relação ao domínio colonial de Portugal, foi o momento em que, nas ruas da cidade de Garanhuns, as tensões entre os camisas-verdes e os opositores políticos e força policial se intensificaram.

Nesse dia, a festa cívica foi vivenciada com a bandeira desfraldada a meio mastro por problemas técnicos, mas ironicamente comentado pelos integralistas: “É que por uma ironia do cego destino esta coincidência tinha sua razão de ser: o sr. secretario da Prefeitura anuncia oficialmente os oradores[...]”²⁶² E um dos oradores: “[...] era um jovem sem Deus, Sem Pátria, sem Família[...] E nisto a razão do protesto mudo do Pavilhão Nacional.”²⁶³ Esse jovem era o Eurico Costa.

Enquanto essa comemoração, financiada pela loja maçônica da cidade, ocorria e o jovem Eurico Costa começava seu discurso, o camisa-verde José Rodrigues Silva, vulgo José Batatinha, interrompia, aos gritos, o pronunciamento do orador, acusando-o de comunista e inimigo da pátria. Em represália, o comissário Manoel Barbosa da Delegacia de Ordem Política Social (DOPS) tentou impedir Batatinha, que não se conteve e por isso acabou preso por desacato à autoridade. Não sendo essa a última vez que esse integralista seria detido. Esse fato levou à mobilização dos militantes do núcleo, que começaram a questionar as intenções desse comissário. No mesmo dia, o Chefe Municipal da AIB, Mario Matos enviou vários telegramas para liderança do movimento, para autoridades políticas e para a imprensa da capital pernambucana.

²⁶² A semana da Pátria. *A Razão*. Garanhuns, 12 de setembro de 1937. p.4 – APEJE

²⁶³ Ibid.

Dois dias depois, 09 do corrente mês, esses telegramas foram publicados na primeira página do jornal *A Razão*, que nesses era demonstrada a indignação do chefe municipal pautava-se no fato de um nacionalista, como o integralista José Batatinha, ser preso por combater um indivíduo, que segundo Matos, era fichado na DOPS-PE no Recife como comunista. Dessa forma, o primeiro telegrama foi enviado para a residência de nº 51, na Rua Quintanda – Rio de Janeiro, e direcionada a Plínio Salgado. Nesse comunicado, a autoridade policial, que efetuou a prisão do integralista, foi apontada como “[...] membro relevante loja maçônica local, animador festas tiveram referido comunista orador oficial.”²⁶⁴

Além de comunicar também ao chefe provincial da AIB e ao então governador do estado de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti. Para Mario Matos, o teor comunista do discurso do Eurico Costa teria sido a justificativa da ação do integralista garanhunense, repreendido pelo comissário, que participava dessa festa, financiada pela loja maçônica local e com a presença do deputado Mario Lira e do prefeito Thomaz Maia. Ao associar esses políticos e o policial Manoel Barbosa à maçonaria – uma das forças consideradas inimigas da nacionalidade brasileira, chegando a ter todas as suas lojas fechadas no final de outubro de 1937 – o intuito era deslegitimar a ação desses contra a AIB. O Chefe Municipal da AIB escreveu ao governador Lima Cavalcanti o seguinte: “Diante disto testemunhamos perante vocencia repulsa tão claras demonstrações gravidade situação e protestamos indignados circunstancia ter sido designado orador oficial cerimônia de hoje mesmo comunista hontem tão claro se manifestou.”²⁶⁵

No mesmo dia do incidente, o referido comissário enviou à Secretaria da Segurança Publica, com sede no Recife, um relatório sobre o fato. Nesse informe, destacou que na manhã do dia 07 de Setembro, quando na cidade se comemorava o dia da independência do país, um grupo de integralistas perturbava a ordem pública. No decorrer das comemorações, quando o acadêmico Eurico Costa atacou em seu discurso o integralismo, mas segundo o relatório sem ferir as normas legais do estado democrático, foi então rechaçado pelos camisas-verdes presentes. No intuito de impedir que os ânimos se exaltassem ainda mais, segundo o comissário, ele tentou controlar a ação dos membros da AIB.

No trecho do relatório que descreve o momento em que a autoridade policial se dirigiu aos integralistas, um deles acabou agindo da seguinte forma:

²⁶⁴ Telegramas. *A Razão*. Garanhuns, 09 de setembro de 1937.p.1 – APEJE (Grifo nosso)

²⁶⁵ Ibid.

Dirigi-me a *José Batatinha* pedindo-lhe que se acalmasse, sendo eu neste momento recebido desatenciosamente pelo mesmo, tendo o *José Batatinha*, me tachado de comunista, pelo que dei-lhe vós de prisão, mandando-o recolher à Delegacia. Esta medida deu resultado satisfatório, pois contribuiu para que os demais se retirassem do local da festa.²⁶⁶

Nesse trecho do relatório, além de causar desordem durante a festa cívica, o integralista José Batatinha tinha desacatado a autoridade do comissário Manoel Barbosa chamando esse de comunista. Por esse motivo, o referido camisa-verde teria sido preso e a ordem social reinstituída na cidade. No exemplar de 12 de setembro de 1937 do jornal *A Razão*, o chefe municipal Mario Matos ainda traçou algumas críticas ao referido comissário, que além dos acontecimentos citados até agora, esse policial teria dificultado, o máximo possível, o desenvolvimento das atividades do núcleo integralista no município, principalmente no centro da cidade, onde residia a maior parte dos camisas-verdes. A reclamação se dava por causa da vigilância exercida sobre os principais nomes do movimento em Garanhuns, postura infundada para Mario Matos, pois: “[...] não há dentre os integralistas que ocupam postos salientes no Núcleo de Garanhuns, um só que mereça a vigilância da policia como agitador, como detratador, como elemento perigoso à sociedade e consequentemente à ordem publica.”²⁶⁷

Um dos atos de controle policial, visto como desnecessário pelos integralistas, foi a exigência de que todas as atividades e cerimônias efetuadas pelo núcleo antes de serem realizadas, deveriam ser comunicadas por escrito à autoridade policial, informando os objetivos e se, caso saísse às ruas, qual seria o percurso a ser seguido. O fato de serem tratados como desordeiros pelo representante da polícia local levou os integralistas a questionarem o motivo de tamanho controle sobre as ações do movimento, chegando à seguinte conclusão sobre as intenções do Comissário:

Só uma elevada dose de má fé pode justificar a interpretação do sr. Comissário. Aliás essa interpretação não me surpreende, uma vez que o sr. Comissário a, mim mesmo, já dissera, certa vez, que era “maçon, anti-integralista e aos integralistas só dava o mínimo que a lei permitia[...].”²⁶⁸

²⁶⁶ Relatório policial. *Prontuário funcional n° 1027*. DOPS-PE/APEJE

²⁶⁷ Partidarismo Injustificável. *A Razão*. Garanhuns, 12 de setembro de 1937. p. 1 – APEJE

²⁶⁸ Ibid.

No desenvolver desse mesmo artigo, essa antipatia à AIB do Comissário se fazia sentir também nos cafés da cidade, onde o mesmo tecia cotidianamente comentários desfavoráveis a AIB e tratando, de maneira áspera, os militantes desse partido político. Além disso, esse também foi apresentado como um dos principais animadores de um jornal maçônico na cidade, no caso *O Mensageiro*, que além de Dário Rêgo proprietário do *Diário de Garanhuns* também ser associado à loja maçônica *O Mensageiro do Bem*.

Concomitantemente a esses conflitos, os jornalistas do *A Razão* tentavam desmentir os boatos de que o integralismo estaria com os dias contados, que dentro de pouco tempo, ele não teria mais espaço no cenário político e intelectual brasileiro. A divulgação de informações relativas ao fim da AIB foi abordada pelos integralistas de Garanhuns como prova do desespero dos adversários, que estariam conscientes da derrota nas urnas para Plínio Salgado e, por isso, começaram a conturbar o clima da disputa eleitoral. Ao mesmo tempo, os integralistas responderam ratificando sua legalidade enquanto partido político registrado no Supremo Tribunal Eleitoral, com membros de grande relevância na vida política e intelectual do país. Sobre essa situação, Matoso, provavelmente pseudônimo de Mario Matos, escreveu: “Francamente, ou esses pândegos não sabem o que dizem ou então a tal da nossa Constituição, os nossos tribunales, de nada valem...”²⁶⁹

No entanto, contrariando as expectativas dos integralistas que esperavam sair vitoriosos das disputas nas urnas, acabaram amargando a ilegalidade política com a implantação do Estado Novo (1937-1945). A partir dessa reformulação do cenário político, os camisas-verdes vivenciaram o processo de passagem da imagem de seu partido, que deixavam de figurar enquanto defensores dos pilares nacionais e religiosos para a situação de subversivos políticos e subservientes aos governos de extrema direita europeia. Dessa maneira, procuraremos analisar a repercussão dessas mudanças no cotidiano político e social dos integralistas em Garanhuns.

²⁶⁹ A Proposito. *A Razão*. Garanhuns, 05 de setembro de 1937. p.4 - APEJE

3. TERCEITO CAPÍTULO.

DE ALIADO A INIMIGO: a situação da Ação Integralista Brasileira durante o Estado Novo (1937-1945)

Os integralistas construíram por meio das atividades cotidianas uma imagem política pautada em discursos relativos à defesa da ordem social, da tradição, da fé cristã, do combate ao comunismo e outras forças classificadas como perniciosas. Aos poucos, esses jovens camisas-verdes conquistaram espaços de atuação na cidade de Garanhuns e começaram a incomodar – isso a partir da vitória nas eleições de 1935 e do crescimento de membros do núcleo – grupos políticos que já possuíam uma tradição na região antes da AIB e percebiam nos seguidores de Plínio Salgados futuros causadores de problemas.

O apoio de membros do clero católico da cidade contribuiu na divulgação e na aceitação das propostas da AIB, sendo essa classificada como defensora de princípios que eram imprescindíveis a honra da família, a defesa da pátria e principalmente coerente com o que se pregava na Igreja. *O Monitor*, meio pelo qual os discursos dos padres ultrapassavam os limites de seus púlpitos e alcançava os fiéis dentro de suas casas, trabalho e espaços públicos, começou a apresentar, a partir de 1937, o integralismo e seu líder como a melhor escolha para o futuro do país:

Nenhum Brasileiro

A Providencia offerece ao Brasil, Salvação. O Governo Federal, as classes armadas e a organização admirável do Sr. Plínio Salgado conjulgam as forças nacionaes, tocam reunir para todos os brasileiros, formando o invencível exercito da Terra de Santa Cruz, para o esmagamento das hostes vermelhas.

Nenhum brasileiro pode ficar na retaguarda; todos à frente! Com as idéas sãs, com a moral perfeita, com as convicções religiosas, com os princípios seguros do christianismo, entremos em combate. Chamemos nossos irmãos que as fascinações e engodos russos illudiram, ao caminho certo; façamos que comprehendam o acumpliciamiento no crime de lesa-patria em que estão cahindo.²⁷⁰

O apoio da liderança católica de Garanhuns colaborava na aceitação e atuação dos militantes da AIB nos espaços da cidade, mudava o cenário de disputas políticas e apresentava novas propostas administrativas em um momento de disputas eleitorais. O futuro presidente seria escolhido no início de 1938. Nesse momento que antecederia a eleição presidencial –

²⁷⁰ Nenhum brasileiro. *O Monitor*, Garanhuns 07 de Novembro de 1937. p.1 - APEJE

que não chegou a acontecer por causa do golpe que criou o Estado Novo – os integralistas apareceram no artigo acima do jornal *O Monitor* como uma terceira força nacional, se encontrando entre a Igreja e o Governo. Os três elementos (AIB, Igreja e Estado) assumiriam a função de uma trindade protetora do Brasil, ameaçada pelos comunistas ateus.

Esse tipo de discurso possibilitava aos integralistas certa autoridade no cotidiano político da cidade, pois a maioria da sociedade garanhunense era de credo católico e tinham, nas palavras dos padres, uma verdade que não deveria ser questionada, pois estes homens eram considerados os guias espirituais do "povo de Deus". Como escreveu Michel Foucault: “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade”.²⁷¹ Em uma sociedade de maioria católica, como a de Garanhuns, os membros do clero desempenhavam relações de poder sobre os que acreditavam em na missão dos sacerdotes de conduzirem o povo ao “Reino de Deus”.

Outra vez, o medo do comunismo ateu tornou-se o elemento de convencimento e de incentivo para que muitos brasileiros se engajassem na AIB. A divulgação de supostos planos e/ou intenções dos comunistas que pretendiam transformar o Brasil em uma nova Rússia Soviética não passava de boatos, pois os mesmos não possuíam o poder necessário para tal empreitada. Em Garanhuns, observamos que os moradores simpatizantes do comunismo correspondiam a uma parcela muito pequena da sociedade, não apresentando uma ameaça real a realidade política local. Mas, o clima de insegurança causado por rumores de um complotô vermelho criava-se condições necessárias para atuação do integralismo e membros da Igreja Católica.

Mas, como já apresentamos, para os militantes integralistas, todos aqueles que não fossem filiados a AIB, ou não apresentassem simpatia pelo movimento *verde oliva*, eram suspeitos de serem subversivos e os que se dedicavam a oposição a Salgado comprovavam ser comunista, independente de serem, de fato, filiados ao Partido Comunista Brasileiro ou a outros grupos da esquerda brasileira.

Em Garanhuns, percebe-se o crescimento e o apoio aos integralistas a partir do seu jornal *A Razão* que, progressivamente, apresentava mais patrocinadores locais. O financiamento poderia ocorrer por causa de um aumento dos números de periódicos vendidos, ou porque esses comerciantes e profissionais liberais locais também tinham se associado à

²⁷¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992. p.14

AIB, ou eram simpatizantes. Muitos dos que expunham o nome de seus empreendimentos eram também jornalista do referido órgão de imprensa, ou apareciam nos relatórios policiais da DOPS-PE como camisas-verdes.

Entretanto, a mudança de sistema político brasileiro com a criação do Estado Novo, em 1937, levou tanto os integralistas de Garanhuns, como de todo país a saírem da condição de aliados do governo na "cruzada" contra as forças comunistas e começaram a vivenciar outra realidade política. Os garanhuenses integralistas que entre 1935 a 1937, ostentavam, pelas ruas da cidade, suas fardas verde oliva e bandeiras com o símbolo do sigma (Σ), com a criação do Estado Novo, começaram a ser representados nas escritas da imprensa e dos relatórios policiais como agentes subversivos, que agiam na calada da noite a fim de desvirtuar os preceitos doutrinários e metas administrativas do governo. Mesmo com as proibições do governo nacional alguns núcleos da AIB continuaram atuando na clandestinidade, como no caso de Garanhuns em que muitos tentaram manter a “chama verde da AIB acesa”.

3.1. Os bastidores do Golpe, o papel de Plínio Salgado na viabilização do Estado Novo.

Com uma nova Constituição apresentada em 10 de novembro de 1937, teve início no Brasil o Estado Novo, regime político que possibilitou ao então presidente Getúlio Vargas reformular as práticas de sua administração. Nesse novo momento, o governo Vargas deixou para trás a fase democrática e começou a desempenhar uma prática política que tendia a um maior intervencionismo do poder executivo nos assuntos considerados de ordem social. As mudanças nas relações e estruturas políticas brasileiras foram justificadas, inicialmente, como uma forma de impedir a realização de um suposto complô comunista descoberto pela polícia política e chamado por esses de *Plano Cohen*.²⁷² Novamente o medo tornava-se o principal

²⁷² Em 1937 vem à tona um documento, supostamente de origem comunista, que revelando suas intenções de tomarem o controle da nação. Mesmo que para isso fosse preciso a utilização da força física. Esse plano recebeu o nome de Plano Cohen, sendo este documento uma farsa escrita pela direita, mais especificamente pelo capitão Olímpio Mourão Filho, membro do Serviço Secreto Integralista. Getúlio Vargas aproveitando-se do medo provocado por esse “*documento comunista*” na sociedade brasileira instaura em 10 de Novembro – com uma nova Constituição – o Estado Novo. Dessa maneira, as disputas eleitorais foram interrompidas. Sobre o assunto,

elemento de convencimento nessa argumentação que procurava legitimar a nova realidade política do país.

A propaganda política do governo explorou o receio de que comunismo visse assumir o controle da nação e banisse os preceitos morais e éticos constituídos tanto pelo sentimento nacionalista pela fé no cristianismo, tendo em vista o caráter ateu que se associava aos membros e simpatizantes da esquerda política. Vale ressaltar que o medo é um fenômeno histórico, moldando-se de acordo com o momento e interesses dos que o divulga. Nesse caso, “[...] o papel do medo como aglutinador de tensões e detonador de ações políticas que podem parecer à primeira vista inexplicáveis ou exageradas.”²⁷³ Mas, no decorrer do tempo, ele passou a ser um instrumento valioso para a excitação popular ou para legitimar as atitudes dos grupos que se conservam no poder. Em um momento como o de implantação de um sistema de governo de tendências autoritárias como o de implantação do Estado Novo, a disseminação do sentimento de medo a partir da propaganda do governo, possibilitava a criação de um clima social marcado pela insegurança e ódio.

Nos meses que antecederam o golpe de novembro de 1937, o cenário político nacional estava marcado pelas disputas dos partidos políticos envolvidos nas campanhas de seus candidatos à presidência do país. Em Garanhuns, como em todo o país, a imprensa escrita tornou-se porta-voz dos que estavam envolvidos no certame eleitoral, defendendo cada qual o seu candidato ao cargo de representante do país. Mesmo com a manutenção do *Estado de Sítio*, medida tomada pelo governo Vargas para impedir outra Intentona Comunista como a de 1935, os candidatos e seus partidários propagavam a ideia de que estavam vivenciando um momento de liberdade democrática.²⁷⁴ Enquanto isso, nos bastidores da política nacional, o

acrescenta Marcília Gama: “O objetivo do governo era liquidar, com um lance decisivo, as oposições regionais e dar ao tema de ameaça comunista um novo impulso. O plano Cohen foi forjado com esse objetivo”. Além, de proporcionar ao governo Vargas a oportunidade de eliminar no pós-1937 qualquer indício de oposição partidária, com o fechamento de todos os partidos políticos, inclusive o da Ação Integralista Brasileira. SILVA, Marcília Gama da. *O DOPS e o Estado Novo: os bastidores da repressão em Pernambuco (1935-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) UFPE/CFCH, 1996. p. 54

²⁷³ MONTENEGRO, Antônio Torres. *Produções do Medo: algumas trilhas (1955-1964)*. In.: _____. e REZENDE, Antonio Paulo (et. al.) *História: cultura e sentimento – outras Histórias do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 13-43. 2008. p. 16

²⁷⁴ O Estado de Sítio possibilitou ao governo o estabelecimento de uma censura sobre os meios de comunicação, pautando-se na argumentação de defesa da pátria, pois o comunismo ameaçava as instituições democráticas brasileiras. Essa ameaça legitimava a ação policialesca empreendida por Vargas, resultando na criação em 11 de setembro de 1936 do Tribunal de Segurança Nacional (TSN). Lembremos que em 1935 já havia a Lei de Segurança Nacional (LSN), que levou a ANL à ilegalidade. Em mensagem dirigida ao poder legislativo, Vargas discursa: “*Tribunal de Segurança Nacional, primeiro a construir-se regularmente no país para a defesa do regime e punição dos delitos políticos, constitui inovação necessária que as circunstâncias impuzeram*”. Mensagem apresentada ao Poder Legislativo em 03 de Maio de 1937 pelo Presidente da República Getúlio

presidente e seus correligionários elaboravam os planos para a implantação de um novo regime político de tendências autoritárias, interrompendo assim a fase democrática no Brasil, para isso, Vargas contou com a contribuição de Plínio Salgado.

O Estado Novo estaria alicerçado em uma gestão de tendências autoritárias coordenadas por um único partido político, com forte posicionamento anticomunista e antirregionalista, além da proximidade com algumas lideranças religiosas, como no caso de alguns clérigos da Igreja Católica. Esses elementos, que formavam o sistema administrativo do novo regime varguista, foram logo associados ao integralismo, pois, o Estado Integral (projeto político da AIB) aproximava-se do que o governo Vargas prometia implantar. A hipótese de uma associação entre AIB e o Estado Novo apareceu no jornal *O Monitor*, que apresentou a "renovação" política brasileira de 1937 da seguinte forma:

Novo Regime político no Brasil

Foi o integralismo que despertou a consciência nacional sacudiu o animo do nosso povo e nos despertou do marasmo político em que vegetamos.

Queriam ou não queriam reconhecer isso os srs. políticos profissionaes do regime decaído, está hoje o Brasil enquadrado dentro de um regime corporativista em tudo semelhante à organização política do sr. Plínio Salgado.

Mas ao fundo de tudo isso esta ancia de paz, de ordem e de grandeza nacional é devido ao *Renascimento Espiritual* que se vem processando na terra de Santa Cruz.²⁷⁵

Além das similitudes do Estado Novo com as propostas de governo feitas por Salgado comandando a AIB, destacamos o lugar social do qual foi publicado para os garanhenses este artigo. A associação entre o novo regime político imposto por Vargas e o integralismo de Salgado foi produzido por um jornal coordenado por clérigos católicos, que percebiam nos projetos de ambos os líderes políticos a possibilidade de uma maior interferência da Igreja Romana no cotidiano brasileiro. Mesmo não comentando sobre as atividades da AIB no município de Garanhuns, nesse trecho do jornal *O Monitor*, observa-se a imagem que o movimento tinha adquirido entre os religiosos da cidade, consecutivamente com os que percebiam nos padres autoridades em discernir o que era bom ou mau para o país. A imagem integralista e a do novo regime político do país apareciam entrelaçadas com o combate ao comunismo, que ameaçava a ordem e a moral cristã.

Dornelles Vargas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional: 1937.p.29. Disponível no site: <http://brazil.crl.edu/bsb/u1276/000002.html>. acessado em 15 de Novembro de 2007.

²⁷⁵ Novo Regime político no Brasil. *O Monitor*. Garanhuns, 14 de novembro de 1937. p. 1 - APEJE

O Estado Novo exortado pelos padres garanhuenses em seu jornal, foi, inicialmente, apresentado como uma vitória, mesmo que parcial, dos integralistas que teriam o seu Estado Forte e corporativista. Ao observarmos a proposta administrativa do novo regime varguista, poderíamos dizer que parte do programa integralista do Estado Integral estava sendo realizado por Vargas. Porém, como bem observou Giselda Brito Silva, “[...] o Estado Novo não era a implantação do Estado Integral propagado pelo movimento [da AIB], nem Getúlio Vargas era o Chefe Nacional, mas, sim Plínio Salgado, a quem os integralistas prestavam juramento de obediência e fidelidade.”²⁷⁶ Logo, o Estado Novo não foi a materialização do sonho integralista, mas o início de um “pesadelo” para os camisas-verdes.

Em Pernambuco, com a criação do Estado Novo, Carlos de Lima Cavalcanti deixava o governo do estado sob acusações de conivência com os comunistas, que tinham se envolvido na Intentona de 1935. Etelvino Lins, o qual durante o Estado Novo ocupou o cargo de Secretário de Segurança Pública (SSP) por indicação de Agamenon Magalhães, contou em seu livro de memórias que Lima Cavalcanti tinha sido vítima de boatos para desestabilizá-lo no novo regime, pois ele não teria apoiado o golpe de 1937.²⁷⁷

O clima tenso na política brasileira norteava-se pela vigilância e repressão policial, tendendo a eliminar todos que se colocassem como empecilho aos métodos e objetivos do novo regime. Nesse momento, o governo começou a investir na propaganda política, desenvolvendo uma campanha nacionalista que ganhava força nas instituições de ensino, nos meios de comunicação, nos púlpitos das igrejas (muitos religiosos apoiaram ao Estado Novo, como o caso do Cardeal D. Sebastião Leme) e na atuação policial, acompanhada de perto por uma imprensa que procurava legitimar essas ações policiais contra os inimigos nacionais.

A tentativa de construção de um sentimento de unidade nacional empreendido pelos representantes do Estado Novo pode ser representada na cerimônia cívica de 27 de novembro de 1937, na praia do Russel, na qual se deu juntamente com a presença do Cardeal Leme, simbolizando a benção da Igreja Católica, que as bandeiras estaduais foram queimadas em uma pira nos moldes olímpicos. Com esse ato, o governo pretendia dizer que o Brasil não seria visto e administrado de maneira regional, mas enquanto um país uno, com o envolvimento de todos para a realização dos projetos modernizadores e moralizadores do

²⁷⁶ SILVA, G. 2002. p. 141-142

²⁷⁷ Cf.: LINS, Etelvino. *Um depoimento político: episódios e observações*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977. p. 15-16.

novo regime.²⁷⁸ Para isso, o presidente reorganizou o tabuleiro político brasileiro, escolhendo homens de confiança para trabalharem com ele. Na administração dos estados, os interventores tomaram os lugares ocupados pelos governadores escolhidos nas eleições de 1935.

Nos discursos do governo divulgados a partir dos órgãos de imprensa, os brasileiros precisavam impedir que os maus brasileiros (comunistas) continuassem agindo contra os interesses da nação e a favor da Rússia soviética. Convencer a sociedade brasileira de que o governo estaria disposto a defender o país, mesmo que para isso tivesse de perseguir e punir os seus, foi uma das estratégias escolhidas. Nesse sentido, Lima Cavalcanti acusado de ser conivente com comunistas, acabou sendo exonerado e sucedido por Agamenon Magalhães.²⁷⁹ Em uma biografia, escrita pelo intelectual e ex-integralista Andrade Lima Filho, Magalhães foi apresentado como o doutrinador do Estado Novo em Pernambuco, desenvolvendo campanhas em seu jornal *Folha da Manhã*. O temperamento forte e o poder de persuasão de Magalhães marcaram sua administração, principalmente nas relações que manteve com os seus secretários e prefeitos.²⁸⁰

Em Garanhuns, o prefeito Tomás Maia foi sucedido pelo Coronel João Nunes, oficial reformado da *Brigada Militar do Estado*. Entretanto, por não ter nascido na cidade, Nunes acabou não recebendo apoio entre os garanhuenses e foi substituído por um “filho da terra”, Celso Galvão, prefeito da cidade de Caruaru, o qual necessitou deixar o cargo caruaruense para assumir o mesmo posto dessa vez em Garanhuns. Essas mudanças foram apresentadas pela imprensa local como simples reformulação do quadro administrativo do governo. Os políticos sucedidos foram descritos como homens dignos, que tinham contribuído com os interesses da pátria, mas o momento era de renovação no cenário político nacional.

No entanto, mais do que nos dedicarmos nossa análise aos pormenores da implantação e funcionamento do Estado Novo varguista, voltaremos nossa atenção para a questão de como o novo regime brasileiro redefiniu as relações políticas que compunham o cotidiano da cidade de Garanhuns. Para isso, analisaremos como esse momento interferiu no

²⁷⁸ A cerimônia cívica na praia do Russel, em 27 de novembro de 1937, quando simbolicamente as bandeiras estaduais foram queimadas, indicando assim que a partir daquele momento não haveria mais divisões regionalistas no Brasil, pode ser vista no seguinte site: <http://www.youtube.com/watch?v=bVWeFulc7pI>

²⁷⁹ Cf.: ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A Construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

²⁸⁰ LIMA FILHO, Andrade. *China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época*. Recife: Editora Universitária: 1976. p. 43-44

funcionamento do núcleo integralista do município e como os militantes da AIB reagiram às proibições impostas por Vargas.

3.2. De amigo a inimigo: a reformulação do lugar político da AIB com a instauração do Estado Novo em 1937.

Inicialmente, poderíamos dizer que as mudanças ocorridas no cenário político brasileiro, com a implantação do Estado Novo, teriam virado de “cabeça para abaixo o mundo” não só dos integralistas, como de outros grupos políticos que mantinham forte atuação nos anos 1930. Porém, os primeiros momentos do novo regime pareciam responder positivamente ao projeto integralista. No jornal *A Razão*, em suas duas últimas edições, os integralistas de Garanhuns expressavam a felicidade pelo novo regime político, acreditando que o sonho integralista de Estado Forte, mesmo não tendo sido instituído pela AIB, tinha começado a ser implantado. Mas, as expectativas políticas dos integralistas acabaram frustradas.

Nos meses que antecederam ao golpe de 1937, enquanto os partidos políticos estavam envolvidos nas campanhas de seus candidatos a presidência, Vargas e seus correligionários tramavam para continuar no poder e propuseram a Plínio Salgado um lugar de destaque no novo regime. Vargas conseguiu o apoio do líder da AIB para as confabulações que levaram a criação do Estado Novo e Salgado, ainda na situação de candidato ao cargo de presidente, começou a reformular seus discursos políticos e apressou-se a tornar público seu apoio e admiração ao governo.

Como a organização da macha dos 50.000 integralistas, no Rio de Janeiro, em 1º de novembro, coordenada por Salgado que, juntamente com os seus militantes saudavam, aos gritos de *Anauê*, o presidente Vargas que acompanhava o evento na varanda do Palácio do Catete. Essa mobilização foi percebida e noticiada na imprensa como um sinal de força do movimento integralista. O historiador Gustavo Felipe Miranda analisando o argumento de Stalyn Hilton em *O Brasil na crise internacional*²⁸¹ – que discorreu que o Vargas, por meio

²⁸¹ HILTON, Stanly. *O Brasil na crise internacional*. Rio de Janeiro: Cultura Brasileira, 1977. p. 47 *Apud*. MIRANDA, Gustavo Felipe. *O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo*. Rio de Janeiro: UERJ, 286 f. Dissertação (Mestrado em História). UERJ/IFCH. Rio de Janeiro, 2009. p. 43

do serviço secreto da polícia, descobriu que o número de militantes tinha sido bem inferior ao que foi divulgado por Salgado, chegando a 17.000 entre homens, mulheres e crianças – destaca que o desfile pelas ruas da capital brasileira, na época, foi uma tentativa de Salgado em conseguir uma “melhor condição na mesa de negociações com o governo antes de instaurada a ditadura, e que por isso não se furtou em apresentar sua principal “arma”: uma massa unida e obediente sob seu comando.”²⁸² Provavelmente, Salgado tenha percebido ou pensado que a sua situação como colaborador intelectual de um golpe não era estável, por isso precisava demonstrar o poder que exercia sobre os seus seguidores integralistas. Os camisas-verdes seriam os elementos da barganha do Chefe Nacional e, assim, os seus militantes poderiam ser uma força de apoio ou entrave para os planos de Vargas. Tal situação dependeria das decisões tomadas pelo presidente do país. No entanto, como bem observou Miranda, a versão de demonstração de apoio do líder da AIB a Vargas foi a que acabou prevalecendo nas abordagens sobre o referido fato.

Na edição do dia 07 de novembro, três dias antes da implantação do Estado Novo, o jornal *A Razão* apresentou a seguinte imagem aos seus clientes:

²⁸² Ibid. p. 43



*Discurso de Plínio Salgado durante o desfile dos 50.000 integralistas no Rio de Janeiro.*²⁸³

O desfile no Rio de Janeiro foi um fato importante para o movimento, pois demonstrava, ao presidente, o poder e exemplo de ordem que acreditava a AIB representar. O motivo apresentado ao público leitor, não só de Garanhuns como de todo o país, foi de que os integralistas tinham organizado um desfile em homenagem a Nuno Alvares e Duque de Caxias, considerados, pelos camisas-verdes, heróis nacionais. No entanto, nessa chamada de jornal reproduzido em vários periódicos da AIB, como já percebemos na análise de outros autores do tema, sequer os homenageados tiveram seus nomes colocados em destaque no folhetim, mas esses dados apareciam apenas no decorrer da transcrição da fala de Salgado.

O tributo a esses “heróis” nacionais serviu como uma oportunidade do integralismo apresentar o seu apoio e/ou poder ao governo Vargas. No texto das laterais da foto do Chefe

²⁸³ Peroração do discurso do Chefe Nacional, quando falava a nação no dia 01 deste mês. *A Razão. Garanhuns*, 07 de novembro de 1937. p. 1 – APEJE.

da AIB, observa-se um novo sentido em seus discursos, em que o seu objetivo não seria o poder de líder nacional, mas o de ser “um humilde agricultor de forças dispersas para, com elas, construir o Grande Brasil.”²⁸⁴ Essa subserviência de Salgado em relação a Vargas contrastava com o seu envolvimento na disputa pela presidência do país.

Ao rememorar a passagem dos integralistas em frente a Vargas no Rio de Janeiro, o ex-chefe provincial da AIB-PE, Andrade Lima Filho, assumiu um posicionamento crítico em relação aos “heróis” de sua juventude que, na escrita de seu livro de memórias, não aproveitaram a oportunidade para dar o golpe de Estado. Segundo o autor, a ineficiência e/ou o perfil intelectual de Salgado não permitiu que isso se concretizasse.²⁸⁵ Contudo, o que nos interessa nesse evento, foi como a macha da AIB em frente ao Catete acabou sendo tratada pelos integralistas de Garanhuns em seu jornal. A passeata dos 50.000 foi noticiada como um exemplo a ser seguido pelos integralistas locais, que deveriam participar do desfile o qual se realizaria no Recife. O jornal *A Razão* noticiou esse evento no intuito de contagiar seus leitores, para que os mesmos se dirigissem ao Recife em 15 de novembro, quando os membros da AIB-PE também dariam um exemplo de força e apoio ao nascente Estado Novo.

Nessa mesma edição do jornal *A Razão* de 07 de novembro de 1937, do qual retiramos a imagem e discurso de Plínio Salgado, encontramos, ainda, artigos que sugerem o que deveria ser o sentimento daqueles militantes do interior pernambucano. Um dos textos, intitulado: *Terceira Coincidência* apresentava, aos leitores de Garanhuns, os indícios da ação dos comunistas do município, boicotando as atividades integralistas. Isso porque “[...] três vezes já se observou isso. E é justamente nos trechos melhores do discurso desse grande brasileiro [Salgado] – nos trechos mais incisivos sobre o comunismo – que a luz foge...”²⁸⁶ Mesmo não tendo como provar, o jornalista/integralista, que não assinou o artigo, deixou bem claro: “Até porque, segundo já é do conhecimento público, a policia prendeu um funcionário da Usina de Luz, como comunista. E isso reforça o nosso raciocínio de não querermos ver como simples incidência certos fatos que se repetem em dadas circunstancias.”²⁸⁷ Nesse caso, a ameaça comunista contida nos discursos da AIB, mais uma vez tornava-se algo real, presente no cotidiano garanhuense, favorecendo assim, a compreensão e aceitação desses na

²⁸⁴ Idem.

²⁸⁵ FILHO, A. *Op. Cit.* p. 59-60

²⁸⁶ Terceira Coincidência. *A Razão*. Garanhuns, 07 de novembro de 1937. p.3 - APEJE

²⁸⁷ Ibid.

realização de um golpe, caso as mudanças impedissem os comunistas de tomarem as “rédeas” do país.

Na última página desse mesmo jornal, colocaram, também, a palestra de Plínio Salgado na rádio Mayrink Veiga, que teria sido interrompida em Garanhuns por falta de energia elétrica. Nessa palestra, ele teria falado:

Conceito de governo forte

Quando pois, temos dito, que desejamos um Governo Forte, isso quer dizer que queremos um Governo cuja força não provenha de si mesmo, porém que provenha das próprias circunstancia espirituais e materiais da Nação Organizada.

É difícil a estabilidade de Governos Fortes que surjam de combinações de correntes eterogeneas. Um Governo Forte é uma Unidade de ação e uma unidade de ação só é possível com unidade de sentimento, de mística, assim como esta só existe mediante dois fatores: uma idéa que se transformou em consciencia e um sacrificio para consolidar essa consciência.

Enganamo-nos sempre que julgamos fortalecer-nos pelo numero e volumes dos fatores componentes do nosso prestigio; porque não é a espessura dos metais que torna inexpugnáveis os alvos, e sim o valor especifico dos metais.

É preferível a espessura de um centímetro de aço do que um metro de estanho. Por isso, muitas vezes, o que aparenta ser minoria, é, de fato, maioria, pela qualidade e resistência das moléculas.

Quem quizer, pois, exigir uma Nova Ordem e fortalecer-se dentro dela deve recorrer à experiência do Passado nas paginas da Historia remota ou recente porque ali encontrará o ensinamento de que não é possível nenhuma obra longa de construção, quando todo o tempo é gasto em sustentar equilíbrios.

As grandes transformações sociais salvadoras, os empreendimentos políticos destinados a perpetuar um homem na memória dos Povos devem servir-se de forças homogêneas que garantam estabilidades psicológica irredutível.²⁸⁸

Na reprodução do discurso de Plínio Salgado à emissora carioca Mayrink Veiga, percebe-se que ao mesmo tempo em que apresentava o conceito de Estado Autoritário, o líder da AIB também estava falando e exaltando os princípios administrativos defendido em seu movimento no decorrer dos anos 1930. Mas, o motivo de trazermos essa palestra de Salgado para a discussão, encontra-se na ausência de uma citação do projeto integralista de Estado Forte, no caso, o Estado Integral. Durante os anos de existências da AIB, desde o *Manifesto de Outubro de 1932* até o *Manifesto-Programa* para as eleições de 1938, o Estado Integral aparecia, com frequência, como o projeto político integralista. Entretanto, dias antes do golpe que implantou o Estado Novo varguistas no Brasil, o Chefe da AIB ao falar aos seus militantes sobre os preceitos e as estruturas administrativas do Estado Forte, silenciou-se com relação ao Estado Integral.

²⁸⁸ Conceito de governo forte. *A Razão*. Garanhuns, 07 de novembro de 1937. p.4 – APEJE.

Depois da implantação do Estado Novo em 10 de novembro, o outro número desse jornal integralista foi no dia 28 do corrente mês. Esse teria sido também a última edição do periódico *A Razão*. Com o funcionamento do novo regime, os integralistas de Garanhuns demonstraram certa euforia nos artigos de seu jornal, acreditando ser, até certo ponto, a realização do sonho dos que compunham a AIB. Na primeira página desse jornal, há fotos e relatos da passeata integralista nas Ruas do Recife, em 15 de novembro. Tais recursos que o *A Razão* fez uso ilustravam o engajamento integralista do estado aos planos do governo.

Os núcleos da AIB-PE, segundo esse periódico, teriam organizado caravanas, que se direcionaram ao Recife, com os quais, em paralelo à comemoração da Proclamação da República Brasileira, ocorreria uma demonstração de força dos camisas-verdes pernambucanos e de apoio ao governo contra os comunistas. O governador da 9ª Região integralista em Pernambuco, Eurico Lira, enviou ao comício no Recife uma caravana formada por militantes integralistas de Garanhuns, Bom Conselho, Correntes, São Bento, Jupi, Canhotinho e Cachoeirinha. A mobilização dos camisas-verdes chegou a aproximadamente 6.000 integralistas vindos de todos os municípios do estado, isso segundo a edição do dia 28 de novembro de 1937 do jornal *A Razão*.

Além das informações sobre o percurso e quantidade de militantes presentes no Recife, os integralistas/jornalistas de Garanhuns procuraram expor uma suposta grandiosidade da AIB-PE em seu periódico. Mesmo que o número de camisas-verdes em passeata pelas ruas da capital pernambucana tenha ficado bem aquém da macha no Rio de Janeiro, esse encontro foi tratado como a comprovação do poder do integralismo no estado e do apoio político que os mesmos direcionavam a Vargas e ao então nascente Estado Novo. Esse desejo de colocar-se como aliado do governo foi exposto na terceira página desse jornal, o qual trazia mais um texto do líder da AIB, que dizia:

Com quem estamos

Depois de quatro anos de evangelização permanente dos brasileiros, procurando formar uma consciência nacional esclarecida sobre os superiores interesses do nosso país, ainda há muitos patrícios que nos perguntam, nos instantes de confusão política com quem estamos.

Eu respondo como afirmei no primeiro dia há quatro anos, em 07 de Outubro de 1932, como afirmarei sempre, que estamos com o Brasil.²⁸⁹

Nesse trecho da fala de Plínio Salgado, destacamos dois pontos: 1º– ao abordar sua atuação política no cenário brasileiro, apropriou-se de um termo comum ao universo religioso,

²⁸⁹ Com quem estamos. *A Razão*. Garanhuns, 28 de novembro de 1937. p.4 – APEJE. p. 3

no caso, a evangelização. Dessa forma, o líder da AIB deixou de lado uma postura que pudesse concorrer com Vargas pelo poder presidencial e apresentou-se como um doutrinador, um nacionalista preocupado com o futuro do seu país. 2º – utilizando-se ainda de um discurso de caráter sentimental, de amor pela pátria, Salgado tentou apresentar uma coerência em seu comportamento e planos, dizendo seguir o mesmo caminho desde o *Manifesto de Outubro de 1932*. Essa postura não se deu de maneira inocente, pois conhecendo os planos do presidente da República em dar um golpe de Estado, Salgado adiantou-se a aparecer na imprensa como representante de um movimento voltado a defender os interesses nacionais e não tendo nenhum interesse pessoal.

Uma das características da imprensa integralista em todo o Brasil foi o culto a imagem do Chefe Nacional da AIB, sendo esse apresentado como um intelectual preocupado com a pátria e os ensinamentos cristãos,²⁹⁰ um exemplo a ser seguido por outros brasileiros. Desse modo, o jornal da AIB, em Garanhuns começou a divulgar uma nova postura política de Salgado que aparecia, agora, aliado a Vargas. A estratégia dos jornalistas da AIB era de criar, entre os militantes, a sensação de que sempre os integralistas estiveram ao lado do presidente do país, principalmente no combate ao comunismo.

Na análise dos dois últimos números do jornal *A Razão*, mesmo sem a fundação do Estado Integral, o que se observa a partir da cobertura dos desfiles integralistas, tanto no Rio de Janeiro como no Recife, além dos discursos de Salgado, foi a certeza desses camisas-verdes de estarem ao lado do governo, ou seja, viam-se como principais aliados do Estado Novo. Mas, esse sentimento não tardou a mudar. Nos primeiros meses do novo regime, os integralistas deixaram de ser considerados nacionalistas para se tornarem inimigos da nova ordem política, tanto na imprensa, quanto para a polícia política.

Em carta a Vargas, de 28 de janeiro de 1938, Salgado apresentando sua indignação com a situação relegada a AIB, escreveu que desde o início do Estado Novo sabia que o integralismo estava alijado do poder e que as promessas de tornar os camisas-verdes o cerne doutrinário do novo estado não seria cumpridas. Salgado estava certo, o integralismo não fazia parte dos planos de Vargas. Assim, no dia 02 de dezembro de 1937, o governo federal promulgou a lei nº 37. Alicerçando essa lei no pressuposto de que os partidos políticos, ao estilo liberal, tinham se tornado trampolins para políticos com interesses pessoais e/ou

²⁹⁰ Sobre o culto a imagem do Chefe da AIB nos periódicos do movimento ver: OLIVEIRA, R. 2011. p.19

regionais, o presidente decide extingui-los.²⁹¹ Lembremos que nos idos de 1935, a AIB tinha se transformado em partido político para poder disputar as eleições municipais, logo, o integralismo entrou na lista de organizações políticas que deveriam ser fechadas.

Dentro de pouco tempo, os militantes da AIB viram seu partido sair da situação de aliado do governo, para o lugar de subversivos. O integralismo, que durante anos tinha combatido os comunistas, com a implantação do Estado Novo, foi colocado no mesmo patamar de seu adversário, o de inimigo da ordem social e política brasileira. Com a proibição de funcionamento, o jornal *A Razão* deixou de circular, logo, a principal tribuna da AIB em Garanhuns foi silenciada. Nesse sentido, aproveitamos essa reviravolta na política brasileira e integralista para questionarmos como os militantes de Garanhuns receberam essas notícias e quais foram às respostas desses ao Estado Novo.

3.3. Uma revolução que não aconteceu: os integralistas de Garanhuns pegam em armas para derrubar o Estado Novo.

Durante o Estado Novo, estando a AIB na ilegalidade política, diversas tentativas de golpes de alguns militantes do integralismo foram ensaiadas em todo Brasil. Algumas acabaram desarticuladas pela polícia, outras nem saíram do papel. O fechamento dos núcleos da AIB em todo o país e a perseguição aos membros do integralismo motivou a organização e realização de levantes contra o novo regime. Além disso, havia certa decepção com a postura subserviente de Plínio em relação ao governo Vargas. No entanto, como destacou Gustavo Miranda, a apatia política de Salgado fazia parte da tática escolhida por esse para articular livremente com seus militantes e membros das Formas Armadas insatisfeitos com a nova situação política do país que juntos planejavam um golpe contra o presidente da República e não macular sua imagem de político cristão e defensor da ordem social.²⁹²

²⁹¹ Cf.: VARGAS, Getúlio. Decreto-Lei N. 37 – de 2 de dezembro De 1937. Disponível em: C:\Documents and Settings\Administrador\Desktop\pesquisa\DOC.INTEGRALISTAS\DECRETO-LEI N 37.mht. Acessado em: 08. 08.2011.

²⁹² Cf.: MIRANDA, G. *Op. Cit.*

Com o novo regime político no Brasil, os integralistas, que durante a década de 1930, colocaram-se como aliados do governo Vargas no combate ao comunismo e também foram, no pós-37, classificados como inimigos da ordem social e política do país. Sendo assim os camisas-verdes iguados em grau de periculosidade aos “emissários de Moscou”. O Estado Novo, seguindo um caminho que o conduzia a uma administração de tendências autoritárias, pautou suas práticas políticas no argumento de que estava defendendo a ordem social das ações de grupos subversivos. O sociólogo Zigmunt Bauman, ao discutir sobre as estratégias doutrinárias e administrativas dos governos extrema-direita destacou: "A ordem está continuamente engajada na guerra pela sobrevivência. O outro da ordem não é uma outra ordem: sua única alternativa é o caos."²⁹³

Depois da desarticulação do inimigo da ordem que era o comunismo, chegou o momento de se “eleger” outro que traria o caos para a sociedade brasileira e deveria por isso ser combatido pelo governo, o escolhido foi o integralismo. A divulgação de um cenário marcado por combates entre os defensores da ordem e os que trariam a desordem social, tornou-se a base dos argumentos estadonovista. Nesse momento, os discursos dos membros do governo Vargas tenderam a legitimar uma atuação mais intensa dos investigadores da DOPS. Nesse sentido, a historiadora Elizabeth Cancelli argumentou que em um Estado de tendências autoritárias como o Estado Novo varguista, a polícia política possuía uma função vital, a qual era de defender os alicerces da ordem social instituída pelo governo. Para isso, acumularia as funções de policial e juiz, utilizando-se das suspeitas contra grupos e/ou indivíduos considerados como inimigos do *status quo*.²⁹⁴

A atitude do governo frente ao integralismo levou a expectativa da realização do que muitos chamavam de uma “revolução integralista”. Todavia, o controle policial sobre as atividades integralistas teve seu início antes mesmo da criação do Estado Novo. Percebe-se isso pelo grande número de relatórios polícias e telégrafos entre os delegados da DOPS em relação ao cotidiano dos camisas-verdes. A exemplo disso, em agosto de 1937, aproximadamente três meses antes da implantação do novo regime político, o investigador nº 77, que tinham como missão traçar um panorama da AIB nos municípios do interior pernambucano, relatou o seguinte para os seus superiores:

²⁹³ BAUMAN, Z. 1999. p.14

²⁹⁴ Cf.: CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da Era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

No dia de minha chegada a Garanhuns [12 de agosto de ouvi de algumas pessoas, inclusive dos integralistas, que, si o Dr. Carlos de Lima fosse condenado pelo Tribunal de Segurança, elles, integralistas, fariam ‘a marcha sobre o Recife’, para se apossarem do governo; nessa noite fiz observação na séde do núcleo, nada se verificou nella que chamasse a minha atenção. Segundo informações por mim obtidas, o Snr. Álvaro Vianna tem em seu poder 5.000 cartuchos de fuzil mauzer, o que foi pelo mesmo dito ao Snr. Kosaphá Ferreira em palestra amistosa. Um representante do Laboratório Raul Leite que, mais ou menos há um anno, estava em Garanhuns, precisando tratar de negócios com o Dr. Carneiro Leão, foi ao consultório deste e lá fiu grande quantidade de fuzis e algumas pessoas, tendo o referido doutor dito a elle que estava se preparando para receber uns communistas que iam arrancar os trilhos da Great Western e, após isto, atacar a todos os integralistas; a ser verdadeira a existência desse fuzis em poder do referido doutor, elles só poderão estar em uma propriedade que é situada próximo ao povoado de S. Pedro, Município de Garanhuns.²⁹⁵

A escrita desse policial representou aqueles que viam o integralismo com certo receio, pois o movimento vinha crescendo em número de adeptos em todo o país e tornava-se uma ameaça real ao então Estado democrático brasileiro. Essas informações relativas ao poder bélico com a implantação do Estado Novo serviu para corroborar com a imagem que a AIB representava uma ameaça real, talvez, mais perigosa que a dos comunistas.²⁹⁶ Os camisas-verdes procuravam apresentar suas atividades, que poderiam ser apontadas como suspeitas ou perniciosas à ordem social pela polícia política, como uma precaução e um meio de proteger a cidade dos comunistas, que supostamente continuavam a espreita esperando o momento propício para atacarem os militantes da AIB.

Nos primeiros meses do novo regime, surgiram vários rumores de que o golpe dos camisas-verdes poderia ocorrer a qualquer momento. Confabulações, aquisição de armas, elaboração de senhas para o início das atividades contra o governo, tornaram-se temas comuns na imprensa, nos relatórios policiaes e, provavelmente, nas conversas dos que transitavam pelas ruas e estabelecimentos comerciais de Garanhuns. Por meio dos boatos, os supostos dias e horários em que os integralistas pegariam em armas e iniciariam sua vingança contra Vargas e seus aliados, espalhavam-se entre os populares, contribuindo assim com o clima de insegurança social.

²⁹⁵ Relatório do investigador nº77. *Prontuário Funcional nº 1027*. Recife, DOPS-PE/APEJE. (grifo nosso)

²⁹⁶ Giselda Brito em sua tese *A lógica da suspeição contra a força do sigma* destacou que o dia-a-dia das atividades policiaes da DOPS possibilitou a construção de um acervo de provas materiais contra os considerados inimigos do governo. Os integralistas estavam entre os vigiados, fichados e arquivados por essa polícia política, que no decorrer do Estado Novo utilizou desses dados para reformular a imagem dos membros da AIB para subversivos e inimigos da ordem social. Cf.: SILVA, G. 2002. p. 86

Mesmo que o jornal *A Razão* de Garanhuns tenha parado de circular, mapeamos grande número de documentos policiais relativos aos integralistas no referido município. Os relatórios policiais, telegramas, cartas anônimas ou mesmo assinadas por populares e recortes de jornais, que tivessem como tema as atividades clandestinas dos integralistas, começaram a compor os prontuários policiais. Desse modo, a partir desse momento não temos as falas dos integralistas sobre a realidade política local e nacional, mas discursos sobre esses militantes que foram urdidas por agentes da DOPS.

A presença dos integralistas de Garanhuns na documentação produzida, interceptada e recebida pela polícia política, indica que esses militantes da AIB, mesmo com as proibições impostas, mantiveram suas atividades na clandestinidade no pós-1937. Dentre a documentação policial sobre esse momento, encontra-se um processo contra os membros da AIB de Garanhuns, que no final de 1937, armaram-se no intuito de lutar contra os representantes do governo.

Na entrevista com o filho de José Batinha, Ivaldo Rodrigues, ao falar sobre a possibilidade de um grupo de integralistas de Garanhuns ter pegado em armas para derrubar o presidente Vargas, comentou:

Ficava cismado que ele estava realizando um trabalho de comunicação com o núcleo Integralista de Garanhuns, de Jupi e de São Bento pra preparar um movimento armado para derrubar Getúlio, isso é ridículo, isso é ridículo a idéia de que passava pela cabeça dele é que eles estavam se articulando para [...] Manter o movimento isso mantinha-se mesmo, esse movimento integralista se mantinha caladinho, escondidinho, mas se mantinha. Mas, pra fazer movimento armado e derrubar Getúlio isso seria hilariante como é que três núcleos de Jupi, São Bento e Garanhuns e tavam cogitando de derrubar Getúlio Vargas do poder, só na cabeça de comissário e investigadores.²⁹⁷

Um dos aspectos relevantes nessa fala encontra-se na negação de um levante armado envolvendo os integralistas de Garanhuns, pois na visão do depoente isso seria impossível, pura criação de investigadores da DOPS. De acordo com Sr. Ivaldo, a inviabilidade estava no fato de que três núcleos da AIB do interior pernambucano não teriam chance de levantar-se belicamente contra Vargas. Porém, ao voltarmos nosso olhar para a prática doutrinária integralista, envolvendo desde os discursos de formação, passando pelos signos e ritos cerimoniais, observa-se um movimento que procurava criar entre os seus membros uma sensação de unidade, de constituírem um único corpo doutrinário do Sigma. Essa observação

²⁹⁷ RODRIGUES, Ivaldo. *Entrevista*. Recife, 03 de Setembro de 2001.

torna-se pertinente nessa análise pelo fato que no depoimento dado a polícia, alguns destacaram que as ações dos integralistas não se dariam de maneira isolada, mas seria uma continuação de um levante que deveria começar no Rio de Janeiro e tomaria, consecutivamente, todo o país.

Na noite de Natal de 1937, um número considerável de integralistas de Garanhuns ausentou-se do município, levantando suspeitas, pois os camisas-verdes por serem, em sua maioria, católicos, deveriam comemorar essa data com seus familiares e amigos. Esse fato acabou chamando a atenção dos investigadores da DOPS da cidade, além de contribuir com os boatos de que os ex-integralistas, insatisfeitos com a nova realidade política do país, preparavam um golpe para tomar o poder político e entregá-lo a Plínio Salgado. Alguns dos ex-membros do núcleo de Garanhuns estavam juntos com os de Jupí e os militantes de São Bento, onde ficava a fazenda Riachão, local de reunião para a articulação do levante armado.

Como resultado da união dos insatisfeitos integralistas desses três municípios pernambucanos, nenhum tiro foi disparado. Esses militantes a AIB esperavam notícias pelo rádio a respeito do levante o qual deveria iniciar-se no Rio de Janeiro, mas isso não aconteceu. Todos voltaram para casa. Contudo, o retorno ao cotidiano da cidade não seria tão simples. A polícia política não deixaria essa “reunião golpista” dos integralistas sem uma resposta. Começa, então, uma nova realidade política para os integralistas de Garanhuns que, acostumados a aturem livremente pelas ruas da cidade, seriam tratados como subversivos e inimigos do governo.

Assim, os representantes da DOPS-PE em Garanhuns, em 30 de dezembro de 1937, iniciaram oficialmente uma investigação sobre o movimento subversivo dos integralistas locais. Como resultado, o processo contra os militantes da AIB chegou a 105 páginas manuscritas, no qual se encontrava depoimentos de ex-integralistas e populares que participaram ou testemunharam a organização do suposto movimento armado. No decorrer dos depoimentos, ao apresentarem suas justificativas para o envolvimento ou não em um suposto golpe de Estado, os intimados a falar acabavam citando nomes de outras pessoas e, consecutivamente, esses citados também foram convocados para prestarem explicações a polícia.

Essa investigação foi coordenada pelo delegado da DOPS-PE de Garanhuns, José Cavalcante de Miranda, assessorado pelo seu escrivão, Emanuel Álvaro Leite. Convocando para deporem integralistas e simpatizantes, empresários e fazendeiros que teriam viabilizado o

levante, os policiais começaram a juntar as peças do “quebra-cabeça” que no final formaria uma imagem do crime contra a ordem social dos integralistas. Lembrando que depois da intentona comunista de 1935, a polícia política passou por um processo de centralização de sua gestão e informação, com o fim de aumentar sua eficiência. O inquérito policial construído em Garanhuns, com depoimentos dos envolvidos e conclusões do delegado, foi encaminhado à Secretaria de Segurança Pública (SSP) após sua conclusão. Essa informação levou-nos a entender que a estratégia do escrivão Emanuel A. Leite de colocar no início dos depoimentos frases como: “logo em seguida compareceu...”, “no mesmo dia veio a essa delegacia...”, além de contribuir com a sua narração feita por esse policial, servia também para, indiretamente, demonstrar o empenho dos agentes da lei no município de Garanhuns de resolverem, o quanto antes, o problema das ações subversivas locais.

A reprodução escrita desses testemunhos deveria servir como base no trabalho policial, não sendo elaborada com o objetivo para que no futuro pesquisadores lessem e questionassem o conteúdo e sentidos discursivos desses textos policiais. Dessa forma, encontramos nesse processo policial, depoentes que possuíam curso superior, outros eram alfabetizados e também tinha indivíduos que não sabiam nem ler e nem escrever. Ao confrontar as declarações desse grupo de intimados tão heterogêneo, independentes de terem sido integralistas ou não, percebe-se que a forma de se expressar e argumentar não se diferenciavam entre eles. Nesse caso, começamos a questionar até que ponto a interferência policial não criou novos sentidos àquelas falas dos depoentes. Dessa maneira, temos em mãos uma documentação sobre um acontecimento (a reunião clandestinas de integralistas de três cidades do interior pernambucano, mesmo com as proibições do Estado Novo) que foi contado a partir de vários filtros de interesses, tanto os dos depoentes que procuravam aparecer como inocentes, como dos policiais representantes do governo.

Aproximadamente 40 integralistas de Garanhuns e cidades vizinhas estiveram envolvidos no levante, porém, parece que nem todos foram convocados a explicar-se a polícia, pois no referido processo encontra-se apenas 22 relatos de integralistas e populares que participaram ou presenciaram a suposta organização subversiva. Desses que foram à delegacia, em relação à postura tomada frente ao delegado e seu subalterno, poderíamos dividi-los em quatro grupos: os primeiros, mesmo aparecendo na documentação da polícia como integralistas, tentaram desmentir qualquer participação com a articulação de golpe, apresentando justificativas pessoais para saírem de Garanhuns na noite de Natal. Como no

caso de Solon Vidal dos Santos, representante comercial da *Chevrolet* em Garanhuns, que aparece nos prontuários do pós-1937 como integralista, disse em seu depoimento:

[...] que no domingo, vinte e seis do corrente, ele declarante, se achava em sua residência e mais ou menos as vinte horas, ali chegou Alezio Amado dizendo que a senhora de Reinaldo Alves, havia mandado pedir a ele declarante o seu automóvel emprestado, fim de mandar buscar Reinaldo no município de São Bento, que ele declarante alegou não gostou de emprestar o automóvel, mas como se tratava de um amigo, ia pessoalmente buscal-o [...] ²⁹⁸

Ausentando-se de Garanhuns em direção à fazenda Riachão, em São Bento, tinha como motivo fazer um favor a esposa do seu amigo Reinaldo Alves, que estava na referida propriedade. Segundo o depoente, seu amigo tinha sido convocado para ocupar o cargo da Coletoria Federal de Flores dos Leões (atual Carpina), essa notícia tinha sido passada para ele por Alezio Amado. Esse seria então, o motivo de sua saída de Garanhuns, destacando não saber de nenhum levante integralista. Na viagem, Solon deu carona ao sargento da *Brigada Militar do Estado*, José Veríssimo, que era líder do integralismo do município de Pedra e tinha urgência de voltar para lá, no entanto, não sabia a razão de tanta pressa do sargento Veríssimo. Mas, ao regressar a Garanhuns, além do seu amigo Reinaldo Alves, embarcaram no seu automóvel Mario Matos e José Rodrigues (José Batatinha), apontados pelos policiais como os líderes do movimento armado.

No segundo grupo de depoentes, estavam aqueles que fizeram questão de ressaltar que não eram integralistas e nem tinham a intenção de ser, mas que acabaram presenciando a movimentação dos camisas-verdes em São Bento ou nas proximidades de Garanhuns. Esses não deixaram de entregar os envolvidos a polícia. No geral, os depoentes com esse perfil, falaram às autoridades policiais que realmente os integrantes da AIB estavam armados e esperavam o sinal pela rádio de que tinha começado o levante no Rio de Janeiro, para que pudessem dar início, também, ao processo de golpe no interior pernambucano. Segundo as falas desses indivíduos, os seguidos de Salgado tinham cortado o fio do telégrafo de Garanhuns, para impossibilitar que no momento do golpe, os policiais e populares pudessem pedir ajuda a capital, Recife.

Desse grupo de depoentes que presenciou a organização golpista dos integralistas, alguns estavam presentes por mando de seus patrões, principalmente, do dono da fábrica de queijo de São Bento, Oreste Alves Valença, família proprietária da fazenda Riachão. Esse

²⁹⁸ Cf.: Depoimento de Solon Vidal dos Santos sobre levante integralista de Garanhuns. *Prontuário Funcional nº1066* – DOPS-PE/APEJE

empresário do ramo de laticínios contribuiu para a mobilização dos envolvidos no suposto “levante verde” com o empréstimo de um caminhão e do motorista, o senhor Mariano de Souza Correia. Ao ser convocado pela polícia para depor, Correia falou em certo momento:

[...] no dia vinte e cinco do mez fuido à tarde, o seu patrão Orestes Alves Valença lhe disse que naquele dia o declarante ia sahir com o caminhão à disposição de José Batatinha [...] que todos dentro do mato à margem da linha férrea, na estrada, começaram diversas pessoas a chegar, muitas armadas de rifles, fuzis e armas curtas; que nessa ocasião José Batatinha pediu ao declarante um alicate e este lhe sendo entregue ouviu quando José Batatinha chamou uma pessôa que soubesse subir no poste telegráfico e cortar o fio; que o declarante aí viu quando o fio foi cortado cahindo até um claro de fôgo na ocasião, na vendo o declarante, porem, quem cortou; que uma ou duas horas depois de se acharem ali acampados, José Batatinha, mandou o pessoal tomar o caminhão e recomendou para que se cobrissem com o encerado para que se por ventura encontrassem com um automóvel não causasse desconfiança.²⁹⁹

Na documentação manuscrita da polícia, alguns nomes e trechos dos depoimentos foram marcados com lápis vermelho. Posteriormente, alguns daqueles que foram marcados na transcrição dos depoimentos, foram convocados para dar suas versões sobre a noite de 25 de dezembro de 1937. Esses registros feitos pelas canetas vermelhas dos policiais da DOPS indicam um dos métodos utilizados por eles na construção das teias de relações entre os classificados como inimigos sociais.

Por não ter relações políticas e pessoais com integralismo e seus membros, Correia e outros não tiveram problema de falar sobre o golpe, fornecendo assim informações para a construção de um sentido de subversão integralista para o processo policial. Por meio desses, a polícia acabou sabendo da movimentação dos integralistas entre São Bento, Garanhuns e Jupi.

De acordo com esses depoentes, a liderança integralista tinha conseguido, em São Bento, a condução para o movimento armado, voltando logo depois para as proximidades de Garanhuns, onde reuniu os que se envolveriam no levante. No decorrer da fala do motorista da fábrica de laticínio, como também apareceu em outros depoimentos, por causa da demora da reunião dos integralistas, José Batatinha mandou dois camisas-verdes entrarem em Garanhuns para comprar bolachas para alimentar a “tropa” integralista. Depois se dirigiram para o distrito de Jupi, onde esperariam para dar início ao golpe.

²⁹⁹ Depoimento de Mariano de Souza Correia sobre levante integralista de Garanhuns. Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE

O terceiro grupo formou-se por militantes e simpatizantes da AIB que disseram não saber de nada, mas caso os boatos fossem verdadeiros, eles seriam os primeiros a reprovar. De acordo com esses, um movimento armado desvirtuava a integridade construída em torno do integralismo e de seus membros durante os anos de atuação legal. Como se percebe no depoimento de Virgílio de Oliveira Paiva (Nô), que disse:

[...] pois, em caminho da fazenda encontra o referido caminhão derigido pelo chauffeur Mariano a quanto Mario Matos ordenou que voltasse e pagasse todo pessoal de Garanhuns que se encontrava na fazenda e fizesse no mesmo veículo regressor; que deixára o dr. Mario Matos bem como o viajante desconhecido na fazenda de Alceu [Valença], tendo voltado incontinente; que até então não desconfiará de tramas revolucionarias e até mesmo no dia seguinte, depois então veio a saber que tratava-se de um movimento subversivo; que o depoente é integralista, entretanto nenhum conhecimento teve anteriormente de qualquer movimento, mesmo porque o integralismo tem a sua doutrina isenta de revolução; que é de seu conhecimento, que José Batatinha está preso dadas as mas idéas subversivas.³⁰⁰

Mesmo com as proibições advindas com o Estado Novo, a imagem que esse depoente tentou passar para a polícia foi de um movimento pacífico e preocupado com a ordem social e política do país. O senhor Nô procurou isentar o integralismo enquanto uma instituição política e doutrinária, culpando, em contrapartida, os militantes que pegaram em armas para dar um golpe. A partir desse depoimento podemos observar que nem todos os camisas-verdes envolveram-se em atividades clandestinas, ficando esses atos restritos aos integralistas mais exaltados.

Por fim, o quarto grupo era formado pelos líderes do integralismo em Garanhuns, que tentaram justificar, a partir de outro olhar, a saída deles e de seus companheiros do município no dia de natal, assim, afasta o movimento de qualquer suspeita de subversão. Como o dentista Mario Matos, Chefe Municipal, em seu depoimento falou em certo:

[...] informado de que haveria sido revistadas as casas e os núcleos integralistas em Correntes, Caruaru, Pesqueira, Rio Branco e prezo o chefe municipal integralista de Catende e ele declarante receioso de que idênticas medidas seriam tomadas aqui nesta cidade, o declarante resolveu se ausentar desta cidade com alguns amigos [...] auzencia na cidade e atribuída a mesma pruridos revolucionários, que talvez em consequência disso, ele declarante soube ter sido detido um dos seus companheiros José Rodrigues da Silva, que seguiu para Recife, que o declarante conhecedor dessa prisão e precisando se ausentar da cidade para a Fazenda Santa Rosa, a serviço de sua profissão de dentista, viera a esta delegacia e informara ao Cap. Delegado dessa viagem, que essa viagem não lhe foi adotada e somente hontem a noite ele

³⁰⁰ Depoimento de Virgílio de Oliveira Paiva (Nô) sobre levante integralista de Garanhuns. Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE

declarante recebera a ordem de que não mais poderia se ausentar daqui, bem como não poder receber em sua casa, pessoas que dessem lugar a suspeitas, que ele declarante não sabe o que atribuir o absurdo de estar ele articulando revoluções, uma vez que estas não se fazem sem armas, que ele declarante pode afirmar por si e pelos seus companheiros que nunca possuíram e nem possuem armas de espécie alguma[...]³⁰¹

Nesse trecho do depoimento de Mario Matos, o medo de uma repressão policial que, segundo boatos, vinha acontecendo em outras cidades do interior pernambucano, chegasse até ele e seus companheiros, levaram esses a saírem de Garanhuns e irem para a fazenda Riachão, em São Bento. Mas, a ausência dele e de outros camisas-verdes da cidade corroborou com os rumores de que se organizava de fato um golpe integralista. Ainda nesse depoimento, o ex-Chefe da AIB municipal procurou argumentar que não tinha como organizar uma revolução sem armas e nenhum dos que foram para a referida fazenda na cidade vizinha portava material bélico. Entretanto, não era isso que os não-integralistas e os expectadores da movimentação dos militantes da AIB disseram.

Ao mesmo tempo em que tentava justificar sua saída de Garanhuns na noite de Natal de 1937, o depoente destacou as restrições impostas a ele pela polícia, que o proibia de sair de Garanhuns e de receber em casa visitas de pessoas consideradas subversivas, provavelmente, os outros ex-integralistas da cidade. Em seguida, de acordo com o escrivão, Emanuel Álvaro Leite, o bacharel em direito Antônio Tenório de Almeida, dirigiu-se para prestar explicação à polícia. Em seu depoimento, argumentou da seguinte forma a ausência dos integralistas da cidade de Garanhuns:

[...] que depois do fechamento do integralismo os integralistas de responsabilidade daqui, ficaram esperando a reabertura das sedes com o funcionamento da sociedade civil, em que o integralismo se devia transformar, que também ficaram inquietos com a possibilidade de um levante comunista, que pelos motivos acima, sempre procuravam os responsáveis estarem em contacto para uma eventualidade dessas; que o seu intento era ter pessoal disponível no caso de ser preciso colaborar com a autoridade, que nos últimos dias se vinham impressionando com os boatos que surgiam, que dede a véspera de Natal, com caíam os integralista a se sentir inquietos com a notícia de que em alguma localidade se fizeram buscas em domicílios de integralistas[...]³⁰²

³⁰¹ Depoimento de Mario Matos sobre levante integralista de Garanhuns. Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE.

³⁰² Depoimento de Antônio Tenório de Almeida sobre levante integralista de Garanhuns. Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE.

Além do provável receio da ação policial contra os integralistas, Antônio Tenório de Almeida apresentou outro motivo para a saída de alguns camisas-verdes de Garanhuns no Natal de 1937: o medo de um golpe comunista. O integralismo, na visão deste ex-integralista, representava uma força de defesa da pátria contra as ações subversivas dos comunistas. Assim, os “integralistas de responsabilidade daqui”, como falou Almeida, acreditavam segundo o depoente que tinha de formar uma espécie de milícia auxiliar ao governo, caso os comunistas voltassem a levantar-se contra sistema político instituído por Vargas. Com essa argumentação, Almeida tentou mudar a interpretação policial de que os integralistas de Garanhuns estavam organizando um golpe armado, mas sua preocupação era com o futuro do país, pois havia uma ameaça dos comunistas dominarem a nação.

Na propaganda política do integralismo, nos anos que antecederam ao Estado Novo, o movimento aparecia como única força organizada capaz de enfrentar o comunismo. Partindo dessa informação, a argumentação do ex-integralista Almeida possuía sentido entre os militantes integralistas, pois sem a AIB, o que, ou quem poderia deter os comunistas?. Em outro depoimento, Antonio Valença da Fonseca, motorista em São Bento, que passeando com um amigo integralista, foi convidado a participar de uma reunião, que ao procurar saber sobre o que se tratava, recebeu a seguinte resposta: “[...] estavam tratando de um levante e aquelas pessoas que ali iam chegando estavam se foragindo com medo de um ataque comunista.”³⁰³

Mas, essa argumentação dos líderes do integralismo de Garanhuns parece não ter influenciado na conclusão do delegado José Cavalcante de Miranda. Em seu relatório, considerou que o movimento armado dos integralistas de Garanhuns, com os militantes da AIB das cidades vizinhas, tinha acontecido e que o golpe não teve continuidade porque não “estourou” no Rio de Janeiro. Depois desse momento, principalmente com as tentativas de levantes ocorridas durante o ano de 1938, a ação policial foi de repressão aos integralistas, que começaram a ser discursados como inimigos da ordem social e política vigente com o Estado Novo.

Utilizando-se de uma estratégia adotada pelo próprio governo Vargas para a implantação do Estado Novo, no caso, o medo de um ataque comunista, os integralistas de Garanhuns tentaram fundamentar a importância de continuarem a se encontrar, pois entendiam a AIB como uma milícia de auxílio ao governo contra uma nova intentona

³⁰³ Depoimento de Antonio Valença da Fonseca sobre levante integralista de Garanhuns. Prontuário Funcional nº1066 – DOPS-PE/APEJE.

comunista. Mas, não devemos perceber esses discursos apenas como desculpas vazias de quem pretendia se livrar de seu algoz, pois lembrando a discussão travada no primeiro capítulo e que perpassou também para o segundo, os jovens integralistas acreditavam ser a única força organizada e preparada para enfrentar os comunistas, que subjugados aos interesses da Rússia Soviética a qualquer momento tentariam implantar o caos social e tomar a força o poder. No mesmo sentido, não podemos descartar a intenção de golpe do integralismo, que se materializou no ano seguinte, em março e maio de 1938.

3.4. Os golpes da AIB e a nova imagem política dos integralistas no início do Estado Novo.

Para entender o processo de reformulação da imagem integralista a nível nacional, torna-se necessário voltarmos nossa atenção para as atividades clandestinas dos integralistas. Lembramos que a partir do momento que o Estado Novo entrou em vigor, começou um processo de desarticulação das atividades integralistas. No entanto, não havia provas da periculosidade dos integralistas, pelo contrário, muitos aliados de Vargas criticaram esse ato contra a AIB.

Pesquisadores como Hélio Silva, Márcia Carneiro e Gustavo F. Miranda, analisam que a posição tomada por Plínio Salgado, nesse momento, foi dúbia, pois ao mesmo tempo em que ele tentava uma conciliação política com Vargas, apoiava e/ou era conivente com os planos de golpe da AIB.³⁰⁴ Alguns desses levantes, tomaram grandes proporções, outros conseguiram algumas notas de jornais e acabaram esquecidos. Dentre os levantes integralistas abordados com maior frequência nos trabalhos acadêmicos, encontram-se os que ocorrem em março e maio de 1938 no Rio de Janeiro.

Ao invés de entrarmos nas discussões sobre a participação ou não de Salgado nos planos golpistas da AIB, direcionaremos nossa análise por outros caminhos, no caso, até que ponto os boatos e os frustrados levantes integralistas não foram acontecimentos positivos ao governo, que se utilizou desses fatos para legitimar seu intervencionismo político e social. O

³⁰⁴ Respectivamente: SILVA, Hélio. *1938: Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; CARNEIRO, M. *Op. Cit.*; e MIRANDA, G. *Op. Cit.*

ano de 1938 começou com a intensificação da ação vigilante e repressiva da polícia. Como exemplo disso, o relatório concluído pela DOPS-PE em 02 de abril do corrente ano, no qual abordava a desarticulação por parte da polícia de um movimento revolucionário dos integralistas em Pernambuco.

Deante do desenrolar dos fatos e procurando atingir com êxito a sua finalidade, veio a Polícia de Pernambuco, por intermeio dessa Delegacia, e, graças ao seu bem organizado serviço de observações secretas, captar os primeiros sinais de preparação subversiva integralista no território nacional, positivado a veracidade de tais rumores, e, uma vez localizada a sua fonte, começou este comissariado os primeiros trabalhos de investigação, os quais acabaram por comprovar a existência de um plano subversivo em elaboração, o qual deveria estar pronto para fazer rebentar um movimento de carácter extremista em todo o território nacional nos princípios de Março próximo [...]³⁰⁵

Em outro momento desse documento, os investigadores constataram:

Aos resultados que ia este Comissariado obtendo, aqui em Recife, no interior do Estado, as Delegacias Regionais de Polícia, devidamente orientadas iam colhendo progressivamente, os frutos de uma mais perfeita vigilância em torno das actividades dos núcleos locais, sendo em dia vários Municípios apanhados em flagrante reuniões secretas do sigma como aconteceu em Garanhuns, Catende, São Bento, Barreiros etc., chegando mesmo como aconteceu em Bello Jardim [...] Em Barreiros, o sr. Venício Moraes, Chefe Municipal, declarava abertamente que muito antes do que se pensava eles transformariam o Estado Novo em Estado Integralista.³⁰⁶

Mesmo que os golpes desarticulados tenham ficado restritos a alguns militantes de certos núcleos, os discursos policiais eram de que os integralistas estavam envolvidos em um plano de nível nacional. Possibilitando uma atuação mais ampla e coercitiva contra os considerados inimigos nacionais. Nesse relatório policial, os municípios do interior pernambucano, como Garanhuns, estavam envolvidos nos planos golpistas dos ex-integralistas.

As actividades clandestinas dos integralistas não passaram despercebidas pela vigilância policial. Sobre esse momento, Hélio Silva escreveu: “A movimentação dos núcleos integralistas inquietava as autoridades. A Polícia Política vinha prendendo, seguidamente, em São Paulo, Paraná, Estado do Rio e Rio Grande do Sul, elementos envolvidos no preparo de

³⁰⁵ “Relatório das actividades integralistas, na preparação do fracassado movimento subversivo de março último, na parte referente ao Estado de Pernambuco.” Comissário de Ordem Política e Social. Recife, 02 de abril de 1938. *Prontuário Funcional 29.291*. p.1 – DOPS-PE/APEJE

³⁰⁶ *Ibid.* p.3

uma intentona.”³⁰⁷ Esse autor fez essa consideração antes de apresentar trechos de artigos publicados no jornal *O Globo*, no qual tratava sobre a desarticulação da polícia de uma suposta intentona integralista.

Seria fuzilado o Chefe da Nação. Nenhuma autoridade poupada no tremendo massacre pelos integralistas. Foragidos todos os líderes dos camisas-verdes, inclusive o Sr. Plínio Salgado – Requentes de crueldade da conspiração abortada – A revolta nos quartéis – Fuzilamento em massa – Impressionantes as confissões – indignados com a fuga dos chefes – Centenas de prisões – A ação fulminante das polícias civil e militar – Até balas dum-dum em poder dos conspiradores.

[...]

Três mil punhais com a cruz gamada: – A chacina que forçosamente se seguiria seria monstruosa. A polícia política apreendeu três mil punhais marcados com a cruz gamada. Procediam da residência de Sr. Plínio Salgado e estavam acondicionados em sacos de lona, habilmente camuflados.³⁰⁸

A reformulação da imagem da AIB no decorrer do Estado Novo não foi uma tarefa fácil para os membros do governo Vargas, pois, durante anos, os integralistas desenvolveram uma propaganda política de abrangência nacional em que apareciam como nacionalistas e defensores dos preceitos cristãos. Essa imagem acabou sendo aceita e legitimada por muitos brasileiros. Dessa forma, os membros do governo tiveram que se utilizar de algumas estratégias para inverter o papel de patriotas dos integralistas, para de traidores da nação. Como a de criar paralelos entre a AIB e o comunismo, colocando ambos na situação de extremistas e ameaçarem a soberania nacional. Corroborando com a figura de perigosos, os integralistas começam a aparecer nos prontuários funcionais e nos periódicos associados a armas, munições e planos de extermínio de opositoristas.

A apreensão de armas (punhais) no Rio de Janeiro em núcleos da AIB repercutiu nas atividades da polícia em Pernambuco que, mesmo divulgando nos meios de comunicação, que a situação no estado encontrava-se sob controle, intensificaram suas práticas de vigilância e repressão aos grupos e indivíduos considerados suspeitos. Em um relatório, sobre as atividades e as teias de relações integralistas em solo pernambucano, representantes da polícia política descreveram a partir da apreensão de uma vasta gama de documentos, relativos ao funcionamento dos núcleos da AIB-PE. Com esses dados em mãos, Etelvino Lins - chefe da Secretária de Segurança Pública a qual a DOPS-PE estava subordinada - autorizou uma

³⁰⁷ SILVA, H. *Op. Cit.* p. 89

³⁰⁸ *Ibidem.* p. 90-93

diligência sobre a redação do *Diário do Nordeste*, principal jornal integralista em Pernambuco. O resultado, segundo esse mesmo relatório foi:

Punhais para a chacina!

Na noite de sábado, quando, por determinação do Secretário de Segurança e de ordem do Delegado, os investigadores Pinheiro, Viana, Barbosa, Valdemar Magalhães e Generino, encarregado do fechamento do “Diário do Nordeste”, procediam a uma rigorosa busca na redação daquele jornal encontrarem em uma mala pertencente ao contínuo um dos punhais de que nos dão notícias os telegramas do Rio e que foram apreendidos na residência do Sr. Plínio Salgado. A arma apreendida mede cerca de seis (6) polegadas, tem a lamina fortemente aguçada, ponteaguda, e afiada de ambos os lados, parecendo de fabricação alemã, não sendo conhecida nos mercados do Paiz. Na lamina, Juno ao cabo está o sinete integralista – sigma, (formado pela conjugação da efigie de duas garças) com reprodução na bainha. Tem ótimo acabamento e grande resistência, sendo o material empregado para o seu fabrico de primeira. Em face disso, a Delegacia de Ordem Social continua procedendo a rigorosas buscas e efetuando novas prisões, sendo de esperar que se esclareça como entraram no Estado os punhais que os integralistas destinaram à chacina das autoridades a quem os distribuiu entre os conspiradores. O individuo em cuja mala foi encontrada a arma referida acha-se foragido.³⁰⁹

A partir desse documento policial, podemos retomar alguns elementos já comentados e adicionar outros sobre o processo de reformulação por parte da ação policial da imagem da AIB no decorrer do Estado Novo. Ao adentrar na redação do *Diário do Nordeste*, os investigadores teriam se deparado com um punhal, com características correspondentes às informações que tinham recebido por meio de telégrafos do Rio de Janeiro.³¹⁰ Ao mesmo tempo em que essas informações contribuíam no aguçamento da ação policial, percebe-se a intenção do investigador que escreveu o referido relatório em associar o punhal encontrado com a Alemanha Nazista. Mesmo que o Brasil mantivesse relações amistosas com a Alemanha e muitos pernambucanos fossem admiradores desse país e dos feitos políticos e econômicos orquestrados por Adolf Hitler, como analisou Maria Philonina, não deixava de ser uma nação com interesses imperialistas.³¹¹

Associar a AIB a uma força política europeia possuía a intenção de desconstruir a imagem nacionalista que Plínio Salgado e seus integralistas tentaram produzir em torno do movimento do Sigma (Σ). Assim, o patriotismo dos camisas-verdes dava lugar nos discursos produzidos pelos seus adversários, que os mesmos estavam sob o comando de países

³⁰⁹ Punhais para a chacina!. *Prontuário Funcional nº 1026*. DOPS-PE/APEJE (Grifo nosso)

³¹⁰ Essa comunicação entre delegados, de regiões distintas, corrobora com as análises desenvolvidas pela historiadora Marcília Gama Silva, que percebeu na elaboração de uma teia de informações o principal instrumento de repressão e controle social da DOPS. Cf.: SILVA, M. 1996.

³¹¹ Cf.: CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. *Ascensão das Idéias Nazistas em Pernambuco*: a quinta coluna em ação (1937-1945). Recife: UFPE, 187 f. Dissertação (Mestrado em História) UFPE/CFCH, Recife, 2005.

estrangeiros, defendendo os interesses imperialistas da Alemanha e Itália. É importante destacar que no momento histórico analisado aqui, não era de conhecimento público o que acontecia nos campos de concentração nazista e havia vários grupos que admiravam a obra nazista em todo o Brasil.

A partir dessas informações, o relatório policial citado anteriormente, observa-se que o delegado procurava legitimar a ação policial de perseguição e prisão de integralistas suspeitos de agirem contra a ordem social. Sobre esse evento, Andrade Lima Filho, na época diretor desse jornal, escreveu o seguinte sobre a sua fuga:

E uma tarde aconteceu. Eu estava na redação, quando tocou o telefone. Atendi, pondo, conforme o prudente hábito que adquirira como aprendiz de conspirador, papel de seda sobre o bocal. – “O Andrade está”? – perguntou a voz, do outro lado do fio: era o Edson. – “Não chegou ainda” – respondi, ganhando tempo. Mas acrescentei a pergunta, sem dúvida ociosa: - “Quem é”? O de lá não respondeu. Desligou. Desconfiei da parada, avisei a Telmo Pontual, o gerente, que me forneceu algum dinheiro, e passei o comando da redação a Jorge Abrantes, excelente companheiro que muito moço ainda se foi, mas não sem que antes, mais cedo do que eu, se tivesse libertado do micróbio integralista. E ganhei o mundo, numa fuga espetacular, cujo itinerário, ora pitoresco, ora amargo [...] O Edson, sem querer, me dera a senha para a retirada.³¹²

Edison Moury, citado por Lima Filho, era, na época, o diligente titular do DOPS-PE, e coordenou os investigadores que encontraram o punhal integralista na redação do *Diário do Nordeste*. Enquanto o autor dessas memórias fugia em direção ao Rio de Janeiro com o intuito de participar de outra tentativa de golpe, que dessa vez buscava atingir diretamente o presidente Getúlio Vargas. Durante a fuga, acabou acometido pelo que chamou de “furúnculos”, doença de pele que resulta em uma concentração de pus, que no final acabou deixando-o de cama. Mesmo doente, Lima Filho comentou que não desistia de participar do plano, pois “[...] eu responsabilizava o Ditador [Getúlio Vargas], então, por todos os abscessos do Brasil. Inclusive os meus”.³¹³ No entanto, ao chegar às terras cariocas em 09 de maio, estava muito debilitado e por causa dos “furúnculos” e por também ninguém ter ido buscá-lo para o ataque ao Palácio Guanabara, residência de Vargas, ficou de fora do golpe.

A composição dos envolvidos nessa tentativa de assassinato do presidente Vargas, segundo Hélio Silva, não foi unicamente de integralistas, mas estavam também envolvidos políticos liberais de tendência antigetulistas e elementos das classes armadas, principalmente da Marinha. Esse ataque ao palácio do Guanabara recebeu muita atenção dos meios de

³¹² FILHO, A. *Op. Cit.* p. 49

³¹³ *Ibid.* p. 56.

comunicação, que noticiaram o fato como uma comprovação da periculosidade dos integralistas. Mesmo que o grupo de milicianos tivesse uma formação heterogênea, como observou o historiador Silva, o ônus da tentativa frustrada recaiu sobre os militantes da AIB. A partir desse momento, a repressão policial sobre os integralistas se intensificaram.

3.5. A resposta policial aos inimigos da pátria: repressão policial aos membros do integralismo no pós-1937.

A sensação de que a ordem política no pós-1937 vivenciava uma constante ameaça de forças políticas subversivas, acabou contribuindo com legitimação da prática de cerceamento social desenvolvida por meio da ação da polícia política e do aparato informacional que a mesma instituição desenvolveu no dia a dia das atividades policiaisca. O literato Graciliano Ramos ao escrever sobre as suas experiências como preso político, detido no ano de 1936 por suspeita de ser comunista, falou o seguinte sobre a vigilância empreendida pelos agentes da DOPS:

Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. Não será impossível acharmos nas livrarias libelos terríveis contra a república novíssima, às vezes com louvores dos sustentáculos dela, indulgentes ou cegos. Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá: se o fizermos, perceberemos qualquer vestígio de autoridade e, quando formos verazes, ninguém nos dará crédito. De fato ele não nos impediu escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício.³¹⁴

A maior parte dos trabalhos acadêmicos que se dedicaram a atuação repressiva da polícia política no decorrer da “Era Vargas”, procuraram analisar as atividades desses investigadores sobre os comunistas, ou populares que foram apontados como simpatizantes do pensamento comunista, como no caso do escritor Graciliano Ramos, preso sem que sobre ele tivesse qualquer prova de envolvimento com o partido ou movimentos de esquerda. Ao mesmo tempo em que narra o cotidiano de preso político, o escritor alagoano aproveita para criticar a apatia dos intelectuais brasileiros na época, que não aproveitavam os pequenos

³¹⁴ RAMOS, Graciliano. *Memória do Cárcere*. V1. Rio, São Paulo, Record, 1998. p. 34

espaços que ainda possuíam para moverem-se contra os mandos e desmandos do governo. Segundo Jorge Amado em seu livro *O Cavaleiro da Esperança*, o motivo da prisão de Ramos foi a denúncia de um integralista, inimigo político do escritor alagoano.³¹⁵ Mas, com as tentativas de insurreições integralistas, os seguidores de Salgado começaram a figurar na documentação da polícia como inimigos da ordem social, colocados no mesmo patamar de periculosidade dos comunistas.

Ao final das tentativas de levantes da AIB em 1938, os meios de comunicação ligados ao governo e os relatórios policiais começaram a intitular o episódio como *Intentona Integralista*, ou *Putsch Integralista*, procurando assim criar paralelos com a *Intentona Comunista* de 1935. A tentativa de associação das imagens desses dois grupos políticos começava, então, a ser utilizada com certa frequência e com intenção de equiparar ambos em relação à periculosidade que representavam a ordem social brasileira. As distinções doutrinárias não eram o foco dos argumentos que procuravam colocar o integralismo e o comunismo no mesmo nível de ameaça ao novo regime, mas as semelhanças em relação ao extremismo ideológico e possíveis ligações políticas com países europeus, em que os integralistas estariam aliados ao eixo Roma-Berlim e os comunistas a Moscou.

Uma característica recorrente aos prontuários funcionais sobre a AIB-PE produzidos após a criação do Estado Novo foi o alto número de recortes de jornais de todo o país, cujas marcas a lápis vermelho sublinhava os nomes e ações dos indivíduos e grupos considerados subversivos. O ato de escolher uma notícia, recortar, destacar informações e, posteriormente, arquivar, indica a intenção de se produzir uma imagem, uma memória para um grupo político tido naquele momento como inimigo da pátria. Nesse sentido, compreendendo o arquivo não apenas como um espaço físico, mas como um lugar social de atuação, os prontuários construídos por investigadores da DOPS-PE contêm indícios da concepção e/ou função da polícia política em relação ao integralismo, ou outros grupos considerados inimigos.

O trabalho dos investigadores da DOPS que, constantemente, apareciam nos jornais da época servia para alimentar a sensação de que a ação da polícia era imprescindível para a defesa da ordem social. Notícias de incursões policiais que desarticulavam grupos e/ou descobria planos de golpes políticos, eram divulgados nas páginas dos periódicos.³¹⁶ Com o

³¹⁵AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes*. Rio de Janeiro: Ed. Record. 1987. p.285.

³¹⁶ Cf.: MAGALHÃES, Fernanda Torres. *O suspeito através das lentes: o DEOPS e a imagem da suervção (1930-1945)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

novo regime político varguista, os discursos policiais divulgados a partir da imprensa contribuía com a reformulação da figura dos camisas-verdes. Lembremos que, progressivamente, após a instauração do Estado Novo, o governo procurou manter controle sobre a imprensa ao criar, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda.³¹⁷ Esse órgão legitimava o poder de censura exercido a partir do que se considerava interesse do novo regime político. Nesse sentido, as colaborações entre os meios de comunicação e as atividades policiais contribuía para a divulgação e legitimação do pensamento do governo e comprovação do perigo que os seus inimigos (comunistas e integralistas) representavam ao país.

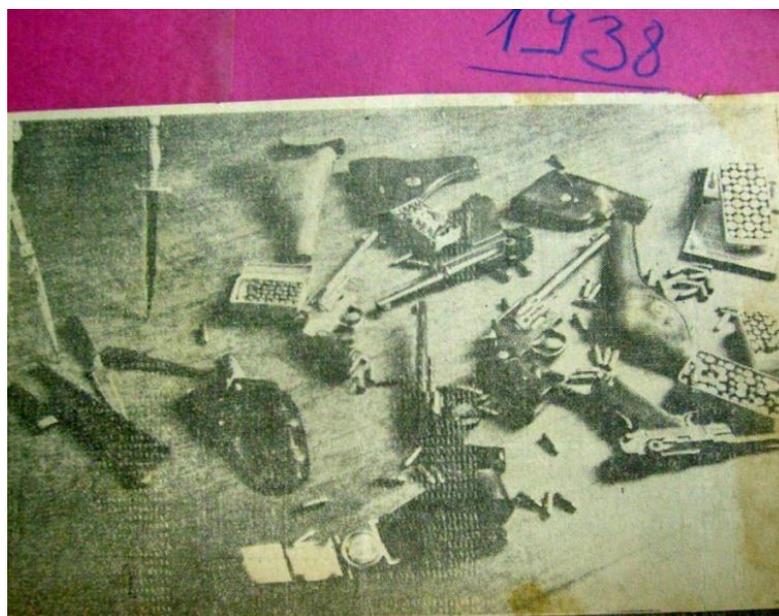
Os resultados das atividades policiais passaram então a estampar os periódicos, disseminando assim a postura de órgãos do governo em relação ao novo inimigo nacional. Essas notícias acabaram sendo recortadas e arquivadas nos prontuários funcionais da DOPS. Os recortes de jornais produzidos e guardados por esses policiais incluía periódicos de vários estados federativos do país e indicavam que o integralismo tornava-se um problema de ordem nacional. Além do próprio processo de criação de uma rede de informação, que deveria abranger as atividades de grupos tidos como subversivos em todo o país. Como pode ser visto nesses recortes do *Diário Carioca* encontrados em um dos prontuários funcionais da DOPS-PE:

³¹⁷ Silvana Goulart em livro *Sob a verdade oficial* buscou perceber a utilização dos meios de comunicação na propaganda política do governo de Getúlio Vargas no decorrer do Estado Novo, procurando desenvolver em sua análise como os meios de comunicação construía uma imagem positiva para o novo regime político e para o seu líder, apresentado como um salvador da pátria. Ao mesmo tempo, essa historiadora destacou como a prática da censura, vigilância e controle social contribuía na prática autoritária do Brasil entre 1937 a 1945. Segundo Goulart: “O estudo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), entidade criada para exercer o controle da comunicação social, vincula-se à preocupação em focalizar o *modus operandi* do Estado Novo na difusão sistemática de seu projeto político-ideológico e na criação de uma base social que legitimasse as propostas de unidade nacional, de harmonia social, do intervencionismo econômico e da centralização política, entre as principais.” GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p.12 E por meio do controle dos meios de comunicação e da incessante propaganda política o governo reconstruía a imagem dos seus inimigos políticos e, em muitos momentos, redefiniam o perfil e ideologia de periódicos que sob o controle do DIP tiveram que produzir discursos que iam de encontro com sua prática anos antes. Um desses casos ocorreu em Pernambuco, como analisou Giselda Brito Silva em sua tese, que o *jornal Pequeno* nos primeiros anos da década de 1930, mesmo não estando ligado oficialmente ao integralismo no estado, manteve uma postura de apoio e admiração aos militantes da AIB-PE. Alguns desses integralistas contribuía com artigos a esse jornal, abordando principalmente assuntos relativos a fé cristã, o combate ao comunismo e a defesa da tradição brasileira. No entanto, Silva destacou que ao ser implantado o Estado Novo, que criou posteriormente o DIP, o jornal Pequeno mudou de postura, começando a atacar e, em muitos momentos momentos, ridicularizar os integralistas. Cf.: SILVA, G. 2002. p.201-253.



*A rebelião dos integralistas seria um verdadeiro massacre!*³¹⁸

Em outros momentos, encontram-se fotografias como essa abaixo:



*Armas apreendidas pela DOPS.*³¹⁹

³¹⁸ A rebelião dos integralistas seria um verdadeiro massacre!. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1938. p. 1 - Prontuário Funcional nº 29792 – DOPS-PE/APEJE.

³¹⁹ *Armas apreendidas pela DOPS. Prontuário Funcional nº 29792 – DOPS-PE/APEJE (Grifo nosso)*

Essas duas imagens fazem parte do prontuário funcional nº 29792 da DOPS-PE, no qual contem outras referências ao levante armado de maio de 1938. Ao compararmos as duas fotos, temos na primeira uma composição formada pelos símbolos relativos à doutrina integralista, juntamente com o retrato de Plínio Salgado e armas de fogo. Somando-se a essas imagens, a chamada: “A rebelião dos integralistas seria um verdadeiro massacre!”³²⁰, direcionava o leitor a concluir o perfil bélico da AIB. Enquanto na segunda foto, encontramos apenas armas e a data de 1938. Isoladamente, essa segunda imagem apresenta apenas as armas e munições. Mas, a partir do momento que se encontravam arquivadas junto de outras fontes, independente de terem sido ou não apreendidas em núcleo ou residência de integralistas, elas comprovavam a hipótese da polícia sobre o “perigo verde”.

Essa composição, integralismo e armas, foi recorrente nos órgãos de imprensa e nos relatórios policiais que ao prenderem integralistas suspeitos de estarem envolvidos em planos contra a ordem social, citavam também, a apreensão de armas. Mesmo abordando uma temática distinta da tratada aqui, Durval Muniz de Albuquerque Jr. fez uma observação coerente ao que estamos abordando nesse momento. Ao analisar o processo de construção de imagens estereotipadas, esse historiador destacou: “O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras.”³²¹ E a repetição do integralismo enquanto inimigo nacional foi o caminho escolhido para legitimar o novo lugar social imposto pelo governo Vargas a Plínio Salgado e seus seguidores.

Enquanto em Garanhuns acontecia o fechamento dos principais jornais no final de 1937, apenas *O Monitor* continuava em circulação. Depois da implantação do novo regime, esse periódico procurou restringir-se aos temas religiosos, pois afastamento dos assuntos políticos garantiria sua permanência no município, se diferenciando dos outros jornais que ao fazerem oposição ao governo foram fechados. O *Diário de Garanhuns*, depois de fechado em fins de 1937 por causa de um artigo que criticava Vargas e o novo regime, ressurgiu em abril de 1938 com o nome de *Garanhuns-Diário*.

³²⁰ A rebelião dos integralistas seria um verdadeiro massacre!. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1938. p. 1 - Prontuário Funcional nº 29792 – DOPS-PE/APEJE.

³²¹ ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. P.20

Mesmo que não noticiando a situação dos membros da AIB de Garanhuns, dando a impressão de que as atividades desses tivessem chegado ao fim, o *Garanhuns-Diário* coerentemente a fase anterior, quando o seu nome era invertido, manteve um posicionamento contrário ao integralismo. Mas, nos dias que sucederam ao ataque integralista em 11 de maio de 1938, esse jornal não trouxe nenhuma informação sobre o fato. Apenas no dia 24 do corrente, o referido jornal publicou um artigo intitulado: “*O golpe técnico*” *Integralista*, no qual comentou um texto do jornalista e empresário Assis Chateaubriand em *Diários Associados*:

Quem teve ocasião de ler o artigo referido, ficou convencido de que o snr. Assis Chateaubriand disse uma verdade, que ressalta a evidencia, não só dos conhecidos métodos do bolchevismo como da perfeita identidade de processos adotados pelos “camisas verdes” no “putsch” da madrugada do dia 11 do corrente.

É só fazer a comparação entre o que aconselha Dimitrov, presidente do Komintern, nos seus planos de ação revolucionaria comunista para a Brasil, apreendidos pelo Estado Maior do Exército Brasileiro – fato ocorrido em novembro do ano passado – e a técnica adotada pelos adeptos do snr. Plínio Salgado no audacioso golpe desfechado no dia 11 do corrente.

A identidade entre os dois processos é absoluta. O snr. Plínio Salgado decalcou servilmente a tática aconselhada por Dimitrov.

Essa técnica se resume em dois planos de ação.

O primeiro de organização legal das massas dentro dos quadros da organização jurídica do Estado, afim de inspirar confiança ao povo e não sofrer a pressão dos órgãos defensores da ordem jurídica vigente. É esta a fase de preparação.

O segundo plano, é o propriamente da execução. Aquele que deve por em funcionamento a maquina revolucionaria.

Em ambos esses planos o Integralismo em nada se diferencia do Comunismo, de que apenas se afasta – como fascismo puro que é na maneira por que encara certos problemas filosóficos.

Em tudo mais – conforme demonstra Azevedo Amaral em “Democracia Autoritaria”, o fascismo, e o Comunismo, são irmãos siamezes.

[...]

Quem se pode escapar de uma trama nessas condições pensada e executada, com requintes de vileza e crueldade.

Só um milagre como o que evitou que o grande presidente Getúlio Vargas fosse abatido pela covardia e hediondez dos que levaram a eleito o assalto do dia 11.³²²

A aproximação das imagens do integralismo e do comunismo, nos discursos jornalísticos, corroborava com a construção de um novo adversário nacional a partir da imagem de um inimigo já conhecido pela sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX. Essa proximidade refletia até na realização do golpe integralista que, segundo o jornalista, seria uma copia do *Plano Cohen*. Mesmo que o primeiro artigo sobre o “putsch integralista” tenha saído em um jornal de Garanhuns apenas treze dias após o atentado ao

³²² “O golpe técnico” *Integralista*. *Garanhuns - Diário*. Garanhuns, 24 de maio de 1938. p.1 – APEJE.

presidente, nessa edição de 24 de maio, Antônio Pantaleão da Silva publicou um poema datado do dia 14 do recorrente mês.

Um aborto Sinistro do Sigma
(Aos amigos da pátria)

Tentou mais uma vês, um golpe traiçoeiro,
Nas caldas da noite, o louco Integralismo,
Contra o governo e a paz do povo brasileiro,
Para impor no Brasil, a lei do despotismo!...

Mas, o governo forte, altivo e prazenteiro,
Nutrido de valor, de gloria e de heroísmo,
E, feitos sublimados e são patriotismo,
Desarma sem temor o braço desordeiro.

Empunhado com fé, a clava da justiça
Desfaz, do vil inimigo da pátria a vã cúbica...
Mantendo alta a nação, coesa, livre e forte.

É que o Brasil repele o invasor despótico,
Do estrangeiro revel o ideal exótico
Sacrificando a vida e desprezando a morte!..³²³

Alberto Rêgo, ao escrever pequenas biografias dos moradores de Garanhuns, apresentou Antônio Pantaleão da Silva como “mestre-escola” do Centro Proletário Beneficente e Instrutivo, atuando, também, como poeta e jornalista nos periódicos de Garanhuns.³²⁴ No caso do poema “Um aborto sinistro do Sigma”, com data de 14 de maio, Pantaleão contrastou o governo Vargas com o integralismo. O primeiro aparecia como defensor dos interesses nacionais, enquanto a AIB foi descrito a partir de adjetivos depreciativos, colocado o movimento de Salgado como inimigo da nação. Ao confrontar o artigo que analisou o texto de Chateaubriand, com esse soneto, observa-se o integralismo sendo exposto em um jornal de Garanhuns a partir de uma subserviência com forças estrangeiras, referindo-se aos partidos de extrema direita europeia, no caso, o Nazismo e o Fascismo.

No entanto, diferente desse periódico que durante os anos de Estado Novo não noticiou as atividades clandestinas dos integralistas locais, os relatórios da DOPS-PE apresentam uma cidade de Garanhuns marcada durante o novo regime como um reduto de antigos camisas-verdes, que segundo a polícia confabulavam contra a ordem política vigente.

³²³ Um aborto sinistro do Sigma. *Garanhuns – Diário*. Garanhuns, 24 de maio de 1938. p. 3 – APEJE.

³²⁴ RÊGO, A. *Op. Cit.* p. 107-108

3.6. Repressão aos integralistas de Garanhuns, encontros às escondidas e as denúncias de moradores durante o Estado Novo.

A propaganda desenvolvida pelo governo durante o Estado Novo tentava colocar todos os brasileiros na situação de responsáveis pela defesa do país contra as forças inimigas. Essa responsabilidade acabou impulsionando muitos a contribuírem com delações de indivíduos e/ou reuniões tidas como suspeitas. A historiadora Regina Célia Pedroso destacou que no trabalho policial, enquanto se recolhe os dados e constrói um sistema de informações, a participação da população contribui na familiarização dos fatos e no desfecho do próprio processo, com a prisão dos considerados criminosos. Nesse caso, a autora chama atenção para a contribuição da figura do “dedo-duro”, indivíduo de grande importância na elucidação dos delitos.³²⁵ Contudo, em muitos momentos, os testemunhos e cartas anônimas ou assinadas enviadas à polícia tinham como motivação o ódio e a intenção de vingança com desafetos políticos.

Nesse momento, o município de Garanhuns e seus integralistas, também se tornam uma preocupação para a polícia política, por insistirem com as reuniões escondidas. Os indivíduos que antes ostentavam os símbolos da AIB nas ruas da cidade, no pós-1937, tiveram que mudar seus hábitos, reunindo-se ao anoitecer para se manterem ativos, mesmo que na clandestinidade. Esses encontros e as supostas confabulações de golpes não passaram despercebidos pelos investigadores da DOPS-PE nem por populares no município. Essa afirmação pauta-se pelo número considerável de documentos relativos a essas reuniões nos dossiês policiais.

Garanhuns parece ter se transformado em um reduto de atividades “subversivas” dos ex-integralistas, pelo menos essa foi a imagem apresentada nos relatórios policiais e nas correspondências enviadas à Secretária de Segurança Pública, com sede no Recife. De acordo com os investigadores da DOPS-PE, essa cidade tinha assumido uma posição de liderança entre as outras cidades do interior pernambucano, que estariam sendo preparadas para futuras tentativas de golpes. Retomando o relatório do investigador nº77 – esse documento encontrado no prontuário funcional da DOPS-PE foi citado ainda no primeiro capítulo na

³²⁵ Cf.: PEDROSO, Regina Célia. *Estado autoritário e ideologia policial*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005. p. 138

página 60 – encontramos a seguinte descrição do integralismo em Garanhuns antes do Estado Novo:

No dia 11 [de agosto de 1937] dirigi-me, conforme vossas determinações para a cidade de Garanhuns, afim de fazer sindicancias em torno do movimento integralista naquela cidade, enquanto o investigador 90 ficava em Catende colhendo informações a respeito da ação policia do delegado local, Sgt. Louro. Passo a relatar o que foi apurado por mim e pelo investigador de numero acima referido:
Em Garanhuns a propaganda integralista não tem se disseminado tanto como em outras cidade do interior, Catende e Palmares, por exemplo. O núcleo dalli conta apenas com tresentos e cincoenta adeptos, não tendo talvez 100 simpatizantes isto é pessoas que, sem serem filiadas, gostem da idéia (...) Entre as pessoas filiadas destacam-se as seguintes que, embora ocupando posição de relevo na sociedade, não tem expressão política.³²⁶

Logo após a criação do Estado Novo, em carta anônima enviada à polícia, esse núcleo e seus militantes foram descritos da seguinte forma:

Caro amigo Etelvino [Lins]. Soube de fonte fidedigna, que os integralistas foragidos daqui se encontram articulando novo movimento na cidade de Garanhuns, maior núcleo existente em Pernambuco, [...] Não assigno, o presente por não querer o meu nome envolto em politica. Fiz isso porque desejo o teu bem estar pessoal e do novo regimen. Também não afirmo que eles estão lá mas acho que será fácil averiguares se é verdade, pois a pessoa que me avisou veio de lá hoje, e portanto há alguma coisa de verdadeiro.³²⁷

No relatório do investigador da DOPS-PE, esse policial procurou traçar um panorama do movimento integralista nos municípios do interior pernambucano. Durante a sua passagem por Garanhuns em agosto de 1937, constatou que o referido núcleo não possuía muita expressão, isso em comparação com Catende e Palmares. Enquanto na carta enviada da cidade de São Bento, para Lins, meses após a organização ao levante armado que envolveu os integralistas das localidades da cidade remetente e de Garanhuns, este município foi descrito como “o maior núcleo existente em Pernambuco [...]”,³²⁸ além de reduto para os camisas-verdes de outras cidades que estavam sofrendo perseguições. É importante observar a forma de como a presença integralista, em Garanhuns, foi descrita antes e durante ao Estado Novo. Em outra carta de um provável turista recifense que passou as festas juninas de 1938 na referida cidade, encontra-se a seguinte descrição:

³²⁶ Relatório do investigador n° 77 sobre Garanhuns. *Prontuário Funcional n° 1027*. Recife, DOPS-PE/APEJE. (Grifo nosso).

³²⁷ Carta a Etelvino. Recife, 19 de março de 1938. *Prontuário Funcional n°5996* – DOPS-PE/APEJE.

³²⁸ Ibid.

Recife 02 de julho de 1938

Snr. Delegado da ordem social

Estive em Garanhuns, onde fui assistir a festa do milho, que nada valeu. Fique escandalizado em saber que os camizas verdes de Garanhuns fazem seções quase todos os dias, ora na casa do dentista Mario Matos, ora no sítio do Coronel Pedroza que é quem financia elles. Notei por me chamarem atenção que os graduados usam as gravatas preta como distintivo para se fazerem reconhecer. Conforme ouvi dizer deram uma denuncia deles, e o chefe de segurança mandou a carta denunciadora para Antonio de Abreu encarregado da ordem social de Garanhuns, e esta carta depois de andar de mão em mão de seus companheiros verdes, foi para a mão do promotor publico. Que é também verde, andando elle atrás de descobri quem a mandou, para lidarem um porgante de olio de recimo. O governo está fasilitando com estes ennimigos do Novo estadoe depois virá lutar com defilcudades para dominalos e elles fizesse uma vezita de quinze dias pelos o menos no Brasil Novo talvez se acomodase pois quem pensar que o entegralismo esta acabado enganase. Conforme sobe em Garanhuns, os mais exzatados são [...] estes homens vão da o que fazer ao Governo se não hover uma providencia seria.

Sou amigo da Situação

João de Freitas.³²⁹

Essa carta supostamente escrita por João Freitas, uma vez que não podemos deixar de levar em consideração que as suas informações pessoais poderiam ser falsas, descrevia o cotidiano dos integralistas em Garanhuns mesmo com as proibições do Estado Novo. O autor começou dando a ideia de surpresa com a situação em Garanhuns, onde os integralistas continuavam agindo, sob a proteção de fazendeiros e membros do poder judiciário local. A teia de relações desses integralistas com pessoas influentes não apenas no município, como no estado de Pernambuco, começa a ser revelada no decorrer do Estado Novo, quando os ex-integralistas precisaram recorrer à proteção desses.

Mesmo com os discursos do governo de que o Brasil vivenciava um novo momento político, cujas cidades do interior estavam livres da interferência políticas das oligarquias rurais, representadas na figura do “coronel”, observar-se a presença desses na carta anterior protegendo os integralistas. O que se percebe em Garanhuns, no pós-1937, é que sofrendo as influências das mudanças no campo da política nacional, as forças das famílias tradicionais continuavam a agir e possibilitar negociações, criando nichos que iam de encontro ao

³²⁹ Carta sobre atividades integralistas em Garanhuns. *Prontuário Funcional nº 1066* – DOPS-PE/APEJE.

estabelecido governo. O officioso ganhava, assim, espaço no campo do que era oficial, no caso, previsto por lei.

Além das denúncias das atividades integralistas, o delator da carta apontou alguns indícios sobre as estratégias de atuação desses e a reformulação dos símbolos que compunham a doutrina Sigma. Assim, simultaneamente à tentativa de manter o integralismo vivo, de acordo com a carta enviada à polícia, a liderança da AIB em Garanhuns protegiam seus lugares de comando frente ao movimento no município utilizando para isso novos emblemas. Essa questão simbólica requer uma observação, pois o sentimento de unidade e organização que os signos integralistas criavam entre os seus membros, foi um dos fatores de adesão.

Em sua carta a Vargas, em 28 de janeiro de 1938, Salgado lamentou a proibição do novo regime em relação ao uso dos símbolos da AIB, pois segundo esse: “Todos os sacrifícios eram compensados por coisas simples: o uniforme, o simbólico gesto que buscáramos no índio brasileiro, a palavra de saudação também indígena, o sinal matemático tirado do cálculo integral [...]”³³⁰ Nesse sentido, a utilização de gravatas pretas pela liderança da AIB em Garanhuns durante o Estado Novo, foi uma experiência de reestruturação simbólica em torno da hierarquia criada dentro do integralismo. Um indício daquilo que Michel de Certeau chamou de indisciplina, quando grupos sociais e/ou indivíduos utilizavam-se de táticas variadas para burlar as imposições normativas sobre os mesmos.³³¹

As cartas de moradores de Garanhuns, ou de turistas que passavam pela cidade, direcionadas às autoridades policiais, foram arquivadas juntamente aos relatórios policiais e com os resultados das diligências. Esses dois tipos de documentos parecem se complementar nos prontuários funcionais, pois as primeiras indicavam os grupos e lugares de ação dos classificados como subversivos e os relatórios contavam a resposta policial aos que ousavam agir às escondidas contra o governo. Nesse momento, as incursões policiais aos núcleos, estabelecimentos comerciais e residências de indivíduos que possuíam ligações com o integralismo, foram comuns. O intuito dessa prática policialesca era encontrar provas do perigo que esses indivíduos representavam. Como no trecho do seguinte relatório enviado pela Delegacia Regional da 9ª Região com sede em Garanhuns para Etelvino Lins (SSP):

Comunico a V. Excia. Que hontem dei rigorosas buscas nas residências dos chefes Integralistas, bem como nas casas de diversos elementos suspeitos, encontrando

³³⁰ Carta de Plínio Salgado a Getúlio Vargas. *Apud.* SILVA, H. *Op. Cit.* p. 364

³³¹ Cf.: CERTEAU, M. 2002.

apenas na residência do Dr. Eurico Lira um revólver marca “Negro” nº 16142 e 33 cartuchos e na do dr. MARIO MATOS duas pistolas mauzers FN. Uma pequena e outra grande nos. 222495 e 471750 e oito cartuchos, que foram apreendidos e com este remeto a V. Excia. Ainda foram apreendidos inúmeros livros integralistas e comunistas, bem como uma bandeira e outros documentos, algumas camisas verde que se acham nesta Delegacia a fim de serem remetidas a essa Secretária. Na busca que dei na residência do Sr. MARIO MATOS, resolvi prende-lo a disposição de V. Excia., não só porque o mesmo declarou ter extraviado o fichário Integralista[...]³³²

Enquanto os “dedos-duros” do município delatavam os garanhenses que continuavam a se reunirem e discursarem a favor do integralismo, os investigadores da DOPS investiam contra esses indivíduos. No relatório policial acima, além das armas, livros e materiais propagandísticos da AIB, o ex-Chefe Municipal, Mario Matos, tinha queimado o fichário de inscrição dos integralistas, dificultando assim, a ação repressiva dos agentes da DOPS. No entanto, esse ato de destruição das informações pessoais dos militantes do núcleo, não impossibilitou o fichamento de muitos desses integralistas nos prontuários policiais, nos quais se encontram algumas listas com nomes, endereços e profissões, construindo, assim, um sistema informacional para o controle desses.

Mesmo com a vigilância e pressão policial, os ex-integralistas continuaram durante alguns anos se reunindo, chegando até a década de 1940, quando começaram a ser associados pela policia ao nazismo. A presença desse elemento estrangeiro na imagem política do integralismo contribuía com o argumento de que Salgado e seu movimento eram, na realidade, instrumento da *quinta-coluna* nazista.³³³ As comparações entre o integralismo e o nazismo, ou a admiração dos brasileiros que tinham entrado na AIB, com a Alemanha de Hitler, tornaram-se comum na imprensa e na documentação policial da época.

Antes de julgamentos anacrônicos que venham a apontar a Alemanha nazista como um lugar de perseguição, tortura e genocídio de judeus, ciganos e outros grupos sociais, ressaltamos que nas décadas de 30 e 40, do século XX, muitos meios de comunicação apresentavam Hitler e Mussolini entre os italianos, como líderes que tinham reerguido suas nações após as destruições da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). As atrocidades dos *Campos de Concentração* tornaram-se públicas ao resto do mundo com a entrada dos exércitos norte-americano e soviético na Alemanha, quando os soldados se depararam com as

³³² Relatório da prisão de Mario Matos e apreensão de material propagandístico da AIB. 23 de março de 1938. *Prontuário Funcional nº 1026*. – DOPS-PE/APEJE.

³³³ O quinta-coluna era o nome dado aos espíões ou simpatizantes do nazismo, que por meio de atividades secretas enviariam informações confidenciais a Alemanha de Hitler. Os integralistas foram recorrentemente chamados de quinta-coluna, principalmente na década de 1940, momento que Brasil entrou na Segunda Guerra. Cf.: CORDEIRO, P. p. 2005.

condições subumanas dos sobreviventes dos campos de concentração.³³⁴ A partir dessa ressalva, não era estranho antes de 1942, quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), encontrarmos, nos periódicos, sinais de apoio ao pensamento e a política empreendida por Hitler e seus seguidores.

As relações políticas e econômicas entre o Brasil e a Alemanha, tiveram seu auge entre os anos de 1934 e 1938. As investidas dos Estados Unidos, que considerava o Brasil uma importante liderança na América do Sul, além de grande fornecedor de matérias-primas, levou, progressivamente, a diminuição de negócios entre Vargas e Hitler.³³⁵ Mesmo com o Estado Novo apresentando uma postura administrativa que se aproximava da Alemanha e Itália, o clima amistoso entre esses países, mudou a partir de 1942. Nesse ano a marinha brasileira foi atacada por submarinos alemães durante os conflitos da Segunda Guerra Mundial, a partir desse momento a política de neutralidade do Brasil chegou ao fim. Assim, os germânicos e ítalos tornaram-se seus adversários e os *Aliados* (Estados Unidos da América – EUA, França, Reino Unido e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS) companheiros de batalha.³³⁶

Com o envolvimento do Brasil na Guerra, o termo *quinta-coluna* tornou-se jargão recorrente na imprensa e nas partes policiais. Para explicar o que significava ser um *quinto-colunista*, recorreremos a um livro organizado, em 1943, pelos investigadores da DOPS de Santa Catarina, coordenado pelo Capitão e delegado Antônio de Lara Ribas. A partir de farta documentação conseguida e produzida no cotidiano policiaiscos dos mesmos, construíram um livro com título bem sugestivo: *O punhal Nazista no coração do Brasil*. Nessa obra, os imigrantes e descendentes de alemães foram descritos como agentes secretos, que tinham a intenção importar o pensamento de Hitler e seu movimento político no Brasil. Nesse processo, os policiais procuraram traçar alianças entre o nazismo e o integralismo, colocando

³³⁴ Ecléa Bosí no artigo *O Campo de Terezin*, abordou como na Alemanha nazista o governo procurou justificar a criação dos campos de concentração para os judeus e outros considerados inferiores, racialmente. Nesse caso, a autora abordou o caso do Campo de Concentração de Terezin, construído como propaganda da política nazista, onde os retirados do cotidiano social germânico, viviam com dignidade e podendo desenvolver suas culturas e políticas sem com isso interferir no bem-estar alemão. Cf.: BOSI, E. O Campo de Terezin. In.: _____. Op. Cit. p.81-104.

³³⁵ Cf.: LEÃO, Karl Schurster. V. *A guerra como metáfora: aspectos da propaganda do Estado Novo em Pernambuco (1942-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) UFRPE/DLCH, 2008. p. 114

³³⁶ Durante a Segunda Guerra Mundial, os países que se envolveram no conflito formaram dois blocos antagônicos, de um lado o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), formado por países liderados por movimentos de extrema direita; contra os Aliados (Estados Unidos da América – EUA, França, Reino Unido e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS), formado por nações capitalistas e socialistas, saíram vencedores do conflito em 1945.

os camisas-verdes como imitações abraçadeiras do pensamento e disciplina alemã. Com o fim do integralismo, após a implantação do Estado Novo, a ameaça nazista teria, então, na *Quinta-Coluna*, a sua força de ação.³³⁷

O *quinto-colunista* seria então o elemento desleal, mentiroso e traidor de sua própria nação, ou da pátria que o tinha recebido de braços abertos. Esses traidores não foram representados pela polícia e imprensa apenas nos estrangeiros e descendentes, mas aqueles brasileiros que anos antes teciam elogios a Hitler e Mussolini também começaram a ser vítimas da repressão do governo. As ameaças dos espões, trabalhando para o inimigo, tornaram-se uma preocupação policial em um país que estava em guerra. Sobre isso, em Pernambuco, os trabalhos de Philonila M. N. Cordeiro e Karl Schurster Leão, possibilitam uma imagem de como a guerra mexeu com o cotidiano pernambucano.³³⁸

No decorrer da década de 1940, os integralistas começaram a ser associados aos nazistas, novo inimigo do país. Isso pode ser percebido nas seguintes caricaturas:



O palhaço que é?

LAVAL - Quem é esse "anjinho"?

HIMMLER - É Plínio Salgado. Nosso agente nº 1 no Brasil.³³⁹

³³⁷ RIBAS, Antonio de Lara. *Punhal nazista no coração do Brasil*. Florianópolis: imprensa Oficial do Estado, 1943. p.190

³³⁸ Respectivamente: LEÃO, K. *Op. Cit.* e CORDEIRO, P. *Op. Cit.*

³³⁹ Copyright da Inter-Americana para o *Diário de Pernambuco*. Apud. *Prontuário Funcional nº 32.092*. DOPS-PE/APEJE.



Uma vela a Deus e outra a Hitler...³⁴⁰



- E esses brasileiros integralistas vendidos à Alemanha!
Eles não eram nacionalistas?
- Nazionalistas...³⁴¹

O historiador Rodrigo Christofoletti no artigo *Integralismo: caricatura de si mesmo*, discutiu como o integralismo e seus membros foram representados nas caricaturas entre os

³⁴⁰ Ibid.

³⁴¹ Ibid.

anos de 1946 a 1965. No entanto, mesmo abordando um momento histórico distinto do que foi tratado aqui, esse autor apresenta algumas observações que nos ajudará a compreender melhor os desenhos acima. Inicialmente, mesmo que o humor seja um dos objetivos de uma caricatura, os traços do artista procurou ultrapassar o cômico e alcançar a crítica social ou política. Destacar particularidades físicas, ou situações são exagerados ao ponto de colocar os representados em um cenário que transitam entre o engraçado ao ridículo, mas que no final deixa no observador uma reflexão sobre a cena que lhe tirou alguns risos. Chistofolletti ainda destaca que “[...] uma das principais características da caricatura consiste no fato de que essa imagem está ligada ao tempo, na medida em que a base da caricatura é a vida cotidiana, o tempo presente, e não outro compõe a imagem de forma a completá-la.”³⁴²

As caricaturas, expostas aqui, apresentam a partir da ridicularização da imagem de Salgado e do integralismo, a intenção de associar a AIB aos interesses nazistas. Ressaltando a observação de Chistofolletti sobre a relação da caricatura e o recorde histórico em que a mesma foi produzida, o momento em que essas imagens após feitas e divulgadas devem ser propícias às críticas do cartunista. No caso das figuras acima, o(s) desenhista(s) aproveitou-se (ram-se) do clima de tensão por conta da guerra para criticar o integralismo, pois o Brasil tinha entrado, nos anos 1940, na Segunda Guerra contra a Alemanha e o que o país tinha mais próximo ao nazismo, pelo menos esteticamente, era o movimento integralista.

Percebemos que elas foram desenhadas, pelo menos as duas primeiras, depois de 1942, momento em que o livro *A Vida de Jesus* foi publicado por Salgado, que vivencia seu exílio em Portugal. Além disso, as caricaturas atacavam sarcasticamente o integralismo e o seu líder. Observa-se como nessas imagens que representavam o político Plínio Salgado foi desenhado como submisso aos interesses imperialistas da Alemanha. Nos três casos, os símbolos, livros e ou falas dos personagens indicavam essa aliança entre Salgado e Hitler. A ligação entre os integralistas e os nazistas atuaria nos discursos dos opositores da AIB como a prova de que os discursos pautados em símbolos patrióticos e religiosos eram reflexos da demagogia dos camisas-verdes.

Entre os anos de 1940 e 1942, alguns relatórios policiais que tratavam do cotidiano de Garanhuns, começaram a denominar os ex-integralistas de germanófilos. Mas essas acusações dos agentes policiais tinham como fundamento a admiração e ação dos grupos conservadores

³⁴² CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Integralismo: caricatura de si mesmo. Apontamentos sobre um projeto de análise das caricaturas integralistas do pós-guerra (1946-1965). *In.*: GONÇALVES, L. 2011. p.25. p. 389

da cidade, muitos dos quais tinham participado da AIB, em favor do nazismo.³⁴³ Ao comparar as fontes policiais sobre os simpatizantes de Hitler na cidade, observamos que as bases argumentativas dos investigadores diferenciavam-se do que encontramos nos trabalhos acadêmicos sobre as relações entre os integralistas e nazistas. Os principais autores que tratam dessa relação são do Sul e Sudeste do país, em que historiadores como João Fábio Bertonha³⁴⁴, René E. Gertz³⁴⁵, Ana Maria Dietrich³⁴⁶, entre outros, destacaram como o pensamento da AIB penetrou entre os alemães e italianos. Em nossa investigação, ao ligar o nome de ex-integralistas ao nazismo, os investigadores não estavam preocupados com a questão da origem familiar desses garanhunsenses, mas em criar paralelos entre os dois universos doutrinários e simbólicos: o integralista e o nazista.

Dentre as cartas e relatórios policiais que apontavam Garanhuns como um lugar de apoio ao nazismo, destacamos:

Delegacia de Ordem Política e Social

Ordem Política

Ilmo. Snr. Delegado.

Transcrevo a parte abaixo mencionada, apresentada pelo Inv. nº 106, como resultado da sindicância procedida em torno de elementos suspeitos ao regimen na cidade de Garanhuns.

Ilmo. Sr. Encarregado do Serviço de Ordem Política – Parte – Levo ao conhecimento de V. S. que de acordo com as vossas ordens fui a Garanhuns, quarta-feira próxima finda, fia o serviço de observação e sindicância em torno de vários elementos existentes na cidade, regressei hoje com o seguinte resultado. – Garanhuns é hoje uma cidade do nosso Estado, onde existe muito integralista, descontente. Muitos deles sem nenhum temor a que as autoridades se reúnem constantemente nos cafés Central, Gloria e na farmácia Osvaldo Cruz, a falarem do nosso regimen e fazerem propaganda ao lado da Alemanha. A farmácia Osvaldo Cruz, de propriedade de Durval Santos, é o maior centro de reunião durante o ia e noite. Quando chega pelo rádio ou pelos homens uma noticia favorável a Alemanha,

³⁴³ Segundo Fábio Lima Amorim tanto Garanhuns como Pesqueira, receberam o nome de cidades germanófilas, isso por causa da admiração dos ex-integralistas em relação a Alemanha Nazista. Cf.: AMORIM, Fábio Lima. *Uma Cidade Germanófila em 30: O integralismo em Pesqueira (1934-1939)*. Recife: UFPE, 168 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH. Recife, 2002. p. 129

³⁴⁴ BERTONHA, João Fábio. *Sob o signo do Fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. Campinas: 1998. Tese (Doutorado em História), IFCH/UNICAMP, 1998.

³⁴⁵ Cf.: GERTZ, René E. *Influencia política alemã no Brasil na década de 1930*. Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe (EIAL). Vol. 07 – nº1. Enero – Junio de 1996. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Desktop/pesquisa/Livros,%20teses,%20disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20artigos%20n.1/contexto/EIAL%20VIII%20-%20Influencia%20pol%C3%ADtica%20alem%C3%A3%20no%20Brasil%20na%20d%C3%A9cada%20DE%201930.htm>. Acessado em: 09. Julho de 2008.

³⁴⁶ Cf.: DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. Tese (Doutorado em História) USP, 2007. E DIETRICH, Ana Maria. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007.

Dr. João Domingos, Durval Santos, Manoel Goveia e Caraneirinho, auxiliar de Dreifas & Cia., mais outros se reúnem no Café Gloria, tomam cerveja e fazem banquete em regosijo, isso com muita exaltação, formando assim um grande aglomeração, o Dr. João chefe é muito considerado, pois, é o mais responsável e perigoso, junto com o seu amigo de confiança Mario Matos, naquele recinto, diz o seguinte. Perdemos tantos homens, tantos tanques, aviões, mas bandeira tal e qual, já está com a nossa, a nossa bandeira há de vencer! Em pouco tempo isso e isso há de modificar, pois o nosso país terá outro regime diferente. Durante o tempo né esses elementos estão reunidos no Gloria, esse estabelecimento fica cheio de gente de toda qualidade, pois o numero de pessoas desocupadas ale existente é muito grande perecendo até que não há policia em Garanhuns. As reuniões são feitas na farmácia Osvaldo Cruz, durante o dia, no interior do prédio e a noite, no primeiro andar. Muitos homens de responsabilidade em Garanhuns que tão acordo com o nosso governo se acham impossibilitados de freqüentar esses estabelecimentos, afim de não crear um caso com algum desses elementos[...] Maria do Carmo Pereira – Professora Estadual, hospede da Pensão S. José é a maior Germanofila de Garanhuns, de maneira que ele está mal vista na referida pensão. Por ser muito contra aos aliados e falar abertamente dos mesmos, convencida de que a Alemanha venserá para salvação de todos. Faço ciência a V.S. que atravez das minhas sindicâncias e observações, consegui todas estas informações. Podeis confiar, pois o que está escrito acima é a expressão máxima da verdade.³⁴⁷

A cartografia das atividades clandestinas dos integralistas de Garanhuns, com os espaços de passagem e permanências, onde os debates, alianças e desavenças políticas desenvolviam-se no município, depois de alguns anos de Estado Novo, apontam ambientes e trajetórias que os mesmo integralistas traçaram nos anos de legalidade da AIB. No entanto, a diferença era que as atividades políticas passavam a ser vivenciadas na clandestinidade, com base nas negociações com figuras de destaque na política e economia local. A farmácia Osvaldo Cruz, o Café Central e o Café Glória, entre outros ambientes, tornavam-se lugares em que os discursos integralistas ainda eram pronunciados e defendidos pela intelectualidade de Garanhuns.

Juntamente a denúncia de que o pensamento da AIB continuava vivo em Garanhuns, o documento policial trouxe outro elemento para constituir a imagem negativa do integralismo naquele momento. No caso, o apoio que esses prestavam a Alemanha nazista, organizando comemorações ao saberem de notícias que apresentavam o avanço germânico na Segunda Guerra Mundial. Além disso, a maneira como esse investigador termina seu relatório, informando aos seus superiores que o conteúdo de seu texto seria “a expressão máxima da

³⁴⁷ Relatório policial sobre as atividades clandestinas dos integralistas em 01 de junho de 1940. *Prontuário Funcional nº 1027 – DOPS-PE/APEJE*

verdade”³⁴⁸, sinalizava para o lugar de autoridade que os membros da polícia tinham, ou a eles foram acreditados possuir, em relação à interferência direta na “verdade” dos fatos sociais.

A repressão policial e o asco social que recaíram sobre os integralistas em Garanhuns, principalmente os considerados mais exaltados, geraram situações insustentáveis para muitos. O senhor João Domingos, como relatado em parte policial localizada no prontuário nº1027, teve de fugir do município, pois populares tentaram invadir sua residência para espancá-lo, isso porque insistia em defender o integralismo e o nazismo. José Batatinha, um dos mais atuantes integralistas de Garanhuns, teve de ir morar, inicialmente, em Rio Branco (atual Arcoverde), onde era amigo do comerciante e ex-chefe da AIB local Antônio Napoleão Arcoverde.

A saída de figuras importantes do núcleo integralistas de Garanhuns, ou a apatia de outros, além do controle policial, levou a diminuição das atividades políticas dos militantes do Sigma da cidade. Isso se reflete nos relatórios policiais, que em relação a Garanhuns encontramos até o ano de 1942. Provavelmente, a entrada do Brasil na guerra contra os nazistas e fascistas, desestimulou as reuniões desenvolvidas a partir de conversas comemorativas sobre o avanço da Alemanha no campo de batalha.

Os políticos e intelectuais garanhenses, que a partir de 1935, ao entrarem no integralismo encabeçaram uma prática política nacionalista, pautada tanto na valorização da tradição familiar, como nos preceitos religiosos do cristianismo. Não se esquecendo do combate aos interesses ateus dos comunistas e a ineficiência burocrática da liberal democracia. Esses camisas-verdes, formados tantos por membros de famílias oligárquicas, da crescente classe média e dos mais pobres do município de Garanhuns, vivenciaram, até o ano de 1937, uma realidade política na qual eles apareciam como guardiões dos pilares que sustentavam a sociedade brasileira dos anos 1930. Todavia, com o Estado Novo, esses “heróis” da nacionalidade amargaram a repressão policial e o descrédito político e social, como vimos nesse trabalho.

³⁴⁸ Ibid.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar esse trabalho, observamos que o propósito de tecer algumas considerações sobre as discussões travadas no decorrer desta pesquisa não é de encerrar as possibilidades de fazer mais abordagem sobre o tema, mas retomar algumas questões e, a partir delas, promover, aos leitores, condições para realizarem outras perspectivas acerca do tema. Como norte, tivemos o cotidiano político da cidade de Garanhuns entre 1935 a 1942 em decorrência das atividades dos militantes do núcleo integralista local.

O integralismo atuou no cenário político brasileiro durante os anos do governo Getúlio Vargas, vivenciando, nesse momento histórico, duas fases distintas na administração do país. A primeira fase foi desde a criação do movimento AIB em 1932 até 1937, com o seu fim, enquanto partido legalizado no decorrer do Estado Novo. Neste recorte temporal, os camisas-verdes desenvolveram suas atividades intelectuais e políticas a partir de uma liberdade vigiada. Essa hipótese alicerça-se no grande número de documentos sobre AIB, produzidos e apreendidos pelos agentes da DOPS no decorrer desses anos de legalidade política. Com a criação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, a democracia deu lugar a um governo de tendências autoritárias. O novo regime político brasileiro, cujo domínio continuou sendo varguista, não tinha espaço para o integralismo, que acabou entrando na ilegalidade política depois da criação da lei federal nº 37 de 02 de dezembro de 1937. A partir desse momento, as atividades dos militantes da AIB entraram para a clandestinidade. Aos poucos, as reuniões e confabulações dos camisas-verdes foram perdendo força e espaço, principalmente pela política coercitiva empreendida pelo governo.

Nos anos correspondentes à legalidade política, os integralistas produziram discursos que possuíam como uma das principais características o maniqueísmo, em que as forças do bem (integralismo) encontravam-se incessantemente envolvidas em conflitos contra o mal, representado por seus opositores. A construção da imagem desse inimigo da AIB dependia dos interesses dos que pronunciavam e recebiam os discursos doutrinários, podendo ser apresentado no comunismo, liberalismo, judaísmo e na maçonaria. Esses inimigos não eram apenas dos integralistas, mas apontados como um perigo a ordem social e política do país. Dessa forma, o medo criado em torno de supostas ameaças à pátria, assumia uma função primordial no processo de doutrinação da AIB. Entre os militantes de base, como eram chamados aqueles que não participavam diretamente do gerenciamento do integralismo, o

comunismo era percebido como o grande adversário não só do país, mas da religião, pois os militantes da esquerda política eram vistos como ateus.

Em Garanhuns, o perigo comunista foi tema recorrente no jornal *A Razão*, sendo abordado como uma justificativa para as atividades dos membros da AIB no cotidiano político da cidade. Na análise dos artigos contidos nesse periódico, entre os anos de 1935 e 1937, observamos que os integralistas/jornalistas apropriaram-se em muitos momentos da estratégia de articularem notícias sobre o comunismo em outros países, ou em outras regiões do Brasil, com denúncias da atuação dos mesmos no referido município. Assumindo essa postura, o corpo editorial desse jornal integralista colocava Garanhuns na rota de ação dos comunistas, que preparavam, de acordo com os camisas-verdes, um golpe para dominação do país. Em resposta, os discursos desses militantes pautaram-se em imagens que os mesmos apareciam como defensores da ordem social e da fé cristã, caracterizando-se como único grupo político do país capaz de impedir a macha comunista sobre o Brasil.

No entanto, mais do que averiguar as denúncias dos integralistas sobre a presença de comunistas em Garanhuns, no desenrolar da pesquisa, procuramos discutir como o argumento da presença desses prováveis comunistas contribuiu para a construção de sentidos nos discursos dos integralistas locais, viabilizando, assim, uma aceitação de suas atividades políticas e intelectuais. Depois de poucos meses de atuação no município, o núcleo da AIB conseguiu eleger um candidato a Câmara de Vereadores, introduzindo-se efetivamente nas disputas e negociações políticas locais.

Com a aproximação da eleição presidencial, marcada para 03 de janeiro de 1938, as disputas políticas em Garanhuns refletiam o que se passava em todo o país. Os partidários dos candidatos que se lançaram à presidência do país começaram a disputar os votos dos eleitores. O integralismo lançou o nome de Plínio Salgado, que fez frente a Armando Sales de Oliveira e José Américo de Almeida, candidatos dos partidos liberais. Enquanto os presidenciáveis tentavam legitimar seus nomes e propostas frente à sociedade brasileira, nos "bastidores" da política nacional, Vargas e seus correligionários confabulavam para a implantação de um regime político de tendências autoritárias. Dentre os aliados de Vargas no golpe de 1937 estava o Chefe Nacional da AIB, Salgado.

A partir desse panorama político, começamos a ver como o líder integralista reformulou sua postura discursiva e como essa mudança apareceu no jornal *A Razão*. Nesse sentido, percebemos uma preocupação dos integralistas locais em apresentarem, aos seus

leitores, o apoio de Salgado e seus militantes com a manutenção da ordem social estabelecida pelo governo Vargas, principalmente no que concernia ao combate do comunismo.

Nas duas últimas edições desse jornal integralista de Garanhuns, correspondentes aos dias 07 e 28 de novembro, que abrangeu os dias que antecederam a implantação do Estado Novo e as primeiras semanas que a sucederam, estudamos como os integralistas de Garanhuns perceberam e discursaram sobre o novo regime político do país. No primeiro exemplar, observa-se uma preocupação dos camisas-verdes de Garanhuns de apresentarem a força do seu movimento, representado na marcha dos 50.000 integralistas no Rio de Janeiro, e o apoio incondicional ao governo. O posicionamento político de Salgado aparecia de maneira reformulada, apresentando-se na ocasião como um articulador das forças nacionais, negando, assim, as pretensões de poder pessoais e de seus seguidores na AIB. Na derradeira publicação, encontrava-se uma suposta euforia dos integralistas de Garanhuns, que entendiam, inicialmente, o Estado Novo como a realização dos projetos políticos e nacionalistas da AIB. Entretanto, não foi bem isso o que aconteceu, e o novo regime marcou o fim da Ação Integralista.

Com a instauração da lei federal nº 37 de 02 de dezembro de 1937, todos os partidos políticos foram considerados ilegais, incluindo, nesse conjunto, o partido integralista. A ilegalidade política da AIB, possibilitou a construção de um clima de insegurança, marcado por boatos de possíveis levantes armados dos insatisfeitos camisas-verdes. A historiografia do tema, quando aborda as atividades clandestinas da AIB, volta-se, geralmente, a tratar dos movimentos ocorridos no Rio de Janeiro nos meses de março e de maio de 1938. Em nosso trabalho, analisamos também a organização de um suposto levante armado ocorrido entre 25 e 26 de dezembro de 1937, que não chegou a se concretizar, mas envolveu os militantes da AIB de Garanhuns e cidades vizinhas, especificamente, São Bento e Jupi.

Nessa discussão, além do apontamento de indícios de ressentimentos dos integralistas de Garanhuns com relação a Vargas, apontamos para um caminho interpretativo pouco trabalhado. No caso, abordamos a questão de que durante os anos 1930, os integralistas acreditavam formar uma frente de batalha contra os comunistas, impedindo que esses dominassem o país. Com a proibição imposta pelo governo em relação à AIB, os ex-militantes começaram a se sentir inseguros, por causa da ausência da milícia integralista na proteção da sociedade brasileira. Assim, os líderes da AIB municipal começaram a tecer argumentos ao delegado da DOPS-PE, no sentido de legitimar o suposto encontro golpista,

como um inocente encontro de nacionalistas que estavam preocupados com prováveis golpes comunistas.

Entretanto, os policiais da DOPS-PE do município, concluíram no relatório que, de fato, os integralistas de Garanhuns, juntamente com os das outras cidades, tinham organizado sim um levante armado, que só não se efetuou por não ter o golpe integralista iniciado no Rio de Janeiro, de onde esperavam as determinações para iniciarem suas atividades no interior de Pernambuco. A partir de 1938, os integralistas tornam-se alvos da vigilância e repressão policial. Nesse momento, a imagem política e social dos integralistas começou a passar por uma reformulação nos meios de comunicação e nos relatórios policiais, conduzindo a percepção de que a AIB representava, de fato, forças subversivas e que estavam prontos para levar a sociedade brasileira ao caos social.

Nos prontuários funcionais organizados durante o Estado Novo foram os que começamos a encontrar com certa frequência relatórios policiais sobre os integralistas de Garanhuns, especificamente as atividades clandestinas desses. Os encontros às escondidas, as reformulações do universo simbólico e as denúncias de financiamento de importantes proprietários de terras aos integralistas, foram os temas que apareciam com maior recorrência na escrita policial. Com o passar do tempo, e a insistência desses integralistas de continuarem encontrando-se ocultamente, levou progressivamente a polícia e os meios de comunicação a tentar criar paralelos entre os seguidores de Salgado e os partidos da extrema direita europeia, fascismo e nazismo.

A associação da imagem da AIB ao nazismo ocorreu com maior frequência no início da década de 1940, quando o Brasil acabou entrando na Segunda Guerra Mundial ao lado dos *Aliados* (Inglaterra, França e Estados Unidos da América), contra o *Eixo* (Alemanha, Itália e Japão). Dessa forma, ligar um movimento como o integralista que durante anos pregou ser defensor do nacionalismo brasileiro, aos interesses imperialistas dos países do *Eixo*, principalmente a Alemanha de Hitler, possuía a intenção de colocar Salgado e seus seguidores no lugar de inimigos da pátria, tão perigosos como o exército inimigo enfrentado no *front* de batalha pelos soldados brasileiros. A crescente antipatia aos integralistas forçou alguns dos principais militantes de Garanhuns a saírem da cidade, em busca de uma nova vida em outros lugares.

No decorrer dos dois primeiros anos da década de 1940, as notícias sobre os integralistas de Garanhuns foram desaparecendo dos prontuários funcionais e dos jornais do

município. As dificuldades de manterem os encontros às escondidas, ou mesmo as acusações de serem apresentadas como aliados dos nazistas, foi desfazendo os laços que uniam os ex-camisas-verdes garanhuenses. Com relação aos últimos anos de Estado Novo, não localizamos nem relatos policiais, nem notícias dos jornais locais sobre a continuação de supostos encontros.

Enfim, durante a pesquisa, tentamos perceber como o discurso de ameaça comunista foi utilizado para a construção de um lugar de defensor da pátria e dos pilares religiosos para os integralistas de Garanhuns. Procurando assim, compreender as condições de funcionamento do ensinamento integralista na sociedade garanhuense dos anos 1930. Depois, com a implantação do Estado Novo em 1937, direcionamos nosso olhar para a reformulação do lugar social desses integralistas, que deixaram de figurar como defensores do lema: *Deus, Pátria e Família*, para serem comparados ao comunismo que tanto combateram, no referido a periculosidade a soberania nacional. Entretanto, longe de ter tentado apresentar respostas definitivas sobre o tema abordado, tivemos a intenção de indicar, por meio de nossa escrita, os caminhos viáveis de análise e proporcionar debates futuros.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. P.20
- ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A Construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.
- AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes*. Rio de Janeiro: Ed. Record. 1987. p.285.
- AMORIM, Fábio Lima. *Uma Cidade Germanófila em 30: O integralismo em Pesqueira (1934-1939)*. Recife: UFPE, 168 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH. Recife, 2002
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Sob a sombra do Eixo: Camisas verdes e o jornal integralista Acção (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual Paulista, 2007.
- BARROS, Gouveia. *Revista da Cidade*. Recife: nº 86, 14 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001685.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2010. s/p.
- BARROSO, Gustavo. *O que o Integralista deve saber*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A., 1935.
- BATISTA, Alexandre Blankl. *“Mentores da Nacionalidade”*: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 31
- BERTONHA, João Fábio. *Sob o signo do Fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. Campinas: 1998. Tese (Doutorado em História), IFCH/UNICAMP, 1998.
- _____. *A construção da memória através de um acervo pessoal: O Caso do Fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP)*. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007.

- _____. A máquina simbólica do integralismo: Controle e Propaganda Política no Brasil dos anos 30. *História e Perspectiva*, Urbelândia, nº7, 87-110, Jul./Dez. 1992.
- _____. *Bibliografia Orientativa Sobre o Integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep (Unesp), 2010.
- _____. *Fascismo, Nazismo, Integralismo*. São Paulo: Ática, 2000.
- BEZERRA, Gregório. *Memórias: primeira parte – 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução por João Ferreira de Almeida. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 1408 p. Mateus 25: 31-46
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 114
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; e AMADO, Janaina. (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p. 183-192, 1996.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Unicamp.p. 15-35. 2004.
- BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. *Anauê Paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo. (1932-1943)*. Dissertação. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004.
- BULHÕES, Tatiana da Silva. *Evidências esmagadoras dos seus atos: fotografia e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Niterói, Dissertação de Mestrado em História, UFF, 2007.
- _____. Fotografia, gênero e autoritarismo: representações de feminino pela Ação Integralista Brasileira. In.: SILVA, G. B. (org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Editora da UFRPE, 219-236. 2007.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

- CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.
- CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da Era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.
- CARLI, Gileno Dé. Açúcar no Brasil – Personalidades XVI – Salvador Pereira de Lyra. *In.: História de uma fotografia*. Recife, 1985. Disponível em: http://www.cbg.org.br/baixar/acucar_no_brasil_16.pdf. Acessado em 10 de janeiro de 2011.
- CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. 415f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo*. Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999.
- CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. *Construções do medo: a ameaça comunista em Garanhuns-PE (1958-1964)*. Recife, UFPE. 163 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH. Recife, 2009.
- CAVALCANTI, Paulo. *O caso conto como o caso foi: da coluna Prestes à queda de Arraes*. V. I. Recife: CEPE, 2008. p. 117
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. 2º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008. p.286
- CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de regressividade no capitalismo hipertardio*. SP: Ciências Humanas, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. *In.: _____*. & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/Paz e Terra, p. 19-49. 1978.
- CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Integralismo: caricatura de si mesmo. Apontamentos sobre um projeto de análise das caricaturas integralistas do pós-guerra (1946-1965). *In.: GONÇALVES, L.* 2011. p.25. p. 389

CIACCIA, Fábio; MANHANELLI, Carlos. A história do rádio na política brasileira. *In: VI Políticom*, 2007, Sta. Barbara do Oeste. Propaganda política e audiovisuais. Sta. Bárbara D'Oeste : Faculades Anahnguera, 2007. v. 01. p.4

CORDEIRO, M. de L. B.; ESPOSITO, D. F. *Estação ferroviária de Garanhuns: arquitetura inglesa no agreste pernambucano*. FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Disponível em: www.fundarpe.pe.gov.br. Acessado em 10 de janeiro de 2012.

CORDEIRO, Philonila Maria Nogueira. *Ascensão das Idéias Nazistas em Pernambuco: a quinta coluna em ação (1937-1945)*. Recife: UFPE, 187 f. Dissertação (Mestrado em História) UFPE/CFCH, Recife, 2005.

DIAS, Fernando Nogueira. *O Medo Social*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. Tese (Doutorado em História) USP, 2007.

_____. *Caça às suásticas: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da Polícia Política*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2007.

DOTTA, Renato Alencar. *O Integralismo e os trabalhadores – A AIB, os Sindicatos e os Trabalhadores nas páginas do Ação (1936-1938)*. 2003. 118 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, Helisangela Maria Andrade, e SILVA, Giselda Brito. A casa é das mulheres e a rua é dos homens: a educação feminina na AIB na cidade do Recife (1932-1937). *In: III Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais*. 2011. Anais. Universidade Federal da Paraíba.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937*. Salvador: EDUFBA, 2009

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha História": o retorno da História Política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, n.10, p.265-271, 1992, p.265. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1937> Acessado em 10.01.2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cadernos de Pesquisa, n.114, p.197-223, novembro, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf> acessado em 10 de janeiro de 2009.

FONSECA, Ildefonso. Antônio Souto Filho: a essência do político no frasquinho de veneno. *In.*: PERFIL PARLAMENTAR SÉCULO XX – ANTÔNIO SOUTO FILHO. Cf.: site: <http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/parlamentares/01pdf/AntonioSoutoFilho.pdf>, Acessado em 21/08/2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

_____. *O que é um autor?* Lisboa: 2009.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.

_____. *A ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 11ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *Vigiar e Punir*: nascimento das prisões. 31ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006.

GERTZ, René E. Influencia política alemã no Brasil na década de 1930. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe (EIAL)*. Vol. 07 – nº1. Enero – Junio de 1996. Disponível em:

<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Desktop/pesquisa/Livros,%20teses,%20disserta%C3%A7%C3%B5es%20e%20artigos%20n.1/contexto/EIAL%20VII%20-%20Influencia%20pol%C3%ADtica%20alem%C3%A3%20no%20Brasil%20na%20d%C3%A9cada%20DE%201930.htm>. Acessado em: 09. Julho de 2008.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Tipos e recortes*: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida. 2011.

GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial*: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Biblioteca. Vertice, 1990.

HILTON, Stanly. *O Brasil na crise internacional*. Rio de Janeiro: Cultura Brasileira, 1977.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico: População e Habitação – quadros de totais referentes ao estado e de distribuídas segundo os municípios. Série Regional Parte IX – Pernambuco – Tomo 1. 1940.* Encontrado em: http://biblioteca.ibge.gov.br/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940_pt_XI_t1_PE.pdf. Acessado em 06.09.2010.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo, Ática, 1989.
- LEÃO, Karl Schurster. V. *A guerra como metáfora: aspectos da propaganda do Estado Novo em Pernambuco (1942-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) UFRPE/DLCH, 2008.
- LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- LIMA FILHO, Andrade. *China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época*. Recife: Editora Universitária: 1976. p. 43-44
- LINS, Etelvino. *Um depoimento político: episódios e observações*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977. p. 15-16.
- LÖWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários, a evolução política de Lucács (1909-1929)*. Coleção Histórica e Política. São Paulo: Lech Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- LUCA, Tania Regina de. *Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSK, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Context. 111-153, 2008.
- MAGALHÃES, Fernanda Torres. *O suspeito através das lentes: o DEOPS e a imagem da suvervção (1930-1945)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- _____. e CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- MIRANDA, Gustavo Felipe. *O poder mobilizador do nacionalismo: integralistas no Estado Novo*. Rio de Janeiro: UERJ, 286 f. Dissertação (Mestrado em História). UERJ/IFCH. Rio de Janeiro, 2009.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia e memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. e REZENDE, Antonio Paulo (et. al.) *História: cultura e sentimento – outras Histórias do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT. 2008.
- MORAES, Márcio A. M. *Discursos policiais e imagens políticas: um estudo das práticas discursivas da polícia sobre os integralistas na cidade de Garanhuns nos anos de 1937-1945*. Monografia. (Graduado em História) UFRPE/DLCH, 2009.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
- MOURA, Carlos André Silva de. *Fé, saber e poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 -1937)*. Recife, UFRPE, 161 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura/ UFRPE. Recife, 2010.
- MUNICIPALIDADES PERNAMBUCANAS: *Notícia Econômica, Histórica e Geográfica dos Municípios de Pernambuco e do Congresso de Prefeitos realizado no Recife*. Recife, 1936. - Museu da Cidade do Recife.
- NASCIMENTO. Luís do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. Reconstituição dos originais por Geraldo Cavalcanti. Recife: Ed. Universidade da UFPE, 1986-1994.
- NEGRÃO, João Henrique Botteri. *Selvagens e Incendiários: o discurso anticomunista do governo Vargas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *"Perante o Tribunal da História": o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Rio Grande do Sul: 2004. Dissertação (Mestrado em História) PUCRS/FFCH, 2004.
- _____. *Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)*. Tese (doutoramento em História). PUC-RS, 2009.
- PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil – entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

- PEREIRA, Nilo. *A Faculdade de Direito do Recife (1927 – 1977): ensaio biográfico*. Vol. 2. Recife: Editora Universitária, 1977.
- PESAVENTO, Sandra. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 27, nº 53, 2007. p.15
- PONTES, Matheus de Mesquita e. *Luiz Carlos Prestes e Olga Benário: construções identitárias através da história e da literatura*. Uberlândia, UFU. 168f. Dissertação (Mestrado em História). UFU/PPHS. Uberlândia, 2008.
- PREDROSO, Regina Célia. *Estado autoritário e ideologia policial*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2005. p. 138
- RAMOS, Graciliano. *Memória do Cárcere*. V1. Rio, São Paulo, Record, 1998.
- _____. A prisão de J. Carmo Gomes. In.: _____. *Insônia*. Rio de Janeiro, 69-88. 2003.
- RÊGO, Alberto da Silva. *Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os “players”, os poetas, e árvores genealógicas*. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1987.
- RÉMOND, René. (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2003.
- REVISTA DA CIDADE. Recife: nº 86, 14 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001685.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2010. s/p.
- RIBAS, Antonio de Lara. *Punhal nazista no coração do Brasil*. Florianópolis: imprensa Oficial do Estado, 1943.
- RIBEIRO, Ivair Augusto. *O integralismo no sertão de São Paulo: um “fascio de intelectuais”*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Franca-SP, 2004.
- SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro de 1932*. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1982.
- _____. *O que é Integralismo*. 4ª edição. Rio de Janeiro: SCHMIDT-EDITOR, 1937.
- SANTOS, Mário Márcio de A. *Anatomia de uma tragédia: a Hecatombe de Garanhuns*. Recife: CEPE, 1992. p.16
- SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. e CALIL, Gilberto Grassi. *Velhos Integralistas: a memória de militantes do Sigma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da *et al.* (Org). *Dicionário Crítico do Pensamento da Direita: Idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2000.

SILVA, Giselda Brito. *A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937)*. Recife: UFPE, 1996. 130 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH, Recife, 1996.

_____. e ALMEIDA, Suely C. C. (Org.) *Ordem e Polícia: controle político-social e formas de resistências em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX*. Recife: Ed. Universitária da UFRPE, 2007.

_____ (Org.). *Estudos do Integralismo no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFRPE, 2007a.

_____. *A Lógica da suspeição contra a força do Sigma: discursos e policia na repressão aos integralistas em Pernambuco*. Recife, UFPE. 277f. Tese (Doutorado em História) UFPE/CFCH, 2002.

_____. A política cultural das mulheres integralistas entre as mulheres pobres e trabalhadoras do Estado de Pernambuco. *CLIO- Série Histórica*. 2005.

_____. O Recife entre a amizade e a política: a geração tradicionalista de 1930 no Perfil Parlamentar Pernambucano. *In.*: _____ ; e SCHURSTER, Karl. *História do Recife: entre narrativas do passado e interpretações do presente*. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, p. 225-254. 2001.

SILVA, Hélio. *1938: Terrorismo em Campo Verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, Hélio. *Terrorismo em Campo Verde*. RJ: Civilização Brasileira, 1971.

SILVA, Marcília Gama da. *O DOPS e o Estado Novo: os bastidores da repressão em Pernambuco (1935-1945)*. Recife, UFPE. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) UFPE/CFCH, 1996.

_____. DOPS: a estrutura do serviço de informação em Pernambuco (1930-1990). *In.*: ALMEIDA, Suely C. C. e SILVA, Giselda B. (orgs) *Ordem e política: controle político-social e as formas de resistência em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX*. p.159-185, 2007.

SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê! Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 61-95 – 2005.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro dos anos 30*. São Paulo: Difel, 1979.

VARGAS, Getúlio. *Decreto-Lei N. 37 – de 2 de dezembro De 1937*. Disponível em: <C:\DocumentsandSettings\Administrador\Desktop\pesquisa\DOC.INTEGRALISTAS\DECRETO-LEI N 37.mht>. Acessado em: 08. 08.2011.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do discurso Integralista*. SP: Brasiliense, 1979.

VIEIRA, Alfredo. *Garanhuns do meu tempo: memória*. Recife: FIAM. Centro de Estudos de História Municipal (Coleção Tempo Municipal, 18) 1997.

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS E FONTES

BIBLIOTECAS

Biblioteca Pública de Garanhuns: Eurico Dourado – Garanhuns

Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco - Recife

Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco – Recife

Biblioteca Central da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Recife

Biblioteca Central da Universidade Católica de Pernambuco – Recife

Biblioteca da Pós-Graduação em História (CFCH/UFPE) – Recife

Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e Setor de Microfilmagem Fundação Joaquim Nabuco – Recife.

A Razão, 1935-1937

Diário de Garanhuns, 1930-1937

O Monitor, 1932-1942.

O Mensageiro, 1937

O Município, 1934

Diário de Pernambuco, 24/11/1932

Acervo do Departamento de Ordem Política e Social de Pernambuco DOPS-PE/ APEJE

Prontuários Funcionais: 29.078; 29.623; 32.091; 1027; 1026; 5999; 1066; 29.108; 32.087; 32.089; 32.092; 49.38; 4626; 29792.

Museu da Cidade do Recife (MCR)

MUNICIPALIDADES PERNAMBUCANAS: Notícia Econômica, Histórica e Geográfica dos Municípios de Pernambuco e do Congresso de Prefeitos realizado no Recife. Recife, 1936. Museu da Cidade do Recife – Não catalogado.

Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti

Acervo Fotográfico – Não catalogado.

Relação dos Entrevistados

Maria A. M. Branco, atualmente residente do *Abrigo São Vicente de Paulo*, presenciou um momento de crescimento econômico do município de Garanhuns nas primeiras décadas do século XX. Entrevista realizada em 12 de junho de 2010 – Garanhuns.

Almir Zaidan, ex-integralista de Garanhuns, chegou a ocupar o cargo de Diretor do jornal *A Razão*. Entrevista realizada em 01 de Abril de 2009 - São Paulo.

Ivaldo Rodrigues, filho de José Rodrigues da Silva (José Batatinha) um dos mais ativos militantes do integralismo em Garanhuns. *Entrevista*. Realizada em 03 de Setembro de 2001 - Recife.

Endereços Eletrônicos

<http://bibliotecadigital.fgv.br>

<http://www.scielo.br>

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm>

www.fundarpe.pe.gov.br.

<http://www.alepe.pe.gov.br/sistemas/perfil/parlamentares/01pdf/AntonioSoutoFilho.pdf>

<http://biblioteca.ibge.gov>.

<http://www.cbg.org.br>

<http://www.youtube.com/watch?v=bVWeFulc7pI>

c:\documents and settings\administrador\desktop\pesquisa\doc.integralistas\decreto-lei_n37.mht

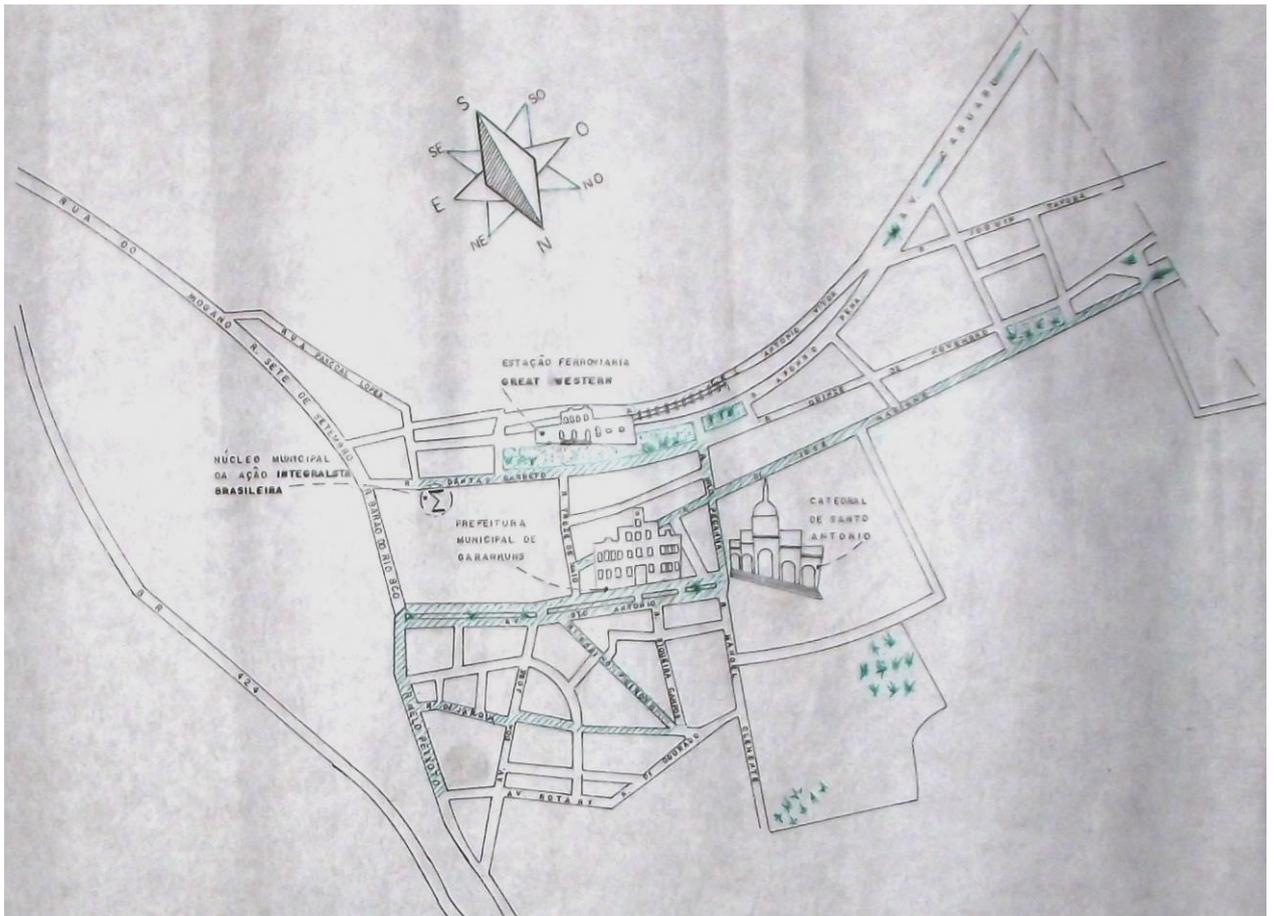
ANEXOS

Anexo 1.

CIDADE DE GARANHUNS

Planta da cidade de Garanhuns.

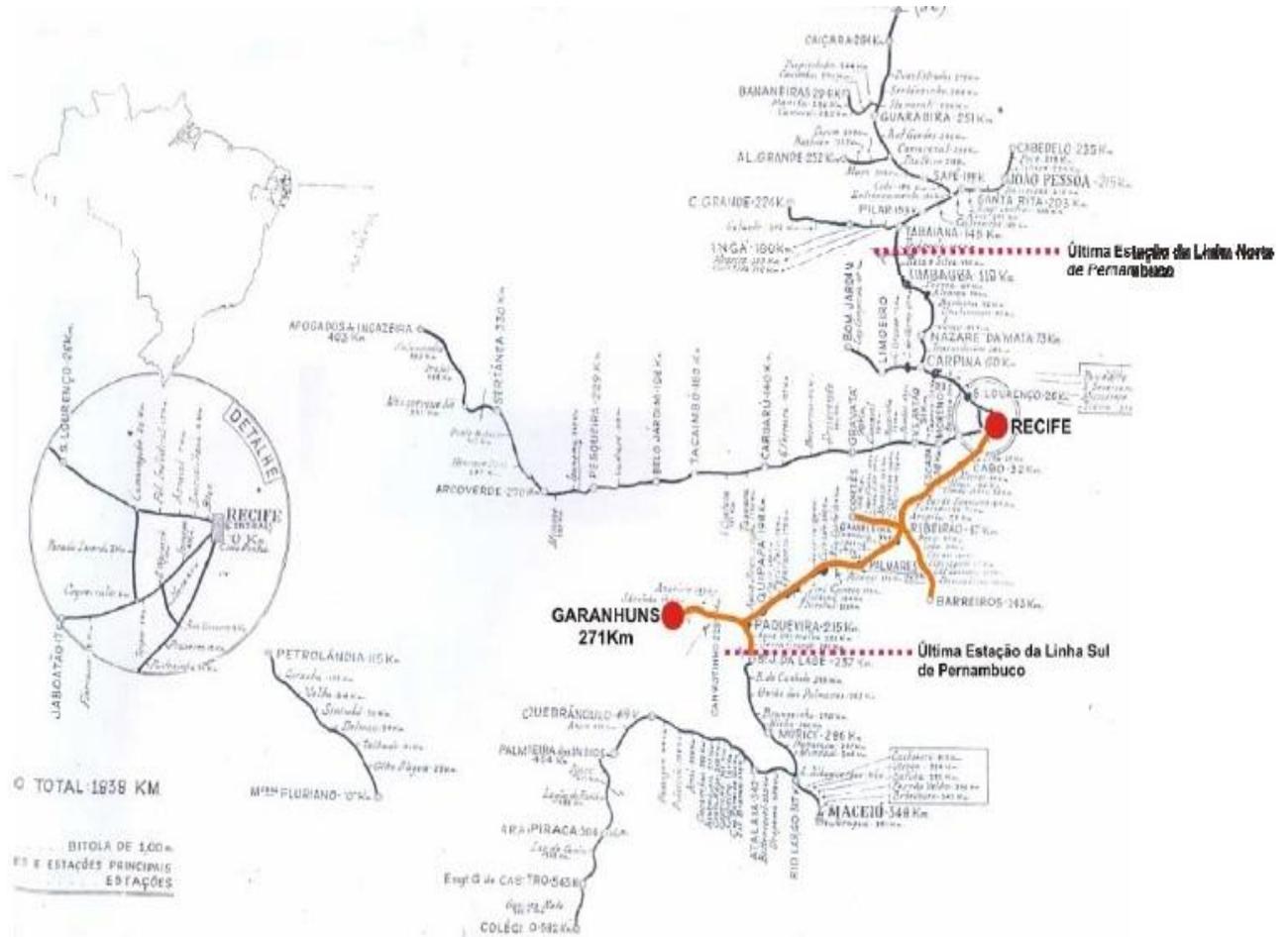
Bairro Centro



- A parte hachurada em verde corresponde aos possíveis caminhos dos integralistas na cidade.

Mapa produzido a partir de uma sobreposição entre os dados encontrados nas fontes documentais com mapas atuais de Garanhuns. Acervo Pessoal de Márcio Moraes.

Mapa Ferroviário Garanhuns-Recife



Mapa Ferroviário, destaque para Linha Sul de Pernambuco. Acervo *Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA)*. Apud. CORDEIRO, M. de L. B.; ESPOSITO, D. F. *Estação ferroviária de Garanhuns: arquitetura inglesa no agreste pernambucano*. FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Disponível em: www.fundarpe.pe.gov.br. Acessado em 10 de janeiro de 2012.

Anexo 2.



Antiga Estação Ferroviária de Garanhuns. Acervo da Fundarpe. *Apud.* CORDEIRO, M. de L. B.; ESPOSITO, D. F. *Op. Cit.*



Dia de Feira na Antiga Estação Ferroviária de Garanhuns. Acervo do Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti.

Anexo 3.



Avenida Stº Antônio – Ano 1930. Acervo do Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti.



Avenida Stº Antônio – Entrada da Rua Severino Peixoto na esquina da Farmácia dos Pobres em seguida a casa do Cel. Júlio Brasileiro (Local onde foi tramada a Hecatombe de Garanhuns em 1917). Acervo do Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti.



Avenida Stº Antonio – 1935. Palácio Episcopal, Hotel Central e Escola Nilo Peçanha (Ainda não havia o Palácio Celso Galvão – Atual prefeitura de Garanhuns). Acervo do Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti.



Avenida Stº Antônio – 1940 – Na esquina com a 13 de Maio o Edifício Tomaz Maia na calçada da agência Marli de Israel Pereira a Bomba de Gasolina. Acervo do Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti.



Feira da Avenida Santo Antônio – Década de 1940. Acervo do Centro Cultural de Garanhuns:
Alfredo Leite Cavalcanti.

Anexo 4



Rua do Recife 1934 (Atual Rua. Dr. José Mariano) – Lado direito: Residência de J. Leite, Ótávio Rego, Felinto Velho, Dário Rego, Manoel Quintão e J.C. Campos. Acervo do Centro Cultural de Garanhuns: Alfredo Leite Cavalcanti.



Trecho da Rua José Mariano. Acervo APEJE – Fundo: Secretária de Serviço, Obra e Meio Ambiente (SSOMA) - Localização: Arq. 04, Gav. 01, Pas. 13.

Anexo 5.



Revista da Cidade. Recife: nº 86, 14 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001685.pdf>.



Revista da Cidade. Recife: nº 86, 14 de janeiro de 1928. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001685.pdf>.

Anexo 6

DIÁRIO DE PERNAMBUCO – QUINTA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO DE 1932 AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Manifesto do Núcleo da Faculdade de Direito do Recife

“Si desceu uma, noite sobre o Brasil, porque os homens que tinham a responsabilidade dos seus destinos não souberam evita-las, procuremos arrancar da Terra e da Raça a nossa luz. Para que não sejamos dominados por um sol estrangeiro...”

O MOMENTO

Nunca uma geração brasileira teve tantas responsabilidades como esta, que já tem, por mais de uma vez, escupado o tamborilar trágico das metralhadoras. Mas talvez com nunca uma geração esteja tão capaz de desempenhar a sua vocação histórica. Pois nada como o sangue, o sofrimento para retemperar o homem. Despertar energias cabeceantes. Transformar a vida social. Renova-la.

Além disso, ela não pode mais ter certas ilusões que envenenaram as gerações passadas. Não tem mais o direito de aspirar a cocaína liberal. Salvo si quizer andar em atrazo com a experiencia dos fatos, com a doutrina, com a própria vida. Não tem, por outro lado, o direito de embebedar-se com o ópio comunista. Com a utopia de internacionalismo.

Ninguém nega o dever de colaboração entre as nações todas, realizando não já o fim nacional, limitado porém o fim humano, mais amplo, da solidariedade social. Universalismo.

O internacionalismo russo, porém, “parecendo apenas um devancio de sonhadores que desejam “salvar” a humanidade, nada mais é que um imperativo categórico de sua precária situação de produtores”. País sem autarcia, isto é, sem independência econômica, a Russia, para viver, precisa colocar “fora da Russia” os que seus cereais. São observações do professor Everardo Backeuser.

O Brasil subordinado a Moscou dali recebendo os seus capitães mores e governadores gerais – eis a que pretendem reduzi-lo os comunistas. Desejo que póde ser o da finança

judaica internacional, que póde ser o dos inimigos da nacionalidade, mas lamentável, mas inconcebível num rapaz brasileiro.

Além disso, nem a burguezia, podre e cética, nem o comunismo, bárbaro e grosseiramente materialista, são capazes de ressoar o estado de espírito da nossa geração. De responder ao insipitavel movimento de renovação espiritual, que se processa em nosso país, sobretudo na mocidade. A mocidade desassombrada, que não quer compromissos com os imediatistas, os céticos e descrentes.

Daí o anseio incontido de revisão de valores. De aprofundamento espiritual. E essas energias intimas transbordam, naturalmente, repercutindo na vida externa.

Nasceu, por tudo isso, um maior interesse pela vida nacional. Um amor à terra mais intenso, mais profundo, agora embebida novamente no sangue de irmãos. Ninguém quer seja vão tamanho sacrifício!

E a mocidade levanta-se. Ergue-se cheia de entusiasmo, de confiança. Desperta com vontade de vencer. Mas igualmente sem romantismos. Sem ilusões. Serena.

Ciente de todas as falhas de nossa índole, de nossas instituições. Mas também de todas as nossas virtudes. De todas as grandes necessidades do país. De todas as suas possibilidades. Segurança da imensidade de sua tarefa. De que a luta contra o espírito reacionário será incessante. Contra todas as correntes desfibradoras da nacionalidade. Contra o capitalismo. Contra o comunismo. Contra o ceticismo, o sibaritismo, a descrença.

E esse movimento integralista, partindo justamente e de onde deveria partir – do S. Paulo intrépido das bandeiras, vem objetivar todas as profundas aspirações da mocidade brasileira. Desejo de realização. Nacionalismo sadio. Espiritualismo tradicional. Fora de sentimentalismos românticos.

E é preciso que o integralismo triunfe na Brasil inteiro. Que não seja um fogo de palha. Que parta de todos os recantos do Brasil. E que interesse o estudante, o político, o agricultor, o operário, todas as classes.

A mocidade nordestina de modo algum poderia ficar indiferente. E muito menos alunos da Faculdade de Direito do Recife. Esta Escola, que certa vez ouviu proclamar a morte da metafísica (...) precisa torna-se uma célula vivissima desse grande movimento de renovação política, social e espiritual.

QUE É INTEGRALISMO

Batemo-nos pelo Estado integralista. Que tem a verdadeira noção de homem, ser compósito, com “uma vida racional que a deve dominar por natureza, levando-a a uma vida espiritual que independe de todo determinismo material”. (Tristão de Ataíde). O Estado que respeita e se informa de todos os grupos componentes de sociedade civil; o grupo biológico (familiar), o grupo profissional (corporação), o grupo político (município), o grupo espiritual (Igreja). Que sintoniza todas essas manifestações de vida, realizando o seu fim. Incumbência de direito, que objetiva o mesmo completo (porque mais particularizado e utilizando a coação), os princípios morais, reguladores da ação humana.

Queremos a reabilitação do princípio da autoridade. Que esta se respeite e faça respeitar-se.

Defendemos a família, instituição fundamental, cujos direitos mais sagrados são prescritos pela burguesia e pelo comunismo.

Pregamos a humanização da economia. Não se trata de nenhuma frase de efeito. O momento não comporta literatices. É a verdade. Pois a economia capitalista ou socialista, preocupadas com a *mass production*, não levam em conta o fundamento real, vive da economia – as necessidades humanas. Reconhecemos a dupla função, indivíduo-social, da propriedade e do capital. Com todas as conseqüências lógicas.

A reabilitação da política. Uma política nacional, informada de todas as nossas realidades econômicas, sociais, espirituais. Que coloque o Brasil à altura de sua missão na America e no globo todo.

Somo pela representação profissional. Contra os partidos políticos. Instáveis. Inexpressivos. Fracionadores.

“A representação das classes é uma necessidade imperiosa no Brasil. Ela consulta a índole do povo brasileiro, de constituir-se em partido único. É uma ilusão dizer-se que o nosso país póde organizar mais de um partido de caráter nacional.

O que se póde organizar no Brasil são partidos estaduais, si continuarmos a viver a vida de permanente desagregação da Republica federativa”. (Plínio Salgado).

Opomo-nos ao voto universal: quanto mais ele ganha em extensão, menos real, menos consciente se torna. Necessário, portanto, da eleição indireta. E justamente o que há de mais real, de mais orgânico entre nós é o profundo municipalismo da nossa vida política. E ele nunca foi ouvido!

O município, no Brasil, “tem limites históricos e naturais; é essencialmente grupo político espontâneo, desceite dos patriarcas rurais”. (San Tiago Dantas).

Proclamemos que a religião é o elemento central de toda a existência. Que a solução de todos os problemas, econômicos, pedagógicos, políticos depende da concepção geral da vida.

Os velhos políticos rirão sem duvida dos nossos propósitos. Os comodistas recusar-se-ão a colaboração conosco. Que se fiquem. Mas esse movimento de mocidade já é hoje incoercível. Porque é a própria verdade nacional, a própria realidade mundial.

São forças post-revolucionárias, forças jovens, cheias de fé, nacionalistas no bom sentido, humanas.

É que não querem mais fazer alis. O Comité: Otto Guerra, Andrade Lima Filho, Américo de Oliveira Costa, João Roma, Álvaro Lins e José Carlos Dias da Silva.

Anexo 7



Os membros da Bandeira 07 de Outubro na Revista Anauê. Revista Anauê. *Prontuário Funcional* nº 29108. DOPS-PE/APEJE.